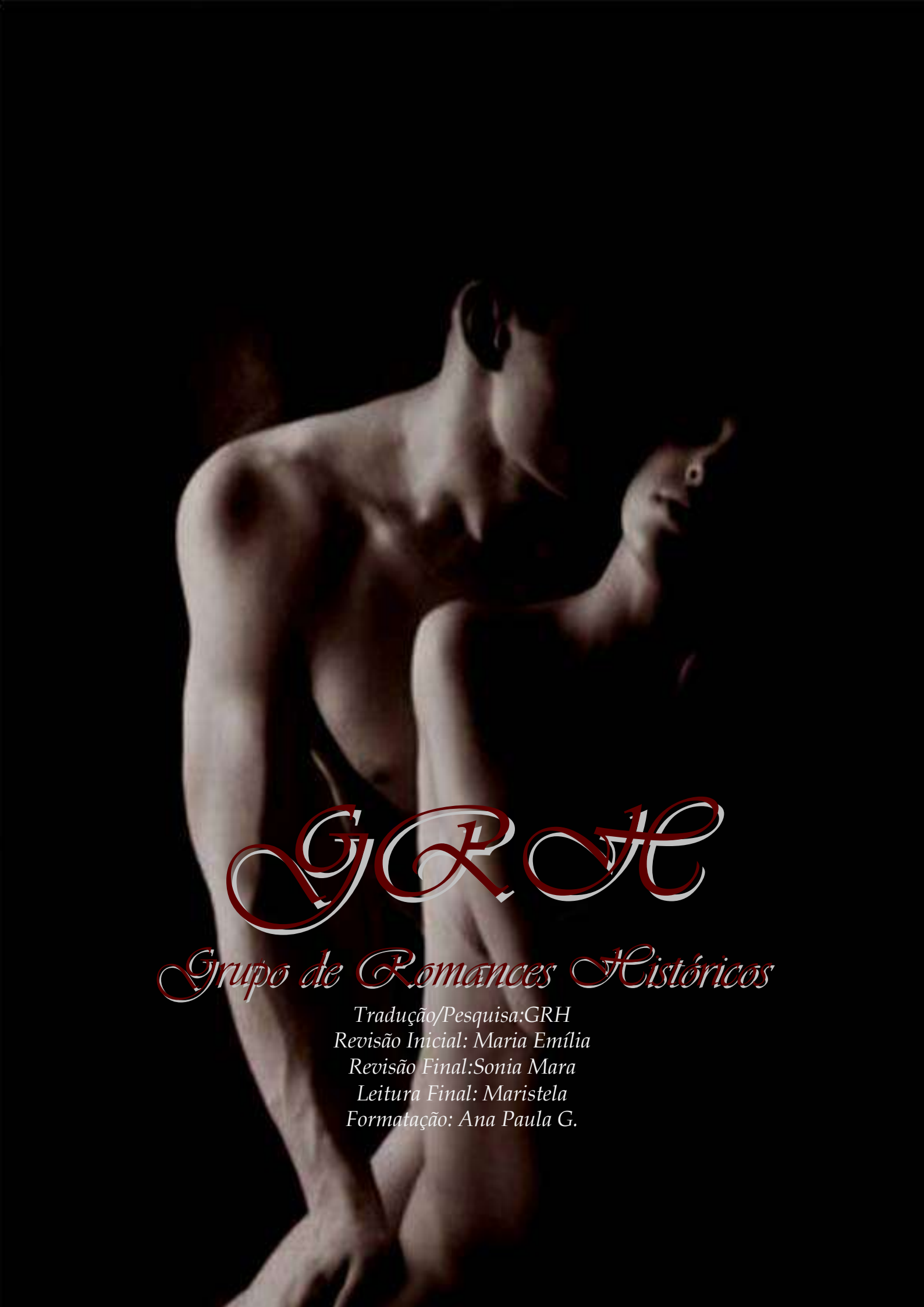




GRH

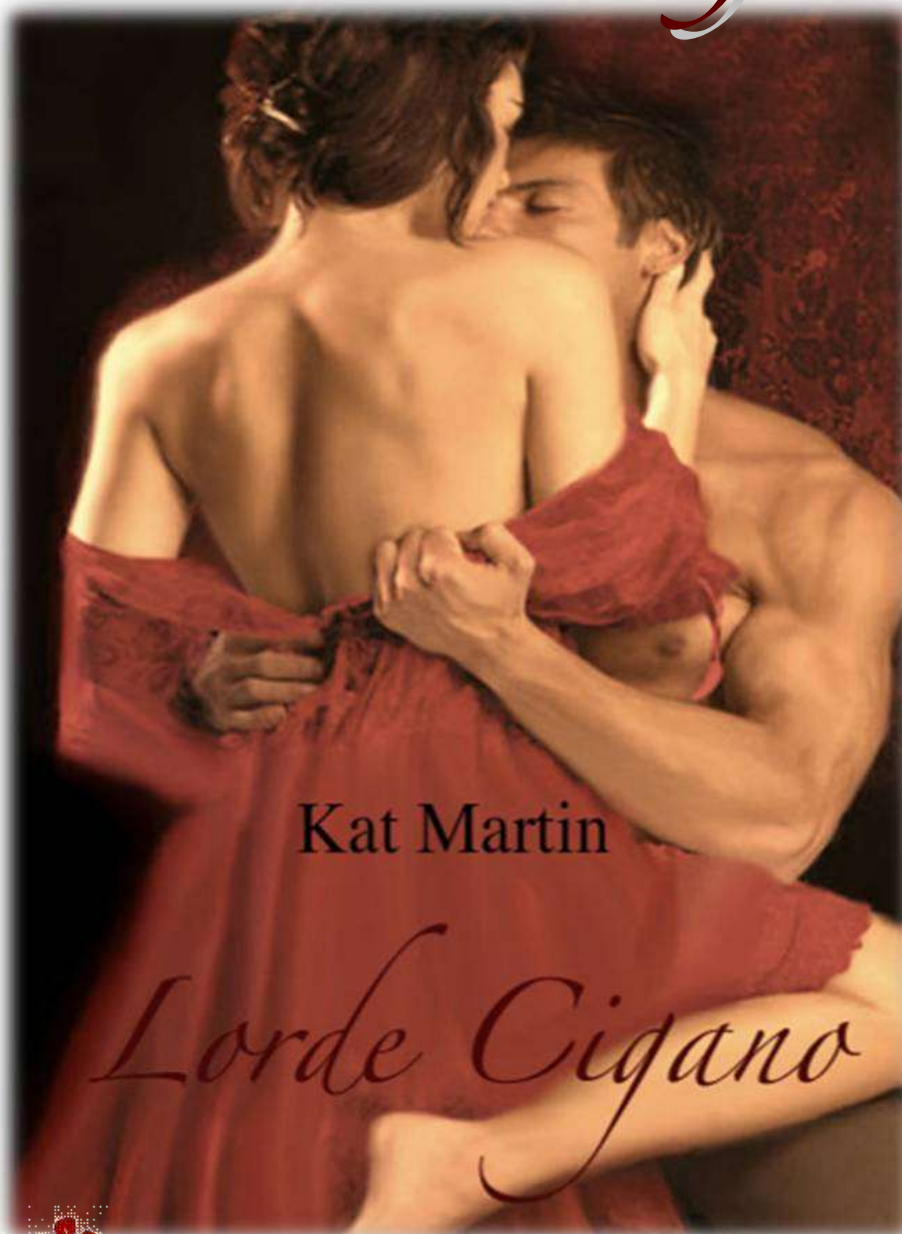
Grupo de Romances Históricos

Tradução/Pesquisa: GRH
Revisão Inicial: Maria Emília
Revisão Final: Sonia Mara
Leitura Final: Maristela
Formatação: Ana Paula G.



Kat Martin

Lorde Cigano



Kat Martin

Lorde Cigano



Nota da Revisora Maria Emília:

Este foi um livro difícil para mim. Não que seja ruim, mas a história em principio não me fascinou. Só comecei a me interessar lá pelo capítulo 21. Além disso, existe o problema de uma... não falo mais nada senão é spoiler.

Nota da Revisora Final Sonia:

Diferente da Maria Emilia, fiquei apaixonada desde o começo desta história. Infelizmente após meados dela, foi difícil manter o interesse. O mocinho tinha vida dupla e uma raiva tão grande do pai, que por causa dele quase renunciou a própria felicidade. Como não conheço nada sobre a cultura cigana, ficou difícil de entender a idéia fixa que ele tinha da promessa feita por mais de 15 anos de nunca se casar e ter herdeiros. Acredito que os homens e mulheres de hoje tivessem a metade desta força de vontade, hoje não haveria tanta separação.

Nota de Leitura Final Maristela:

Sou suspeita para dar minha opinião, afinal esta autora é uma das minhas favoritas, e adorei a história, teve de tudo amor, vingança, seqüestro, mocinho dominador, mocinha que não se rende, uma trama bem feita e contada que prendeu minha atenção, tenho certeza que irão gostar, e tem cenas de amor bem picantes!!!



Resumo

Quando o alto e bonito Dominic viu um dos integrantes de seu grupo cigano batendo em uma bela cativa com cabelos de fogo, ele nunca imaginou que ela seria uma herdeira mimada, seqüestrada da corte inglesa. Para tê-la, ele pagará o resgate de um rei e se fará seu senhor.

A encantadora Catherine proíbe Dominic de ir a sua cama, mas seu ardente temperamento não pode competir com a fria determinação de Dominic de tomá-la como sua amante. Apesar disto, ela não será sempre escrava da paixão.

Catherine e seu Lorde Cigano se encontrarão de novo no brilhante ambiente de Londres, longe da rústica tenda que eles compartilharam.

Seu desejo de vingança será maior que seu impulso natural para amar?



Capítulo 1

Londres, Inglaterra

18 de setembro de 1805

— Dizem que é Cigano.

— Ora! Todos esses rumores sobre seu sangue mestiço? A metade de Londres comenta; o que o torna mais misterioso.

Lady Dartmoor riu, cobrindo a boca com uma de suas delicadas e enluvadas mãos.

— Eu acho que tem razão. Os fofoqueiros adoram falar coisas assim, entretanto... - avaliou a elegante figura vestida com uma impecável casaca negra e calça cinza adequadas, que estava de pé no chão de mármore do salão de baile. Tinha a pele morena e grossas sobrancelhas negras que contrastavam com a pureza de sua linhagem e o branco de sua gravata.

Olhou-o melancolicamente alisando uma inexistente enrugada de seu vestido verde de seda.

— A pura verdade é que acredito que Dominic Edgemont é um dos homens mais perigosamente atraentes de toda Londres.

A majestosa mulher que estava de pé ao seu lado, lady Wexford, pareceu estar de acordo. Comentou algo em um sussurro e ambas tornaram a rir. Suas seguintes palavras se perderam entre o barulho da música e a alegria das damas e cavalheiros elegantemente vestidos que as rodeavam, mas o ligeiro rubor da mais jovem delas deixou perfeitamente claro seu significado.



Lady Catherine Barrington, Condessa de Arondale, observou sua alegre partida, sentindo-se um pouco culpada por ter escutado a conversa, mas cheia de curiosidade apesar de tudo.

— Amélia, de quem essas mulheres estavam falando? — Voltou a percorrer o salão com o olhar, mas não pôde averiguar a qual dos homens se referiam— Pareciam bastante encantadas pelo cavalheiro em questão.

Vestindo um elegante vestido branco de cintura alta, com pérolas combinando com sua pálida pele e seu insólito cabelo loiro avermelhado, Catherine desviou sua atenção para Amélia Codrington Barrington, Baronesa de Northridge, esposa de seu primo Edmund e sua melhor amiga.

— São umas fofoqueiras - disse Amélia com irritação — Não sei por que não podem ocupar-se dos próprios assuntos.

— Diga-me - Catherine insistiu— Por seus risinhos abafados, parece que é o homem da moda.

Nesse mesmo momento, passou em sua frente um lacaio fazendo malabarismos com uma bandeja de prata e fazendo tilintar as gotas de cristal do lustre que havia sobre suas cabeças. No chão de mármore, os músicos, vestidos de negro, tocavam um animado rondo e, pela porta mais afastada se via vários cavalheiros sentados em uma mesa de jogos com toalha verde, jogando cartas rodeados pela densa fumaça de seus charutos.

— Referiam-se a Dominic Edgemont - respondeu Amélia — Lorde Nightwyck, herdeiro do Marques de Gravenwold - Amélia, cinco anos mais velha que Catherine, sorriu com presunção — É o que está no outro extremo do salão de baile, junto ao espelho dourado.

Os olhos de Catherine procuraram pelo abarrotado salão, observando às mulheres vestidas de seda e adornadas com reluzentes jóias, e homens com custosas casacas e



calças. Ornamentados candelabros lançavam sua luz contra as paredes estofadas com brocado dourado, enquanto as mesas exibiam baixelas de prata e toalhas de linho, e estavam repletas de comida que perfumava o ambiente com um apetitoso aroma. Umas bandejas com taças de champanha lançavam brilhos, à esquerda do grupo que descobriu ao lado do espelho.

— Qual deles é? Há pelo menos meia dúzia de pessoas ali de pé.

— Nightwyck é o moreno alto. O que tem o cabelo negro ondulado. Realmente tem algo, não é? A metade das mulheres de Londres já caíram vítimas de seus encantos e a outra metade o teria feito se não fosse pelo pequeno detalhe de que têm medo.

Catherine o localizou imediatamente, já que sobressaía sobre todos os outros, mas o homem ao qual se referia sua prima estava de costas para ela. Só podia ver sua cabeça com o cabelo negro azulado que brilhava a luz das velas, e a largura de seus ombros, perfeitamente definida pelo impecável corte da casaca negra. Estava rodeado de importantes damas e cavalheiros da alta sociedade, as mulheres o olhavam encantadas e os homens com mais inveja que diversão.

— Conhece-o? — Perguntou Catherine, sem poder vê-lo completamente, mas notando a habilidade com a qual lady Wexford tinha manobrado para colocar-se ao seu lado. A cada poucos segundos se abanava com o leque decorado na mão.

Amélia encolheu os ombros.

— Nos encontramos em algumas ocasiões. Nightwyck prefere o campo, embora cumpra com suas obrigações sociais sempre que o considera necessário para manter as aparências.

Elegante e escultural, com o cabelo loiro e curto que emoldurava um rosto de traços finos, Amélia Barrington tinha a aura de beleza que Catherine invejava. Fazia seis anos, seu



primo Edmund se apaixonou por Amélia virtualmente a primeira vista. Tinham um filho de quatro anos, Eddie, a quem Catherine adorava.

— O rumor que corre sobre ele é verdade? — Perguntou, observando as olhadas sedutoras que lhe lançava uma mulher de cabelo negro que estava de pé em frente a ele.

— Certamente que não. Mas ninguém sabe realmente nada sobre ele, e Nightwyck prefere mantê-lo assim. Embora seja um bom partido. Inteligente, atraente e rico. Houve uma época em que seu pai esperava que vocês se comprometessem.

Catherine virou a cabeça.

— Espero que papai não tenha se aproximado dele.

— Ele só o sugeriu para um bom amigo. Certamente Nightwyck não soube. Ele diz que não está interessado em casar-se com ninguém. Nem agora nem nunca.

— Mas será obrigado a casar-se algum dia. Se for o herdeiro do marquês, terá que fazê-lo.

Até recentemente, a vida tranqüila de Catherine no campo, em Devon a tinha mantido afastada da sociedade de Londres e bastante a salvo dos rumores. Embora, aos seus quase dezenove anos, fosse um pouco mais velha do que o usual, esta noite era seu primeiro baile, sua verdadeira introdução no elegante mundo da alta sociedade.

— É uma longa história — Amélia lhe disse —, e já que nenhum dos dois está interessado, não é nada com o que preocupar-se.

Catherine abriu a boca para seguir com o assunto, mas Jeremy St. Gil se aproximou para reclamar a dança que ela tinha lhe prometido. Dirigindo um sorriso ao atraente jovem que tinha conhecido nessa mesma tarde, aceitou seu braço.

— Eu temi que tivesse me esquecido - os quentes olhos negros dele observaram seu rosto.

— Dificilmente esqueço uma promessa — ela disse simplesmente.



Jeremy pareceu contentar-se com isso e a levou para a pista de dança com um sorriso. Com a pesada cauda coberta de pérolas do vestido enganchada em seu pulso levantou-se quando ela descansou a mão no ombro dele. O vestido, presente de seu tio, o Duque de Wentworth, caía até o chão em linha reta por cima de seus quadris, as mangas eram ligeiramente bufantes, e o decote, quadrado, revelava os arredondados topos de seus seios, altos e cheios.

— Você está linda lady Arondale - disse Jeremy segurando-a como se fosse quebrar—
Uma verdadeira visão.

Catherine respondeu ao elogio com algo apropriado, embora dificilmente tivesse utilizado essa palavra para descrever a si mesma. Não tinha a beleza frágil de Amélia. Não era nem magra nem delicada, se não forte, com uma cintura fina e curvas arredondadas. Sua pele era lisa e clara, exceto pelo punhado de sardas que cobriam seu nariz, mas seus olhos eram grandes e verdes e seus lábios eram também excessivamente grandes. E nem sequer o simples coque de seu cabelo fazia algo para dissimular sua grossura e o impacto da cor dourada avermelhado.

Desfrutando do ritmo da dança, Catherine sorriu educadamente enquanto girava sobre a pista, vislumbrando ocasionalmente a ambos nos espelhos que cobriam as paredes. Mas seus pensamentos continuavam vagando para o intrigante Lorde Nightwyck. Uma e outra vez, pegou a si mesma buscando-o, tentando ver a seu rosto, mas para seu desgosto, só conseguiu ver sua alta figura desaparecendo quando saiu para o terraço.

* * *



— O que aconteceu, Dominic? —Rayne Garrick, quarto Visconde Stoneleigh passou o olhar do homem moreno que estava ao seu lado para o envelope selado que um laçaio ruivo acabava de trazer.

— Uma carta de meu pai - Dominic abriu-a e tirou a carta lendo as palavras rabiscadas nela— Diz que piorou e que devo ir imediatamente.

— Talvez desta vez seja verdade.

— E é melhor os cavalos poderem voar - as negras sobrancelhas de Dominic se uniram—Sabemos que esta é outra de suas tentativas para me controlar. Reconheço que é persistente.

— É muito duro com ele Dom. Está velho e doente. Possivelmente esteja tentando o compensar por todos os anos que o ignorou.

Dominic contraiu um músculo da mandíbula. Sua boca, em geral cheia e sensual, estreitou-se em uma fina e severa linha.

— E talvez chegue vinte e oito anos atrasado - amassando a nota em uma pequena bola marfim, a entregou ao laçaio e começou a afastar-se.

— Há resposta, Sua Senhoria? —Perguntou o moço a suas costas.

— Entregarei minha resposta pessoalmente — com uma expressão dura e seus longos dedos bronzeados fechados em um punho, Dominic se dirigiu a grandes passadas em busca do guarda-roupa.

Rayne o viu ir-se, observando que várias mulheres o detinham ao longo do caminho. Sorriu de orelha a orelha ao ver a habilidade com a qual Dominic tratava a todas, os sorrisos estudados e os elogios que podiam lhe abrir caminho até o boudoir de qualquer uma delas que lhe interessasse. Havia algo nele que fascinava às mulheres. Algo escuro e indefinido que não podiam entender. Dominic se cansava delas com facilidade, as deixando cheias de tristeza, e as substituíva por outra durante um período de tempo igualmente curto. O fato



que nenhuma pudesse mante-lo durante um período mais longo, só parecia atraí-las ainda mais.

Rayne olhou seu amigo deixar a sala sem topar com a nova beleza dessa noite; lady Arondale. Se a inocência desta não tivesse sido tão evidente; e seu tio tão poderoso; teria sido interessante ver como competia Nightwyck pela atenção da dama. Tal como estavam as coisas, provavelmente Dominic estaria ausente no final da temporada, e os evidentes encantos da formosa jovem representavam uma verdadeira ameaça para o celibato de Rayne.

Contemplou-a enquanto conversava com seu primo Edmud e sua bonita esposa, Amélia. Rayne nunca tinha gostado do magro, ligeiramente efeminado e emperiquitado cavalheiro, embora sua mulher fosse bastante encantadora. Perguntou-se se o barão estaria ressentido com sua jovem prima por ela ter recentemente herdado o condado de Arondale que teria sido dele se o pai dela não tivesse apresentado uma solicitação formal à coroa para fazer de Catherine sua herdeira legal. Fosse o que fosse o que sentisse Northridge, ocultava-o muito bem, já que era evidente que a moça lhe tinha bastante carinho.

Rayne a contemplou um momento mais, perguntando-se por suas inexploradas paixões e sentiu que se excitava. Com um suave suspiro de pesar por que nem ele nem seu amigo seriam quem provariam seus encantos, afastou-se da inconsciente tentação que ela representava e se fundiu com a multidão.

* * *

— Acredito que a vinda de Catherine demonstrou ser um acerto - disse Amélia.



Edmund Barrington, barão de Northridge, olhou a sua jovem prima que novamente estava sendo conduzida até a pista de dança. Diferente da beleza aristocrática e frágil de sua esposa, a pequena constituição de Catherine exsudava uma exuberante sensualidade a qual poucos homens poderiam resistir. Durante toda a noite tinham estado revoando ao seu redor como abelhas atrás de uma flor de uma vibrante cor vermelha.

— Ela chamou a atenção de três condes, um barão, e um duque - disse Edmund — O velho Arondale teria ficado contente. É uma pena que não tenha vivido o suficiente para arranjar-lhe um matrimônio.

Como os dois se criaram juntos, Edmund sempre esteve muito unido a Catherine, protegendo-a como se fosse sua irmã menor. Era uma jovem doce, embora habitualmente muito animada. E se preocupava muito com as pessoas que estavam a seu serviço. Verdadeiramente era uma loucura que alguém tão jovem tivesse tal sentido de responsabilidade

Edmund a olhou, sua alegre risada fazia girar as cabeças de vários jovens galãs que estavam perto. Ao passar ao seu lado, lhe sorriu como se quisesse lhe agradecer o que tinha feito por ela. Sempre tinha estado ao seu lado.

— Parece que ela gosta do jovem St. Giles — Amélia disse — Do jeito que a olha parece que vai pedir sua mão. É uma pena que só seja o segundo filho e não o herdeiro.

Edmund assentiu.

— Devemos ser cuidadosos. Velar pelos interesses de Catherine. — Mas não era isso o que faziam sempre?

Quando seu pai, Christian Barrington, conde de Arondale, tinha morrido, Catherine tinha pedido a Edmund e sua família que fossem a Devon para ficar com ela no castelo. Eles tinham ido, é obvio, já que era Catherine quem segurava as cordas do moedeiro, e seu tio, o duque, alegrou-se. Imerso em seus próprios assuntos, Gilford Lavenham, Duque de



Wentworth, tinha favorecido a relação. Com sua irmã, a mãe de Catherine, falecida muito tempo atrás, o duque acreditou que Amélia seria uma boa influência para uma garota jovem, necessitada da orientação de uma mulher mais velha do que ela.

O acerto tinha satisfeito a todos exceto a Edmund, que se aborreceu no campo e sentia falta do tumulto da cidade. Vários meses mais tarde, Edmund tinha acabado fazendo que todos fossem para a casa que Catherine tinha em Londres.

Seu tio, o duque, estava eufórico.

— Já é hora de que encontre marido - havia dito Wentworth — Leva o título de Arondale e tem uma herança na qual pensar. Quando seu pai a nomeou sua herdeira, esperava que se casasse e lhe desse um neto.

Embora Catherine em sua inocência corasse com as palavras do velho duque, mostrou-se de acordo.

— Poderia me aconselhar — ela lhe disse, certa de que seu tio lhe daria uma ampla margem para escolher o par adequado.

— Certamente, querida.

— Amélia e eu faremos todo o possível para te ajudar a escolher bem - tinha intervindo Edmund.

Foi quando soube que o fim de seus sonhos estava repentinamente perto.

E foi o momento em que decidiu fazer algo para impedi-lo.

* * *

Catherine acabou passando sua primeira temporada em Londres e os rumores diziam que era “a sensação” do momento. Paralelamente, conforme foram passando os dias e ia a uma festa atrás da outra, a intermináveis bailes de mascara, a reuniões e a noites no teatro, começou a cansar-se de tanto frenesi e a desejar voltar para a simples vida de seu lar.



Até então tinha tido várias ofertas de casamento, membros das famílias mais importantes da Inglaterra, e havia outra dúzia de perspectivas a levar em conta. De qualquer maneira nenhum deles se destacava realmente para ser o homem com o qual desejava casar-se. Em troca, pediu a seu tio que a deixasse retornar para Arondale com Edmund e Amélia durante as férias, e o tio Gil concordou; desde que voltasse para Londres assim que o frio do inverno chegasse.

Agora, enquanto se encaminhava ao seu dormitório na casa da família em Londres, apagava a luz do abajur de azeite que havia ao lado de enorme cama com quatro postes, e se deitava, esgotada, entre os lençóis, suspirou ao pensar nos dias que tinha adiante.

Edmund, certamente, estava encantado de ter voltado para a voragem social, mas o único que Catherine tinha obtido da noite era uma infinita bajulação e conversas sem sentido. E escolher um marido parecia mais um assunto de eliminar candidatos inapropriados que conhecer um homem com o qual pudesse passar feliz o resto de sua vida.

E que acontecia com o amor? Pensou olhando tristemente o teto entalhado. Era difícil saber o que tinha imaginado que podia acontecer. Só pelo fato de que seus pais tivessem sido apaixonados, não queria dizer que lhe acontecesse o mesmo. Ela sabia, e o tinha aceitado como uma possibilidade quando recebeu a responsabilidade de levar o título de Arondale e sua fortuna, ainda assim...

Catherine suspirou na escuridão. Necessitava de um marido para produzir um herdeiro e, embora Edmund e Amélia tivessem sido pacientes e inclusive a tivessem animado há levar seu tempo para escolher bem, cedo ou tarde teria que aceitar o inevitável. Além disso, quanto antes tomasse uma decisão, antes poderia voltar para casa.

Ainda estando sob a colcha de cetim, subiu as mantas até o queixo para se proteger do frio que tinha invadido o dormitório. O fogo da lareira se apagou e a camisola branca de



algodão não oferecia muita proteção. Pensou distraidamente que deveria chamar uma criada para que lhe levasse outra manta, mas tinha a mente ocupada com seus problemas e sua iminente solução.

Enquanto o tic-tac do relógio ressoava no silêncio, o cansaço tomou conta de Catherine e ela fechou os olhos. Uma vez que sua respiração começou a ser compassada e as preocupações começaram a desaparecer, a escuridão e a paz do dormitório a arrastaram a um sono pesado. Nem sequer quando ouviu um débil movimento, o ranger do chão de madeira, pôde obrigá-la a abrir os olhos.

Até que sentiu os dedos ásperos que tampavam sua boca e o apertão de uma enorme mão sobre o ombro, sacudindo-a sobre o colchão de plumas.

Santo Deus! O que acontece?

— Edmund! —Gritou Catherine, mas a mão calosa do homem amorteceu o som— Socorro! —O medo fez com que seu coração começasse a pulsar furiosamente. Lutou, golpeando com braços e pernas, abrindo os aterrorizados olhos verdes.

— Quieta! —Assobiou o homem, sacudindo-a como advertência.

Quem quer que fosse, era grande e forte, e enquanto ela seguia lutando para libertar-se, a dor explodiu em sua mandíbula. Catherine gemeu suavemente enquanto o quarto começava a dar voltas, logo o mundo desapareceu ao seu redor e a escuridão a tragou.

Desabando-se nos braços de seu atacante, com a cabeça apoiada molemente sobre seu ombro, Catherine deixou de lutar.



Capítulo 2

Imprevisíveis, indecifráveis, e inesperados, moveram-se pela vida com algum fim que ninguém mais podia perceber.

— Kathryn Esty

Subúrbios de Sisteron, França

20 de abril de 1806

Catherine se agasalhou no grande e áspero xale de lã para se proteger do frio cortante do vento. Debaixo da fina capa só levava uma simples camisa de camponesa branca que deixava seus ombros nus. As mechas de seu espesso cabelo loiro avermelhado açoitaram suas bochechas quando o carroção se afundou em um buraco, fazendo-a cair sobre o homem que estava sentado ao seu lado no duro assento de madeira.

— Logo o tempo vai mudar - predisse Vaclav — Dentro de poucos dias começará a fazer calor.

Catherine deu uma olhada às nuvens cinza que pressagiavam tormenta.

— E como você sabe? — Perguntou ela sarcasticamente, mais cansada de Vaclav, de suas maneiras toscas e de seus olhares luxuriosos, do que do frio e da chuva.

O homem corpulento se limitou a encolher seus robustos ombros.

— Só digo que posso senti-lo. Assim é como nós sabemos destas coisas.

Ela quis discutir, lhe dizer que não havia uma maneira de que pudesse sabê-lo, mas nas oito semanas que estava com eles tinha aprendido que os ciganos sabiam, sobre a terra e o tempo, coisas que ninguém mais podia saber. Coisas sobre o futuro.



Catherine se endireitou sobre o frio assento de madeira e arrumou as amplas saias vermelhas, as esticando sobre suas pernas nuas tanto quanto pôde. Ela lamentava não ter um par de bons sapatos em vez das finas sandálias de couro. Mas a maioria deles não tinha sapatos de nenhum tipo.

— Em breve alcançaremos o meu povo — Vaclav disse, arranhando o peito peludo pela abertura da puída camisa de seda azul. Sobre esta usava um suéter roído que encontrou no caminho.

— Já estamos quase chegando?

O pulso de Catherine quase paralisou. Tinha que fazer planos e preparativos. Tinha que começar a analisar uma forma de fugir.

— Tudo o que sei é que estão acampados em algum lugar ao longo do rio.

Era tudo que conseguiria lhe tirar. Os ciganos nunca se preocupavam com a hora ou o lugar, nem sequer tinham nenhum desejo de saber o mês que era. Viviam dia a dia, minuto a minuto. Suspirou ao pensar no muito que tinha aprendido sobre eles desde aquela noite, oito semanas antes, quando alguém entrou no dormitório de sua casa londrina, deixando-a inconsciente e seqüestrando-a.

Catherine se recostou no assento de madeira do vardo, a casa com rodas, de teto curvado, alegremente pintada, na qual vivia Vaclav. Em inglês, um dos muitos idiomas que falavam quase todos eles, chamava-se caravana, comunicou-lhe muito orgulhoso enquanto a olhava. Era um cigano rico e já não vivia em uma tenda.

Comunicou-lhe que sua gente tinha começado a construir cada vez mais carroções e a viver neles. Eram mais quentes no inverno e mais resguardados da chuva. Deveria ficar grata, disse-lhe. Uma vez que se casassem, o vardo proporcionaria a ambos uma ampla e cômoda cama.



Ela sentiu um nó no estômago. Quanto tempo demoraria a perceber ela não tinha nenhuma intenção de casar-se com ele e que nunca a teria? Que só foi um truque, um artil para sobreviver. Uma das muitas coisas que tinha aprendido nas desmoralizadoras semanas anteriores.

Recordou os espancamentos recebidos, as milhas que teve que caminhar descalça com seus pés delicados, ensangüentados e cortados pelas pedras afiadas que se cravavam em sua pele, que não estava acostumada a estar desprotegida. Lembrou da crueldade das mulheres ao tratá-la como a uma paria, como pouco mais que uma escrava.

Na maioria das vezes, mal era capaz de relembrar sua boa vida anterior nem de ver os rostos de seus familiares e amigos. Era outra época, outro mundo. Isto é o presente disse para si mesma. Não pense no passado. Deixe-o para trás.

Uma e outra vez tinha contido as lágrimas que no princípio eram inesgotáveis. Mas aprendeu rapidamente que apenas o que causavam, eram golpes ou noites sem jantar. Agora era incapaz de chorar, coisa que Catherine agradecia.

Enquanto enfrentava a cada dia agonizante, afastando-se cada vez mais da casa e da família a que amava, jurou que sobreviveria. Custasse o que custasse, viveria para voltar para a Inglaterra. Descobriria quem era o responsável por seu seqüestro, quem a tinha vendido aos ciganos, e o faria pagar.

* * *

— Domini! Deixe os cavalos e vem jantar. Preparei uma apetitosa sopa de lebre.

Sua mãe estava de pé na borda da leve depressão do terreno, com suas pequenas mãos estragadas, descansando sobre a saia amarela que pendurava de seu diminuto e magro corpo. Parece muito mais velha este ano, pensou, perguntando-se pela primeira vez



quantos invernos mais viveria a frágil anciã e sentindo repentinamente uma pressão no peito diante da idéia.

Ele ia sentir falta dela quando morresse. Sentiria falta desta forma de vida.

Fazendo uma saudação em sua direção, Dominic amarrrou a égua manchada de cinza, com a corda para os cavalos situada entre as árvores em um canto do prado, onde estava acampada sua gente, e começou a andar para ela.

O ar da noite era frio e úmido, mas os dias quentes não demorariam a chegar. Entre as nuvens cinza já podia ver o brilho das estrelas que pressagiavam o tempo ensolarado que se aproximava. Ao menos, a mudança de tempo aliviaria as dores de sua mãe e o cansaço refletido em seus olhos.

—Você vai ver a Yana esta noite? — ela lhe perguntou quando chegou ao seu lado e começaram a andar pela alta grama indo para o carroção.

Dominic arqueou uma espessa sobancelha negra.

— Desde quando se interessa por minhas noites com a Yana? —Havia uma insinuação de diversão em sua voz. Alguma vez sua mãe deixaria de o ver como o menino que puxava suas saias?

— Yana está estendendo uma armadilha. Não te merece.

Dominic sorriu com indulgência.

— Sempre tão protetora. Não se preocupe, mãe. Ela esquenta minha cama, mas não tenho planos de rommerin.

— Isso é o que diz agora, mas ela quer se casar e é esperta. Pergunte a Antal, seu primeiro marido.

O sorriso de Dominic quase desapareceu.

— Nenhuma moça é tão inteligente. Além disso, sabe que partirei logo.



O rosto enrugado de sua mãe pareceu de repente mais envelhecido, suas finas sobrancelhas se uniram carrancudas sobre uns olhos cheios de rugas.

— Eu sentirei falta de você, filho. Mas para o bem, como sempre.

Era isso que dizia desde que ele era um menino de treze anos. Quando seu pai foi buscá-lo. Ela tinha lhe dito que o sangue inglês do marquês era mais forte que o de sua mãe cigana, que esse era o sangue que o chamava e que ele devia obedecer.

Durante um tempo a tinha odiado por isso.

Agora, quinze anos depois, Dominic pensava que sua mãe tinha razão.

Aproximou-se do fogo, que iluminava com suas chamas laranja e amarelas a escuridão da noite, esquentou-se por um momento e depois se sentou em um pequeno banco de madeira que ele mesmo tinha feito, vários anos antes, com uma árvore caída. Sua mãe lhe pôs uma fumegante tigela de sopa nas mãos e o calor aliviou a rigidez de seus dedos gelados.

Em Gravenwold, a fabulosa propriedade de seu pai em Buckinghamshire, o frio nunca era um problema. Tampouco uma barriga vazia, nem evitar o vento e a chuva. Entretanto, aqui, na fria e úmida Provence, acampado sob as altas torres de granito do Sisteron, Dominic sentia uma paz que nunca sentiu na Inglaterra.

Ele sentiria falta disto quando voltasse para casa.

* * *

Catherine descobriu a distância as luzes cintilantes de uma dúzia de fogueiras de um acampamento cujas brasas vermelhas brilhavam na escuridão da noite. O vento trazia os ocasionais suspiros melancólicos de um violino. Ciganos. Os Pindoros - comerciantes de



cavalos. Vaclav tinha falado sobre seu povo quando a tinha afastado de outro grupo nômade.

— Eu a comprei — ele disse naquela primeira noite — Agora me pertence - Vestido com umas largas calças marrons e uma camisa em farrapos de linho grosseiro, passou-lhe um dedo, gordo como uma salsicha, ao longo da bochecha e Catherine estremeceu — Está cheia de paixão e calor — ele acariciou seu brilhante cabelo vermelho—, como Mithra, a deusa do fogo e da água. Eu te desejo mais do que às outras; esta noite a levarei para minha cama.

Catherine se afastou um passo dele.

— Não irei — ela respondeu em um alarde de coragem que na realidade não sentia, para proteger-se.

Quando Vaclav se aproximou dela, Catherine lutou como uma tigresa. Arranhando, dando chutes e o insultando com palavras que apenas umas semanas antes não tinha acreditado que pudessem sair de seus lábios. Vaclav lhe deu uma bofetada e ameaçou surrá-la, mas nem ainda assim ela se rendeu.

— Não me deitarei com você como uma rameira cujos serviços comprou. Só o farei com o homem que seja meu marido.

Os olhos dele vagaram pelas curvas de seu corpo, claramente exposto pelo amplo decote da blusa e a saia simples.

— Se é um marido o que deseja, então me casarei com você.

— Você se casaria com uma Gadjo? — Alguém não cigano. Sabia que era absurdo. Os Rom viviam em seu próprio mundo. Não se aceitava estranhos.

Os pensamentos de Vaclav pareceram refletir os seus próprios. Durante um momento, olhou-a com incerteza. Depois apertou a larga mandíbula e seus olhos se escureceram.



— Eu o farei se vier voluntariamente para a minha cama.

A mente de Catherine ferveu com as possibilidades. Se ela se mostrava de acordo, possivelmente pudesse mante-lo afastado um pouco mais, ganhando um tempo precioso.

— E seus pais? E sua família? Com certeza vão querer assistir ao casamento, não é?

— Estamos a caminho de nos encontrar com eles. A viagem durará duas semanas, pode ser que três. Poderíamos nos casar em Sisteron.

Sisteron. Para o sudoeste. Longe dos pachás turcos de Constantinopla. Longe do tráfico de brancas que ela esteve temendo. E mais perto da Inglaterra e de seu lar.

— Então aceito a oferta. Uma vez que estejamos casados farei o que deseje. Até então, tem que prometer que não me tocará.

Vaclav concordou, a contra gosto. Tinham decorrido os dias e ele tinha mantido sua palavra. Se ela pudesse manter a sua!

— Pindoros — ele disse, interrompendo suas lembranças do passado — Já quase chegamos.

— Sim - sussurrou Catherine.

Pelo amor de Deus, o que ia fazer agora? Teria que lhe dizer a verdade antes que revelasse a sua família seus planos de matrimônio. Ele ficaria completamente louco se o humilhasse perante sua gente.

O coração se afundou. O que faria quando ele percebesse que o tinha enganado. Zangaria-se. Ficaria furioso. Estava certa de que a tomaria com ou sem seu consentimento. Quase podia sentir suas mãos gordas sobre seus seios, seu corpo grosso e peludo empurrando brutalmente entre suas pernas.

Se tivesse podido fugir, encontraria uma forma de fugir. Mas não havia nenhum lugar para onde ir, e ele a tinha estado vigiando, mantendo-a presa ao carroção à noite. Não tinha podido fazê-lo então. E agora não havia tempo.



O carroção avançou balançando para o acampamento, levantando com as rodas a lama que enchia o caminho. Uma dúzia de meninos de diversas idades e vários cães que latiam, correram para os saudar, sem prestar atenção ao frio ou à escura terra molhada que pisavam com seus pés descalços. Umas finas nuvens de fumaça branca se elevavam dos fogos para cozinhar que haviam diante de cada carreta.

— Estabeleceremos o acampamento entre as árvores, longe dos outros - disse Vaclav com um olhar que ela só podia descrever como faminto — Assim que estejamos instalados iremos a busca de minha família e lhes anunciaremos nossas bodas.

Assim que estivessem instalados, Catherine daria ao Vaclav suas próprias notícias; que não iam haver bodas. Contemplou seus volumosos braços e ombros, recordando a bofetada que ele tinha lhe dado quando tinha o contrariado anteriormente. Desta vez ia desatar sua fúria. Catherine estremeceu ao pensá-lo.

* * *

Dominic se deitou no comprido e cômodo colchão de plumas atrás de seu Vardo. Ele e sua mãe tinham o melhor carroção que o dinheiro podia comprar. De fato todos os de sua tribo se beneficiaram, de uma ou outra forma, de sua grande riqueza. Certamente teve que fazê-lo com sutileza. De maneira nenhuma teriam aceitado sua caridade. Apenas um presente aqui e outro lá, alguém que “achava” algo e o reclamava como próprio...

Dominic os admirava por isso. Não necessitavam riquezas para serem felizes. Tinham sua liberdade. Essa era a sua maior fortunas.

Remexeu-se na carreta ao ouvir um som distante que não podia identificar. Ao princípio soou débil, um mero sussurro levado pela brisa. Em seguida ouviu com maior intensidade. Tinha jurado que era a voz de uma mulher.



Dominic pôs suas longas pernas no chão do carroção, pegou a simples camisa branca de manga longa, e colocou as botas por cima das justas calças negras. Abriu a porta da carreta, desceu os degraus e percorreu o curto lance entre os carroções. Sua mãe estava de pé diante do fogo que havia diante de seu carro, remexendo o gulyds, um delicioso guisado de carne, em uma grande panela negra. O aroma chegou até ele fazendo que rugisse seu estômago.

— O jantar está quase pronto - disse sua mãe.

Geralmente comiam antes que escurecesse completamente, mas essa noite, Pearsa tinha estado atendendo a um menino doente, e Dominic tinha estado ocupado com um de seus cavalos.

— Ouviu algo? — Perguntou — Me pareceu ouvir vozes perto, corrente abaixo.

— Vaclav voltou — sua mãe respondeu simplesmente, revolvendo o borbulhante guisado. Cheirava a ervas e especiarias e à carne de veado que ele havia trazido.

— Geralmente acampa ao lado de seus pais. Por que...

As vozes cheias de ira de um homem e de uma mulher elevaram-se na fria noite, os interrompendo.

— Quando partiu estava sozinho — Dominic disse em um tom interrogador.

Sua mãe olhou para longe.

— Agora viaja com uma mulher - Havia algo furtivo em seu comportamento e no modo em que evitava o olhar, coisa que inquietou Dominic.

— Que mulher? — Perguntou.

Neste mesmo momento ouviu o agudo grito dela. As vozes se elevaram, uma suplicando e a outra cada vez mais cheia de fúria. O som de uma mão ao golpear contra a carne ressonou através da clareira e Dominic se retesou.

— Ele está a golpeando.



— Pertence-lhe. Está em seu direito.

Então se deu conta de que estavam falando em inglês. Inglês, não em francês, ou em romaní, o idioma dos ciganos. Começou a andar em direção ao som, se afastando do círculo de carretas, para a zona onde estavam atados seus cavalos.

— Não vá, filho - Fazendo tilintar seus finos braceletes de ouro, Pearsa o segurou pelo braço — Não é assunto seu.

— Se souber de algo, diga-me.

— É uma Gadjo. Dizem que é uma bruxa.

Dominic começou a andar outra vez, Pearsa se apressou a o seguir andando depressa para manter o passo de suas longas pernas.

— Lembre-se de sua promessa. Não deve interferir.

Dominic se limitou a seguir andando.

— Já enfeitiçou ao Vaclav. Poderia te enfeitiçar também.

Ele se desiludiu sem dissimulação. Anos antes poderia ter acreditado em algo assim, mas as intermináveis horas de educação tinham apagado a maioria de suas superstições.

— Não vou interferir. Somente quero ver o que acontece. Volte para acampamento. Voltarei logo.

Pearsa o olhou enquanto ia, retorcendo as mãos envelhecidas enquanto ele se afastava, dando passadas na escuridão. Ele podia notar os olhos dela em suas costas, sentir sua censura e sua preocupação, mas de qualquer jeito seguiu caminhando. Um verdadeiro cigano não teria feito caso das vozes, a intimidade era muito valiosa para os que necessitavam dela, e o fato de não poder fazer o mesmo fez com que se endurecesse a expressão do rosto.

Movendo-se com uma cautela que era tão natural para ele como respirar, passou entre os cavalos os tranquilizando com um par de palavras, e por fim chegou ao carroção



de Vaclav. Dali, oculto, olhou através da clareira, para o fogo do qual só restavam vermelhos rescaldos, hipnotizado pela cena que se desenvolvia diante seus olhos.

O forte e peludo cigano que conhecia desde menino, abatia-se sobre uma bela mulher de cabelo cor de fogo que o olhava zangada com uma mistura de asco e desafio. A camisa de Vaclav parecia em farrapos, seu cabelo, eriçado e revoltado, caía sobre os seus olhos irados. Seu rosto estava deformado pela raiva.

A pouca distância, uma mulher enfrentava a ele com as mãos atadas pelos pulsos, as pernas separadas e os olhos entrecerrados. O cabelo de fogo lhe caía ao redor dos ombros enquanto sua blusa, rasgada e suja, deixava sua pele exposta até quase os erguidos e firmes seios. Nem sequer o sinal da mão de Vaclav em sua bochecha era capaz de ofuscar a beleza de seu rosto.

— Mentiu para mim! —Rugiu— Quis me enganar depois de eu haver gasto com você até a última de minhas moedas de ouro!

— Eu disse mil vezes que posso te devolver esse dinheiro, mais ouro do que pode carregar, simplesmente se me deixar ir.

— Deve acreditar que sou um imbecil - Vaclav voltou a bater nela que cambaleou mas não caiu.

O coração de Dominic encolheu, mas ele não se moveu. Era meio cigano e devia cumprir com a lei cigana.

— Não quero seu dinheiro! —Gritou Vaclav — O que ardo em desejos de ter é seu corpo. Ofereci-me para casar com você. Rechaçou minha oferta e me envergonhou perante minha gente. Agora vai aprender a obedecer.

Agarrando seus pulsos atados, arrastou-a até uma árvore. Dominic permaneceu de pé, imóvel, enquanto Vaclav lhe atava uma corda nas mãos e levantava seus braços por



cima da cabeça. Agarrou as costas da blusa e a rasgou com um puxão deixando exposta a pele mais branca e lisa que Dominic tinha visto em toda sua vida

— Aprenderá a obedecer minhas ordens. Aprenderá a se render. Se preferir que seja a chicotadas, então assim será.

A boca do Dominic secou. Se Vaclav possuía a mulher, estava em seu direito de castigá-la como lhe parecesse bem. Apertou os dedos ao redor da roda do carro, mas seguiu sem mover-se.

Vaclav se virou para pegar a longa vara de couro com a qual estava acostumado a dirigir os cavalos, e os olhos da mulher, de uma brilhante cor verde clara, pareceram lhe queimar as costas do mesmo modo que o látigo não demoraria em queimar a sua.

— Nunca me renderei! Ouviu-me? Odeio a você e a todos os asquerosos ciganos que conheci em minha vida! São animais, sobretudo você. Tudo o que sabe fazer é ser cruel e violento. Lhe quebrou a voz com a última palavra, mas esticou seus pequenos ombros ao sentir o primeiro estalo do chicote.

Apareceu uma fina linha de sangue, danificando a perfeita brancura de sua pele, mas não emitiu nenhum som de protesto, apenas pressionou o rosto contra a áspera casca da árvore com expressão resignada.

Quando as pálpebras dela se fecharam fortemente a espera da dor que sabia que estava a ponto de chegar, o último fio de controle de Dominic se rompeu. Saiu de atrás do carroção bem a tempo de evitar o segundo golpe brutal de Vaclav.

Ele esforçou-se por controlar-se.

— Amigo, parece que tem dificuldades para dominar sua mulher - falou em inglês, idioma no qual eles tinham estado falando. Embora seu tom soasse cordial, necessitou ter uma vontade de ferro para não arrancar com um puxão a vara das mãos de Vaclav.

O corpulento homem se virou para ficar de frente a ele.



— Não se meta nisto, Domini, não é assunto seu .

— Simplesmente vim para te dar as boas-vindas. Passou muito tempo desde que viajávamos juntos.

— Agora não é momento para saudações. Como pode observar, tenho outros assuntos que atender.

— Isso parece.

Mas não fez intenção de partir.

— A mulher merece uma surra - acrescentou Vaclav, mas algo nele pareceu vacilar inclusive vencido.

— Pode ser que seja o certo. Se for tua, certamente, tem todo o direito de fazer com ela o que desejar.

— Então por que se mete?

— Pensei que poderia te ajudar. Pode ser que haja outra forma de solucionar seu problema - Dominic encolheu os ombros em um leve gesto de despreocupação — Mas claro, que você não se interessa por ouro.

Vaclav pareceu duvidar pela segunda vez. Deu uma olhada à mulher atada à árvore e Dominic adivinhou suas emoções desencontradas. Na realidade não queria machucá-la, mas ela não lhe tinha deixado nenhuma outra opção. Se não lhe ensinasse obediência, perderia o respeito de sua gente.

— Pareceu-me que talvez pudesse se liberar de sua carga; com um considerável benefício.

Vaclav olhou à mulher e o desejo que sentia por ela brilhou nas profundidades de seus olhos. Ela cuspiu em seus pés.

— Quanto benefício? — Perguntou Vaclav.

— Eu te darei duas vezes o que pagou por ela.



— O resgate de um rei. A bruxa ruiva me custou uma fortuna em ouro.

Ela parecia valê-lo.

—Três vezes - disse Dominic suavemente.

— Está comprado um problema, Domini. Mais do que imagina.

— Eu me arriscarei. Ofereço quatro vezes o que pagou.

O rosto de Vaclav, já vermelho de ira, avermelhou ainda mais.

— Você e seu dinheiro. Pode comprar tudo o que queira, não, didikai?

Tratava-se de um insulto em romaní para os que eram meio gadjo, meio ciganos. Sempre um estranho lutando para ser aceito. Quando era menino a tinha ouvido continuamente, mas com os anos tinha conquistado um lugar entre sua gente e deixou de ouvi-lo. Agora lhe cortou as vísceras como uma foice.

—Quer à mulher? — burlou-se Vaclav — Eu a venderei por seis vezes o preço que paguei por ela.

Era um desafio, um aviso cruel de sua herança. Nenhum cigano de verdade poderia ter-se permitido tal soma. Dominic fixou seus olhos na moça. Ela o olhava com cautela por cima de seu pálido ombro. O sangue provocado pelo chicote tinha escurecido o que restava de sua blusa e as cordas nas quais estava pendurada se cravavam cruelmente em seus pulsos. Sua mãe tinha tido razão: não deveria ter vindo. Agora não podia ir-se.

— Feito – disse – Solte-a.

Vaclav sorriu em consequência da vitória e Dominic sentiu um amargo ressentimento em seu interior. Vaclav tinha ganhado e ambos sabiam.

—Seu sangue gadjo o faz fraco — ele provocou, sabendo que ninguém mais o teria detido. Os homens ciganos acreditavam na absoluta dominação de suas mulheres. Exceto Dominic. Ele não acreditava que teria que recorrer à força.

Vaclav lhe entregou uma faca cuja lamina brilhou a luz do fogo.



— Agora é sua. Eduque-a você.

Dominic cortou a distância entre ele e a mulher, e usou a faca para cortar suas amarras. Ela cambaleou e desabou sobre ele. Dominic passou um braço ao redor da diminuta cintura para sustentá-la.

— Não me toque! — libertou-se de um puxão e se afastou.

Dominic lhe agarrou o queixo e a forçou a olhá-lo.

— Será melhor que aprenda a segurar essa língua — ele disse, recordando vários dos insultos que tinha ouvido dedicar ao Vaclav — Não está em situação de dar ordens. Agora me pertence e aprenderá a fazer o que eu diga.

— Vá para o inferno!

— Há muitas probabilidades de que isso aconteça, mas não será você quem me enviará para lá - Dominic deu meia volta e começou a andar. Ao ver que não o seguia, deteve-se para olhá-la. - Me pertence mas a escolha é sua. Pode ficar aqui com Vaclav ou vir comigo.

Cartherine olhou de cima abaixo ao cigano; do cabelo negro como plumas de um corvo até a ponta de suas desgastadas botas negra. Uns olhos da cor de obsidiana a contemplavam com aborrecimento. Era tão alto que teve que esticar o pescoço para ver o seu rosto. Quando o fez, a primeira coisa que passou pela sua mente, assim como tinha ocorrido no momento que ele entrou na clareira, era que por mais duro que parecesse, jamais ela tinha visto um homem tão bonito.

Sem esperar uma resposta, deu meia volta e se afastou. Os largos ombros, os estreitos quadris, e as longas e musculosas pernas desapareceram na escuridão que rodeava o carro. Catherine jogou um último olhar a Vaclav, quem ainda sustentava a vara em sua rechonchuda mão peluda, e se apressou em segui-lo através do bosque.



* * *

— Entre no carro.

Catherine o olhou com cautela.

— Não me importa quanto pagou por mim. Não me deitarei com você.

Os olhos do alto cigano a percorreram, queimando-a com tanta intensidade que se viu obrigada a levar uma mão ao peito para tampar-se melhor com a rasgada blusa de camponesa.

— Se eu o desejar, pequena, deitará comigo. Não se engane. Mas se o fizer, não será porque eu te ameacei com uma surra.

Então nunca acontecerá, pensou ela, mas não o expressou em voz alta. Apesar de sofrer, tinha aprendido que a esta gente não se convencia nem com argumentos, nem com súplicas, nem com lágrimas.

— Entre - repetiu ele.

— Por que?

— Para que possa me ocupar da ferida de suas costas.

Queimava como os fogos do inferno. O que teria acontecido se Vaclav tivesse continuado com a surra?

Catherine subiu a escada de madeira e se sentou sobre um suave e amplo colchão de plumas.

— Vaclav o chamou de Domini. Esse é seu nome?

Ele a virou para ver-lhe as costas.

— Um deles. O outro é Dominic.



Só um nome. Os sobrenomes tinham tanta importância para eles como o tempo ou o lugar. A maioria tinha dois ou três que podiam trocar quando alguém morria ou quando se casavam. Ou quando a justiça os buscava.

— E você? — Perguntou ele.

— Catherine.

— Catherine - repetiu ele — Catrina. Eu acho que fica melhor.

Seus bronzeados dedos se deslizaram por suas costas, estendendo algo espesso e pegajoso. A dor cessou imediatamente, e Catherine suspirou de alívio.

— Como acabou com ele? — perguntou Dominic.

— Me comprou de uma caravana de ciganos que viajavam ao norte daqui. Vaclav lhes ofereceu um bom preço e eles aceitaram.

A mão deixou de mover-se.

— Você fala bem, é evidente que não é uma camponesa. Que fazia uma inglesa sozinha no norte da França em época de guerra?

— Você tampouco é francês. E seu inglês é bastante bom. Eu poderia te perguntar o mesmo.

— Sou Cigano - disse ele simplesmente — Não estamos em guerra com ninguém. Para você é diferente.

— Não estava na França. Estava na Inglaterra.

Se ao menos pudesse lhe contar a verdade. Mas já tinha tentado antes. Em troca de dinheiro, os ciganos do norte prometeram ao homem que a seqüestrou que a levariam para longe da Inglaterra. Não estavam dispostos a deixá-la livre. Aos outros a quem contou, inclusive Vaclav, não tinham acreditado. Tinham-na chamado de “jovem dama” e “altiva e orgulhosa”. Só conseguiu que sua vida fosse muito mais dura. Ela se lembrou enquanto contemplava sua roupa de camponesa, seu cabelo revoltado e seu seio meio exposto. Ela



parecia-se tanto com a condessa de Arondale quanto a anciã que cozinhava lá fora, inclinada sobre o fogo. Quase podia ouvir as gargalhadas do alto cigano, e em pensá-lo oprimiu seu coração.

— Fugi de casa — mentiu —. Um homem me seqüestrou e me vendeu aos ciganos. Aquela parte era verdade. — Havia um pasha em Constantinopla que gostava das mulheres de pele clara e parece que pagava muito bem.

Tráfico de brancas. Era melhor do que estar morta — ou ao menos isso era o que pensava o homem que a tinha raptado. Ele tinha um pouco de consciência.

— Vaclav tinha dinheiro, muito dinheiro. — Provavelmente roubado. — Ele ofereceu e eles o aceitaram.

Haviam ponderado que vende-la a outro cigano não era o mesmo que deixá-la em liberdade.

— E se manteve afastado de sua cama todo este tempo? — Dominic a olhou de cima abaixo fazendo com que ruborizasse — Não é estranho que se tornasse um pouco louco.

Ela não fez caso de seu comentário, negando-se a deixar-se levar nessa direção.

— Vaclav já não está. Agora me vejo forçada a lidar com você. O que me vai acontecer agora?

Certo, pensou. A última coisa que precisava era de uma mulher. Ao menos uma que fosse dele. Dentro de poucas semanas mais estaria de volta a sua vida na Inglaterra. De retorno a seus deveres e as suas responsabilidades. Não precisava acrescentar mais.

— Suponho que isso depende de você. No momento sugiro que tente dormir. Parece necessitá-lo.

Ela o olhou como um gatinho cauteloso.

— Aqui?

— Acredito que o achará cômodo.



— Onde você vai dormir?

— No chão, ao lado do carro - Dominic avaliou a branca pele da mulher, sua pequena cintura e seus exuberantes seios— A menos que me queira aqui com você.

Os olhos verdes brilhantes como esmeraldas, se entrecerram irritados.

— Eu já disse que não me deitarei por vontade própria nem com você nem com nenhum outro homem.

Dominic riu em silêncio, mais divertido do que deveria por seu desafio. Nunca tinha conhecido uma mulher como ela, toda paixão e determinação. Certamente uma inglesa, não. Era uma verdadeira tentação que lhe intrigava mais a cada minuto que passava.

— Logo o veremos, gatinha ferosa. Logo o veremos.

Ela se moveu neste mesmo momento e sua andrajosa blusa branca se abriu por completo revelando um seio crescido. Parecia firme e suave perfeito para encaixar na mão de um homem. Sentiu uma pontada na virilha. De acordo, dormiria no chão, mas depois de deitar com Yana para aliviar a enorme dor que começava a sentir.

— Tentarei conseguir algo para comer — ele disse com voz ligeiramente rouca.

— Obrigada.

Pegando uma bolsa de moedas de ouro de um de seus baús, Dominic abandonou o carroção para saldar sua dívida com Vaclav. Sua mãe o deteve na borda do círculo de luz da fogueira.

— Comprou a mulher do Vaclav - Pearsa contemplou a bolsa com olhar acusador—. O que vai fazer com ela?

— Ainda não decidi.

— É um problema. Posso senti-lo. Não devia ter interferido.



Dominic apertou a mandíbula. Pensou na bela mulher de chamejante cabelo que estava no carroção. Em como seria a ter movendo-se sob seu corpo com as esculturais pernas o rodeando. Pensou em quanto tinha desejado Vaclav exatamente o mesmo.

— Eu sei - foi só o que disse.



Capítulo 3

Estende para minha sua pequena mão

Quando te vejo chorar,

OH balsâmicas lágrimas!

As recolheria e conservaria.

— Poema cigano George Borrow

Catherine comeu até o último bocado do guisado que a anciã lhe levou, grata de poder acalmar, por fim, seu estômago. Depois se deitou debaixo do edredom colorido e remendado que cobria o fofo colchão, sentindo-se quente pela primeira vez há semanas.

Seus olhos revisaram o interior do carroção, iluminado pela cálida luz de uma vela. Uns armários rodeavam o vardo, e tudo estava colocado em seu lugar. Uma rústica camisa desfiada de manga longa pendurada em um prego ao lado de uma brilhante seda vermelha. Um cachecol de seda amarela, um par de calças de montar negras, um colete bordado com fio dourado e uma fileira de brilhantes moedas de ouro na frente, pendurados ao seu lado.

O vardo era similar aos outros que tinha visto, mas mais limpo e ordenado e tinha sido construído de uma forma que as pranchas de madeira se encaixassem melhor umas com as outras. A única coisa que parecia fora do lugar eram vários livros encadernados em couro que lotavam um espaço ao lado de um pequeno cavalo esculpido em madeira. Já que os ciganos não sabiam ler, por que os teria comprado? Ou, o que era mais provável por que os teria roubado? Também se perguntou se o enigmático Domini tinha esculpido o pequeno cavalo de madeira.



Catherine apagou a vela, ficou de lado e fixou a vista na escuridão do interior do carroção. Pesavam-lhe as pálpebras, tinha o corpo machucado e estava esgotada, mas não se atrevia a dormir. Em lugar disso prestava atenção em cada som do lado de fora, por menor que fosse esperando ouvir os passos do homem que ela tinha certeza que viria.

Para que a tinha comprado, se não era para ela esquentar sua cama?

Sobressaltou-se ao ouvir o ulular de um mocho, relaxando-se com um suspiro de alívio ao compreender do que se tratava. Umas esporádicas gargalhadas atravessavam o espaço entre os carroções, mas foram gradualmente desaparecendo. Enquanto a noite avançava, identificou os bufos dos cavalos, os últimos rescaldos do fogo que chispavam, mas não ouviu que se aproximassem os passos de algum homem. Por fim dormiu, despertando ao amanhecer com a voz grave do alto cigano.

— Já saiu o sol, Catrina. Desperte, a menos que queira que te faça companhia — ele abriu de um puxão a portinhola de madeira e Catherine se levantou subindo os lençóis até o queixo.

— Sempre entra no quarto das damas sem pedir permissão?

— Não sempre — ele respondeu com uma risada maliciosa— mas com freqüência suficiente apenas para ter um momento agradável - seus olhos a percorreram inteiram, notando seu aspecto desganhado, as manchas sob seus olhos, a tensão ao redor de sua boca que traía suas horas de insônia— Tem um aspecto pior do que ontem à noite. Você não gostou da minha cama?

Catherine se eriçou, elevando o queixo, mas levantou timidamente uma mão para jogar para trás as mechas de cabelo emaranhadas por dormir.

— Tinha medo que você..., me ocorreu que podia mudar de ideia sobre onde dormir.

Certamente, ele, não tinha um mau aspecto como ela, pensou. De fato parecia completamente descansado. Seus traços eram incríveis: um nariz reto, uma suave pele



morena e uns olhos de obsidiana com cílios grossos. Sua boca parecia esculpida em pedra, perfeitamente esculpida, e, quando sorria, mostrava os dentes mais brancos que ela já tinha visto.

— Decepcionada? — ele zombou, arqueando uma espessa sobrancelha negra.

Era bonito, mas não no sentido habitual da palavra. Havia nele uma dureza, uma certa qualidade que tinha notado desde o começo. E que só o deixava mais atraente.

— Não.

Dominic sorriu como se não acreditasse. Que arrogância! Mas claro, era cigano.

— Há uma jarra e uma bacia com água no armário a sua esquerda — ele lhe ofereceu uma blusa parecida com a que Vaclav tinha rasgado, mas com muitos bordados— Minha mãe preparou café, pão e brynza — queijo de ovelha. Venha e se junte a nós.

Ela segurou a blusa.

— Da sua mãe? — Parecia muito grande para ser de uma mulher tão frágil.

Dominic lhe dirigiu um sorriso divertido. Hoje tinha colocado um brinco de prata em uma orelha.

— Peguei emprestada de uma amiga. Quer que a ajude a colocá-la?

— É obvio que não!

— Então sugiro que se apresse. Se não tiver saído quando eu tenha terminado o café, voltarei - lhe jogando um último olhar desafiante, deu meia volta e saiu do carroção.

Catherine saiu apressadamente da cama, tirou os restos da blusa que usava e pôs a camisa limpa. No começo ela se scandalizou pela escassez de roupa das ciganas, que consistiam em uma saia e uma blusa sem nenhum tipo de roupa de baixo. No inverno se limitavam a por uma peça de roupa em cima da outra para manterem-se quentes. Agora tudo lhe parecia completamente normal.



Usando os dedos para desenredar o cabelo, Catherine lavou a rosto, fez todo o possível por alisar as rugas da saia vermelha e desceu os degraus do carroção.

— Muito melhor — Dominic exclamou olhando-a com aprovação — Encontrará um pouco de privacidade a sua esquerda - acrescentou olhando naquela direção.

Agradecida por ter percebido o que precisava, dirigiu-se para lá e terminou com seu asseio. Sabia que devia tentar escapar. Mas não era fácil estando sozinha e sem dinheiro e sem sequer saber para onde ir. Em lugar de fazê-lo voltou para acampamento e Dominic lhe ofereceu uma lata enegrecida, cheia de um perfumado café quente.

— Mais tarde — ele lhe disse — depois que tenha ajudado minha mãe com suas tarefas, pode ir descansar. Amanhã você estará melhor — ele dirigiu um sorriso a frágil mulher. - Esta é Pearsa, minha mãe. Espero que faça tudo o que ela diga. Ele disse, — Depois de ter ajudado minha mãe com suas tarefas, você descansará.

Pearsa não disse nada, limitou-se a lhe dirigir um olhar tão frio que poderia ter congelado as pedras. Outra velha bruxa odiosa pensou Catherine. Quase podia sentir a mordida da vara de salgueiro ferindo suas costas e suas pernas.

Desta vez não, prometeu-se a si mesma. Agora era mais forte, não estava atemorizada como no começo. Naquele tempo era só uma jovem inocente, muito aterrorizada para fazer algo. Mas durante os meses em que se viu forçada a abandonar seu lar, tinha mudado. Tinha perdido toda sua inocência exceto por um último vestígio, mas tinha aprendido a sobreviver.

— Se tentar me bater, lutarei — Catherine ameaçou, pensando nos outros que a tinham tratado tão mal.

Era melhor deixar as coisas claras desde o começo. Dominic a olhou um momento, depois deixou a xícara de café e ficou diante ela. Inclinou-lhe o queixo com a mão.



— Aqui ninguém vai te machucar. Apenas faça sua parte do trabalho e não se meta em problemas. De noite poderá dormir em paz - os longos dedos passaram de seu queixo para a bochecha, segurando seu rosto e enviando um quente estremecimento ao longo de sua espinha dorsal — Quando eu estiver preparado para reclamar o que é meu, você saberá.

Dominic a ouviu conter a respiração, viu o sedutor rubor que coloriu suas bochechas, e a resposta lhe pareceu encantadora. Estava a ponto de sorrir. Embora quando a comprou não o fizesse com essa intenção, cedo ou tarde a reclamaria. Cada vez que a olhava notava que seu corpo se excitava. Havia algo diferente e fascinante nela.

Na noite anterior, nos braços de Yana, introduzido profundamente em seu corpo, em quem pensava era na mulher do cabelo cor fogo. Era a mulher de cabelo chamejante quem desejava. De onde teria vindo? Que segredos ocultava?

Era cada vez mais evidente que tinha sofrido nas mãos de sua gente. Algumas tribos eram mais violentas que as outras, algumas roubavam mais, outras se mantinham mais à margem da lei. E com os séculos os preconceitos contra os Rom tinham aumentado, todos eles eram uns estranhos temidos e odiados. Uma mulher Gadjo, comprada e paga por eles, podia ser tratada pior do que um escravo.

Contemplou-a agora, enquanto comia o pão e o queijo, bebendo goles do café adoçado, e o olhando dissimuladamente através dos espessos cílios de uma cor muito mais escura que seu cabelo. Podia ver o topo de seus firmes seios, calcular sua cintura estreita, cogitar sobre o que havia mais abaixo. Quando separou os lábios para morder o queijo, sua pequena língua rosada apareceu no canto da boca e o sangue de Dominic se acelerou nas veias. Ele esticou o corpo e sentiu uma aguda dor nos rins.



Quantos homens já a haviam possuído? Quantos tinham abusado dela sem nenhuma consideração por seu prazer? Certamente mais de um teria caído vítima de tão maravilhosa tentação.

Teria que ir com cuidado com ela, permitir que se acostumasse com a idéia de compartilhar sua cama. Iria lhe dar algum tempo, mas não muito já que tinha pouco. O suficiente para suavizar seus temores e para que lhe permitisse aquecê-la. Dominic não tinha nenhuma dúvida de que ela se meteria em sua cama de boa vontade.

Afinal, Gadjó ou cigana, era só uma mulher.

* * *

Catherine trabalhou ao lado da cigana idosa, recolhendo lenha, esfregando os utensílios de cozinha e remendando roupa. Não se importava de trabalhar, tinha acabado por gostar das pequenas tarefas diárias que a faziam sentir-se útil. Esticou-se para aliviar a dor nas costas, estendeu uma mão e pegou uma florzinha amarela de uma moita que crescia aos pés de uma árvore. Quando se endireitou, viu que a anciã a olhava.

— Pode pegar mais se você gosta - disse Pearsa — meu filho também gosta delas.

Não a surpreendeu muito que a mulher falasse inglês, já que a maioria deles falava vários idiomas além do próprio. Suas andanças os levavam por diferentes países. Eles precisavam disso para poder mover-se de um lado para outro com facilidade.

— É a primeira vez que as vejo - Catherine cheirou as delicadas pétalas e logo se inclinou para reunir um ramalhete.

Pearsa simplesmente grunhiu e se afastou, deixando Catherine sozinha. Felizmente, já que quando a anciã mencionou o seu filho, tinha-a feito pensar nele. Não podia imaginar ao atraente e arrogante cigano desfrutando de um buquê de flores. O mais provável é que



fosse tão duro e cruel como o resto deles. Lembrou do que ele havia dito do modo que tinha sido cuidadoso. “Quando estiver preparado para reclamar o que é meu, saberá”.

Catherine estremeceu, e não de frio. Durante a viagem de caravana para o norte, viu-se protegida pela avareza dos ciganos pelo ouro. O pachá turco pagava uma pequena fortuna por uma mulher virgem, e estavam decididos a obter sua recompensa. E a Vaclav tinha enganado facilmente, façanha da qual não estava particularmente orgulhosa, mas que foi absolutamente necessária.

Em troca, este enigmático cigano, era completamente diferente. A partir dessa mesma manhã, sabia sem nenhum tipo de dúvida que planejava levá-la para sua cama. Nenhum homem nunca tinha cuidado dela do modo que ele tinha feito. Nenhum tinha conseguido dobrar sua vontade com tanta facilidade.

E ele era muito inteligente para deixar-se enganar. Catherine podia vê-lo em seus ousados olhos escuros e senti-lo no modo que observava todos seus movimentos.

Até este último giro dos acontecimentos tinha considerado que a sorte estava do seu lado. Embora a tivessem surrado brutalmente, já não estava destinada ao tráfico de escravas brancas e sua virtude permanecia intacta; um presente que algum dia ofereceria ao seu marido quando regressasse para a Inglaterra. Tinha tido sorte; bahtalo, diziam os ciganos.

Mas uma olhada a clareira onde o perigoso homem chamado Domini estava trabalhando pacientemente com os cavalos bastou para que soubesse que sua sorte estava a ponto de acabar.

* * *



Como Dominic tinha lhe ordenado, Catherine dormiu a sesta toda a tarde e despertou sentindo-se mais forte do que se sentia ha semanas. Comeu um pouco de carne de veado fria que a anciã lhe deu, refrescou-se no rio, e pensou que já estava mais preparada para enfrentar o desafio de retornar para sua casa.

Sabia que ia ser difícil, senão impossível. Mas já não estava sendo vigiada a cada momento nem amarrada a noite na carreta. Se mantivesse um olhar atento, esperando e rezando, estava certa de que cedo ou tarde se apresentaria uma oportunidade para escapar.

E chegou antes do que tinha esperado.

Ao entardecer do dia seguinte chegou um sucateiro ao kumpania, o acampamento, esperando vender algumas de suas mercadorias ou afiar algumas facas ou tesouras. A pintura verde descascada de seu carroção indicava o que foi um brilhante negócio decaindo, mas as rodas pareciam fortes e a mula estava sã.

— Armand é um Romane Gadjo, - informou-lhe Dominic, dirigindo-se para onde estava ela olhando a borda do prado — Jozsef e ele são velhos amigos — A maioria dos viajantes não se aventurava a aproximar-se dos acampamentos de ciganos, mas este homem levava muitos anos percorrendo os caminhos e, aparentemente, conhecia o chefe — Venha. Vejamos o que tem para oferecer.

Dominic lhe dirigiu um de seus deslumbrantes sorrisos e a pegou pela mão. Seus dedos eram longos e escuros comparados com os dela. Pôde sentir sua força e seu calor quando a ajudou a subir a rampa do carroção.

Quando ela olhou seu perfil, percebeu que a luz das chamas delineava os duros ângulos de seu rosto, lhe proporcionando um aspecto afiado e perigoso que não tinha notado antes. Seus traços eram mais enérgicos do que da maioria dos ingleses que



conhecia e sua pele mais escura. De fato, tudo em Dominic parecia maior e mais poderoso que em qualquer outro homem que tivesse conhecido.

— Domini! Traga a mulher Gadjo. Já é hora de darmos uma olhada em seu prêmio.

Dominic a conduziu em direção à aguda voz do homem. Depois de se desviar de uma corda amarrada entre duas carretas e coberta de roupas andrajosas, mas recém lavadas, pararam diante de um grupo de pessoas formado por um ancião alto e magro; uma mulher obesa e com um ligeiro bigode; e uma jovem grávida. Todos eles riam e conversavam ao redor de uma pequena fogueira.

— Catrina, estes são Jozsef, nosso chefe - disse Dominic — sua esposa, Czinka, e sua nora, Medela.

— Olá! — Catherine forçou um sorriso inseguro. Eles se limitaram a olhá-la de cima abaixo e logo voltaram para seu rosto. Não, para seu rosto não, para seu cabelo.

— Bale kameskro, - disse Jozsef com o que pareceu ser aprovação — Talvez nos traga boa fortuna.

— O que traz bala kam... kam...

— Bale kameskro - repetiu Dominic— Literalmente significa cabelo de sol, mas é nossa palavra para dizer ruivo, uma mulher ruiva. Acredita-se que atrai a boa sorte.

Agora que o pensava, uma vez, durante o tempo que tinha passado com os ciganos do norte, alguém tinha se aproximado dela enquanto dormia e tinha cortado uma mecha de cabelo. Nesse instante compreendeu que tinha sido para ter boa sorte, embora então se sentisse dividida entre a ira e o medo.

A moça grávida avançou e tocou a pesada massa vermelho-loiro de um modo quase reverente, acariciando devagar os grossos e brilhantes cachos. O comprido cabelo negro da cigana era igual ao de sua sogra e o de todas as mulheres casadas; estava coberto por uma espécie de cachecol, um diklo, preso na nuca.



— É muito bonito - disse Medela quando um cacho cor bronze se enrolou em seu dedo. Sorriu suavemente, quase com acanhamento, diferente de outras ciganas que Catherine conhecia.

— Obrigada - os olhos de Catherine se dirigiram a Dominic — Se quiser posso cortar um pouco e dar-lhe.

Um cálido sorriso apareceu em seu rosto.

—Medela se alegraria.

Também Dominic parecia contente, seus traços estavam menos severos enquanto a olhava sob a luz do fogo.

— Se o fizer, levá-lo-ei aqui, junto ao menino - disse Medela acariciando o ventre inchado.

Dominic apoiou uma bota sobre a rampa do carro, subiu e tirou uma faca fina com cabo de osso.

— Dê a volta.

Catherine não gostou do brilhante aspecto da lamina, mas obedeceu. Dominic levantou uns cabelos da parte superior e cortou um pouco. Entregou o cabelo a Medela, que sorriu radiante.

— Mandi pazzorrhush —disse ela— estou em dívida com você.

Czinka moveu seu volumoso corpo fazendo tilintar as campainhas que pendiam dos lóbulos de suas orelhas, as saias formaram redemoinhos nos quadris.

— Pode ser que o preço que pagou por ela não seja muito alto depois de tudo —. Disse para Dominic, que pareceu incômodo com o aviso, mas não respondeu.

Os quatro começaram a falar sobre o tempo, que logo seria quente, a aliviando; da próxima feira de cavalos a que iam, e, finalmente, da chegada de Armand, o sucateiro.



— Como de costume, vêm para nos vender suas mercadorias baratas por um preço muito alto - disse Jozsef, mas havia afeto em sua voz.

— Será bom vê-lo outra vez - interveio Dominic.

Despediram-se uns dos outros e Dominic a pegou pela mão uma vez mais, e sua mão era firme e quente enquanto a levava para o sucateiro. O carro do francês estava a uma considerável distância no prado, e estava rodeado por vários ciganos, homens e mulheres, imersos em uma animada negociação. Vários cães sarnentos ladravam e pulavam nos arredores.

— Domini! — chamou-lhe o ancião — Passou muito tempo, ami.

O homenzinho sorriu de orelha a orelha, deixando ver uma fileira de dentes podres, mas seu sorriso era amistoso e Dominic respondeu com um de seus quentes sorrisos.

— Não mudou nada - disse Dominic em francês, idioma no qual tinha falado o sucateiro — Continua sendo o único Gadjo capaz de enganar a um cigano.

Ambos os homens puseram-se a rir e falaram do passado como se só tivessem se passado uns poucos dias. Catherine sentiu a mão de Dominic em sua cintura, um toque ligeiramente possessivo. Quando tentou afastar-se, ele apertou-a com mais força lhe lançando um olhar de advertência.

— Vejo que tomou uma esposa - disse o sucateiro — Sem dúvida passou muito tempo.

A mão de Dominic desapareceu.

— É inglesa - disse como se isso fosse explicação suficiente — Mas não é minha esposa. Simplesmente é uma posse é o que queria dizer e Catherine ficou tensa. Acredite no que quiser, mas está errado.

— Por quanto tempo vai acampar conosco? — Perguntou Dominic.



— Não posso ficar. Comerei e beberei com Jozsef, ouvirei Ithal tocar o violino e depois irei. Tenho um negócio em Arles que não pode esperar.

Dominic simplesmente assentiu com a cabeça. De entre os utensílios de cozinha, sinos, facas e diversos artigos que levava o sucateiro, escolheu uma pequena caixa em forma de coração.

— Para você - ele lhe disse uma vez recuperado seu bom humor — para que guarde as fitas bonitas que vou comprar.

Catherine olhou o objeto que ele lhe dava. Queria poder lhe dizer que podia guardar seus estúpidos presentes. Mesmo que a caixinha fosse feita de ouro puro, não seria o suficiente para comprar seus favores. Mas ao invés de dizer isso, sorriu docemente e aceitou o coração de lata.

— Obrigada.

A mão de Dominic voltou a descansar em sua cintura. Catherine sentiu um calor que deslizou por seu corpo igual ao da mão dele. Não sabia muito bem porque, mas o suspeitava e não gostava nem um pouco.

— Acho que desfrutarei de comprar presentes para você, gatinha ferosa - sua voz rouca caiu sobre ela como uma carícia e lhe acelerou o coração.

— Não deveríamos retornar? Sua mãe necessitará de minha ajuda para preparar o jantar. Agora sabia porque a mãe dele estava tão preocupada, Dominic era muito protetor. Tinha ficado muito contente pela quantidade de trabalho de Pearsa que Catherine tinha realizado nos dias anteriores. E para sua surpresa, como havia dito sua mãe, tinha se encantado com as flores amarelas.

— Penso que tem razão - Regateou um pouco com o velho francês pela caixa em forma de coração — Au revoir, amigo. Que tenha bahtalo drom até que voltemos a nos ver.



Isso significava boa viagem, o adeus cigano que Vaclav utilizava freqüentemente. Catherine exalou um melancólico suspiro, desejando ser ela quem partisse em direção à costa, para Inglaterra e para casa.

De repente se deu conta. Era uma idéia tão simples e incrivelmente elementar que forçosamente tinha que funcionar. Custou-lhe uma grande força de vontade dominar seus pensamentos e permitir que Dominic a conduzisse de volta à carreta. Ao longo do caminho vários meninos brincavam de correr ao lado de suas longas pernas. Ele parou para pegar a um deles e o pôs em cima dos ombros.

— Janos, esta é Catrina - ele disse ao descamisado e descalço guri. Era assombroso, mas os meninos nunca pareciam ter frio.

— Olá - o menino sorriu timidamente.

— Olá Janos - respondeu Catherine.

Ela sempre tinha gostado de crianças. Em seu país tinha feito parte de um grupo chamado Associação para Melhorar as Condições dos Pobres, trabalhando para educar aos meninos das classes inferiores. Graças aos seus esforços e aos de seu pai, antes que este morresse, os filhos dos aldeãos de Arondale iam à escola com regularidade. Ela tinha ido vê-los freqüentemente. Ver este menino lembrou-a de seu lar, da família que estava há semanas sem ver e lhe fez um nó na garganta.

Afastou o olhar do menino que estava montado nos largos ombros de Dominic, agarrado em seu encaracolado cabelo negro. Quando voltou a olhar para o alto cigano, ele a estava olhando com uma expressão estranha.

Desceu o menino e este saiu correndo com os outros.

— Você gosta de crianças?

— Sim — ela disse suavemente — Muito.

Dominic não disse mais nada.



No jantar comeram batatas fritas, couve e um frango assado que tinham tirado da gaiola que havia debaixo do carroção de Pearsa. Catherine tinha aprendido que os ciganos tinham um frango de cada cor, de modo que se um granjeiro dos arredores vinha em busca de um que tivessem roubado, encontraria com outros do mesmo aspecto que dissimulavam o que tinha desaparecido.

Dominic se sentou ao seu lado, muito perto para seu gosto; e começou a falar do tempo, o qual, embora as noites continuassem sendo frias, tinha começado a melhorar tal e como havia predito Vaclav. Falou de seus cavalos, do quanto os apreciava e deixava muito orgulhoso, e da próxima feira.

— Eu acho que vai se divertir - ele disse — É uma reunião muito pitoresca.

Certamente falava um bom inglês para ser cigano, pensou ela distraidamente, mas a verdade é que tinha problemas para concentrar-se na conversa. Perguntava-se qual seria o melhor momento para fugir para o carro do sucateiro, rezando porque não fosse muito tarde e tentando ignorar a musculosa coxa que se apertava muito audazmente com a sua.

— Ainda estou um pouco cansada - ela disse finalmente — Se não se importar, eu gostaria de dormir um pouco.

— Está certa de que não quer companhia? — ele brincou.

Seus olhos azeviche se fixaram nela fazendo com que Catherine sentisse revoar mariposas em seu estômago.

— Completamente segura.

Ele levantou a mão e retirou uma mecha de cabelo de seu rosto, lhe tocando apenas a pele com o dedo. Para Catherine pareceu que era o toque das asas de uma borboleta e lhe acelerou o coração.

— Boa noite, pequena — ele disse. Com um último olhar cauteloso, deu a volta e se afastou.



Catherine se apressou em subir a escada, abriu a porta do carroção e entrou em seu interior, iluminado pela luz das velas, procurando por seu frágil amparo, da qual não estava muito segura. Pouco depois apagou a vela e se deitou, atenta e esperando, em silêncio. Não acreditava que o alto cigano aparecesse. Não era dos que quebravam com sua palavra. Avisaria-a quando estivesse disposto a possuí-la; só que Catherine já não estaria mais lá.

* * *

A longa espera a pôs a beira de um ataque de nervos. Os cães ladravam, os cavalos relinchavam, os meninos brigavam uns com outros; mas por fim os ciganos começaram a ficar em silêncio. Não tinha ouvido o estalo contínuo e o som metálico do carro do sucateiro abandonando o acampamento, de modo que calculou que ainda tinha tempo para fugir para dentro dele. Viajaria no carro tão longe quanto se atrevesse depois se desceria e encontraria algum outro meio de transporte.

Catherine abandonou o calor da macia cama de Dominic com relutância e se dirigiu, no frio da noite, à ladeira de madeira situada à direita do carroção. Tinha-o visto tirar dali as moedas com as quais tinha pagado Vaclav; rezou para que restassem algumas. Procurou entre uma mistura de mantas, bridas, escovas metálicas e toda tipo de coisas que ele usava para cuidar dos cavalos, finalmente encontrou uma pesada bolsa cheia de moedas, mais do que tinha sonhado encontrar.

Sentia ter que roubar, mas certamente não tinha outra opção. Uma vez que chegasse a sua casa, encontraria uma maneira de devolver o dinheiro. Pegando só o que achou que ia precisar, Catherine colocou as moedas no bolso da saia, apanhou seu esfarrapado grande xale de lã e o pôs ao redor dos ombros. Ela prestou atenção para assegurar-se de que não



havia ninguém nos arredores, abriu a porta do carroção e desceu silenciosamente a escadinha.

Pearsa dormia em um carro em frente do fogo, mas a Dominic não se via em nenhuma parte. Com um suspiro de alívio, esperando que não aparecesse de repente, Catherine atravessou o espaço entre os carroções, esquivando das brasas de todas as fogueiras e deslizando-se silenciosamente entre as sombras.

O carro do sucateiro estava estacionado em um extremo do acampamento, um de seus lados estava quase abafado pelas altas ervas do prado. Aproximando-se pela parte de atrás, Catherine se agachou, levantou a lona e subiu nele.

Desde sua incômoda posição atrás de uma caixa, no frio chão de madeira, podia ouvir ao velho Armand a distância, falando em francês com Jozsef. A musica do violino fazia tempo que parou, e ela esperava que se separassem logo. Desejou ter tido a previsão de levar uma manta consigo; rodeou as pernas com os braços para se proteger do frio, e, apoiando o queixo nos joelhos, dispôs-se a esperar.

* * *

Dominic estava de pé entre as sombras, ao lado do carroção de Yana. No começo tinha se surpreendido em ver Catherine saindo do vardo, mas depois de observá-la durante uns instantes, viu claramente quais eram suas intenções.

—Domini? — A sensual voz da Yana saiu da parte traseira do carroção. Abriu-a e seus olhos amendoados, negros como a noite que lhes rodeava, fixaram-se no rosto dele — Por que não entra? Já me tem feito esperar muito tempo.

Seu brilhante cabelo negro caía sobre seus ombros nus até o amplo decote de sua blusa. Os peitos se elevavam e desciam ao ritmo de sua respiração, com os mamilos endurecidos por causa do frio.



— Eu temo que vá ter que esperar um pouco mais - disse Dominic — Aconteceu algo. Yana sorriu sedutoramente.

— Assim deveria ser. Venha para dentro, meu amor. Deixa que Yana o ajude - estendeu os braços, lhe incitando, mas Dominic os ignorou.

— Depois - disse, dando meia volta e afastando-se.

Na realidade estava um momento fora do carroção decidindo se ia entrar ou não. Tinha pensado em reunir-se com ela como tinha lhe prometido, mas tinha se entretido bebendo uns goles de palinka, um forte brandy cigano, fumando um charuto, olhando os cavalos, atrasando seu encontro com a voluptuosa cigana quando deveria ter esperado seu encontro com ela com expectativa.

Dominic jurou suavemente, sabendo que era Catherine e não Yana a quem desejava essa noite; a Catherine e não à mulher que estava há semanas esquentando sua cama. A Catherine, a descarada mulher de cabelo vermelho que fazia bem em tentar escapar dele agora.

Dominic cruzou o acampamento, abriu a porta de seu carroção e entrou no interior escuro. Entre os Rom não era necessário preocupar-se que alguém roubasse; entre irmãos não se roubava. Mas a mulher Gadjo que tinha resgatado a custa de seu orgulho, era algo completamente diferente.

Acendendo a vela de cera da prateleira, foi diretamente à ladeira de madeira e abriu a tampa. Enquanto sua mão remexeu pelo interior, de um lado para o outro, sabia que não encontraria o ouro. Tinha sido um estúpido em confiar nela; e a traição da mulher lhe deixou um gosto amargo na boca.

Procurou mais profundamente, endurecendo mais e mais a expressão a cada segundo que passava. Quando estava a ponto de dar por finalizada a busca, seus dedos se



fecharam em torno de uma áspera bolsa de couro. Tirou-a e a levantou. Pesava um pouco menos, mas pouco. Por que não tinha roubado tudo?

Não tinha resposta para isso, mas o fato de que não o tivesse feito melhorou seu humor. Suspirou, inalando o aroma dela que ainda permanecia no carroção. Cheirava a limpeza, ao sabão que tinha usado, misturado com um aroma doce que não podia identificar. Lembrou como tinha saído furtivamente do carroção. Devia estar incômoda e gelada.

Bem, pensou, sorrindo em vez de franzindo o cenho como deveria estar fazendo. Ela tinha que ter coragem para abandonar o calor e a comodidade de seu vardo, a certeza de um fogo e de um ventre cheio de comida, e fugir sozinha de noite. Não é que não o fosse dar uma boa repreensão quando a apanhasse. De qualquer jeito era preparada, e uma inglesa com uma coragem e uma inteligência como as suas era um tesouro digno do escandaloso preço que tinha pago por ela.

Dominic saiu do vardo, viu que o carro do sucateiro já se punha em movimento, e se dirigiu para seus cavalos. Adoraria ver a expressão do precioso rosto de Catherine quando a alcançasse. Estava impaciente para enfrentar o desafio.

* * *

Os utensílios de cozinha tilintavam, o carro rangia e bamboleava, foram estralando pelo poeirento caminho em direção a distante cidade de Arlés na Camargue francesa. Catherine se dirigiu trabalhosamente para a parte traseira do carro e deu uma olhada por debaixo da lona, observando o caminho que tinham percorrido. As fogueiras do acampamento se viam a distância, mas não demorariam em desaparecer da vista. Passariam horas até que chegasse o amanhecer, quando Dominic sentiria sua falta. Horas



para se afastar do acampamento cigano e do homem cujo escuro olhar lhe provocava algo estranho que preferia não analisar.

Catherine apoiou as costas na áspera madeira do carro e desfrutou de seu primeiro encontro real com a liberdade. O ar tinha um aroma mais doce e os sons da noite eram mais serenos. Pela primeira vez nas últimas semanas permitiu que a esperança se apropriasse de seu coração e se recostou sonolenta para passar as horas até que chegasse a manhã.



Capítulo 4

Não te separe dos irmãos

Seja fiel aos irmãos

Paga suas dívidas aos irmãos

— *Lei cigana*

George Borrow

Catherine dormiu tão profundamente que não sabia se o sono tinha durado horas ou simplesmente alguns minutos. Despertou lentamente, demorando uns instantes para se dar conta de que o carro havia deixado de mover-se e outros tantos para notar que algo suave e quente lhe acariciava a pele. Ofegou quando sentiu a presença do cigano ao seu lado lhe mordiscando brandamente a nuca.

— Está a salvo, gatinha fogaosa — ele a tranqüilizou quando tentou afastar-se — Eu vim te resgatar dos lascivos ataques do Armand.

— Você!

— Não esperaria que fosse seu velho amigo Vaclav?

— Me solte! —ela tentou libertar-se, mas os braços dele a aprisionaram.

Não tinha escapatória, Dominic a levantou em seus braços, levando-a para a parte traseira do carro. Saltou para o chão com facilidade, segurando-a fortemente contra seu peito.

— Devo desafiar ao meu velho amigo? — ele zombou— Eu devo matá-lo tê-la sequestrado? Foi isso o que aconteceu? Armand entrou em meu carroção e te obrigou a ir com ele?



Catherine se esticou, pressionando com as mãos seu torso musculoso.

— O sucateiro não sabia de nada. Eu escapei do acampamento sozinha. Foi minha idéia.

Ele a olhou com uma expressão entre surpresa e aprovação por sua honestidade.

— Você de verdade acreditou que eu iria permitir que um prêmio como você fugisse de mim? Parece-me extremamente desagradável que preferisse a companhia de um velho sucateiro desdentado à minha. Soltou-a, mas manteve um braço firmemente ao redor de sua cintura. Catherine corou enquanto se deslizava lentamente por seu musculoso corpo até o chão.

— O que esperava? É cigano.

Catherine se alegrou ao vê-lo franzir o cenho perante suas palavras. Não gostava do modo que a olhava. Não gostava do calor e do atordoamento que a fazia sentir.

— Merci beaucoup, mon ami — ele disse ao sucateiro.

— Au revoir, Domini - respondeu o ancião, obrigando à mula a andar. O carro estremeceu ao começar a mover-se.

Dominic agarrou Catherine pelo braço e se dirigiu com ela para um grande garanhão cinza preso a uma árvore a beira do caminho. Agarrando uma manta da sela de couro, a pôs em cima de seus ombros, levantou-a e a colocou de lado na sela. Enquanto ele subia atrás dela, Catherine se perguntou, desesperada, como era possível que a tivesse encontrado tão rápido.

Inspecionou a escuridão iluminada pelas estrelas que os rodeava. Não havia nem o mais leve indício de que estivesse amanhecendo. Não devia ter demorado muito para descobrir sua ausência.

— Não tem nada que dizer em sua defesa, pequena tschor?



— O que significa isso? — Perguntou bruscamente, dividida entre a ira e o desânimo. Estava fazendo todo o possível por não apoiar-se nele, o qual era quase impossível por culpa dos movimentos do cavalo enquanto este caminhava lentamente pelo atalho de terra.

— Tschor significa ladrão. Isto significa que sei que me roubou dinheiro.

— Só peguei o que necessitava para fugir. Eu pensava em lhe devolver assim que pudesse.

— Por que desejava escapar? Por acaso eu estava te maltratando? Eu a deixava sem comer? A surrava?

Catherine ignorou suas brincadeiras.

— Se alguém merece um insulto é você, porque se descobriu que eu tinha ido é por que entrou no carroção. Quebrou com sua promessa, de modo que ambos sabemos quais são suas intenções e a razão exata pela qual eu desejava ir.

Ele riu ao ouvi-la e ela se perguntou por que não parecia estar furioso.

— Eu a vi — ele disse simplesmente — Estava quieto entre as sombras.

— Eu não acredito.

— Por que não? Eu acredito em você.

Sim, por que não? Até agora não tinha mentido. Ao menos não acreditava que o havia feito. Era uma idéia tranquilizadora que aliviou um pouco a tensão de seu corpo. Permitiu a si mesma apoiar-se nele, notando o calor e a força de seus braços ao redor dela e ouvindo os batimentos de seu coração. Quando ele se remexeu na sela, lhe incharam os músculos do peito e o coração de Catherine se acelerou. Ela imaginou, relutantemente, como seria sentir sua pele lisa e morena nas mãos e um suave calor se apoderou de seu estômago. Conteve o fôlego, assustada pelas desconhecidas sensações e surpreendida pela



direção que tomavam seus pensamentos. Tentou separar-se dele tão bruscamente que quase fez cair a ambos.

— Se tranquilize Catrina. O acampamento não está longe, mas prefiro retornar montado a cavalo que andando — Obrigou-a a recostar-se contra seu peito outra vez e Catherine cedeu à contra gosto.

— Realmente tem tanto medo de mim que decidiu escapar? — ele perguntou-lhe um pouco mais tarde— Ou havia alguma outra razão para que desejasse me abandonar?

Catherine pensou em seu País, em Arondale e nos amigos que tinha deixado no castelo. Pensou em seu tio, o duque, e se perguntou se ainda a estaria procurando. Pensou em Edmud, no querido e adorado Edmund, que tinha sido como um irmão para ela. Edmund que agora seria o conde de Arondale e provavelmente o responsável por seu seqüestro. Ou por acaso o culpado era outra pessoa? Edmud e Amélia a julgariam como ela aos dois?

— Queria ir para casa - disse suavemente com um nó na garganta. Ela permitiu-se ter esperanças. Agora não tinha nenhuma.

— Você me disse que tinha fugido de seu lar. Agora diz que quer voltar?

— Eu... me equivoquei - respondeu evasivamente — Quero voltar a ver minha família.

— Catrina, se o que desejava era voltar para a Inglaterra, o que tinha que fazer era pedir.

Catherine mudou de rosto, mas sua expressão ficou oculta pelo ramo de uma árvore.

— Me deixaria voltar para casa?

Seus dedos bronzeados lhe acariciaram o rosto.

— Farei algo melhor. Eu mesmo a levarei.

Catherine o olhou com cautela.



— Por que o faria? Pagou uma fortuna por mim.

— Minhas razões são minhas. Se desejar retornar para sua casa, me ocuparei de que o faça.

— Não está mentindo para mim?

Ele sorriu.

— Eu juro isso sobre a tumba de Sara-a-Kali; o santo padroeiro dos ciganos.

— Quando?

— Muito em breve - Dominic contemplou as distintas emoções que cruzaram o formoso rosto de Catherine. Viu a incerteza e o desespero transformar-se em uma leve esperança e algo balançou dentro do peito. Examinou cuidadosamente com a mão seu chamativo cabelo loiro avermelhado, cuja textura parecia seda de um vermelho aceso, e apertou o braço em torno dela. A luz da lua iluminava a curva de seus lábios, suas espessas pestanas escuras ressaltavam contra sua pálida pele. Só uma pequena contusão púrpura, uma lembrança de seu confronto com Vaclav, danificava sua perfeição.

Dominic apertou a mandíbula quando a segurou pela cintura. A pressão do peito de Catherine, brandamente recostada em seu braço e o limpo e doce aroma característico dela, emanava de seu cabelo. Dominic se remexeu na sela tentando aliviar a incômoda excitação que deformava suas calças. Um olhar à frente lhe revelou o brilho mortiço das fogueiras do acampamento cigano e ele puxou as rédeas.

— Iremos andando o resto do caminho para não despertar os outros - passou uma de suas longas pernas por cima da garupa do cavalo e saltou ao chão, ajudando-a a descer, lhe rodeando a estreita cintura com as mãos.

Caminharam pelo atalho até desaparecer entre as árvores no lugar onde estavam amarrado o resto dos cavalos. Ele tirou a sela e prendeu o baio e depois se voltou até o pequeno álamo debaixo do qual Catherine esperava.



Entrelaçou seus dedos com os dela, mas não se moveu.

— Eu já prometi te levar para sua casa, parece-me justo que me agradeça isso adequadamente.

O olhar do Catherine se fez cauteloso. Certamente a mulher não era estúpida.

— E o que se supõe que teria que fazer exatamente?

— Só te peço um beijo.

Uns olhos verdes se fixaram em seu rosto, procurando a verdade.

— Somente um beijo — ele repetiu — Não é pedir muito.

— Se sua promessa for séria, então suponho que não - se inclinou e lhe beijou na bochecha.

Dominic não podia deixar de sorrir.

— Não é isso exatamente o beijo eu que tinha pensado.

Como era possível que fosse tão apaixonada e ao mesmo tempo parecesse tão inocente? Embora possivelmente fosse essa sua forma de ser. Uma coisa era ser usada e outra ser seduzida. Que era o que Dominic queria.

— O tipo de beijo que desejo requer um esforço maior - ele disse — Se limite a fechar os olhos e eu me encarregarei do resto - ela vacilou e ele adivinhou sua indecisão — Está certa de que o que quer é voltar para seu lar?

Catherine endireitou os ombros e fechou lentamente os olhos. Dominic admirou a perfeição de seus traços enquanto ela permanecia de pé sob a luz da lua, mas só se entreteve por um instante. Segurou seu rosto entre as mãos, inclinou sua boca sobre a dela com cuidado no princípio e em seguida com uma insistência que o fez sentir um golpe de calor nas costas. Os grandes olhos verdes de Catherine se abriram de repente e ela tentou se afastar, mas ele aumentou a pressão. Quando abriu a boca para protestar, a língua dele



invadiu seu quente interior. Era tão doce como cheirava, pensou brevemente, desejando poder prová-la por toda parte.

Catherine tentou libertar-se, mas algo pareceu retê-la. Desde a primeira vez que o havia visto, se sentiu atraída pela sombria beleza de Dominic. O fato de que a tivesse resgatado só tinha servido para incrementar essa atração e no tempo transcorrido depois, tinha percebido sua poderosa masculinidade como nunca antes tinha acontecido com nenhum homem. Agora notava como movia cuidadosamente os lábios sobre os seus, provando-a com a língua, invadindo-a, obrigando-a a aceitá-lo.

Catherine notou que se excitava rapidamente, o sangue parecia correr por suas veias como se tivesse o coração à flor de pele. Era incapaz de pensar e mal podia lembrar-se de respirar. Dominic segurou seus pulsos, deixando-a presa entre o tronco da árvore e seu corpo musculoso. Quando a obrigou a colocar os braços, ainda rígidos, ao redor de seu pescoço, notou os músculos inchados sob as mãos. Sua língua parecia de seda, suas mãos eram como fogo aveludado quando acariciaram seu corpo. Os tendões de suas coxas a aprisionavam fazendo-a tremer e seus seios se apertaram contra seu torso musculoso.

Catherine gemeu. Deus Santo, aquilo não podia estar acontecendo! Não podia permitir que acontecesse. Mas mesmo assim, uma parte desconhecida de sua feminilidade o desejava. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e sua língua tocou a dele, brandamente no princípio e com mais audácia depois. Como uma nuvem que ameaçava engolindo-a, notou uma de suas mãos acariciando seu seio por cima da fina camisa de algodão enquanto a outra lhe acariciava o traseiro, moldando-a contra ele.

Quando Catherine notou sua ereção, foi como se tivesse caído um jarro de água fria. Separou-se dele, com os olhos dilatados pelo ultraje, retrocedeu e lhe deu uma bofetada no rosto.

Dominic parecia assombrado.



— Como se atreve a tomar essas liberdades!

Ela era a condessa de Arondale. Uma dama ajuizada e bem educada. Uma dama decorosa que nunca deveria ter permitido que um cigano a beijasse e que jurou não voltar a passar por isso outra vez.

Dominic a olhou pensativamente, esfregando a bochecha com a mão.

— Eu deveria te bater por isso - ele lhe recordou, mas não havia ira em sua voz, simplesmente decepção— Estaria em meu direito.

— Então por que não o faz? Se isso for o que necessita para parecer um homem...

Dominic sorriu levemente.

— Eu deveria te demonstrar o que necessito gatinha fogosa. Embora deva acrescentar que tive um pouco de estímulo.

Catherine corou até a raiz do cabelo. Jesus, ele tinha razão! Por que não o tinha detido? Por que permitiu que a beijasse? Como podia ter se comportado dessa maneira? Precisou apelar a sua vontade de ferro para enfrentar a aqueles olhos negros como a noite.

— Tem razão, é claro. Minha conduta foi imperdoável. Espero que me perdoe qualquer impressão errônea que tenha podido te dar. Nunca havia... eu acredito que baixei a guarda.

Dominic arqueou as sobrancelhas negras. Olhou-a por um instante, como se a avaliando. Em seguida um dos cantos de sua boca se curvou.

— Continua me surpreendendo, Catrina. O último que esperava é que se desculpasse.

— Tampouco seria de mais que você o fizesse.

Um brilho de diversão cruzou seus olhos e então se inclinou em uma ampla reverência.



— Por favor, aceite minhas mais humildes desculpas, milady — ele levou uma das mãos dela aos lábios e a beijou de uma forma que não teria desafinado nos salões do rei— Eu temo que isto seja o melhor que posso fazer, levando em conta o muito que desfrutei do beijo.

Catherine lutou para não sorrir e perdeu a batalha. Sorriu embora resistisse a admiti-lo. Lembrou de sua desculpa. Ele a tinha chamado de milady, sem saber quão perto que estava da verdade. Ela zombou de si mesma em seu interior. Certamente que não parecia uma dama e tampouco se comportava como tal.

Com a esperança de que ele não pudesse ver o rubor que coloria suas bochechas, agarrou o braço que ele lhe oferecia e voltou caminhando ao seu lado até o carroção. A lua tinha saído de detrás de uma nuvem, só um pouco, mas o suficiente para iluminar o atalho entre as árvores lhes mostrando o caminho. Dominic se deteve a beira do círculo da fogueira e Catherine se deu conta de que alguém tinha reacendido o fogo. A vários metros de distância uma mulher de cabelo negro permanecia de pé com os braços cruzados à altura do peito, aparentemente esperando sua chegada.

— Boa noite, Yana, - disse Dominic em tom agradável, mas com um pouco de irritação na voz — Desejava me ver?

— Então esta é a mulher gadjo que comprou de Vaclav. Que estúpida fui ao não ver antes.

— Esta é Catherine — ele disse, e ela sentiu uma onda de gratidão ao ver que dizia seu nome em inglês. Havia algo inquietante na mulher que a olhava de maneira ameaçadora, com a cólera fervendo sob a superfície.

— Catherine - repetiu Yana com um olhar tão cruel em seus negros olhos que Catherine sentiu um estremecimento lhe percorrendo as costas — Um nome muito importante para uma mulher que apenas é uma escrava.



— Agora que a viu, por que não volta para seu carroção? — sugeriu Dominic, em um tom de clara advertência.

— Sem você? Com certeza vai querer vir comigo, estar entre meus braços e desfrutar do prazer como todas as noites desde que chegou.

— Desde o começo soube que aconteceria algo assim.

— Certo. Sempre foi um homem que desfruta das mulheres. De qualquer maneira me surpreende que deseje a essa criatura de pele pálida tendo a mim. Seguramente ela não pode te esquentar o sangue como eu. Inclusive parece como se mal pudesse se manter em pé.

O que dizia era completamente certo. Se não tivesse estado tão surpresa, Catherine estava segura de que teria desmaiado. Era essa mulher a esposa de Dominic? Sua amante? Fosse qual fosse sua posição, era evidente que Dominic a tinha ofendido.

— Cuidarei para que esteja bem, não tema por isso.

— O dinheiro é sempre sua resposta, não é assim, Domini?

— Só queria que não se preocupasse por isso.

Yana se voltou para Catherine.

— Acha que ganhou, mas eu lhe advirto isso: acabará se cansando de você assim como se cansou de mim.

Dominic deu um passo ameaçador em sua direção.

— Já me cansei que seus gritos, Yana. Volte para seu carroção antes que eu mesmo a arraste até lá.

Catherine passou a vista da formosa cigana para Dominic cujo rosto se escureceu de raiva. Cansaria de você, igual à de mim. A bÍlis lhe subiu à garganta. Dominic a levaria de volta a Inglaterra, estava segura, mas depois de ter usufruído dela. Uma vez que estivesse satisfeito, desfar-se-ia dela com muito prazer. Ou talvez, voltasse a vendê-la.



— Se me perdoam — Catherine disse levantando o queixo, coisa que lhe custou toda sua vontade — a verdade é que me encontro realmente cansada.

Yana a olhou com tanto ódio que Catherine custou a obrigar-se a mover-se. A cigana acreditava, evidentemente, que Dominic a tinha levado para cama e que ela o tinha permitido e inclusive que tinha aproveitado! O calor da humilhação se desabou sobre ela. Dominic lhe rodeou o braço com uma mão, detendo-a um instante antes de soltá-la.

— Falaremos disto pela manhã - ele disse.

Catherine se limitou a seguir andando. Tinha que passar ao lado da garota cigana para chegar à escadinha do carroção. Quando o fez, os dedos da mulher se cravaram em seu braço. Yana a obrigou a dar volta e lhe deu um bofetão no rosto.

— Yana! — Dominic começou a dirigir-se para elas.

Dois meses antes, Catherine teria se sentido mortificada, muito assustada e humilhada para mover-se, mas agora agarrou o espesso cabelo negro da mulher, empurrou-a e o lhe bateu ainda mais forte. Com um olhar de incredulidade, Yana cambaleou para trás, aterrissando no chão com o traseiro. Suas coloridas saias subiram até as coxas mostrando um par de pernas esculturais, enquanto o cabelo lhe caía em cima dos olhos.

— Eu não quero nem a ele nem a nenhum outro homem - disse Catherine com um olhar assassino para Dominic — Só quero é ir embora daqui e que me deixem em paz.

— Mentirosa! — Yana ficou de pé sacudindo o pó e a grama da roupa. Não tinha dado nem um passo quando tropeçou e caiu de costas no chão.

Pearsa saiu das sombras.

— A garota não te fez nada. Meu filho tem vontade própria. Se preferir companhia dela à sua, é ele quem o decide.

— Não se meta nisto, velha.



— Vá para sua casa, Yana - advertiu brandamente Dominic — Eu queria que nos separassem como amigos. Se for agora, ainda podemos sê-lo.

— Não sou a Gadjo; não te pertenço para que possa me dar ordens.

— Volte para seu carroção - ordenou Pearsa — antes que te jogue uma maldição — Quer perder esse cabelo tão negro?

Yana segurou as brilhantes mechas escuras, afastando-os com o pó formando uma nuvem ao seu redor.

— Sempre me odiou, mas nunca acreditei que fosse se colocar ao lado de uma gadjo em vez de alguém dos teus.

— Desapareça! — Gritou Pearsa, agitando uma descarnada coxa de frango que tirou do bolso da saia, cujas longas e enegrecidas garras brilharam a luz do fogo. Yana ficou de pé e começou a se afastar do acampamento.

Olhou fixamente para Dominic.

— Vai me pagar por isso; muito mais do que pagou pela garota. Pagará por tudo.

Com uma revoada de suas chamativas saias verde e o som tinteneante dos colares, desapareceu correndo na escuridão.

Dominic voltou sua atenção a Catherine. A via pálida e agitada, mas ainda se mantinha de pé.

— Catherine - começou a dirigir-se para ela, mas ela levantou a mão para detê-lo.

— Por favor... de verdade, eu gostaria de entrar no carroção.

— Deixa que se vá - interveio Pearsa, e ele se tranqüilizou finalmente. Rigidamente, Catherine deu meia volta e subiu a escadinha.

* * *

— Já começou a criar problemas.



Pearsa se sentou para fumar um velho cachimbo de cobre enquanto Dominic fez o mesmo com um fino charuto e dava uns goles de uma lata cheia de palinka. O aroma da fumaça misturada com o das lascas de álamo que se queimavam adoçava o ar noturno. Por cima deles, entre as árvores, ululou uma pequena coruja branca.

— O que aconteceu com Yana não foi culpa de Catherine.

— Não, a culpa foi sua. Você e suas mulheres. Quando vai assentar a cabeça, filho?

— Já falamos muitas vezes disso. Nego-me a voltar a fazê-lo.

Permaneceram sentados em silêncio um momento, zangados ao princípio, mas pouco a pouco foram se sentindo mais cômodos, como costumava acontecer entre eles.

— Não se parece com as outras mulheres de sua raça que eu conheço - disse Pearsa interrompendo seus pensamentos.

A boca de Dominic se curvou.

— Tampouco se parece com alguém que eu tenha conhecido.

— Trabalha muito e não se queixa.

Dominic arqueou uma negra sobancelha. Era uma verdadeira lisonja, vindo de sua mãe.

— Você gosta?

Pearsa se esgarçou.

— É Gadjó. Isso basta por si só para que eu a despreze.

Dominic olhou fixamente as chamas, pensando quanto que se pareciam com os chamejantes cachos de Catherine.

— Ela deu de presente uma mecha de seu cabelo para Medela e o bebê.

— Ela sabia que isso atrai a boa sorte?

Dominic assentiu com a cabeça.



— Medela deve ter se sentido feliz - aspirou a aromática fumaça de seu longo cachimbo e a exalou na noite — Por que fugiu? Não a maltratamos.

Ele se recostou contra o colorido vardo de sua mãe. Tinha umas serpentes vermelhas e amarelas reptando por uma grade coberta de folhas verdes pintados ao redor da porta.

— Quer ir para sua casa.

— A Inglaterra?

— Sim.

— Então a leve quando voltar. Depois da feira do cavalo.

Ele assentiu.

— Irei cuidar para que chegue a sua casa - em algum momento, pensou — Penso em ficar um pouco mais de tempo.

Pearsa lhe dirigiu um olhar especulativo, mas não seguiu com o assunto para grande alívio de Dominic. Em Gravenwold haviam coisas que necessitavam de sua presença: as terras de seu pai, as pessoas que trabalhavam para ele, os cavalos que criava... Até a chegada de Catherine tinha estado impaciente por retornar; coisa que o amargurava.

Todos os anos, enquanto era um jovem, quando retornava com para a gente de sua mãe, temia pensar no momento de sua partida. Mas pouco a pouco se encontrou pensando com ilusão nos livros que tinha aprendido a ler, no enorme e desconhecido mundo que seu pai tinha aberto para ele.

O preço de sua nova vida tinha sido alto. Anos de solidão afastado da gente que amava. Uma adolescência enevoadada pelo desprezo daqueles aos quais seu pai tinha contado o segredo de seu nascimento — seu tutor, sua babá, alguns criados que viviam na distante propriedade do marquês — e os maus tratos de um pai ao qual nunca conseguia agradar.

A dor que sua mãe tinha sofrido devido a sua partida.



Como sempre, Dominic sentiu a amargura do ódio do homem que tinha lhe causado tal desespero. O homem que ainda lhe causava dor sempre que tinha oportunidade.

— Se você deseja à mulher —disse Pearsa— e eu percebo que assim é; por que dorme no chão enquanto ela o faz em sua cama?

Dominic riu suavemente.

— Aparentemente minha Catherine aprecia sua virtude, não importa quantas vezes que tenha sido usada. Maltrataram-na. Necessita de tempo para acostumar-se à idéia.

Pearsa pareceu surpresa.

— Ela enganou Vaclav com o conto de sua virgindade, mas me surpreende que um homem de sua experiência se deixe enganar tão facilmente.

Era possível? Dominic pensou em seu beijo, tão apaixonadamente doce, na maneira em que se ruborizava cada vez que ele a tocava ou a olhava com desejo. Pode ser que sua donzela tivesse sido violada, mas não tinha nenhuma experiência. Apostaria sua vida.

— De qualquer maneira uns dias a mais não têm importância. No final o resultado será o mesmo. A mulher me pertence. Eu a reclamarei quando chegar o momento.

Pearsa soprou sobre seu cachimbo, olhando a seu filho através da densa fumaça negra que ondeava a seu redor. A criada tinha o enfeitiçado como tinha feito com Vaclav? Ou havia algo mais?

Ao menos a moça tinha libertado Domini das manipulações de Yana, e se sua presença no acampamento significava que seu filho ficaria um pouco mais, Pearsa a suportaria. Além disso, como havia dito, a garota trabalhava muito e até agora não se queixou.



Capítulo 5

Catherine se deu conta de que a cálida manhã de primavera era muito mais brilhante que seu humor. No exterior do carroção, os pardais gorjeavam e os insetos zumbiam sobre os casulos das primeiras flores da primavera. Aos pés da antiga fortaleza murada de Sisteron, o mundo tinha um aspecto ensolarado e convidador, mas Catherine mal o notou.

Ela passou a noite dando voltas, envolvida por sensações desconhecidas. A curiosidade venceu ao bom senso. Não iria acontecer novamente. Revivendo uma e outra vez sua briga com Yana e o beijo que tinha compartilhado com o Dominic no bosque.

Em Arondale só tinha sido beijada uma vez, pelo filho de um amigo de seu pai. O beijo tinha sido terno e quente, e a tinha feito pensar em quão agradável devia ser compartilhar beijos assim todas as noites com seu marido antes de dormir.

A audaz invasão de Dominic trouxe consigo idéias muito mas inquietantes.

Havia-lhe custado muito esforço, mas finalmente havia conseguido se dominar, justificando todo o episódio como pouco mais que saciar uma curiosidade. Amélia tinha lhe insinuado algo sobre a paixão que podiam compartilhar um homem e uma mulher e Catherine tinha visto demonstrações desse inadequado comportamento entre os ciganos do norte com os quais tinha viajado no princípio.

Disfarçando um bocejo com a mão, prendeu as revoltas mechas avermelhadas atrás da orelha, saiu da cama e tentou arrumar a roupa. Depois de dormir com ela, a saia estava enrugada e suja e a blusa estava um desastre, mas era incapaz de deitar-se nua na cama de Dominic.



Chegou à porta do vardo, ouvindo os sons do acampamento que despertava: a preparação das fogueiras para acender o fogo, a água chapinhando nos baldes que se enchiam no rio, as crianças rindo enquanto enrolavam as camas de armar ou saíam dos carroções... O sol já entrava pelas janelas; Pearsa não demoraria a moer os grãos para o café do café da manhã.

Desceu à estreita escadinha de madeira, suas sandálias de couro tocaram uma terra muito mais seca que no dia anterior. Embora o fogo já tivesse começado a arder, não se via a Pearsa nem a Dominic, coisa que satisfez enormemente a Catherine. Estava decidida a banhar-se sem se importar o quão fria estivesse a água.

Nos dias seguintes a sua chegada ao acampamento cigano, os ROM a tinham educado para seguir suas estritas regras de higiene. A zona para a água que se recolhia para beber e cozinhar, era rio acima, mais abaixo a água se utilizava para limpar os utensílios de cozinha e para os cavalos, depois estava a zona onde se banhavam homem e mulheres, e por último as mulheres grávidas e as que tinham a menstruação. A estas últimas as chamavam marimay. Impuras.

Catherine se dirigiu rio abaixo a um ponto entre as rochas que tinha sido designado para que se banhassem as mulheres. Deixando as sandálias na margem, nadou lentamente, completamente vestida, na água gelada. Ignorando os calafrios que percorriam sua pele, lavou o cabelo com um pedaço de sabão que tinha encontrado no carroção e depois o utilizou para lavar a roupa. Quando terminou, a saia vermelha brilhava novamente e a blusa voltava a ser branca e cheirava a limpeza.

Satisfeita por estar outra vez apresentável, subiu a uma ensolarada rocha para esperar que as roupas secassem antes de voltar para acampamento. O sol estava tão quente e agradável, e ela tinha dormido tão mal, que adormeceu desfrutando do calor e



das poucas nuvens que havia no céu. De repente uma sombra caiu sobre seus olhos e ela se levantou em um pulo.

— Sinto muito — disse Dominic — Não queria te assustar.

— De... devo ter adormecido - ela deu uma olhada em sua blusa que havia secado o suficiente para satisfazer seu pudor — Só pretendia ficar o tempo necessário para que secasse minha roupa.

— Quem poderia te culpar em um dia como este? — Ofereceu-lhe uma caneca de latão fumegante — Eu ia me banhar e vi que você tinha tido a mesma idéia. Então pensei que possivelmente gostasse de uma xícara de café.

Catherine ia agradecer, mas uma olhada a esses olhos negros que a contemplavam fixamente trouxe a sua mente à desagradável cena da noite anterior. Pensou na bela cigana chamada Yana, na cruel traição de Dominic, e em toda a hostilidade que havia sentido então se ergueu em seu interior como uma enorme besta.

Ela ia lhe dizer o que pensava exatamente de um homem que fazia algo assim, mas seus olhos caíram no largo torso nu dele coberto somente pelo remendado colete bordado em ouro e as palavras se atravessaram em sua garganta.

Ela engoliu com esforço. Embora tentasse ignorasse o ardor de suas bochechas e tentasse encontrar algo cáustico que dizer, só era capaz de pensar que nunca tinha visto uma pele tão lisa e morena e que desejava lhe tocar desesperadamente, saber se esse poderoso corpo que se mantinha sobre ela era tão sólido como parecia.

— Eu sinto pelo que aconteceu com Yana — ele estava dizendo; e por uma vez ela agradeceu que seus olhos estivessem fixos em seu corpo e não em seu rosto — Deveria ter falado antes com ela.

O som do nome da cigana rompeu o feitiço. Catherine colocou para trás o cabelo, ainda úmido, a pesada juba de cabelo repousou sobre seus ombros.



— Você se refere a que deveria ter se livrado dela antes não é? Antes que o humilhasse? Ela é sua esposa?

Os lábios dele se curvaram em um desagradável sorriso.

— Quase. Yana e eu nos conhecemos desde que éramos crianças. Considerando as circunstâncias era natural que cedo ou tarde, as coisas se desenvolvessem assim.

Catherine se sentou mais rígida sobre a rocha, apertando com maior força a caneca. O som da água contra as rochas pareceu repentinamente mais suave.

— Considerando que circunstâncias?

— Yana é uma mulher de... digamos... grandes apetites. Seu marido, Antal, o descobriu recentemente e se divorciou dela. Ela vinha deitar-se comigo quando precisava.

— Está me dizendo que não se aproveitou?

— Em absolutamente nada. Na realidade, foi Yana quem foi a mim e não ao contrário.

Era difícil discutir com esse tipo de lógica. Se a mulher se comportou tão descaradamente que seu marido se divorciou dela, era complicado compadecer dela pelo que Dominic fazia.

— Suponho que se foi ela quem se ofereceu livremente...

— Por fim, uma mulher razoável! Eu tinha chegado a pensar que não existiam. Isso quer dizer que já não está zangada?

— Quer dizer que acredito que cometeu um grave engano ao abandoná-la. A menos que vá empregar a força, ficou sem ninguém para esquentar sua cama.

Os olhos de Dominic a acariciaram.

— Basta te olhar, Catrina, para que fique quente por toda parte. Você pode imaginar o como seria bom entre nós?

Ele inclinou-se para ela e Catherine se afastou instintivamente.



— Não o faça! Não fale assim. Nem sequer pense.

— Por que não? Seria tão terrível?

— Certamente! — Mas sua boca tinha secado só de pensar e a mão que segurava a caneca tinha começado a tremer.

Dominic riu suavemente e tirou a caneca de seus dedos.

— Você vai se queimar.

Seus olhos negros como a noite sugeriam um calor mais ardente do que o do café.

— Dominic, por favor...

— Por favor, o que, Catrina? Por favor, beije-me e me faça sentir o mesmo de ontem à noite?

Catherine levantou o queixo.

— Por favor, falemos de algo mais adequado.

Sua boca se curvou para cima. Olhou-a um instante mais, depositou a caneca de latão em cima da rocha e se distanciou um passo.

— Amanhã iremos vender cavalos. Hoje faremos a bagagem e prepararemos os carroções. Quando tiver terminado eu gostaria de te mostrar Sisteron.

Ela estava há vários dias esticando o pescoço para ver a fortaleza murada que surgia como um gigante de granito entre as sinuosas colinas cobertas de rochas.

— Eu adoraria - ela se surpreendeu dizendo, e o fato de que o dissesse a sério fez com que se revolvessem as vísceras.

Dominic tocou sua bochecha e um pequeno estremecimento lhe deixou a pele arrepiada.

— Seria melhor que retornássemos — ele disse brandamente.

— Necessito um momento mais — ela se desculpou. Qualquer coisa para conseguir que se fosse.



— De acordo. Eu a verei no carroção.

Com um último olhar ardente, virou-se e suas longas pernas o levaram entre as rochas até as árvores que beiravam o prado.

Catherine observou aturdida suas costas, tentando não fixar-se na largura de seus ombros nem nos músculos de seus braços. Santo Deus! Como era possível que esse homem pudesse afetá-la tanto? Pensou na Inglaterra e em seu lar. Pensou em Arondale e nos filhos que tinha que ter para que levassem o título que a seu pai tanto havia custado para lhe transmitir. Imaginou Edmund, estreando o título de conde, sentindo a aguda dor da traição imediatamente seguida de um sentimento de culpa por condená-lo sem provas. Tivesse sido Edmund ou não quem tinha planejado seu seqüestro, era responsabilidade de Catherine e não dele, perpetuar o título de Arondale. Era o que seu pai tinha querido e era prioritário para ela.

Em seguida pensou no alto e enigmático cigano que lhe provocava palpitações cada vez que lhe dirigia um desses olhares famintos. Cada dia se aproximava mais o momento no qual a reclamaria. Catherine prometeu a si mesma que tal coisa não aconteceria. Já era hora de voltar para casa.

* * *

Catherine trabalhou ao lado de Pearsa, organizando e enchendo os carroções, em seguida recolhendo bagos e depois cortando batatas para o jantar. Dominic terminou de limpar e guardar os arreios dos cavalos. Com tanto trabalho para fazer, o dia transcorreu rapidamente. Jantaram cedo e a seguir as mulheres lavaram e guardaram os pratos de lata e as panelas que tinham usado então Dominic apareceu — graças a Deus tinha posto a camisa — e pegou Catherine pela mão.



— Deveríamos ir antes que se vá a luz - ele disse, obrigando-a a andar.

Caminharam por um desgastado atalho que levava a antiga cidadela murada de granito, Dominic ia liderando o caminho.

— Isso que há lá em cima é uma igreja?

— Uma catedral. Arte românica do século XII. Foi saqueada, mas foi parcialmente restaurada e ainda é utilizada.

Catherine o olhou com uma mistura de surpresa e interesse. Um cigano que conhecia a história da França? Como era possível? Então se lembrou dos livros que estavam na prateleira de seu vardo e se deteve em seco.

— Você sabe ler! — Sua voz era quase acusadora.

Dominic sorriu secamente.

— Você achava que tínhamos algo no sangue que não nos permitia aprender?

— Não... é só que nunca tinha conhecido um cigano que tivesse recebido educação. Não acreditei que se interessassem. Sua mãe também lê?

Dominic sacudiu a cabeça e a obrigou a avançar.

— Então como é que você sabe?

Ele se deteve com um suspiro de rendição e se voltou para ficar de frente para ela. Catherine percebeu que sua risonha expressão anterior tinha sido substituída por uma testa franzida.

— Suponho que cedo ou tarde alguém lhe contará isso, de modo que bem posso ser eu quem o faça. Eu sou só meio cigano. Meu pai, um Gadjo, empenhou-se em que eu recebesse educação. Não é algo do qual um ROM possa ficar orgulhoso, assim que preferiria que não o divulgasse.



Ela sabia que os ciganos odiavam qualquer intrusão do mundo exterior. A leitura permitiria vislumbrar outro modo de viver, outros objetivos e sonhos. Era provável que o vissem como uma ameaça.

— Desde que o conheci soube que havia algo que o fazia diferente.

As negras sobancelhas de Dominic se elevaram mais.

— Isso é o que tem me dito durante toda a minha vida, Catrina. Não quero ouvi-lo também de você - sua mão apertou a sua com mais força e pôs-se a andar dando passos como se assim pudesse afastar-se das lembranças, praticamente arrastando-a atrás.

— Dominic, por favor — ela disse finalmente, cravando os calcanhares até que ele se viu obrigado a parar — Eu acreditei que era para nós usufruirmos do passeio.

Ele se virou para olhá-la, notou o esforço que estava fazendo na cor de suas bochechas e seu olhar se adoçou com um lento sorriso.

— Sinto muito. Meu passado não é sua culpa. Simplesmente não é meu tema favorito de conversa.

— Eu o terei em conta - mas já estava maquinando como averiguar mais sobre ele.

Se ele não o contasse possivelmente sua mãe o fizesse ou algum dos outros.

Catherine se repreendeu mentalmente. Em que demônios estava pensando? Não ia ficar ali muito mais; quanto menos soubesse sobre ele, melhor.

Dominic a ajudou a superar uma pedra que tinha rolado no caminho, rodeando sua cintura com uma mão firme e forte. Catherine se apressou em afastar rezando para que ele pensasse que os rápidos batimentos de seu coração se deviam a ladeira. Continuaram pelo caminho em direção à fortaleza, com o rio Durance serpenteando mais abaixo. Seguiram pelos estreitos degraus de pedra que beiravam a pequena cidade e que os levaram até aos arcos que protegiam as casas das rochas.



— Os ciganos espanhóis os chamam andrones - lhe contou Dominic, detendo-se novamente para lhe permitir descansar.

A dura subida não parecia o afetar, suas musculosas pernas subiam a escarpada costa com uma facilidade que parecia tão natural nele como o modo em que adestrava aos cavalos.

— Um idioma importante - disse Catherine.

— Fala-o?

— Não.

Ele lhe dirigiu um olhar conhecedor.

— Mas você fala frances n'est-ce pas?

Catherine levantou a cabeça.

— Sim, mas como...

— O sucateiro lembra? Não teria sabido quando ele ia se não lhe houvesse entendido.

Catherine sorriu. Ela tinha tido razão sobre ele. Não era um homem ao qual se enganasse facilmente.

— Que outros segredos esconde, Catrina?

Mais que do que poderia imaginar.

— O que o faz pensar que tenha algum?

Ele riu.

— É fácil ler sua mente, pequena. Eu acho que tem muitas coisas que não deseja que eu saiba.

Catherine não respondeu. Não gostava do interrogatório ao qual a estava submetendo nem da sensação de que de algum modo parecia conhecer seus pensamentos.



Enquanto avançava o crepúsculo saíram da cidade e subiram até a antiga cidadela propriamente dita. Havia zonas gramadas e escarpadas escadas de pedra que pareciam chegar até o céu. Por debaixo deles o rio parecia não ser mais que uma estreita cinta azul.

Finalmente chegaram ao topo. A plataforma de granito que eles alcançaram era larga e rodeada por uma muralha com uma pequena igreja provida de um campanário no alto. As cúpulas rochosas os rodeavam enquanto o sol desaparecia nas sombras. Permaneceram de pé, em silêncio, olhando os diminutos pontos de luz que começavam a aparecer no céu.

— Olhe! — Catherine assinalou para cima — Uma estrela cadente.

Dominic agarrou sua mão e a levou ao peito.

— Os ciganos acreditam que uma estrela cadente é um ladrão que foge. Se a aponta quer dizer que lhe apanham.

Catherine o olhou, notando que sua mandíbula ficava escurecida pelas maçãs do rosto. A maravilhosa curva de seus lábios lhe tirou o fôlego. Era diferente de qualquer homem que tivesse conhecido. Diferente e completamente inadequado.

— Seu povo tem idéias completamente diferentes do meu. Para nós pareceria uma pena que não se capturasse a um ladrão. Os ciganos vêem os culpados como vítimas.

— Sempre ficam do lado dos desafortunados — Dominic disse simplesmente — Sabem quão difícil é a vida... e o que um homem tem que fazer para sobreviver.

— Mesmo que seus atos machuquem a outras pessoas?

Ele encolheu seus ombros largos.

— Para eles é um jogo. Raramente se prejudica a alguém.

— Aí é onde se engana Dominic. Os ciganos com os quais viajei eram insensíveis e cruéis. Eles gostavam de me machucar, me fazendo sofrer porque minha pele era mais clara que a deles.



— Eu conheço esse tipo de gente, embora os meus não sejam assim. Os ROM sofreram grandes prejuízos ao longo dos anos. Desde que chegaram a Europa no século XV foram escravizados, condenados por bruxaria e queimados na fogueira. Inclusive executados por canibalismo.

— Canibalismo! — Um calafrio percorreu a espinha dorsal de Catherine.

Dominic assentiu.

— Na Áustria, faz só pouco mais de vinte anos. Foram executados quarenta ciganos antes que o imperador José III desprezasse as provas, ao descobrir que nenhum dos monges supostamente devorados tinha desaparecido.

— Santo Deus!

Dominic parecia resignado.

— Algumas tribos sofreram mais que as outras, e essa pode ter sido a razão pela qual lhe trataram tão mal. A verdade é que, como ocorre em qualquer parte, alguns são mais cruéis e outros mais amáveis. Enquanto esteja aqui não tem com que preocupar-se. Ele levou seus dedos aos lábios.

Catherine sentiu o calor dessa ação, a segurança que transmitia e a promessa de algo mais.

— Está ficando muito tarde - disse afastando a mão— Seremos capazes de descer no escuro?

Dominic permaneceu ao seu lado, sem exatamente tocá-la, mas perto o bastante para ela sentir sua poderosa presença como se o estivesse fazendo.

— A volta é mais fácil. Não vai acontecer nada.

Catherine olhou para baixo, para as diminutas luzes amarelas que iluminavam as janelas da cidade.

— É bonito.



— Minha gente faz todos os anos à mesma viagem. Cada vez que venho aqui eu gosto um pouco mais.

— Parece algo quase sagrado — Catherine concordou—. Eterno. Como se permanecesse aqui só para agradar aos que passeiam entre seus muros.

Ele sorriu ao ouvi-la.

— Eu esperava que você gostasse.

Seus olhos acariciaram seu rosto. Os olhos de Catherine se encontraram com os dele. Havia desejo na insondável profundidade de seu olhar e algo mais que não sabia identificar. Em qualquer caso não se afastou.

— Eu a desejo— ele disse aproximando-se — Não desejei a ninguém mais desde que a vi. O tom rouco de sua voz a acariciou como uma brisa fresca.

Sua garganta secou.

— O que deseja não pode acontecer. Nem agora, nem nunca.

Dominic arqueou uma sobrancelha, seu olhar parecia divertido.

— Se esqueceu tão rápido, pequena? Quando disser que chegou o momento, terá muito pouco o que dizer sobre o assunto.

Catherine umedeceu os lábios que estavam tão secos quanto sua garganta. Ela sabia que ele podia fazê-lo. Ele tinha de sua parte a força e a determinação. Ela deveria ter tido medo dele, mas só tinha de si mesma.

— Disse que não me forçaria.

Ele a virou para que o olhasse de frente, aproximando-a mais. Colocou uma mão na sua cintura enquanto deslizava a outra até seu cabelo, percorrendo depois sua garganta até colocar a palma da mão em sua bochecha. Percorreu com o polegar a curva de sua mandíbula, provocando-a, acariciando-a, enrolando-a.

As pernas de Catherine começaram a ceder.



— De verdade acha que teria que fazê-lo?

Olhou-a com seus olhos de ônix tomando nota do rubor que coloria suas bochechas e dos vertiginosos batimentos de seu coração. Seus seios se elevavam e desciam com o rápido ritmo de sua respiração.

— Se acha que me vou render, engana-se. Não há nada que possa fazer ou dizer para que tal coisa aconteça.

— Não? — Ele olhou-a por um instante a mais, sustentando seu olhar, desafiando-a a afastar-se. Catherine permaneceu imóvel.

A boca de Dominic desceu sobre a sua, suave como uma pluma, tocante e amável, acariciou-lhe os lábios com a língua, queimando-a, mas sem exigir que lhe deixasse entrar. Catherine cambaleou quando ele se afastou.

— Como disse antes, pequena gatinha, está ficando tarde. O declive é longo e amanhã vai ser um dia duro.

Catherine se zangou. Dominic se afastou, embora sua expressão estivesse entre as sombras, ela não tinha nenhuma dúvida do que tinha visto. Estava jogando com ela! Estava muito seguro de si mesmo e da reação dela, o que levou uma onda de calor a suas bochechas. Maldito! Realmente pensava que ela podia cair tão facilmente a sua persuasão? O que podia jogar fora com tanta facilidade toda uma vida de sonhos e projetos? E tudo por quê? Por uns instantes de paixão nos braços de um homem ao que mal conhecia. Era uma loucura!

Que importância tinha que Dominic a atraísse como nenhum outro homem o tinha feito? Ou que a fizesse sentir coisas que nunca sonhou ser possíveis? Ela tinha compromissos e responsabilidades. Além disso, para ele, ela era apenas um brinquedo, só mais uma para esquentar sua cama. Não estava disposta a ser utilizada e abandonada como as outras.



Dominic lhe passou um braço ao redor dos ombros dirigindo-a para a escarpada escada de pedra. Desta vez ela só sentiu um amargo ressentimento. Esta noite ele tinha mostrado novamente o poder com o qual acreditava poder controlá-la. Catherine ainda tinha que lhe demonstrar quão dura era sua resistência.

* * *

Dominic desceu as escarpadas escadas de pedra presunçosamente, satisfeito de como se desenvolveu à tarde. A campanha de sedução ia como tinha previsto. Estava ganhando a confiança de Catherine e ela o desejava mais do que tinha esperado. Embora ela não soubesse a franca admiração com a qual o tinha olhado e sua voz ofegante, tinham-na delatado.

Sua inocência o intrigava, uma mudança refrescante que faltava em sua vida há algum tempo. A maior parte das mulheres que conhecia queria algo dele — seu dinheiro, seu título, a paixão que podia despertar nelas. Catherine não sabia nada de sua fortuna nem de sua posição, e fazia todo o possível por negar a atração que sentia por ele.

Embora talvez estivesse tentando o enganar, como havia dito sua mãe, mantendo-o atrás de seu doce corpo com a esperança de obter sua eterna dedicação e inclusive seu sobrenome.

Observou-a enquanto caminhava ao seu lado, notando a inclinação obstinada de seu queixo. Parecia ter um aspecto diferente ao de minutos antes na montanha. Mais duro mais decidido. Se estava tramando algo, não demoraria a descobrir seu movimento seguinte e estaria preparado.



Dominic se encontrou sorrindo, desfrutando com a antecipação. Ela era um enigma, um desafio. Ele ia averiguar mais sobre ela, encontraria a chave que liberava sua paixão e a conquistaria em sua cama.

Percorreu-a com os olhos, tomando nota de sua roupa simples, do decote, da blusa solta e da chamativa saia vermelha de algodão. Ele perguntou-se que aspecto teria com ricas sedas e cetins, com o chamejante cabelo habilidosamente penteado. Bela, sem dúvida e muito parecida com uma dama. Lamentava não poder vê-la assim nesse momento, depois se amaldiçoou por pensá-lo. Quanto tinha mudado desde que abandonou a simples vida de sua gente! E nem sempre para melhor.

Lembrou o que havia dito a Catherine sobre sua mestiçagem e se perguntou se sua atitude para ele mudaria se soubesse que era meio inglês e nobre, se por acaso fosse pouco. Certamente não ia contá-lo. Só de pensar em como podia afetar a sua forma de comportar-se com ele, deixava-lhe um gosto amargo na boca.

— Que tipo de insulto é didikai? — Ela perguntou de repente.

Ele franziu o cenho perguntando-se como uma inglesa podia ler sua mente com tanta facilidade como se pensava que os ciganos podiam fazer.

— Onde ouviu isso?

— Vaclav o disse na noite que foi ao seu carroção.

Dominic sentiu a mesma repulsão de sempre quando ouvia essa palavra.

— É como os ROM chamam às pessoas de sangue mestiço. Ele estava me recordando o que sou. E que um cigano de verdade não se meteria em seus assuntos.

Catherine não deixou de notar a amargura que havia em sua voz.

— Eu lhe agradeço o que fez. Agora percebo o muito que deve ter te custado.



Por ajudá-la, tinha ido contra os costumes ciganos, sabendo que deveria enfrentar ao desprezo. Ela perguntou a si mesma por que, mas não o disse em voz alta. Ao ver que Dominic não acrescentava nada mais, perguntou-lhe:

— Realmente tem tanta importância sua origem?

Ele atirou o pedregulho com o qual tinha estado brincando e este ricocheteou contra uma rocha, ressonando brandamente na noite.

— Provavelmente não deveria. Talvez não tenha para outros, mas para mim...

Mas o era tudo. Catherine podia lê-lo no repentino esmorecimento de seus largos ombros, geralmente erguidos, e pela força com a qual apertava os lábios.

— E o povo de seu pai? Não podia ter ficado com eles?

Ele riu ao ouvi-la.

— Vivi com eles; subsisti, seria a palavra adequada. Odiavam aos ciganos quase tanto quanto eu os odiava.

O coração de Catherine afundou. Podia imaginar facilmente o aspecto que tinha quando era um menino, seu cabelo completamente negro e uns maravilhosos olhos escuros. Sob sua aparente calma havia algo oculto nele que denotava vulnerabilidade. Cigano ou não Como podia alguém ter odiado a um garotinho como ele?

— Então abandonou ao seu pai e regressou para cá.

Uma expressão de insegurança atravessou seus olhos, e logo desapareceu.

— Em primeiro lugar, aceitam-me. Enquanto eu viva segundo suas regras.

Seu penetrante olhar a recordou que tinha quebrado essas regras para protegê-la de Vaclav. Por mais curiosidade que tivesse por saber algo mais sobre ele, seu silêncio e esse último olhar ardente, advertiram-na de que não seguisse perguntando.

Prosseguiram ao longo de atalho e finalmente chegaram ao acampamento, encontrando-se com que o fogo apagado e Pearsa tinha ido para a cama. Dominic



acompanhou ao Catherine até seu carroção, curvou-se e lhe acariciou os lábios com um beijo antes que ela pudesse afastar-se.

— Boa noite, gatinha fogosa.

— Boa noite, Dominic.

Ele esperou ao pé das escadas que ela entrasse. Quase podia sentir seus olhos cravados nas costas e ainda lhe ardia a boca do suave e breve beijo.

Catherine entrou no vardo, fechou a porta de madeira e se apoiou contra ela. Deus Santo se alegraria quando chegasse em casa.



Capítulo 6

*A lua era redonda!
E, enquanto passava
Não se ouvia nenhum som,
Exceto o ulular do vento
Sob o sussurro silencioso da terra
Uma arrebatadora canção.
— Poema cigano
Walter Starkie*

Demoraram dois dias seguindo o leito de Durance para o interior, para chegar à aldeia francesa de Reillane, em cujos arredores, tanto ciganos como camponeses da área se reuniram para a feira do cavalo.

Catherine se sentou ao lado de Dominic durante a maior parte da viagem, desfrutando de seu amor pelo país. Ele contou as lendas ciganas, uma sobre um castelo chamado Great Ida, defendido pelos ciganos que perderam a vida em uma última e inútil batalha. Disse-lhe que os ciganos ainda sentiam tristeza ao recordar desse dia. Cantavam melancólicas canções sobre ele e choravam quando as ouviam.

Ensinou-lhe os nomes ciganos de algumas flores e de diversos animais. Quando um passarinho piou do ramo de um broto de álamo, o apontou com um sorriso.

— Um alvéola colorido. Os romaní chamam de chiriklo. Dizem que quando se vê um, logo se encontrasse com ciganos.



E assim foi. Poucas horas depois outra caravana errante apareceu no caminho bem em frente deles, levando cavalos para a feira assim como Dominic; seus carroções de cores brilhantes iam na mesma direção.

— Eles vieram seguindo os patrin; folhas ou ramos colocados no cruzamento dos caminhos como um sinal para o lugar de encontro — ele voltou a sorrir e o calor de seu olhar era contagioso.

— Você gosta muito deste tipo de vida?

Ele deu de ombros, surpreendendo-a.

— Houve um tempo no qual era tudo para mim. Agora as coisas são diferentes. Eu sou diferente. Eu gosto das comodidades que me oferece meu carroção enquanto que outros não se preocupam absolutamente nada com isso. Eu me pego pensando no futuro enquanto que os ROM vivem só o presente. Admiram a exuberância e se aborrecem com a prudência, não sendo para a sobrevivência mais básica. Para os ciganos uma vela não é apenas cera, é uma chama brilhante.

Catherine sentiu uma pequena onda de calor quando ele lhe confiou seus sentimentos.

— Desde o dia em que cheguei me assombrou sua indiferença diante das dificuldades. Às vezes me pergunto se eu seria capaz de viver como eles.

— Mas o está fazendo, Catrina. Inclusive minha mãe começa a abrandar-se - ele sorriu maliciosamente — Eu a ouvi dizer a Czinka que tem um traseiro forte e umas coxas firmes. Disse que era uma trabalhadora muito boa.

Catherine se ruborizou da cabeça aos pés.

— É um homem desesperador — ela disse, zangada por sua pouca delicadeza — Às vezes acho que é o diabo.



— Nós o chamamos beng, e eu acho que é você quem me provoca para que aja como tal, gula devla.

— Me dá medo perguntar o que significa isso.

Ele riu outra vez, um rico som muito masculino.

— Quer dizer doce deusa, e eu nunca disse palavras mais sinceras.

Ela era doce, pensou ele, tão maravilhosamente interessada na beleza que os rodeava. Sempre que lhe ensinava uma palavra em romaní, repetia-a até pronunciá-la direito; como se realmente fosse importante para ela. Ela se divertiu com várias de suas histórias e seus olhos tinham se enchido de tristeza com a lenda de Great Ida. Perguntou-se o motivo, já que os ciganos a tinham tratado tão mal.

Seus olhos desceram até a curva de seus seios. Os tentadores montes se elevavam quando ela deu um suspiro. Era só o que podia fazer para não esticar o braço e colocar a mãos neles. Como se o tivesse feito, seus endurecidos mamilos pressionaram contra o fino tecido de sua blusa de algodão.

— Tem frio, Catrina? — Brincou.

O rosto de Catherine corou ainda mais.

— É um demônio! E, além disso, rude e sem maneiras! Pare o carro. Prefiro andar a continuar sentada com alguém tão mal educado como você.

Dominic riu suavemente, mas não reduziu a velocidade até que Catherine ameaçou pular.

— Eu imaginava que depois de tanto tempo sua sensibilidade haveria diminuído. Já vejo que estava errado. Minhas mais sinceras desculpas.

Era estranho, mas falava a sério. Não deveria ter zombado tão sem piedade dela, mas estava curioso em ver sua reação. Tinha provado mais uma vez que tinha sido cuidadosamente educada. Durante os meses passados tinha feito o necessário para



sobreviver, mas ainda assim se comportava como uma dama. E merecia ser tratada como tal.

— Sinto muito — ele repetiu para o caso de não o ter escutado.

— Eu continuo querendo descer.

Ele sentiu uma pontada de irritação.

— Perfeito - disse a contra gosto, fazendo o carroção parar. Certamente ela quebraria o pescoço se pulasse e não tinha nenhuma dúvida de que pensava em fazê-lo — Avise-me quando se cansar.

— Graças à bondade de sua gente — ela disse sarcasticamente — eu posso andar o dia todo.

Franziu a boca ao recordá-lo. Dominic esperou que seus pés tocassem o chão e em seguida sacudiu as rédeas sobre as garupas dos cavalos, os quais obedeceram. Assim que ela desapareceu de sua vista, deixou-a seguir em seu passo e a observou caminhar com a extremidade do olho.

O que havia nela que o fazia desejar tê-la por perto? O poder de lhe dizer coisas sobre si mesmo que raramente ele admitia sequer para si? Tudo o que tinha lhe confessado era alarmantemente certo. Enquanto que uma parte de si mesmo desejava ainda a sensação de liberdade que lhe proporcionava o modo de vida cigano, a outra, maior, estava impaciente por jogar raízes, alcançar uma meta, construir algo. Como sua mãe havia predito muito tempo atrás, seu sangue inglês era mais forte.

Recordou seu passado, o mesmo feroz ressentimento que sempre o embargava foi crescendo em seu interior. Aos treze anos, depois de ter sido abandonado por um pai de cuja existência mal conhecia, tinham-no obrigado a afastar-se de sua mãe, de seus avôs e do resto das pessoas as quais amava. Na Inglaterra tinha sido vítima dos preconceitos, vivendo uma solitária adolescência e desejando voltar para seu lar. Não o tinha feito



porque sua mãe tinha lhe pedido que ficasse ali e um menino cigano sempre obedecia a seus pais.

Até agora não tinha percebido o quanto custou a ela tomar essa decisão. Ao perder o seu filho a beleza de Pearsa se arruinou e ela tinha envelhecido antes do tempo, com uma dor que lhe rompia a alma. Apesar de tudo, por Pearsa, ele permaneceu junto ao seu pai. E não importava quão dura fosse sua vida, sobreviveu, fortalecendo-se dia a dia diante do desafio.

Quando chegou aos vinte anos, Dominic tinha mudado tanto que mal se reconhecia. Era um homem marginalizado. Os ROM não o aceitavam por completo nem tampouco grande parte dos ingleses em cujo mundo passava a maior parte do tempo. E por causa de sua angústia, o ódio que sentia por seu pai aumentou.

Agora, aos vinte e oito, Dominic Edgemont, lorde Nightwyck, era um homem adulto. Sabia o que queria e o lugar ao qual pertencia, sabia que este ia ser o último ano que passaria com os ciganos. Certamente, cuidaria de sua mãe e a veria sempre que pudesse. Mas era a última vez que viajaria com eles e viveria como eles.

Entristecia-lhe; mas assim terminava uma parte de sua tortura.

Deu uma olhada ao seu redor, inalando o ar perfumado, decidido conservar na memória todos e cada um dos maravilhosos dias precedentes. No céu azul, entre diversos tipos de nuvens, o sol primaveril esquentava a terra, incitando a volta à vida e alegrando a paisagem com flores de todas as cores.

Também em Gravenwold havia flores, lembrou-se a si mesmo.

* * *



Catherine andou pelo caminho poeirento durante quase toda à tarde. Já não estava zangada com Dominic — que com seus suaves e quentes olhares, a deixava louca — o que acontecia é que estava muito mais a salvo longe dele. Além disso, estava aproveitando de sua própria companhia. Com o tumulto dos carroções ciganos de cores brilhantes, homens, mulheres, crianças, cabras, vacas, porcos, e cães desgrehados, o pequeno Janos caminhou a seu lado, algumas vezes segurando sua mão. Era um menino encantador de não mais de seis ou sete anos que se parecia muito com Dominic, com seus enormes olhos negros e a suave pele morena. Descobriu que, primeiro seu pai e em seguida sua mãe, tinham morrido. Vivia com um enorme cigano chamado Zoltan que tinha sido o segundo marido de sua mãe.

Janos não gostava muito.

— Ele está sempre zangado – confessou — Bebe e batia freqüentemente em minha mãe. Tem sorte de ter um homem como Domini.

— Acha que Dominic não me bateria? — ela perguntou com seriedade fingida porque nem ela mesma acreditava.

— OH, não! Ele gosta muito de você. Medela diz que se pode notá-lo pela forma que sorri quando fala de você.

— Dominic fala de mim? E o que diz?

— Diz que é diferente de outros Gadjos. Que não odeia aos ciganos como eles.

Mas como não? Ela se aborrecia com tudo deles. Nunca se esqueceria da crueldade e dos abusos que tinha sofrido nas mãos dos ciganos. Nunca esqueceria o modo que Dominic tinha ido ao seu resgate. A maneira que Pearsa a tinha protegido de Yana. As palavras de gratidão que Medela tinha falado quando lhe deu de presente uma mecha de seu cabelo.

— Que mais disse Dominic?

— Por que não o chama de Domini, como nós?



Por que não o fazia? Porque Dominic não parecia tão estranho, tão cigano. Mas não podia dizer algo assim ao menino.

— Eu acho que é porque eu gosto mais desse nome.

Essa noite acamparam nos subúrbios de Reillanne. Mesmo antes que os fogos estivessem acesos, pôde ouvir o som das risadas e dos violinos.

— Esta noite patshiva - disse Dominic — Vão ao banquete para divertir-se, para cantar e para dançar o czardas.

— O que celebram? — Perguntou Catherine.

Dominic deu de ombros.

— Nada em particular. Alguém tem dinheiro e celebra um banquete. Amanhã farão negócios com os cavalos e esta noite celebram encontrando-se com os velhos amigos. Minha gente vive de patshiv em patshiv. Sobrevivem com uns pobres ganhos de modo que esbanjam em fartos banquetes. Não se preocupam com resto dos dias, só com este.

Mesmo depois dos meses que tinha passado junto a eles, Catherine custava em entender sua maneira de ser.

— Vai me levar?

Dominic sorriu.

— Eu tenho expectativas.

Terminaram de montar o acampamento, Pearsa pensava em visitar uns velhos amigos, de modo que se afastou em direção aos distantes carroções. As fogueiras de lenha de pinheiro e turfa perfumaram o ar, os caldeirões de ferro estavam fixados em tripés em cima das chamas, e os cães esperavam pacientemente qualquer sinal de comida que lançassem. Catherine notou que havia uma vivacidade nesse acampamento que faltava nos anteriores. Desde que tinha trocado o tempo e haviam abandonado Sisteron, acompanhava-lhes um sentimento de antecipação. Também descobriu que para liberar sua



alegria, desfaziam-se de suas aborrecidas capas de inverno as substituindo por brilhantes camisas de seda, braceletes de ouro e vistosas saias vaporosas. Dominic estava tão bonito que acelerou seu coração. Onde o peito de Vaclav era coberto por um pêlo espesso e negro, Dominic era todo músculo. Desejou poder esticar a mão e o tocar para ver se era tão duros como pareciam. Nos braços se notavam grossos tendões e tinha um estômago plano e firme.

Quando ele a pegou o olhando, ela se obrigou a desviar o olhar para seu rosto e aceitou o punhado de moedas de ouro perfuradas que ele lhe deu.

— Eu espero que seu olhar seja de aprovação — ele disse com um sorriso malicioso.

Catherine corou, mas não disse nada. Sentou-se e começou a trançar as moedas no cabelo. Ela viu que Pearsa e a maioria das mulheres se adornaram com muita generosidade, com braceletes de ouro ou prata, ou cobrindo-a cintura com correntes de ouro.

— Os ciganos sempre parecem pobres, mas nunca parecem precisar de ouro - disse Catherine, caminhando junto a Dominic para o centro do acampamento vizinho onde estava tocando música.

As tendas de mohair negro enchiam o campo junto aos carroções. O aroma de alho misturado com o dos charutos e um débil aroma de almíscar enchiam o ar. Em um dos acampamentos, vários homens com barba estavam agachados fumando charutos negros feitos à mão.

— Usam o ouro por sua beleza. O dinheiro significa pouco para eles - Dominic sorriu e seus dentes brancos ressaltaram contra sua pele escura — Quando acaba roubam ao gadjo mais próximo e conseguem um pouco mais. Amanhã a ensinarei como se faz.

— Você vai roubar algo?

Ele sorriu com indulgência.

— Houve um tempo em que o fiz, mas agora não.



Ela sentiu-se aliviada.

— Por que não?

— Porque não necessito e porque sei que posso fazê-lo. Já não tenho nada que mostrar para mim mesmo.

Ela não estava certa de que gostava dessa resposta, mas então já tinham alcançado seu destino. Seus olhos se fixaram no homem e na mulher que dançavam no círculo junto ao fogo e a música começou a apoderar-se dela. Reconheceu ao velho Josef, sentado ao lado de Czinka, cujo enorme contorno balançava com o ritmo embriagador da canção.

De pé, não muito longe, estava Medela, cada vez mais pesada por causa da gravidez e que parecia igualmente enorme. A moça morena sorriu e a saudou acariciando em seguida o ventre inchado. Catherine lhe devolveu a saudação e Dominic sorriu.

— Vê? Fez outro amigo.

— Outro? E quem é o primeiro?

— Eu, é obvio.

Gostou do modo que ele a olhou ao dizê-lo, e só por essa noite, fingiria acreditar.

—Volto em seguida.

Levou-lhe uma taça cheia de pastis, um licor francês típico do sul condimentado com anis, e Catherine gostava do sabor de alcaçuz quente.

— Dizem que se pode embebedar um camponês com água e a música dos violinos ciganos - disse Dominic quando a viu balançar-se no ritmo da música.

Um homem acompanhava ao violinista com a flauta, enquanto outro tocava um cymbalom, um instrumento parecido com um pequeno piano com cordas que se tocavam com um tipo de palheta.

Catherine sentiu a mão de Dominic em sua cintura, seu corpo grudado ao dele, mas o pastis a tinha relaxado, e a música era tão hipnótica que não se afastou. Uma dança seguiu



a outra até que a cabeça de Catherine começou a dar voltas sob os efeitos da bebida e do sensual ritmo exótico. Ela não se afastou. Seus pés se moviam seguindo o ritmo, as mãos ardiam para bater palmas e notava os seios muito quentes.

Inconscientemente, passou uma mão pela espessa juba chamejante e a separou dos ombros. Quando se virou viu que Dominic a estava olhando com olhos brilhantes. Imobilizando-a com seu olhar ardente, afastou-se dela para o círculo de luz do fogo. Ao seu redor, os ciganos aplaudiram e lhe aclamaram pral, irmão, e gritaram seu nome.

Dominic pareceu não os ouvir. Embora estivesse batendo palmas por cima da cabeça, arqueando as costas e sapateando ao ritmo da música, seus brilhantes olhos negros permaneceram fixos no rosto dela. A lembrança de cada carícia que tinham compartilhado cada toque de sua boca parecia estar gravado no olhar ardente que lhe dedicou.

Avançou, retrocedeu cheio de graça e virilidade ao mesmo tempo, rechaçando e seduzindo.

Quando lhe ofereceu sua mão, ela poderia tê-lo seguido, mas Yana se interpôs entre eles e começou a dançar. Quando jogou o exuberante peito para frente e sorriu, Catherine sentiu uma brutal punhalada de ciúmes. Ela deu a volta para partir cheia de ira. Só tinha dado uns passos quando a mão de Dominic se fechou em seu punho.

— Venha — ele disse brandamente — É com você que desejo dançar.

— Mas eu não sei... Não poderia...

— Só tem que relaxar - ele a envolveu — Deixe que seu corpo sinta a música.

E o que aconteceu com Yana? Ela pensou procurando-a na luz do fogo. Enquanto Dominic a arrastava para o interior do círculo, viu-a de pé ao lado de Vaclav, com os olhos brilhantes de fúria. Dominic a ignorou. Começou um lento e sensual baile para Catherine, levantando as mãos, jogando a pélvis para diante, lançando a cabeça para trás, desafiando-a a enfrentar ao desafio de seus sensuais olhos negros.



Catherine jogou uma olhada para Yana, viu sua expressão satisfeita, a certeza de que com toda segurança seria ridícula e, forçando um sorriso, levantou as saias. Embora não conhecesse os passos, durante toda a tarde tinha estado observando como os outros dançavam e a música a tinha apanhado. Se fechava os olhos e se concentrava, seu corpo faria o resto.

E assim o fez. Passou as mãos pelo cabelo, jogando-o para trás, e começou a imitar os movimentos de Dominic. Rebolou quando ele o fez, deu palmas e sapateou. Em uns instantes a multidão se tornou só um borrão colorido, sua atenção se centrou no homem cujo maciço corpo musculoso brilhava de suor, pelo esforço, à luz do fogo. Os tendões se marcavam em seu torso cada vez que elevava as mãos por cima da cabeça e suas longas pernas se moviam com uma graça sensual acompanhada apenas pelas comovedoras notas do violino. Em uma ocasião a levantou em seus braços, elevando-a por cima de sua cabeça e ao baixá-la, dobrou-a de costas sobre seu braço. Catherine deixou cair à cabeça, seu cabelo loiro avermelhado brilhou sobre o chão, à luz do fogo. Atenta só em Dominic dançou com abandono, acariciando seu peito e a garganta em uma atitude convidadora da qual era vagamente consciente.

Não podia dizer quanto tempo seguiram dançando. Em um momento estavam dançando, dando voltas entre os ciganos que os rodeavam, sapateando, batendo palmas, estalando a língua, golpeando partes de madeira com os dedos, e em seguida os pés de Catherine abandonaram o chão e ela se encontrou nos braços de Dominic.

Ele estava afastando-se a passadas da música, voltando para seu carroção, acompanhado dos aplausos e das risadas dos ciganos. Quando chegaram ao amparo do vardo, deixou-lhe livre as pernas e ela se deslizou ao longo de seu corpo antes de tocar o chão com os pés.



Os olhos de Catherine se abriram de sobressalto ao notar sua excitação pressionando contra ela, uma dureza tão grossa e vibrante que não podia esconder-se nem sequer através das camadas de roupa.

— Eu te desejo — ele disse com um olhar ardente — Nunca vi ninguém dançar como você. Jamais desejei tanto a uma mulher.

Ele a beijou então e um estremecimento percorreu seu corpo. Era um beijo duro e exigente que igualava a paixão da dança. Catherine gemeu. A mão de Dominic se pôs em concha sobre seu seio e o endurecido mamilo, por cima da roupa. Sua língua entrou na boca dela e Catherine se sentiu arder.

Ela quis rodear seu pescoço com os braços, lhe acariciar o cabelo, lhe tocar o musculoso torso, sentir as mãos dele por seu corpo. Queria estar tão perto dele quanto fosse possível, fundir-se com ele e não o deixar escapar jamais.

Em vez disso se afastou.

— O que aconteceu? — Perguntou ele ofegando.

A respiração difícil de Catherine quase igualava a sua.

— Sua palavra não significa nada?

— Do que está falando? — ele passou uma mão pelo encaracolado cabelo negro, fazendo um esforço para controlar-se — Vamos entrar não? Você teme que alguém nos veja?

Estendeu uma mão pensando em ajudá-la a subir ao carroção, mas Catherine se afastou

— Eu disse que isto não vai acontecer. Acha que sou estúpida? Acha que não sei onde nos levará tudo isto?

Os olhos de Dominic emitiram um brilho diferente.



— Isto nos levará a minha cama, Catrina. Que é exatamente onde desejo que estejamos.

— Você está errado, Dominic. Pode ser que você o deseje, mas eu não.

— Você está se enganando. Deseja isso tanto quanto eu.

Deus santo, isso era verdade!

— Não quero nada de você - começava a dar a volta quando descobriu a vara com a qual ele estava acostumado a treinar aos cavalos, estendeu a mão e a recolheu — Disse que se estivéssemos juntos não me açoitaria. A única forma de que aconteça o que deseja é me obrigando. Se isso for o que quer, faça-o agora.

Dominic apertou a mandíbula e endureceu a expressão. Olhou fixamente a vara e a tirou da sua mão. Ela pensou no modo que a tinha beijado e em como ela tinha respondido. Ela imaginou que estar com ele seria algo similar, o beijar, sentir suas elegantes mãos bronzeadas sobre o seu corpo... Deu uma olhada à vara e, nesse momento, quase desejou que a usasse para obrigá-la a fazer o que ambos sabiam que queria fazer.

Ele ignorou a vara.

— Aparentemente, meu amor, sou mais estúpido que você.

Com um último olhar colérico, desapareceu na escuridão.

Catherine o olhou enquanto ia. Era tudo o que podia fazer para não o seguir, lançar-se a seus braços e lhe pedir que voltasse a beijá-la.

Obrigou a seus olhos a deixar de procurar na escuridão, forçou-se a tragar o nó que tinha na garganta. Quanto tempo fazia que não permitia a si mesma o alívio curador do pranto? Nunca tinha tido que lutar contra um desejo tão forte e era uma debilidade que não podia permitir-se. Certamente agora não, possivelmente nunca.



Com esforço subiu a escadinha. No dia seguinte entrariam em Reillanne para a feira dos cavalos. Com renovada determinação e com um pouco de sorte, decidiu que encontraria uma forma de fugir.

* * *

Dominic tentou acalmar sua fúria. Nunca em sua vida tinha estado mais zangado. Tinha vontades de abrir de repente a porta do carroção, meter-se na cama de Catherine e penetrar seu firme corpo. Não acreditou em nenhum momento que ela não fosse tão apaixonada como ele. Mas nunca em sua vida tinha forçado uma mulher e não ia começar agora.

Acariciou o focinho de sua pequena égua malhada.

— Quieta preciosa - a égua relinchou e fuçou sua mão em busca de doces — Se eu te levar bem amanhã, conseguira suas guloseimas.

Ele ia vender a algum dos outros, mas a Sumadji não. Era muito valiosa. Junto com seu companheiro Rai, o grande garanhão cinza, seria uma magnífica aquisição para seus estábulos na Inglaterra.

— Por que minha Catherine não pode ser como você? — Perguntou, pensando na pequena raposa cabeçuda que tinha deixado no acampamento. Ainda agora seu corpo ardia por ela; a dor demoraria horas para passar. Quase podia sentir o peso de seus seios na mão. Sua tenaz resistência ainda o assombrava. Quando tinham estado dançando, ela tinha ardido por ele. Cada um de seus movimentos delatava seu desejo; nenhum homem sobre a terra poderia haver duvidado. Tinha estado certo de que iria de boa vontade para sua cama.

Ao invés o tinha rechaçado, como antes.



Apertou a correia de Sumadji. Por todos os diabos, essa mulher estava convertendo sua vida em um verdadeiro inferno. Lembrou a forma que a tinha beijado, e recordou com satisfação a ferocidade com a que ela havia devolvido o beijo. Se ele estava tenso como ela devia sentir-se? Apostava que não ia conseguir dormir muito melhor que ele, essa noite. O que precisava era de tempo. Catherine não podia resistir muito mais. Se tão somente dispusesse de mais dias...

Sorriu pela primeira vez. Talvez os tivesse. Já tinha decidido prolongar sua estadia e depois disso, a levaria para Inglaterra. Tinha prometido fazê-lo, mas nunca havia lhe dito exatamente o que faria com ela uma vez que estivessem lá.

Passou-lhe pela mente que podia fazê-la mudar de idéia para obter seus favores, mas desprezou a imagem quase imediatamente. Se tinha que suborná-la para conquistar sua paixão, não a queria. Não, esperaria um pouco mais, seguiria com o jogo um pouco mais.

Catherine era uma mulher apaixonada. Cedo ou tarde, se veria obrigada a ceder.



Capítulo 7

Para cada cigano que aparece

Desaparece uma galinha

E toda cigana velha

Diz a sorte a uma donzela.

— poema cigano

Charles Godfrey Leland

Catherine evitou Dominic toda à manhã. Ele estava trabalhando com seus cavalos, lhes dando de comer, os escovando, trançando suas crinas e as caudas e as atando com fitas. Estava segura de que estava ainda zangado e não estava preparada para enfrentá-lo.

Além disso, depois de seu apaixonado encontro tinha passado a noite mais incômoda de sua vida. Tinha dado voltas e mais voltas na cama, sonhando com Dominic, revivendo seu beijo, e tinha despertado empapada em suor. Ainda agora, pela manhã, tinha os seios duros e doloridos.

Talvez estivesse incubando alguma doença.

— Olhe por onde anda - Pearsa a repreendeu — vai acabar no fogo.

Estava perigosamente perto do tripé que sustentava uma pesada panela de ferro com restos de bokoli, folhinhas e carne, parte do almoço.

— Sinto muito. Estava pensando na feira dos cavalos. Dominic prometeu que me levaria.

Depois da noite passada, tenho certeza que ira sozinho.



— Deveria haver imaginado que o que rondava pela mente era meu filho. É muito bonito não?

Não lhe pareceu que houvesse motivos para negá-lo.

— Sim, é.

— Você gosta.

— Ele foi muito amável comigo.

— Isso é tudo que é para você? Um bom homem? Não acredito. Domini é um homem forte e viril, e você é uma mulher apaixonada. Deseja-o. Por que não recebê-lo em sua cama?

Catherine notou que suas bochechas ardiam.

— Não é meu marido.

Era uma resposta direta, mas que lhe fizeram dar a aparência de uma verdade indiscutível. Embora compartilhassem uma forte atração um pelo outro, Dominic não era seu marido e nunca o seria.

Ele era um cigano, ela uma condessa. Logo o abandonaria, a ele e a sua forma de viver. Uma vez que chegasse à Inglaterra, procuraria o homem que a tinha traído e se encarregaria de que se fizesse justiça. Depois escolheria um companheiro adequado, teria seus filhos e seguiria adiante como tinham feito os Barrington durante gerações.

— Vaclav te ofereceu matrimônio - estava dizendo Pearsa — por que não ficou com ele?

— Porque não o amava.

Era a conversa mais longa que tinha mantido com Pearsa. O tom de voz da anciã parecia menos seco, mas igualmente cauteloso.

— E ama a meu filho?



— Não! Certamente que não. Simplesmente chegou quando Vaclav estava a ponto de me fazer muito dano. Salvou-me e estou muito grata por isso.

— Não se casará com você. Ele jurou que não se casaria nunca.

Catherine acolheu a notícia com surpresa.

— Ele não deseja ter filhos com uma mulher que o ame?

— Suas razões são coisas dele. Digo isso para que você saiba onde está.

— Não me entregarei a ele, ao menos por vontade própria. Dominic já sabe. E prometeu não me forçar.

Pearsa lhe dirigiu um olhar indecifrável.

— A mulher inteligente não se vende barato.

— Eu não tenho intenção de me vender absolutamente.

— Meu filho pode ser muito persuasivo.

— E eu posso ser muito obstinada.

Pearsa riu brandamente.

— Já o vi.

Catherine não disse mais nada, mas quando levantou a pesada panela de ferro e começou a dirigir-se ao rio para lavá-la, Pearsa lhe deu um golpezinho nas costas.

— Já fez o suficiente. Vá com meu filho. Desfrute da venda dos cavalos. Se mantiver os olhos bem abertos, pode ser que aprenda algo importante.

Catherine se afastou do carroção com um sorriso de agradecimento, mas não foi em busca de Dominic. Em seu lugar caminhou até o vardo pintado de amarelo onde se encontrava Medela, arejando as mantas. Com a aproximação de Catherine, Medela levantou a vista.

— Me alegre de vê-la, Catrina - a saudou com um sorriso de boas-vindas.

— Bom dia, Medela. Como está?



A moça de cabelos negros deixou repousar as mãos sobre seu abdômen, tão volumoso que cada passo que dava parecia uma façanha.

— Meu cajori não demorará a chegar. Vai ser tão são como eu. Seu amuleto funciona.

— Me alegro - disse Catherine, sem acreditar nem por um instante que sua mecha de cabelo tivesse algo que ver com o assunto.

— Onde está Domini? — Perguntou Medela — Ele não se foi à feira sem você!

A verdade é que não tinha certeza.

— Ele prometeu me levar, mas pode ser que tenha esquecido - não era uma boa desculpa, mas teria que servir.

— Domini nunca se esquece de uma promessa. Virá buscá-la.

Como se ela o tivesse convocado, Dominic apareceu de repente entre os carroções. Catherine ouviu o som de suas largas passadas e se voltou para ele. Tinha esperado encontra-lo com um cenho franzido, mas só viu um olhar decidido e um sorriso iluminando seu rosto atraente. Usava uma camisa de manga longa vermelha aberta quase até a cintura e Catherine teve que reprimir-se para não ficar olhando fixamente os músculos que sulcavam seu torso.

— Parece estar quase na hora, Medela. Espero que se encontre razoavelmente bem.

Ela sorriu e acariciou o ventre.

— É o amuleto.

Dominic assentiu com expressão ligeiramente condescendente. Dirigiu sua atenção a Catherine.

— A feira está esperando, Catrina. Está preparada?

— Sim. Esperava que você... Eu pensei... depois de ontem à noite... temi que você talvez... - Catherine notou que corava — Por que não vamos?



Ele deu um sorriso torto.

— Por que não?

Pegou-a pela mão e a levou até o lugar onde estavam amarrados os cavalos. Cinco deles tinham sido escovados e preparados, e um deles estava selado, entretanto o garanhão malhado e uma pequena égua cinza permaneciam amarrados entre as árvores na parte de atrás do acampamento.

— Não vai vender todos?

— Rai e Sumadji são para criar.

Rodeando firmemente sua cintura com as mãos, içou-a sobre a alta sela forrada de branco e logo montou de um salto atrás dela. Catherine podia notar o calor de seu corpo e suas mãos descansando uns centímetros abaixo da curva de seus seios.

— Não posso montar em um dos outros cavalos? — Perguntou tentando pôr alguma distancia entre eles.

— Sabe montar a cavalo?

— Certamente.

Qualquer dama sabia montar a cavalo, embora Catherine gostasse tanto de fazê-lo que se converteu em uma amazona melhor que a maioria de suas amigas.

— Nunca deixa de me surpreender, Catrina. Começo a pensar que, embaixo dessas roupas simples, há uma verdadeira dama e não estou seguro de que eu goste da idéia.

— Faria realmente alguma diferença? — O coração de Catherine começou a pulsar mais depressa — Se eu fosse na verdade uma dama deixaria de tentar me seduzir e se encarregaria de que eu retornasse para minha casa?

Dominic arqueou uma sobrancelha.



— Considerando as atuais circunstâncias e o fato de que a comprei, diria que meus intentos de sedução foram verdadeiramente suaves. Quanto a me encarregar de que volte para sua casa, já te disse em mais de uma ocasião, que essa é exatamente minha intenção.

— Quando?

— Certamente, hoje não - pôs o cavalo ao trote — Hoje temos que fazer negócios.

E certamente que também não amanhã nem nenhum outro dia até que tenha se metido em minha cama! Bem, bom, pois não vai acontecer tal coisa, ela pensou. Quando Dominic instigou ao cavalo, Catherine renovou seu juramente de escapar.

Observou os camponeses que caminhavam ao seu lado, dúzias de ciganos enfeitados com plumas e babados que também levavam cavalos, crianças, cabras e vira-latas. Os campos estavam cobertos por poeira e os carroções vinham de todas as direções. Enquanto se aproximavam a cavalo podiam ver cartazes nos vados que prometiam adivinhar o futuro, havia malabaristas e vendedores de comida e homens vendendo artigos para os cavalos, mantas, selas e bridas. Um deles fabricava hastes e escovas de metal, e vários deles esculpiam boquilhas para flautas e pipas.

No geral, tratava-se de um amistoso caos que, além disso, vinha muito bem aos planos de Catherine.

— Há muito que aprender sobre os graiengeri — os vendedores de cavalos — lhe disse Dominic, ajudando-a a descer da sela — Por exemplo...

Conduziu seus animais até um cigano alto e magro que falava em um rápido francês com um obeso aldeão gadjo. No extremo mais afastado da cadeia de animais do cigano, agitasse uma pequena égua alazã que levantava orgulhosamente a cabeça e cujos olhos se dilatavam ao soprar.

— Interessas-o? — Perguntou Catherine — Com certeza tem muito caráter.

Dominic riu.



— Tem muito caráter porque os velhos Tibor lhe deram uma pequena dose de arsênico. O arsênico afeta aos nervos do animal. Muitas vezes lhes dão um pouco de sal para que tenha mais sede. Entre uma coisa e a outra, o animal parece mais vigoroso.

Catherine abriu os olhos com assombro. Permaneceu calada durante um momento, tentando encontrar uma palavra forte o bastante para descrever seu desgosto.

— É o mais vil, o engano mais...

— É só um deles - a corrigiu Dominic — Mas certamente não o pior - teve a desfaçatez de sorrir de orelha a orelha — Geralmente reservam os truques para os gadjos. Qualquer cigano descobriria um estratagema tão simples.

— Simples!

— Outra forma de fazê-lo é açoitar ao cavalo cada vez que se move um balde cheio de pedras. O animal aprende a temer o som. Quando o dono quer que faça uma demonstração de caráter, limita-se a agitar o balde.

— Você usa esses truques? — Ela permitiu-lhe que a puxasse para frente, mas seu respeito por ele tinha começado a diminuir.

— Nunca me aproveitaria de um animal, embora quando era mais jovem usei muitas táticas parecidas. De qualquer maneira como comerciante do grast, meu conhecimento do janjano — ou seja, do engano — me proporciona uma vantagem.

Empurrou-a para um cigano de rosto redondo e baixo que estava negociando três cavalos negros iguais, que tinham um aspecto realmente precioso

— Domini! —o homem o chamou, aproximando-se para lhe dar tapinhas no ombro — Vejo que traz outra tropa de cavalos sem fôlego. É uma pena que não tenha cavalos como estes.

— Catrina, este é Adolf.

O homem tocou a aba do chapéu, deixando ver um despenteado cabelo negro.



— Olá - saudou Catherine.

— O que acha? — Perguntou-lhe Dominic — Deveríamos nos interessar por estes?

Havia algo no modo em que o disse que fez que Catherine se aproximasse de um deles, acariciasse seu pescoço e o inspecionasse cuidadosamente.

— Deixe me ver seus dentes.

Dominic arqueou uma sobrancelha com um olhar de aprovação. Adolf se adiantou um passo e abriu a boca do animal. Catherine viu quantos espaços tinha entre os dentes que ainda não se desgastaram pela idade.

Ela sabia um pouco de cavalos, não muito, mas os cascos do animal pareciam bem e o peito, a garupa e patas tinham um bom aspecto.

— Não vejo que tenha algum defeito.

— Parece estar são - se mostrou de acordo Dominic — e acredito que o está. Por desgraça não vai viver muito tempo — tirou a faca que levava na bota, obrigou ao cavalo a abrir a boca e tirou um pedaço de alcatrão. Debaixo apareceu um dente desgastado — Veja, é bem mais velho do que parece.

Adolf parecia magoado.

— Que eu morra agora mesmo se este cavalo tiver mais de seis ou sete anos. Deve ter comido algo...

— Alcatrão, por exemplo? — ofereceu Dominic.

— Mas não tem nenhum pelo branco - objetou Catherine — Tem uma pelagem tão negra e suave como um potro.

— Potasa - disse Dominic — Pintaram seu pelo com ela para esconder a cor cinza.

Catherine sacudiu a cabeça.

— É difícil de acreditar - mas é claro que acreditava.



— Olhe isto - Dominic segurou o cabresto do segundo cavalo e o fez inclinar a cabeça
— O que vê? — Perguntou apontando os olhos do animal.

— O que? Eu não vejo nada.

— Este pequeno buraco. Perfuraram sua pálpebra. E inseriram um cano pequenino e a encheram que ar. Desse modo desaparece a expressão vazia dos cavalos velhos.

Adolf suspirou com dramatismo.

— Fere-me, Domini. Que eu morra agora mesmo se esse cavalo não for um estupendo animal.

— Economize o discurso para os gadjo, amigo.

— Que me desapareçam os dedos das mãos e os pés...

Dominic levou Catherine dali se despedindo com a mão.

— Mal posso acreditar no que me ensinou. Como demônio alguma vez encontra um animal que valha a pena comprar?

— Não procuro o melhor do lote. Procuro os cavalos que são incorrigíveis aqueles que foram mal treinados, maltratados, ou espancados. O preço diminui se o animal tem úlceras produzidas por equipamentos mal ajustados, ou se for muito caprichoso. Compro-os barato, dou-lhes de comer e cuidado para que recuperem a saúde, trabalho com eles até que estão bem treinados e depois os revendo obtendo um lucro.

Ou ao menos o fazia enquanto vivia como um cigano. Desde que tinha chegado à França se entretinha como de costume; desfrutando de seu trabalho com os grai, pondo-os no ponto. O casal de baios que tinha encontrado ao norte de Sisteron, logo que se uniu à caravana, iria adicionar a seus estábulos de Gravenwold, um dos melhores de toda a Inglaterra.

Eles passearam-se entre a multidão, detendo-se de vez em quando para escutar ofertas por um ou vários dos cavalos de Dominic. Ele não ia comprar mais porque seu



tempo com os ROM estava a ponto de acabar. Catherine caminhava ao seu lado, fazendo perguntas e comentários e parecia se divertir muito. Dominic se encontrou divertindo-se também. O entusiasmo dela era contagioso, fazendo que as horas transcorressem rapidamente, cheias de excitação e alegria. O único problema foi a ardente sacudida de desejo que sentia sempre que ela se aproximava dele, e a tensão nos rins que sofria desde que se viram pela primeira vez.

— Dominic, aquela não é Pearsa? — Catherine apontou para um vardo pintado de vermelho que ele reconheceu imediatamente — Sua mãe é uma adivinha?

Tinha pendurado um símbolo em cima da porta, convidando a todos os visitantes a entrar.

— Joga feijões em cima de um tambor. Sobre tudo, vende poções. Tenho algo que fazer. Por que não se senta um momento com ela? Olha-a trabalhar.

Catherine olhou-o com curiosidade.

— Acha que não se importará?

— Se ficar calada, não.

Catherine subiu no carroção atrás de um camponês musculoso com o cabelo cinza. Pearsa deu uma olhada em sua direção quando a viu entrar, mas quando Catherine se sentou em um canto, dirigiu sua atenção ao homem que estava sentado no tamborete diante dela. Este, secando a testa com um lenço vermelho, disse a Pearsa que sua mulher tinha ameaçado o abandonar de modo que precisava de uma poção de amor. Ela estendeu a mão na qual se viam as veias, e ele depositou uma moeda na palma.

— Misture um punhado de feijões com sangue de uma vaca e o cabelo de um ser querido - aconselhou Pearsa — seja um filho, uma mãe ou um pai. Deixe que a mistura seque, depois a pulverize e polvilhe com ela a comida de sua esposa. Faça-o durante três dias e em seguida lhe diga o muito que a ama.



— Você tem certeza de que dará resultado? —Perguntou o camponês.

— Funcionará.

— Obrigado - disse o homem, com aspecto de alívio, enquanto abandonava o carroção.

— Funcionará de verdade? —Perguntou Catherine.

—Se sua esposa ainda o ama, funcionará. Não acontece muito freqüentemente que um homem diga a uma mulher que a quer.

Catherine riu ao ouvi-la e Pearsa riu baixo. Entrou outro homem e Catherine escutou a Pearsa enquanto ela dizia a sorte.

— Em certa época você teve um grande problema com seus parentes e amigos - disse lendo cuidadosamente a disposição dos feijões que tinha jogado no tambor.

O homenzinho ficou boquiaberto.

— Certo. Minha sogra me odeia. Tentou evitar que eu me casasse com sua filha.

— Você esteve três vezes em perigo de morte - sussurrou Pearsa, unindo as sobrancelhas até as converter em uma só, com expressão tenebrosa e séria.

O homem pensou durante um momento, e logo abriu muito os olhos.

— A primeira vez foi quando tive varicela, ainda menino. A segunda quando minha carreta caiu em uma sarjeta e eu me machuquei, e a última quando me apunhalaram em uma briga na taberna. Verdadeiramente você está cheia de sabedoria.

Catherine, em seu canto, sorriu. O que Pearsa havia dito ao francês, podia se aplicar a quase todo mundo. Mas o homem lhe entregou uma moeda e abandonou o carroção convencido de que era uma bruxa.

Catherine deu uma olhada fora do carroção. Achava que Dominic só estaria ausente durante um tempo, mas ainda não havia retornado e a luz começava a desaparecer.



Começou a perder a esperança. No exterior da carreta, os negócios continuavam inclusive com mais animação agora que os homens tinham começado a beber e havia música.

— Acho que irei dar uma volta antes que anoiteça - disse a Pearsa, agachando-se para descer do carroção.

— Não vá muito longe. Meu filho se preocupará.

Só até a Inglaterra, pensou ela, mas se limitou a assentir com um sorriso. Ela passou a tarde examinando toda a área, descobrindo que o caminho que levava a cidade era a melhor via de fuga.

Uma vez, quando Dominic a tinha deixado um momento para trocar um de seus cavalos, aproximou-se de uma mulher bem vestida da aldeia.

— Sinto muito em incomodá-la, havia dito — mas tenho um pequeno problema e me perguntava se você poderia me ajudar.

— Um problema? — a mulher tinha lhe perguntado, arqueando uma sobrancelha loira — A que tipo de problema se refere?

— Seqüestraram-me de minha casa, na Inglaterra e estou desesperada para retornar. Poderia alguém do povoado me ajudar?

Os claros olhos azuis da mulher se desviaram para os vistosos carros, a coleção de cavalos, animais, e pessoas de pele morena.

— Você está com os ciganos contra sua vontade? Raptaram-na?

Catherine vacilou só um momento.

— Sim. Venderam-me como escrava. Minha família pagará um notável resgate por minha volta.

A mulher a olhou dos pés a cabeça, tomando nota de sua roupa simples e do abundante cabelo avermelhado que caía com descuido sobre os ombros. Sua expressão não era nada encorajadora.



— Não posso ajudá-la. Possivelmente outra pessoa.

— Mas...

A rápida partida da mulher a fez calar. O que esperava? Era uma inglesa em um país que estava em guerra com o seu; e, além disso, parecia uma simples camponesa, não alguém que podia pagar uma generosa recompensa. Já tinha lhe acontecido o mesmo em outras ocasiões.

Catherine deu um último olhar triste à mulher que se afastava, justo antes que Dominic retornasse e se reunisse com ela. Voltou a dar-se conta de que qualquer tentativa de fuga tinha que fazê-la sozinha. Com essa idéia em mente, voltou para o carroção que tinha o casal de robustos baios de Pearsa amarrados à parte traseira. Viu imediatamente que essa era a oportunidade que tinha estado esperando. Podia desaparecer facilmente na penumbra do crepúsculo e, mesmo que alguém a seguisse, quando se afastasse o suficiente, podia montar e ocultar-se entre as árvores se fosse obrigada a fazê-lo.

Ainda tinha em seu poder o ouro que tinha pegado; agora o levava fortemente atado em um lenço e oculto no bolso interior da saia. Não sabia por que razão Dominic não se lembrou de pedir de volta, mas fosse esta qual fosse, permitia-lhe ter um pequeno raio de esperança. Viajaria até Marselha, procuraria um navio e por fim, voltaria para seu lar.

Passasse o que passasse estaria longe dos ciganos, de Dominic e de sua perigosa atração por ele; e completamente intacta e a salvo em sua casa.

* * *

Dominic retornou ao carroção de sua mãe quando já tinha anoitecido e de melhor humor. Vender os cavalos lhe tinha custado mais tempo do que planejado e ficou zangado pela demora em voltar a ver Catherine.



Ao vê-lo aproximar-se, Pearsa desceu da parte traseira do vardo.

— Parece cansado, filho. Os negócios não foram como esperava?

— Demorei mais do que pensava - jogou uma olhada ao interior do carroção — Onde está Catherine?

Pearsa elevou a vista, surpreendida.

— Partiu faz um momento. Pensei que ia te buscar.

— Não a vi desde que a trouxe aqui.

Pearsa deu de ombros.

— Há muitas coisas que ver. Pode ser que encontrasse algo interessante.

— Possivelmente — ele disse embora começasse a duvidá-lo — Vou dar uma olhada pelos arredores.

Não tinha dado nem três passos quando percebeu de que só havia um cavalo preso na parte de atrás do carroção, em vez dos dois que deveria haver.

— Maldição! — Recitou outra fileira de juramentos para terminar dizendo — Condenada bruxa.

Como o segundo animal não tinha arreios se agarrou a crinas e subiu no lombo em um salto, a seguir rodeou o carroção até Pearsa.

— Pegou um dos cavalos. Vou atrás dela.

— Os caminhos são perigosos - disse Pearsa — mas não faz muito que se foi. Não pode estar muito longe.

O suficiente para meter-se em problemas, pensou Dominic, recordando os camponeses bêbados e os ciganos briguentos que vagavam pelos arredores.

— Pequena idiota - resmungou, cravando os calcanhares nas costelas do enorme castrado e pondo-o a galope.



Havia dois caminhos, um atravessava o campo aberto e o outro o bosque; Catherine não era tola; sabia que ele iria atrás dela, de modo que escolheria o que lhe proporcionasse mais proteção, maiores probabilidades de escapar.

Se desejava tanto partir, deveria deixá-la. Por que tinha que preocupar-se com o que acontecesse a uma tonta cabeçuda que o mantinha constantemente frustrado? Mas o certo é que se preocupava e quanto mais se afastava e mais escurecia, mais lhe inquietava que pudesse ter lhe acontecido algo terrível.

Pode ser que tropeçasse com os bandidos ou os ladrões que sempre rondavam perto quando havia possibilidades de tirar proveito — e havia muito dinheiro trocando de mãos na feira. Os bandoleiros estariam esperando algum imprudente passar no atalho.

Dominic pensou em Catherine, imaginou-a caída no bosque com a roupa rasgada por lutar contra seus atacantes, seu pequeno corpo machucado e maltratado. A idéia de outro homem tocando-a, violando o que com tanto esforço protegia, fez com que acelerasse seu coração e ele obrigou ao baio a ir mais rápido, amaldiçoando a si mesmo por ser um estúpido e amaldiçoando-a ainda mais a ela por sua obstinação.

Não havia nenhum sinal dela adiante, mas tampouco tinha notado indícios de que o cavalo tivesse abandonado o caminho. Graças a Deus, esta noite a lua brilhava, e ele o agradeceria mais se encontrasse Catherine antes que lhe acontecesse algo.

Os cascos do baio retumbaram sobre o chão, o animal começou a suar; mas o cavalo era robusto e estava sadio. O caminho fazia curvas a direita e esquerda, rezou para vê-la ao dobrar a seguinte curva. Mas não foi assim.

Não sabia o que era que provocava que doesse seu coração, se a preocupação ou a ira, mas a cada minuto que passava, sua cólera aumentava um pouco mais. Como a ardilosa mocinha se atrevia a lhe fazer algo assim? Como se atrevia a lhe causar tanto desconforto?



Quando a encontrasse ia lhe dar uma bronca que não esqueceria. Não, corrigiu a si mesmo conforme sua fúria aumentava a estrangularia até deixá-la meio morta.

Quando a encontrasse, admitiu por último, se sentiria tão condenadamente aliviado que não sabia o que faria.

Ele aproximou-se de outra curva e um som à frente captou sua atenção, o fazendo segurar o cavalo. O som de uns cascos a galopar que logo diminuíram quando o cavaleiro abandonou o caminho. Apostaria até sua última onça de ouro que se tratava de Catherine.

Dominic esboçou um sorriso turvo com fria determinação. Ela era uma pequena raposa ardilosa, mas ele tinha anos de experiência em suas costas. Guiando o cavalo por entre os bosques, calculou o lugar onde se encontraria com Catherine. Se estava errado e o cavaleiro era outra pessoa, teria perdido um tempo precioso.

Rezou para que seu instinto não estivesse equivocado.

* * *

Catherine ouviu os ruídos dos cascos. Perguntou-se se seria Dominic ou outra pessoa. Quem quer que fosse tinha que o evitar. Conduziu o cavalo entre as árvores, cavalgando o mais rápido que podia, mas ia mais devagar que o que tinha ido enquanto se manteve no caminho. Suas pernas doíam terrivelmente por montar como um homem. Nem sequer a manta de lã que tinha posto em cima do cavalo, tinha lhe servido de ajuda. Os ramos arranharam suas bochechas e enrolaram no cabelo; tinha os joelhos arranhados e esfolados porque suas saias tinham subido, mas apesar disso, continuou cavalgando. Cedo ou tarde encontraria um lugar onde ocultar-se, utilizaria uns ramos para apagar os rastros do cavalo e esperaria que o cavaleiro passasse.



Uma vez que ele tivesse abandonado a busca, ela continuaria seu caminho. Esquivou-se de outro ramo baixo, fez uma curva fechada em um declive e chegou a um pequeno rio. Sorriu diante de sua boa sorte; a baía seria uma maneira perfeita de disfarçar a direção que pensava tomar. Com renovada confiança, obrigou o cavalo a avançar. Acabava de entrar na água quando ressoou um tiro em algum lugar a suas costas.

Catherine conteve o fôlego e o coração começou a pulsar com violência. Quem estaria disparando? E em quem?

Ignorando a vozinha que lhe recomendava tomar cuidado, cravou os calcanhares nos flancos do cavalo e voltou para trás para assegurar-se de que o ruído de cascos queria dizer que era Dominic quem a seguia. Em vez disso ouviu vozes longínquas, muito longe para entender o que diziam, mas claramente hostis.

Cavalga, disse a vozinha em sua cabeça. Esta é sua oportunidade de fugir. Continua pelo leito do rio tanto quanto que possa e logo se afaste a galope.

E se era Dominic? Perguntou outra voz. Ele a ajudou, não pode abandoná-lo.

Talvez não se trate dele, argumentou a voz. Talvez haja outra explicação. Podiam ter acontecido muitas coisas, mas não estava disposta a considerar a possibilidade de que assim fosse; pelo contrário, voltou sobre seus passos com as mãos empapadas de suor e o coração pesado, preocupada com o homem que podia estar em perigo.

Quando as vozes masculinas se ouviram mais perto, Catherine agarrou as rédeas, desmontou e amarrou o cavalo em uma árvore. Entrou na mata, sem se importar com os arranhões dos ramos e dos espinhos, até que chegou a uma clareira do bosque.

O estômago deu um nó. Do outro lado da clareira estavam dois homens que ameaçavam Dominic com uma pistola. Do canto de sua boca saía um fio de sangue e um terceiro homem, mais alto que ele, segurava seus braços às costas.

— Deus Santo - sussurrou Catherine. Que demônio podia fazer?



Dando uma olhada ao redor, procurou desesperadamente por algo que pudesse usar como arma ou que pudesse distrair os homens tempo suficiente para que Dominic escapasse. Agarrando um punhado de pedras e um ramo seco, curto e forte, aproximou-se tanto quanto se atreveu e lançou uma das pedras contra o tronco de uma árvore do lado oposto da clareira.

— O que foi isso? — Perguntou um deles, um homem alto e esquelético ao qual faltavam vários dentes. Os ladrões se olharam entre si — Acredito que ouvi algo.

Catherine lançou outra pedra, que aterrissou com um ruído sinistro do outro lado do caminho.

— René, vá dar uma olhada - ordenou o que segurava Dominic que aparentemente era o líder, e o terceiro dos homens, um francês robusto cujas calças estavam curtas, aproximou-se rapidamente do lugar de onde provinha o som.

— Só vou lhe perguntar isso mais uma vez, cigano, onde está o dinheiro? Nós o vimos vendendo cavalos; não somos tão estúpidos para acreditar que só tem o pouco que encontramos - a pistola do gigante francês pressionou as costelas de Dominic — Onde está o resto?

— Já disse que está em meu carroção. A menos que queira entrar em um acampamento cigano, isso é tudo vai encontrar.

O homem magro se adiantou um passo e o golpeou com força no estômago. Dominic ofegou e tentou soltar-se, mas o gigante se limitou a levantar mais seus braços. O outro engatilhou a pistola e o estalo foi o ruído mais ameaçador que Catherine já tinha ouvido.

— O que você acha Pierre, o mato?

O gigante deu uma risadinha.

— Faríamos um favor ao país, n'est-c pas? Libertaríamos o mundo de outro asqueroso cigano.



Catherine não pôde agüentar mais. Esquecendo-se de seu medo, saiu do bosque e, com o ramo, golpeou com toda sua força ao que segurava a pistola, arrancando-a de sua mão. Quando ele se voltou para seu atacante, ela voltou a lhe golpear e ele caiu no chão. Nesse mesmo momento, Dominic tentou escapar. Aproveitando da surpresa do francês, liberou um braço e o golpeou com o cotovelo nas costelas, com tanta força que o outro se dobrou, depois o fez dar a volta e lhe deu um forte murro na mandíbula.

Catherine agarrou a pistola caída, apontou com ela ao terceiro ladrão que vinha correndo para eles do bosque, fechou um olho e disparou. O homem agarrou o ombro ensangüentado com um olhar de surpresa e um grunhido de dor, seus joelhos se dobraram e caiu de bruços no chão.

Quando Catherine deu meia volta para ver outros, descobriu que Dominic tinha pegado a pistola que o gigante levava na cintura e apontava para seu queixo coberto com uma barba desgrenhada.

— Se não desejar morrer - disse Dominic, limpando o sangue da boca com o dorso da mão — eu sugiro que não faça nenhum movimento brusco.

Pierre apertou os punhos nos flancos, mas permaneceu imóvel. O mesmo fez o homem ao qual Catherine tinha desarmado quando voltou a levantar-se. Dominic remexeu no bolso do gigante e tirou o dinheiro que o outro tinha lhe roubado.

— Já que há uma dama presente, não vou matá-lo — Catherine respirou fundo — Vou te dar a volta devagar, e quando o fizer, espero que se mova lentamente, recolha seus dois amigos e parta.

O ladrão, cuja testa estava empapada de suor, concordou.

— Faremos o que diz - olhou ao outro homem — Gaspar cuide de René. Como diz o cigano, não gostaria de morrer esta noite.



Gaspar se aproximou com cuidado do homem ferido que gemia dolorosamente uns metros mais à frente.

— Um momento - advertiu Dominic — Catherine pegue a pistola, está ao lado desses arbustos - acrescentou apontando-a com a cabeça.

Permitindo que a pistola descarregada que ainda conservava na mão, deslizasse silenciosamente ao chão, Catherine obrigou a suas pernas a moverem-se. Graças a Deus não tinha matado, mas mesmo assim ela sabia que o teria feito se isso significasse salvar a vida de Dominic. Recolheu a pesada arma do chão e voltou junto aos outros.

Dominic liberou o francês corpulento e se afastou um passo, lhe apontando no peito. Catherine fez a mesma com a arma que tinha, embora a mão tremesse tanto que mal podia mantê-la quieta.

— Fora daqui! — Dominic ordenou aos homens — E se querem seguir vivendo eu sugiro que não voltem.

Lançando um juramento, os dois homens agarraram ao ferido pelos ombros e o arrastaram até o bosque. Catherine podia os ouvir amaldiçoar enquanto tropeçavam em sua pressa por fugir.

Com um suspiro de alívio ao ver que os dois estavam a salvo, voltou sua atenção para Dominic. Empalideceu ao ver a dura e fria fúria que escurecia seus olhos.

Inconscientemente, retrocedeu um passo.



Capítulo 8

— Por quê? — perguntou Dominic, muito suavemente, aproximando-se dela com um silêncio que evidenciava a ira que não se incomodou em dissimular.

— Por que, o que? — Ela retrocedeu outro passo — Por que voltei ou por que escapei?

— Ambas as coisas — ele respondeu estendendo o braço e segurando-a antes que pudesse fugir. Aproximou-a dele, cravando os dedos na sensível carne dos ombros — Pequena estúpida não sabe que podiam ter a matado?

Catherine se soltou.

Dominic lançou um juramento que ela preferia não ouvir e passou os dedos pelo cabelo.

— Mulher maldita. Está tão condenadamente decidida a voltar para casa que estava disposta a cair nas mãos desse bando?

— Eu teria conseguido se não tivesse retornado por você — ela respondeu zangada também.

— Conseguido? Não teria durado nem duas horas mais. Assim como está vestida parece uma camponesa; um saboroso bocado para qualquer homem. Teria sido vítima do primeiro canalha que cruzasse com você.

Isto é o cúmulo! Catherine pensou indo às nuvens. Ela o tinha salvado e ele se atrevia a tratá-la assim.

— Preferiria tentar a sorte com qualquer canalha do que com você!

Dominic a agarrou outra vez.



— Sério?

— Sim!

Brilharam-lhe os olhos de fúria e um músculo se esticou na bochecha.

— É um pouco rebelde. Necessita que a domem e eu sou o homem indicado para fazê-lo - então a beijou com tanta força que ela cairia se ele não estivesse segurando-a.

Ela o golpeou no peito, tentado afastar-se, mas só conseguiu que Dominic apertasse mais o abraço.

Um minuto antes ela estava de pé, lutando contra seu selvagem abraço, e a seguir Dominic a tinha convexa no chão com a terra úmida embaixo deles. Seu beijo, apaixonado e exigente, parecia lhe roubar todo o ar dos pulmões. Em vez de lutar contra ele como deveria ter feito, encontrou-se devolvendo o beijo, seu corpo estremecendo em todos os lugares que pressionavam contra o de Dominic.

Ele segurou seus pulsos dos dois lados da cabeça e continuou com seu assalto, mais brandamente, acariciando seus lábios com a língua, incitando-a a separá-los, e em seguida deslizando-a no interior de sua boca. Agora que sua ira já evaporou, provocou-a, acariciou, provou e degustou, até que Catherine gemeu. Quando soltou seus pulsos, ela pensou em rechaçá-lo, entretanto rodeou seu pescoço com os braços e afundou os dedos em seu cabelo.

— Isso, gatinha fogosa - sussurrou ele contra sua boca — Você também me deseja.

Ela quis negá-lo, mas a mão do Dominic rodeou seu peito, acariciando-o e moldando-o por cima do fino tecido de algodão. Os mamilos se endureceram com seu contato e beliscou o duro bico com os dedos. Ela podia notar sua dura ereção, grossa e palpitante, contra as coxas, mas sua boca era tão cálida e viril e sua língua estava tão profundamente inundada em sua boca, que se arqueou contra ele em vez de afastá-lo.



Notou que deslizava a mão por debaixo de sua blusa, sentiu a aspereza de sua palma contra a pele, e seu corpo começou a arder. Quando ele afastou a boca, inclinou a cabeça e capturou o mamilo, Catherine pensou que seu coração ia sair do peito.

Uma mão lhe rodeou o traseiro, e foi descendo pela coxa. Dominic começou a levantar sua saia.

— Não — ela sussurrou — Você prometeu.

Mas ele se limitou a tampar sua boca, beijando-a. A mão que Dominic mantinha no joelho dela foi subindo pela coxa e Catherine começou a retorcer-se. Debaixo da saia não usava nada que a protegesse de seus dedos curiosos. Sentiu-os na parte interior da perna, movendo-se até lhe roçar o sexo.

— Dominic, por favor — ela sussurrou, tentando detê-lo.

Mas seus dedos tinham vontade própria. Tocavam-na onde nunca antes outro homem a havia tocado; acariciou-a e separou as pétalas acetinadas e deslizou um dedo em seu interior.

— OH Deus! — Soluçou Catherine, sabendo que ele não demoraria a obter o que queria. Ela o desejava tanto quanto ele.

— Disse que não me forçaria — ela suplicou afastando os lábios que tentavam calá-la. Salvei sua vida e quer tomar posse do que não estou disposta a entregar.

Os dedos de Dominic pararam e Catherine tremeu pela perda repentina.

— Deseja-o tanto quanto eu — ele disse bruscamente, percebendo sua crescente necessidade.

Deus santo, não havia nada neste mundo que desejasse mais.

— Nem sempre podemos ter o que queremos — ela sussurrou.

— Me deixe te amar Catherine.



Os dedos voltaram a deslizar-se em seu interior, fazendo sua magia, tentando-a com a promessa de um prazer insuspeitado.

Catherine fechou as pernas, lutando contra a ardente sensação.

— Não. Eu suplico que não pague minha ação me possuindo contra minha vontade.

A mão se moveu lentamente, deslizando para dentro, acariciando-a enquanto ela se arqueava, inconscientemente, contra os dedos experientes.

— Contra sua vontade? — ele zombou gentilmente.

— Me leve de volta ao acampamento se deve fazê-lo, mas não me obrigue a fazer algo que sempre lamentarei.

Pela primeira vez ele pareceu inseguro.

— Por que iria lamentá-lo? — levantou-se — Por que sou cigano?

Por que é o mesmo diabo.

— Sim! — Ela diria qualquer coisa para detê-lo — Sou inglesa e você é só um cigano desprezível.

Dominic a olhou de acima a baixo duramente. Os olhos que momentos antes a olhavam com paixão, agora o faziam com ódio.

— Perdão, milady. Não pensei que achasse minha companhia tão desagradável - com uma expressão de repugnância que poderia ter congelado até as pedras, tirou a mão de debaixo de suas saias, afastou-se e ficou agilmente de pé. Sua ereção ainda pressionava audazmente contra suas calças.

Catherine também se levantou, enfrentando à paixão insatisfeita, a vergonha e a culpa pela crueldade de suas palavras. Temendo o desprezo que sabia que veria nos olhos dele, levantou-se e começou a caminhar para o bosque onde estava preso o cavalo.

— Onde você acha que vai? — Explodiu Dominic, segurando-a pelo braço quando ela tentou passar na frente dele.



Catherine jogou o cabelo para trás em uma atitude de desafio, para dissimular sua preocupação.

— Vou procurar o cavalo. O seu parece ter desaparecido.

— Sim, graças a você.

Mas a deixou continuar e ela foi até o bosque, grata por dispor de uns minutos para recuperar-se. Quando voltou com o baio, já estava preparada para enfrentá-lo, mas lhe pesava o coração, tinha os seios doloridos e o lugar entre suas pernas palpitava e ardia.

Não tinha sentido negar a paixão que havia sentido, a que continuava sentindo nesse instante.

Não havia modo algum de reparar o dano que suas palavras tinham feito.

Além disso, raciocinou, tinha toda uma vida à frente, a vida de condessa de Arondale, uma vida esperando-a na Inglaterra. Não podia oferecer sua paixão a nenhum homem, exceto aquele com quem se casasse.

Olhando de viés a Dominic, para a expressão de amargura que suas palavras tinham levado ao seu rosto, soube que tinha encontrado uma maneira de fazer que terminasse.

* * *

Por que realmente tinha que sempre sofrer tanto? Sabia que tinha que haver uma razão para que sempre o rechaçasse embora o desejasse, e ainda assim se negou a reconhecê-lo. Simplesmente, não queria acreditar que a causa fosse seu sangue cigano.

Mas deveria tê-lo adivinhado desde o começo. Não havia uma só mulher decente na Inglaterra, que desse as boas-vindas a um cigano em sua cama. Esse era um dos motivos pelos quais seu pai tinha mantido seu segredo com tanto zelo. Certamente, tinha havido especulações, os rumores se propagaram por todos os cantos da alta sociedade. Mas



ninguém acreditou. Ao contrário, acrescentavam-lhe mistério, lhe fazendo ainda mais desejável.

As mulheres desfilavam por sua cama às escondidas. Agora a verdade estava mais clara que nunca: Dominic Edgemont, lorde Nightwyck, podia ser um amante aceitável; Domini, o cigano de olhos negros, não.

Nem sequer para uma mulher arruinada a qual não tinha nem um resto de inocência. Contemplou Catherine enquanto ela olhava para o bosque, com medo de olhá-lo nos olhos, porque ela finalmente tinha admitido a verdade.

Estava a ponto de acreditar que o tinha enfeitiçado, como havia predito Vaclav. Recordou o que tinha acontecido entre eles. Levando em conta as circunstâncias, o modo que ela tinha respondido, não havia mulher sobre a Terra que não houvesse possuído, tanto se ela odiasse seu sangue cigano quanto se não.

Seu desejo por ele não podia haver diminuído por sua ascendência. Era uma mulher toda fogo e paixão, e, independentemente de que sua virgindade tinha sido arrebatada muito tempo antes, ainda assim, não havia nenhuma necessidade de conter-se.

Acaso suas cruéis palavras só tinham sido um modo para desviá-lo de seu objetivo? O que havia nela que apesar de tudo o tinha enfeitiçado quase até a loucura?

— Você vai procurar o outro cavalo? — ela perguntou levando o seu até ele.

— Com um pouco de sorte, quando tiver fome encontrará o caminho até o carroção - ele rodeou com as mãos sua cintura estreita e a sentou na larga garupa do cavalo, com as saias protetoramente amontoadas debaixo. Não lhe escapou sua expressão de dor.

— Dolorida?

— Nunca tinha montado escarranchado antes.

— Se eu tivesse a montado teria acabado mais dolorida ainda.



O precioso rosto de Catherine ficou rubro e Dominic sentiu uma onda de satisfação. Agarrando as crinas do cavalo se sentou atrás dela, abaixou-se, passou uma perna dela por cima do pescoço do animal e então ela ficou sentada de lado.

— Melhor?

— Sim, obrigado.

Catherine engoliu o nó que tinha se formando na garganta. Dominic estava zangado, furioso de fato, mas inclusive depois de suas dolorosas palavras, preocupava-se com sua comodidade. Embora o ardil tivesse funcionado melhor do que esperado, já lamentava as haver pronunciado. O fato de que ele fosse meio cigano não era culpa dele, e não havia nele nada de desprezível. Nada absolutamente.

Cavalgaram em silêncio durante o longo trajeto até o carroção. Dominic não disse nada nem sequer quando ela abriu a porta e se meteu no vardo, mas a olhou com uma decepção tão amarga que quase partiu seu coração.

Essa noite dormiu mal e se levantou o amanhecer, encontrando-se com Dominic que estava já na feira e Pearsa trabalhava com suas marmitas. Ela se endireitou ao ver que Catherine se aproximava.

— Bom dia, Pearsa.

O rosto da anciã, enrugado e gasto pelo tempo, parecia mais pálida e séria.

— O que você fez a meu filho?

Qualquer rastro da simpatia que ela tinha demonstrado no dia anterior, tinha desaparecido com o ar da manhã.

— Eu fiz? Nada. Não sei do que está falando.

— Não acredito. Você foi um problema desde que chegou. Enquanto o fez feliz não me preocupei, mas agora não está.

— Talvez tenha problemas com os cavalos.



Pearsa soprou com incredulidade.

— Não me tome por idiota. Seja o que for que tenha lhe feito, o fez sentir-se menos homem. Outros sabem que dorme no chão, fora do carroção. Sabem que fugiu dele; Vaclav viu. Yana se assegurou de que todo kumpania soubesse. Dizem que seu sangue cigano não é forte o bastante para pôr a uma simples mulher gadjo em seu lugar. Vaclav fez que riam a dele em suas costas.

— Vaclav é um imbecil! —Cuspiu Catherine— Dominic é cem vezes mais homem do que Vaclav, mais que qualquer outro que há neste acampamento. Se outros não são capazes de vê-lo é porque estão cegos.

Pearsa arqueou suas escuras sobrancelhas. Olhou Catherine especulativamente.

— Então assim o dirá — ela ordenou — Reparará qualquer dano que tenha feito.

Catherine umedeceu os lábios que tinham secado de repente.

— Não.

Pearsa ia discutir, mas um agudo gemido que dizia seu nome a deteve em seco.

— Pearsa! —Voltou ao ouvir o grito.

Czinka apareceu entre os carroções, andando como um pato, tão rapidamente como podia, com um tinido de contas, lantejoulas e moedas a cada passo que dava. Falaram rapidamente em romaní, movendo agitadamente as mãos, obrigando Pearsa a segui-la.

— O que aconteceu? — Perguntou Catherine enquanto a anciã se afastava— O que houve?

— É Medela. Chegou o momento. O menino vem muito antes do que esperávamos.

Catherine se apressou a aproximar-se das duas mulheres.

— Isso é ruim?

Pearsa sorriu, mas continuou andando.



— Está tudo bem. Sofrerá um pouco. Realmente lhe trouxe boa sorte - se deteve na entrada da tenda negra que havia ao lado do carroção de Czinka, onde Medela e seu marido, Stavo, o filho de Czinka, residiam — ao menos para alguns de nós.

Desapareceu sob a lapela da tenda.

Com um grunhido, Czinka se agachou para segui-la.

— Posso fazer algo? — Perguntou Catherine antes que a outra terminasse de entrar.

— Pode por mais lenha no fogo. Assim os maus espíritos se manterão afastados.

Não era isso o que tinha em mente, mas se mostrou de acordo.

— Eu o manterei aceso até que nasça o menino - sorriu ao pensar que começava a acostumar-se com suas estranhas superstições.

— Até que seja batizado - a corrigiu Czinka, entrando na tenda.

Batizado, pensou Catherine, assombrada, como sempre, pela mescla de antigas superstições e de religião moderna que tinham os ciganos. Que mistura estranha de crenças tinham os ciganos!

Sacudindo a cabeça diante da idéia, começou a tarefa, jogando uma boa provisão de carvão no fogo que ardia no exterior da tenda, depois foi ao bosque para repor a lenha do monte que ia diminuindo. No meio do caminho, Janos estava em cima dela, agarrando sua mão.

— Medela está tendo seu filho? — perguntou.

— Sim. Muito em breve, pelo que parece.

Tinha o nariz e o queixo manchados. Ele só vestia um par de calças esfarrapadas, não usava nem camisa nem sapatos. Elevou a vista para ela, de maneira um tanto estranha, dando um chute em uma pedra.

— É verdade o que dizem? Roubou um dos cavalos de Domini e fugiu?

Catherine brincou com as dobras de sua saia, mas se obrigou a olhá-lo.



— Peguei emprestado. Já viu que retornei.

— Por que quer nos abandonar? Domini disse que não era como os outros gadjos. Disse que você gostava dos ciganos. O que ele diria se Janos perguntasse hoje?

— Eu gosto de muitos. Eu gosto de você e de Medela. Eu gosto de Jozsef e Czinka.

— Você gosta de Domini?

O coração de Catherine encolheu. Gostar era um modo de disser. O que sentia pelo Dominic? Perguntou-se, mas quando a verdade ameaçou sair à superfície, voltou a afundá-la com firmeza.

— Claro que eu gosto. Dominic foi muito bom comigo.

— Então por que escapou?

Catherine acariciou as negras mechas de cabelo que caíam pelo rosto do menino.

— Quero ir para minha casa - disse docemente — Retornar a Inglaterra. Ali está minha família, assim como a sua está aqui.

— Domini vive ali às vezes. Talvez a leve.

Catherine sorriu tristemente.

— Talvez.

— Onde ele está? — Olhou para os carroções.

— Voltou para a feira do cavalo - respondeu Catherine.

— Não. Saiu sozinho a cavalo. Acho que está triste porque você fugiu.

Catherine parou de andar e se ajoelhou aos pés de Janos, as duas cabeças estavam na mesma altura, uma de uma brilhante cor negra e a outra como um sol carmesim.

— Por que o diz?

— Porque quando Vaclav zombou dele o chamando idiota, limitou-se a dizer que pelo menos uma vez, estava de acordo.

Santo Deus! O que tinha feito?



— Acha que pode adivinhar aonde foi?

Janos pensou durante um momento, com suas pequenas sobrancelhas negras unidas.

— Pode ser que ao lago - apontou entre as árvores — Às vezes gosta de pescar.

— Por que eu não vou e comprovo?

Medela estava em boas mãos com Pearsa, e de qualquer maneira não iria deixá-la entrar.

Janos sorriu de orelha a orelha e assentiu. Em lugar de querer acompanhá-la como ela tinha pensado que faria, deu meia volta e voltou correndo para sua carreta. Era um menino muito inteligente, pensou enquanto se dirigia ao lago.

Os pensamentos de Catherine seguiam centrados em Dominic, enquanto passava por um caminho coberto de grama esmagada. Suas cruéis palavras tinham alcançado seu objetivo, mas o preço que ele tinha pagado por isso tinha sido alto. Tinha que haver um modo menos destrutivo de o dissuadir e que deixasse a ambos conservar o orgulho.

Endireitando seus miúdos ombros com um gesto que indicava que acontecesse o que acontecesse não tinha intenção alguma de ceder a suas demandas, seguiu adiante, segura de que encontraria uma maneira de fazê-lo fracassar.

Convencida de que, independentemente do que tivesse acontecido entre eles, utilizar mentiras sobre sua ascendência, não era a forma de fazê-lo.

* * *

Dominic atirou uma folha de grama seca na água. Esta flutuou sobre a superfície e foi à deriva, igual a seus pensamentos.



Precisando se afastar um momento dos olhares de esguelha e das insinuações de que era incapaz de controlar sua mulher, tinha montado no cavalo cinza até que ambos acabaram esgotados, e depois tinha ido ao lago.

Sua mulher. Assim a tinha chamado Vaclav. Dominic riu da idéia. Tinha pagado uma fortuna por ela e ainda assim resistia a ele como nenhuma outra mulher o tinha feito. Deveria ter se deitado com ela muito tempo antes, ter satisfeito seu desejo, e ter terminado com o assunto. Se ele tivesse lhe ensinado desde o começo qual era seu lugar, teria mantido ocultos seus sentimentos e suas palavras jamais o teriam ferido.

O que importava? disse-se com firmeza. Ia regressar para a Inglaterra dentro de uns dias. Tinha trabalho pendente em Gravenwold, responsabilidades que não podia evitar. Se não tivesse acontecido isto, atrasado sua partida, tal e como tinha planejado, esperando que no final Catherine se entregasse a ele, admitindo sua paixão e seu desejo.

Esta era a última oportunidade que tinha de saborear a liberdade da qual desfrutavam dos ROM, e era parte das razões pelas quais tinha decidido ficar. Jamais se arrependeria das valiosas semanas passadas com sua mãe, vagando por aí com sua gente. Uma vez que voltasse para a Inglaterra, teria que batalhar novamente com seu pai, opondo-se a asfixiante dominação de ancião ou atendo-se ao estrito código de comportamento da alta sociedade.

Com os anos, tinha acabado por aceitar sua posição nessa sociedade, e inclusive usufruía dela, mas conservaria a lembrança desta última incursão na liberdade durante o resto de sua vida.

Tudo exceto Catherine. A pequena trapaceira que tinha convertido sua vida em um inferno. Recordou como havia retornado para ajudá-lo, pondo em perigo sua vida por salvar a dele. Nunca havia se sentido tão orgulhoso de uma mulher, nem um desejo tão feroz de protegê-la.



Perguntou-se por que ela o teria feito, desprezando-o como o desprezava.

Lembrou outra vez de suas cruéis palavras, palavras que tinha ouvido mil vezes e que seguiam ferindo-o como uma adaga. Tinha acreditado que ela era diferente, especial. Deveria ter sabido que não.

* * *

Não estava pescando, comprovou Catherine, mas estava sentado na borda com os largos ombros apoiados no grosso tronco de uma árvore. Seu enorme garanhão cinza pastava na suave grama, a certa distância. Um gaio, empoleirado nos ramos da árvore, fazia ocasionais incursões ao lago.

— Posso te acompanhar?

Dominic se virou ao ouvir sua voz; a expressão de seu rosto carecia de calor, só era de uma fria resignação. O gaio emitiu um chiado com a mesma desaprovação que Catherine podia ler em seu rosto.

— Não tem nada melhor para fazer que perder seu tempo com um desprezível cigano?

Ela ignorou o sarcasmo e se sentou ao seu lado, olhando a pequena lagoa. Um peixe interrompeu a lisa superfície, enviando pequenas ondas até a borda.

— Aqui é bonito. Recorda-me um pouco a minha casa.

Seu olhar permaneceu inalterado, mas um leve interesse apareceu em seu rosto. Tal e qual esperava, estava lutando contra sua curiosidade.

— Você vivia perto de um lago?

Ela assentiu com a cabeça.

— Uma pequena lagoa não muito maior que esta.



— Onde?

— Em Devon, não muito longe da costa. Quando era muito pequena, meu pai costumava me levar para pescar. Parecia-me muito divertido - riu ao recordá-lo, pensando nas calças curtas que tinha pegado emprestadas do filho da cozinheira. Elas eram muito largas, mas as usara com boa vontade durante um tempo — É obvio, não durou muito, era muito velho para algumas coisas; ou ao menos eu pensava isso.

Sua boca se curvou ironicamente.

— Muito velho para muitas coisas.

Ela deixou passar o comentário, tentando não lembrar do descaramento com o qual tinha respondido aos seus beijos e à magia que ele tinha criado com suas mãos.

— Quando tinha seis ou sete anos - seguiu ela tão por despreocupadamente como pôde — preferia brincar com as bonecas a pescar. Eu gostava de vesti-las com formosos vestidos que minha mãe me ajudava a fazer e fazer reuniões de chá com elas.

— Reuniões de chá? — Ele não parecia muito divertido.

— Eu sempre gostava das coisas femininas que me rodeavam. O aroma de um perfume, a sensação da seda entre meus dedos... - sorriu levemente melancólica — Se meus pais pudessem me ver agora, não poderiam acreditar que eu fosse sua recatada filha.

Dominic arqueou uma sobrancelha. O tom de sua voz foi seco e carente da menor simpatia.

— Temo que eu não esteja de acordo. Considerando as circunstâncias, acredito que conserva admiravelmente o sentido inglês da decência.

A forma em que disse inglês a fez, de repente, desejar não sê-lo.

— É isso o que acha Dominic? Está dizendo que o que te disse ontem à noite estava certo?

Ele a olhou com dureza, desafiando-a com os olhos.



— O que você acha?

— Acho que é algo do qual sempre me envergonharei, especialmente quando não pensava de verdade nenhuma só palavra.

Ele levantou a cabeça, a brisa jogou sobre a testa umas mechas do brilhante cabelo negro.

— Você pensava. Do contrário não o teria dito.

— Eu só queria te deter. Nem sequer tinha pensado nisso, até que você o disse. Então me pareceu uma boa maneira de... tranquilizar as coisas.

Ele riu ao ouvi-la.

— Tranquilizar as coisas? Para voltar para sua cama sozinha; sem a companhia de um desprezível cigano?

Catherine olhou-o durante um momento, percebendo sua cólera e sua dor. Seguindo um impulso, inclinou-se e o beijo suavemente na boca.

— Não me importa que seja cigano. E não há nada de desprezível em você.

Ele não se moveu para tocá-la. Ela rezou para que não o fizesse.

— É um bom homem, Dominic. Não esquecerei nunca como me salvou de Vaclav. Inclusive ontem à noite, acredito que me seguiu porque pensou que eu poderia estar em perigo.

Acariciou-lhe a bochecha, desejando que acreditasse.

— Eu o vi com o Janos e outros meninos. Vi a paciência que tem com eles e como o respeitam. Notei o quanto se preocupa com sua mãe, a bondade que demonstra com o velho Josef, inclusive com Yana. Inclusive eu pude me dar conta de que nunca quis magoá-la.

— Catherine - disse Dominic brandamente, estendendo a mão para ela. Catherine se afastou.



— Dominic, admiro-o por sua força e sua coragem... por sua amabilidade, mas devo retornar para a Inglaterra, junto a minha família.

— Com seu pai e seus irmãos?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Meus pais estão mortos. Não tenho nenhum irmão nem irmã.

—Sinto — ele disse.

Endireitou-se, parecendo maior e mais controlado que minutos antes.

— Mas continuo sem entender. Se não tem família porque é tão importante que retorne?

Antes pudesse lhe dizer a verdade, lhe pedir ajuda! Mas não significaria nada para ele que lhe oferecesse ouro, já que parecia tê-lo em abundância. E seu título importaria ainda menos, de fato, essa circunstância só o induziria a acreditar que de verdade pensava o que havia lhe dito. Com toda certeza, esse não era o momento de abordar o tema, sobretudo quando estava tentando arrumar o dano que tinha causado.

— Há alguém lá...? —a envolveu quando ela não respondeu rápido o bastante — Um marido ou um amante?

Catherine vacilou só um momento, em seguida se aferrou à idéia como a um prego ardendo.

— Sim. Sim, há. Ela levantou inconscientemente o queixo já que a mentira exigia toda sua concentração — Veja, estou comprometida. Brigamos e fugi. Estou certa de que estive me procurando, esperando e rezando para que voltasse.

— Este homem... está apaixonada por ele? — Seus olhos negros procuraram os seus, verdes, sondando.

Diga que sim, exigiu a voz interior. Faça que termine esta loucura.



— É um homem muito atento e generoso - respondeu olhando ao longe — Temos grandes projetos para o futuro.

Dominic a olhou com um toque de ternura.

— Conheço um pouco à sociedade, Catherine. Realmente acha que esse homem te quererá depois de tudo o que passou? O escândalo faria com que a maioria dos homens se afastasse.

— Este irá me querer.

Santo Deus, o que dizia era certo. Custariam todas as maquinações do reino, a fortuna de Arondale e a poderosa influência de seu tio, reparar sua arruinada reputação. Ela jurou a si mesma que o conseguiria fosse como fosse.

— Me fale dele - insistiu Dominic, apoiando-se novamente contra a árvore.

Agora parecia relaxado, o olhar sombrio tinha desaparecido e Catherine se sentiu aliviada de que tivesse decidido acreditar.

O que a deixava como antes.

— É muito bonito - disse ela lamentando ter que continuar com o engano, mas sem ver outra saída— e forte, é obvio. Tem muitas responsabilidades - tentou imaginar ao seu falso prometido — Às vezes pode ser exigente, mas também sabe ser amável.

Dominic franziu o cenho.

— Já que é tão perfeito, suponho que será rico. Também tem título?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. E tampouco é tão rico, simplesmente tem uma posição acomodada.

— Qual é sua profissão?

Catherine mordeu o lábio.

— Ele...aham... cria cavalos. Isso é um latifundiário e cria belos cavalos. Sempre gostou do campo sabe? E é claro as crianças, adora as crianças.



— Entendo - seu olhar escuro acariciou seu rosto, com um brilho que antes não existia — Você descreveu a um verdadeiro homem. Qualquer mulher estaria apaixonada por alguém assim.

— Suponho que é verdade.

A verdade é que a encantaria um homem como esse. Ocorreu-lhe repentinamente que se parecia muitíssimo com Dominic. De fato, à exceção de que seu prometido imaginário viver na Inglaterra, era Dominic.

Rezou em silêncio para que ele não percebesse a semelhança.

— E você? — Perguntou querendo mudar de assunto— Sua mãe diz que não tem intenção de se casar. Não deseja ter uma esposa e uma família própria?

— Doçura, isso é a última coisa que desejo - a dureza tinha voltado para sua voz.

— Mas por que não?

Por que se sentiu tão decepcionada?

— É uma história longa e desagradável e não estou com humor para falar disso agora - a agarrou pelo braço — Está ficando tarde, deveríamos retornar.

Estava novamente pensativo, e ela não era capaz de adivinhar a razão mesmo que sua vida dependesse disso.

— Dominic?

— Sim?

— Você me perdoa?

Pela primeira vez ele sorriu um brilho branco em um rosto tão bonito que seus joelhos se converteram em gelatina.

— Ah, gatinha fogaosa! Quando me olha assim, eu lhe perdoaria quase tudo. Só me prometa que não voltará a se pôr em perigo, nem sequer para salvar minha pele inútil.

Estava brincando e Catherine sorriu.



— Então estava preocupado comigo? Um pouquinho talvez?

— Preocupado? Se não tivesse estado tão malditamente bela ali, segurando a pistola, eu teria a estrangulado até quase te matar.

— Isso quer dizer “obrigado”?

Ele voltou a sorrir.

— Sim, suponho que sim.

— Foi um prazer - lhe dirigiu um suave olhar.

Dominic a pegou pela mão.

— Nada disto teria acontecido se tivesse acreditado que eu te levaria a Inglaterra. Se comporte bem e te dou minha palavra de que a levarei.

— Em busca de meu prometido? — Não pôde resistir em perguntar, mas comprovou pelo modo em que ele entrecerrou os olhos, que não deveria havê-lo feito.

— Se esse for realmente seu desejo...

Catherine não disse mais nada, e enquanto caminhavam pela grama, Dominic também começou a refletir.

Pequena idiota, pensou, nenhum homem na Inglaterra se casaria com uma jovem que tinha passado meses vivendo com uma tribo de ciganos, por não falar da perda de sua virgindade.

Era estranho, mas isso o deixou de mau humor. Virgem ou não, Catherine era um prêmio digno de qualquer homem, sem importar sua fortuna ou sua posição. Se as coisas fossem diferentes, não lhe importaria. Tampouco lhe importava agora.

De fato, depois de sua alarmante confissão, sua preocupação por seus sentimentos e a maneira em que se humilhou; seu desejo por ela era mais forte que nunca. Seu prometido inglês não a quereria, mas Dominic sim.



E nesse momento acreditava que Catherine realmente o desejava. Desprezou sua inquietação pelo inglês. Possivelmente ela pensava que ainda o amava, mas a maneira que tinha correspondido aos seus abraços indicava que não era assim.

Sorriu para si mesmo. À luz desta nova informação, o que tinha planejado fazer se tornava uma idéia muito mais atraente. Levá-la à cama, lhe demonstrar que os sentimentos que mantia por seu prometido desapareceram há muito tempo atrás, voltar para a Inglaterra com ela e convertê-la em sua amante.

A próxima vez que se apresentasse uma oportunidade, nada do que Catherine dissesse ou fizesse ia detê-lo. Uma vez que ela descobrisse o prazer que ele podia lhe proporcionar na cama, o resto seria fácil.

A brisa fez chegar uma rajada de ar frio e Catherine estremeceu.

— Tem frio, meu amor? — ele perguntou.

Ela negou com a cabeça.

— Somente na sombra. Vou pegar o xale grande e depois irei ver Medela, que já começou a dar a luz.

Uma gadjo preocupada com um cigano. Seguia sem entendê-la, mas isso confirmava que as palavras de desculpa de Catherine tinham sido sinceras.

Dominic sorriu satisfeito. Catherine o queria sem se importar quem fosse. Ele perguntou-se se seria muito apressado retomar a empreitada essa mesma noite.



Capítulo 9

Há noite e dia...

Sol, lua e estrelas...

Vento no lar.

A vida é muito doce.

—George Borrow

Catherine retornou para a tenda de Medela enquanto Dominic dava de comer e de beber aos cavalos. O baio de Pearsa não havia retornado ainda, assim Dominic decidiu ir ao lugar onde tinham estado na tarde anterior para ver se o animal ficou pastando em algum lugar.

Mantendo seu grande xale fechado para se proteger do vento, Catherine se encaminhou para o círculo de carroções. Antes, em sua volta do lago, Dominic e ela tinham reunido um monte de lenha que agora se encontrava muito bem empilhado junto às chamas. Em seguida se inteiraram de que tudo ia bem — Stavo, o desengonçado marido de cabelo negro de Medela, estava sentado junto a Josef e vários homens mais, sorrindo de orelha a orelha e bebendo grandes quantidades de palinka. Havia risada e calorosas felicitações, várias das quais estiveram dirigidas a Catherine por ter dado a mecha de cabelo.

— A pequena gadjo trouxe kushto bacht. — Boa sorte— Amigo, é uma pena que não tenha feito o mesmo por você — Stavo gargalhou, dirigindo-se a Dominic.



Dominic franziu o cenho por um instante, mas logo deu de ombros, culpando a bebedeira pelo comentário de seu amigo.

— Não se sentirá tão afortunado quando seu pequeno pedaço de sorte o mantenha acordado a metade da noite - respondeu afavelmente.

Os outros homens riram muito, deram uma palmada nas costas de Stavo e tomaram outro gole de aguardente.

— Nunca houve nada mais certo - interveio o velho Josef, sorrindo de orelha a orelha e secando a boca com o dorso de sua mão enrugada.

Dominic e Catherine encontraram Medela dentro da tenda descansando com o menino bem seguro na cavidade do braço.

— Deu ao Stavo um filho precioso - disse Dominic — Ambos devem estar orgulhosos.

— É um menino muito bonito - Catherine concordou enquanto o pequenino menino começava a procurar o peito de sua mãe.

Catherine pensou em ir e permitir que Medela tivesse um pouco de privacidade, mas a jovem se limitou a levantar simplesmente a manta, deixando descoberto seu peito cheio de leite até que a pequena boca pegou o mamilo e o ocultou.

Catherine notou que suas bochechas ardiam, as quais avermelharam ainda mais diante o olhar de diversão de Dominic.

— Acho que deveríamos deixar que Medela descansasse - disse dando a volta para ocultar sua vergonha — Voltarei dentro de um momento.

Dominic a seguiu.

— Não há porque envergonhar-se, Catrina; amamentar um filho é algo natural.

Catherine o olhou sentindo-se tola de repente.

— Tem razão, claro, mas é que as coisas são muito diferentes no lugar de onde venho.



— Sim, são, e parece que conseguiu se amoldar. Se você se propõe acredito que poderia se adaptar a quase tudo.

Pareceu-lhe que suas palavras insinuavam algo, mas não se incomodou em tentar averiguá-lo. Retornaram a seu carroção para que Catherine recuperasse o xale e Dominic se foi em busca do baio.

Agora, de pé uma vez mais fora da tenda, com Stavo e Jozsef roncando agradavelmente em um canto, Catherine sorriu ao pensar na feliz mãe e no pequeno menino que dormia dentro de seu berço de pele de ovelha. Gostaria de ter filhos algum dia. Não importava de que sexo fossem desde que fossem saudáveis.

Pensou na menina que tinha sido uma vez, em sua mãe que sempre a consolava, e em se pai, sabendo o que um neto teria significado para ele. Imaginou o quão preocupado estaria por ela se ainda estivesse vivo, sua inquietação por sua segurança. Então pensou no homem que a tinha seqüestrado de sua casa em Londres, obrigando-a a lutar todos os dias por sobreviver.

Por milésima vez se perguntou quem teria sido capaz de fazer uma coisa assim, e pela enésima vez prometeu a si mesma que descobriria a verdade e o faria pagar.

Catherine se inclinou para recolher uma lenha, que acrescentou, junto com vários ramos secos ao fogo que ardia diante da tenda enchendo o ar com o aroma de pinheiro. Em seguida se abaixou e levantou a lapela da tenda. Pearsa não havia retornado, mas Czinka estava sentada perto de onde Medela estava dormindo.

— Como ela está? — Perguntou.

— Medela está muito bem e seu cajori também. Ela o chamou Sali, que em romaní significa risada, porque já sorri e brinca.

— Sali - repetiu Catherine — É um nome muito bonito.



— Tanto quanto o menino - disse Czinka—. Sua magia é forte, poucos gadjos ajudariam a uma mãe cigana a trazer para o mundo a outro menino da escuridão. Estamos muito gratos.

Meninos da escuridão. Catherine tinha ouvido que os chamavam assim antes. Parecia um triste augúrio da vida que esperava a esse pequeno cigano.

E ainda assim, eram felizes. Invejavelmente livres de preocupações. Catherine se perguntou se não seria esse um dos motivos pelos quais eram perseguidos. Os ciganos nunca tinham feito parte de um governo, nunca tinham empreendido uma guerra e jamais haviam possuído nenhum território. Algumas vezes se dizia que só havia dois tipos de homens que fossem livres: a nobreza, quem geralmente estava acima da lei, e os ciganos que estavam por baixo desta.

— Diga a Medela que voltarei amanhã para visitá-la - disse Catherine — Se necessitar de algo só tem que me avisar.

Czinka sorriu, balançando-se sobre suas coxas volumosas e fazendo tilintar as moedas que pendiam de suas orelhas.

— O direi, mas já sabe. Boa noite, Catrina.

Sempre falavam de “conhecimento” e “visão”; talvez acreditassem realmente que tinham alguns poderes especiais. Fosse ou não verdade, tal crença tinha sido enraizada durante centenas de anos.

— Boa noite, Czinka.

Quando Catherine deixou a tenda para voltar para carroção de Dominic, o sol tinha desaparecido e as fogueiras do acampamento iluminavam o céu. Essa noite fazia uma agradável temperatura e a brisa primaveril trazia o som dos violinos e das risadas provenientes dos carroções.



As mulheres estavam servindo o jantar. Na maior parte das famílias os homens eram os primeiros a comer, servidos pelas mulheres, que tomavam cuidado de não passar por diante deles. A mulher nunca se colocava entre dois homens, mas sempre andavam ao redor, coisa que Catherine custou em aceitar no princípio, mas que agora fazia sem pensar.

Quase tinha chegado ao carroção de Dominic, que geralmente o colocava na borda do perímetro do acampamento devido ao seu trabalho com os cavalos, quando a mão de um homem lhe tampou com força a boca. Tentou gritar e começou a debater-se, mas ele a fez calar levando um dedo aos lábios.

Quando ela assentiu mostrando-se de acordo, o homem a soltou.

— O que quer? — Perguntou-lhe em francês, ao o reconhecer como um dos camponeses. Era bem mais alto que ela, magro até o ponto de parecer esquelético e de rosto anguloso.

— Mademoiselle, viemos para ajudá-la. No povoado nos inteiramos de que os ciganos a seqüestraram. Viemos resgatá-la.

Outro homem saiu de entre as árvores, com um peito amplo e coxas e mãos fortes. Usava um colete de couro sobre uma camisa de pano, calças de cor marrom escura; andava com os ombros encurvados e levava o chapéu impregnado até a frente.

— Vamos, mademoiselle, devemos nos apressar — ele disse. Cada um deles a puxou por um braço forçando-a a avançar.

Catherine os olhou alternadamente, os medindo, pensando na fuga e na promessa que Dominic tinha feito de levá-la de volta sã e salva, para seu lar. Os aldeãos pareciam sujos e desalinhados e havia algo na forma em que a olhavam que a advertiu que tomasse cuidado.



— Quem quer que tenha contado isso estava errado — disse — Estou aqui por vontade própria. Não necessito de sua ajuda - ela tentou permanecer onde estava, mas o homem corpulento a empurrou para que andasse.

— Vai nos acompanhar, preciosa. Conosco estará a salvo.

Os batimentos do coração de Catherine se aceleraram. Tentou, pela segunda vez, para cravando os calcanhares no chão, ao ver que já estavam nos arredores do acampamento.

— Me soltem! Eu não quero ir com vocês.

O homem fraco riu baixo.

— Você virá, chère Anglaise. Vai dar para nós o mesmo que dá a esses asquerosos ciganos.

Então Catherine começou a gritar com todas as suas forças, fazendo todo o barulho que podia. O gordo lhe deu uma bofetada, segurou-a pelos braços e a empurrou rudemente para ele. Ela pôde notar as rugas de sua camisa e o ácido aroma de vinho azedo. Com o coração pulsando desenfreadamente, conseguiu libertar-se e se pôs a correr. Tropeçou em umas pedras, caiu e arranhou os joelhos, levantou-se e começou a correr outra vez.

— Dominic! — gritou — Por favor, alguém me ajude...

Mas os rechonchudos dedos do homem interromperam seus gritos de socorro. Enquanto lutava contra ele, custava-lhe respirar. O francês se limitou a lhe rodear a cintura com um braço e a arrastou até os bosques.

— Acha que pode vir alguém? — Perguntou-lhe o outro, voltando a cabeça para o acampamento com um olhar nervoso.

Catherine pensou ter ouvido vozes gritando a distância, mas não podia estar certa.

— Não se alarme Henry. Estarão muito ocupados para preocupar-se com a Anglaise.



Ambos tornaram a rir.

Enquanto a arrastavam para a profundidade do bosque, Catherine se debateu contra a mão de ferro do francês o arranhando, lhe dando chutes e os mordendo; mas foi em vão. Ele apenas apertou mais o braço com o qual a rodeava, lhe cortando a respiração até que tudo começou a dar voltas e apareceram pequenos pontos negros dançando ameaçadoramente diante de seu rosto.

O francês a arrastou para trás de uma moita de arbustos e lhe deu um chute nas pernas. Ela aterrissou dolorosamente debaixo dele, com seu grande peso cortando sua respiração novamente. Ouviu como rasgava o tecido quando ele puxou uma de suas mangas, deixando exposto um de seus seios; em seguida notou os grossos dedos dele que se cravavam em sua carne. Quando ele tirou a mão de sua boca, Catherine tentou gritar, mas a fez calar tampando sua boca com seus quentes e pegajosos lábios.

A bÍlis lhe subiu à garganta. Pelo amor de Deus, não podia suportá-lo!

Lutou contra ele com renovada energia, debatendo-se para liberar os braços, lhe dando chutes nas pernas e afastando a boca. Emitindo um surdo grito, ele levantou um braço para golpeá-la outra vez, mas a mão ficou paralisada no ar e seu pesado corpo se virou para trás. Ele se atrapalhou, mas a mão de Dominic nas costas o deteve.

— Mon Dieu - grunhiu o francês enquanto Dominic o fez dar meia volta.

Um escuro punho se estampou contra o queixo do francês que oscilou para trás. Catherine segurou a camisa para cobrir-se, lutou por levantar-se e cambaleou ao fazê-lo.

— Henri! — Gritou o homem, procurando desesperadamente por seu companheiro.

— Seu amigo dormiu - disse Dominic com sarcasmo, dando uma olhada ao esquelético homem que estava no chão uns passos mais à frente. Só a reveladora contusão em sua bochecha e o sangue que gotejava de sua boca, delatavam na realidade o que tinha acontecido.



— Eu vou matá-lo! —Rugiu o gigante,

Inclinou a cabeça e atacou contra Dominic, mas este se esquivou, o fez se erguer e lhe deu um murro no estômago. O francês grunhiu de dor e raiva e lançou um forte golpe em Dominic que o fez dobrar-se. Ele tropeçou, recuperou o equilíbrio e deu um direto na mandíbula. Dois rápidos golpes mais, seguidos de outro murro demolidor em pleno rosto, e o enorme francês caiu.

Saía-lhe sangue do nariz e um de seus olhos começava a fechar-se, mas apesar de tudo voltou a ficar de pé. Trocaram vários golpes até que Dominic lançou um potente golpe que fez que o outro jogasse a cabeça para trás. Ele cambaleou, vacilou e desabou no chão com um gemido. Dominic permaneceu durante uns segundos de pé diante dele, com o rosto moreno deformado pela raiva e as mãos ainda fechadas em um punho.

Finalmente dirigiu seus olhos negros para Catherine. Ela observou seu olhar de preocupação, o medo por ela que não era capaz de dissimular, e pôs-se a correr para ele. Dominic a abraçou, pressionando-a contra ele, acariciando seu cabelo com uma mão e embalando sua cabeça. Apoiou a bochecha de pele escura contra a suavidade da dela.

— Dominic — ela sussurrou, apertando-se ao seu pescoço como se ele fosse a única coisa que a mantinha a salvo dos furiosos fogos do inferno — Pensei que não tinha me ouvido.

Ele jogou para trás as pesadas mechas loiras avermelhadas, tirando a sujeira e os raminhos do cabelo com a mão tremula.

— Está bem?

Ela assentiu.

— Graças a Deus que apareceu nesse momento - lhe deu um nó na garganta e sua voz falhou ao dizer a última palavra.



— Encontrei o baio. Estava voltando com ele ao acampamento quando a ouvi gritar - A abraçou com mais força e fechou os olhos para lutar contra a imagem de Catherine lutando debaixo do volumoso corpo do aldeão, com a blusa rasgada e seus encantadores seios brancos como o leite, nas mãos do francês.

Ela estava tremendo, Dominic lhe roçou o queixo e notou que chorava. Era a primeira vez que a via chorar e seu coração se contraiu.

— Calma - a consolou— agora está a salvo. Ninguém mais vai machucá-la enquanto eu estiver vivo para evitá-lo - a ele mesmo surpreendeu a verdade que encerravam essas palavras.

Catherine apenas o abraçou mais forte.

— Por que tive que passar por isto? Por que não posso voltar a me sentir a salvo outra vez? Sempre me senti tão protegida e amada. Agora... - chorou silenciosamente no vão de seu ombro — cada dia parece mais duro que o anterior.

Ele a embalou contra si, acariciando seu sedoso cabelo. Levantou-lhe o queixo e capturou uma lágrima com a ponta do dedo.

— O medo é uma forma de vida para minha gente — ele disse, com a voz ainda rouca pela emoção — não importa aonde vão nunca se sentem a salvo - lhe acariciou a mandíbula com o polegar — Mas você não demorará a partir. Eu cuidarei para que retorne a Inglaterra, o lugar ao qual pertence.

— Sim - disse ela suavemente — Voltarei para onde pertença.

Para ele, ela não pareceu muito sincera ao dizê-lo. Será que sentia por ter que o abandonar? Iria sentir falta dele se a deixava ir? Rezou por que a resposta fosse afirmativa e que aceitasse seus planos de mantê-la junto a ele.

Catherine engoliu e secou as lágrimas com o dorso da mão.

— Sinto muito, eu não voltarei a chorar mais. Acho que só estava...



— Está bem, cajori, supõe-se que as mulheres choram.

Catherine sorriu timidamente e suspirou com cansaço.

— Faz muito que me dei conta que chorar é uma perda de tempo. Há poucas coisas neste mundo que mereçam minhas lágrimas.

Ele quis discutir, lhe dizer que havia muitas coisas além da dor, pelas quais uma mulher podia chorar. Havia beleza e risadas, e a alegria compartilhada com as pessoas que realmente se importava.

— Seria melhor que voltássemos — ele disse. Esses dois não vão demorar para acordar, e eu não acredito que voltem a te incomodar, mas podem causar problemas no povoado. Teremos que dizer aos demais o que aconteceu, recolher as coisas e partir assim que possamos.

Catherine pareceu surpreendida durante um momento e em seguida resignada. O que pudesse ter dito se perdeu ao ouvir o som de uns disparos provenientes do kumpania.

— Santo Deus! O que acontece agora? — Sussurrou.

Não havia tempo para responder.

— Vamos - Agarrando sua mão, Dominic pôs-se a correr em direção ao acampamento.

Enquanto se aproximavam pôde ouvir as vozes cheias de cólera dos ciganos, os relinchos de terror dos cavalos, o rangido e o ruído surdo da madeira ao desabar no chão. A fumaça se elevava no espaçoso céu noturno, os aldeãos franceses gritavam triunfalmente e Dominic correu mais rápido.

Quando chegaram aos carroções, os aldeãos já estavam abandonando o acampamento com forcas e lanternas na mão, alguns a cavalo e outros a pé, levantando pó com suas pesadas botas ao pisar nos campos enquanto voltavam para suas casas.



Dominic sentiu um nó no estômago ao ver a destruição que tinham deixado a sua passagem.

— Santo Deus! —Sussurrou Catherine.

O acampamento estava em completa desordem, painéis derrubados, sacos de farinha e açúcar pisoteados, roupas e camas dispersas por todo lugar, os recém nascidos chorando e os cães com os pelos em pé e o rabo entre as pernas, escondidos debaixo dos carroções. Um vardo, colocado ao lado de uma das fogueiras do acampamento tinha a madeira enegrecida pelas chamas e os rescaldos ainda fumegavam. A seu lado se cravou apressadamente uma placa com grandes letras vermelhas: STATIONNEMENT INTERDIT AUX NOMADES — PROIBIDOS OS CIGANOS.

Dominic se dirigiu diretamente para o ancião Josef, que estava de pé, retorcendo as mãos; parecia abatido e muito mais velho que poucas horas antes.

— Há alguém ferido? —Perguntou Dominic.

— Stavo tentou os deter. Está sangrando pelo nariz e tem as costelas quebradas. Os outros são mais velhos e mais sábios. Sabem que é melhor tentar agüentar.

— E Medela e o bebê? —Voltou a perguntar Dominic.

— Eles ficaram dentro da tenda. Por sorte os aldeãos queriam era destruir os carroções. Mas Ithal perdeu seu violino.

Dominic olhou para o ancião de cabelo branco que embalava a sua mais apreciada posse, as duas metades do instrumento repousavam em seus braços como um menino ferido com as cordas quebradas entre as enrugadas mãos.

— Como isto pôde acontecer? — Perguntou Catherine aproximando-se de Dominic

— Quem pode ser capaz de fazer algo assim?

Como se tivesse despertado de um transe, Josef olhou em sua direção, seus olhos, inchados e abatidos só uns instantes antes, agora ardiam com fúria.



— Você! — Gritou — Você nos jogou esta maldição!

— Eu? — Catherine se distanciou instintivamente, mas o braço de Dominic ao redor de sua cintura a segurou com firmeza — O que eu fiz?

— Nega que pediu aos aldeãos que a ajudassem a escapar? Nega que lhes disse que os ciganos a mantinham prisioneira?

Dominic a soltou. Ele virou-se para olhá-la de frente, seu olhar era tranquilo, mas escuro e estranhamente acusador.

— Estava tentando voltar a fugir? Isso é o que estava fazendo no bosque com esses homens?

Catherine umedeceu os lábios que de repente estavam tão secos que mal podia falar.

— Não foi assim. Eu disse-lhes que o que tinham ouvido no povoado era mentira. Que estava aqui por vontade própria. Não queria ir com eles, mas me obrigaram - ela o olhou com seus olhos verdes suplicantes — Tem que acreditar, Dominic. Nunca quis fazer mal a ninguém. Não sabia...

Ele não sabia se alguém; inclusive ele; acreditaria. E não podia nem calcular o quanto desejava que suas palavras fossem verdadeiras. Uma coisa era certa. Quando ela deu uma olhada a destruição que os rodeava, ele não teve nenhuma dúvida da dor que sentia e de sua tristeza pelo acontecido. Podia ver a angústia nas profundezas de seus maravilhosos olhos verdes.

— Mas falou com eles - ele insistiu porque tinha que se certificar — Você disse que queria partir.

— Isso foi antes... antes que acreditasse quando me disse que me ajudaria a voltar para casa.



— Espero que não seja tão estúpido em acreditar - interveio Yana com as mãos nos quadris, o cabelo caindo sobre os ombros e umas mechas voando com a brisa — A gadjo é quem provocou o problema. Se Dominic não pode controlá-la, então deve ir-se!

— O que diz Yana é certo - acrescentou Vaclav ficando diante de Dominic — Pensou que era homem o bastante para domesticar a essa bruxa, mas fracassou. Me impediu de fazer o que deveria ter sido feito desde o começo. Trata-a com mão dura, Domini, demonstre que é um homem.

Vaclav se deleitava dizendo isso. O rosto de Yana brilhava de satisfação e triunfo.

— Tem razão - disse o velho Jozsef — Os homens deste acampamento devem ocupar-se da segurança dos outros. É filho um de nós ou não? Vai cuidar de sua mulher?

— Ela não conhece nossos costumes — Dominic argumentou ao ver a expressão aflita de Catherine e o modo ao qual se agarrava às dobras de sua saia — Não é uma dos nossos.

— É sua responsabilidade — Vaclav rebateu. Sua e de ninguém mais.

Pearsa saiu de entre as sombras do carroção derrubado.

— A mulher chegou até nós como uma escrava, atua como qualquer um de nós o faria se estivesse privado de liberdade. Ela trabalhou a nosso lado. Ficou amiga de Medela; trouxe-lhes boa sorte para ela e o menino.

— Assim é - Medela tirou a cabeça pela abertura de sua tenda com o bebê nos braços — Catrina não queria nos fazer prejudicar. Não pensou.

— Silêncio! — Stavo advertiu-lhe. Isto é assunto de homens. Volta a se colocar na tenda e se ocupe de nosso filho.

Medela vacilou um instante e depois desapareceu na tenda.

— Foi sua mecha de cabelo o que trouxe seu filho ao mundo - Czinka se aproximou com seus andar de pato de seu genro, fazendo tilintar seus braceletes de ouro — Deveria lhe estar grato.



— Também me trouxe isto! — enfatizou as costelas machucadas, visíveis entre os restos de sua andrajosa camisa cheia de sangue — É uma sorte que não morreu ninguém!

— Eu adverti-lhe disso, didikai, — Vaclav zombou dirigindo-se a Dominic — Disse que traria problemas. Agora comprovaremos se é um homem ou se converteu em outra coisa.

Catherine deu uma olhada ao carroção queimado, as crianças que choravam e aos restos dispersos do acampamento. Embora todas as mulheres exceto Yana, parecessem estar ao seu lado, a expressão dos homens era hostil, culpando-a implacavelmente e em última instância a Dominic que era o responsável por seu comportamento.

Olhou-o e viu que seus olhos negros estavam fixos em seu rosto.

— Esperam que a surre — ele falou levemente ameaçador, provocando que as entranhas de Catherine se revolvessem — Assim é como os ciganos dominam suas mulheres - levantou a mão para tocar sua bochecha — Provavelmente mereça isso pelos problemas que causou, mas... pela Sara-a-Kali, não posso me obrigar a pôr a mão em cima - contemplou aos homens que murmuravam seu descontente ao redor — Pode ser que Vaclav tenha razão ao dizer que me enfeitiçou.

Ela odiou a derrota que ouviu em sua voz, a condenação que viu nas expressões dos outros. Sabia o quanto que significava para Dominic sua herança cigana, o muito que lhe doía não ser aceito e nesse momento não pôde suportar a idéia de vê-lo rechaçado.

Jogou o cabelo para trás e enquadrou os ombros com fria determinação.

— O que aconteceu, Domini? Não pode dominar a uma simples gadjo? — Um desafiante sorriso curvou seus lábios — Tem medo de meus poderes, talvez? É isso?

Dominic apertou com força a mandíbula e um músculo vibrou em sua bochecha.

— Ficou louca? — Assobiou entre os dentes.

— Pode ser que tenha medo de que fuja e o abandone - Catherine zombou, surpreendendo a todos os homens — Talvez não possa suportar viver sem mim.



Seus olhos negros e ardentes, tão escuros que pareciam um poço sem fundo a fuzilaram. Dominic a agarrou pelos braços e a levantou até pô-la nas pontas dos pés.

— Eu a aviso, Catherine...

Catherine engoliu com força, pareceu-lhe que seu olhar estava assustadoramente tempestuoso e desejou com toda sua alma que ele soubesse o que ela estava fazendo.

— Não tenho porque o obedecer, Domini. É só um asqueroso cigano!

Algo relampejou nos olhos de Dominic e em seguida desapareceu. Por um instante ela pensou que ele tinha entendido, mas a força que segurava seu braço aumentou e soube que tinha errado. Ele se voltou para os homens que ainda estavam reunidos ao redor deles, disse-lhes algo em romaní que os fez voltar a rir, e a arrastou fora do círculo de homens.

Doce Jesus! O que tinha feito? Todos os músculos e tendões de Dominic estavam tensos pela fúria. Catherine tentou soltar-se, realmente temerosa pela primeira vez. Ele era um homem grande, mais forte que qualquer outro que conhecesse e seus olhos, Deus Santo! Jamais tinha visto tanta ira. A imagem do corpulento francês, reduzido a um monte de carne sanguinolenta, inundou sua mente.

Fechou os olhos, convencida de que sentiria a força de seu punho a qualquer momento. Então seu mundo ficou de barriga para baixo. Aterrissou, com um grunhido de dor, sobre os fortes músculos de Dominic e várias das camadas de saias e combinações que usava tamparam sua cabeça. Ele tinha se sentado sobre uma caixa e a tinha posto de barriga para baixo em seu colo.

— Grita, maldita seja — ele lhe advertiu, tão baixo que só ela podia ouvir — e também não estaria de mais algumas lágrimas.

— Me solte! — ela gritou sem hesitar — Maldito seja! Vá ao diabo!

Sentiu a palma de sua mão através da última camada de anáguas, mas o forte golpe que esperava foi pouco mais que uma brincalhona palmada.



— Grita — ele voltou a advertir, e desta vez, embora o golpe a fizesse ofegar, só foi um aviso.

Ele sabia! Ela compreendeu com uma onda de alívio, começando a gritar com toda a força de seus pulmões. Pela extremidade do olho observou quão furiosos pareciam ser seus golpes, embora na realidade fossem bastante suportáveis.

Todos exceto os dois últimos, nos quais pareceu desforrar-se com gosto. Sorria de orelha a orelha quando a colocou de pé enquanto os homens, ao seu redor, aclamavam-no. Catherine esfregou o traseiro e lhe dedicou um olhar assassino.

— De agora em diante fará exatamente o que eu diga — ele ordenou — Não é assim, Catrina?

Ela tentou parecer dócil e arrependida.

— Sim, Dominic.

— Diga a todos que lamenta haver lhes causado problemas.

— Eu sinto muito. Nunca quis fazer mal a ninguém - ela o disse com total sinceridade, porque era verdade.

Vaclav se voltou para Yana.

— Pode ser que Domini seja mais preparado do que eu acreditava — ele disse — Faria bem em aprender a lição ou pode ser que receba um pouco do mesmo.

Yana abriu seus olhos escuros.

— Não se atreveria!

Vaclav deu um passo para ela com olhar ameaçador.

— Se tiver alguma dúvida, eu lhe demonstrarei isso. Agora volte para seu carroção. Eu me reunirei com você dentro de um momento.



Quando ela não se moveu rápido o bastante, Vaclav a agarrou pelo braço deu-lhe meia volta e deu-lhe um forte golpe no traseiro. Yana se afastou a toda velocidade com um olhar que só podia ser considerado como de respeito.

Inclusive Stavo pareceu satisfeito.

— Lembre-se, amigo. Eu sempre temi o dia em que minha bonita esposa chegasse a precisar de um corretivo. Acho que a partir de agora o esperarei com muita expectativa!

Todos eles riram ao ouvi-lo, e Catherine os deixou rindo. Também ela sorriu para si mesma ao ver que o orgulho de Dominic tinha ficado a salvo, e que outros homens também pareciam satisfeitos.

Continuou andando, pensando em que o sacrifício que tinha feito era pouco para retribuir ao homem que amava. Ela parou, horrorizada diante da absurda idéia que tinha passado pela sua mente.

Doce Jesus! Ela disse-se firmemente que era apenas a violência da qual tinha sido testemunha que a tinha enchido de confusão, dirigindo suas reflexões para um lugar mais seguro. Havia muito que fazer no carroção se tinham que partir essa mesma tarde. Quando chegou, encontrou a Pearsa já trabalhando nisso. Ajudou-a em silêncio, pondo de pé os barris de farinha caídos, sacudindo as camas pisoteadas e repondo as reservas de água. Graças ao céu nenhum de seus dois carroções tinha sofrido grandes danos, apenas uma tabua solta aqui e lá.

Quase tinham terminado quando Pearsa a pegou pelo braço. Seus olhos, tão escuros como a noite, olharam-na de frente.

— Eu te agradeço — disse — o que tem feito por meu filho.

Catherine se limitou a assentir, notando um repentino nó na garganta. Compreendeu pela primeira vez o muito que a aprovação da anciã tinha chegado a significar para ela. Embora tivesse tentado fazê-lo o melhor possível, tinha ficado preocupada com o que os



insultos que tinha dirigido a Dominic tivessem afetado sua estranha relação com a mulher. Agora sorriu, agradecendo que Pearsa tivesse entendido. Com um pouco de sorte, a anciã se ocuparia de que outros também o fizessem.

Não muito depois chegou Dominic com os cavalos; inclusive o baio extraviado de Pearsa e os engatou ao carroção. Pearsa montou em seu assento e Catherine fez intenção de unir-se a ela, mas Dominic a agarrou pela mão.

— Você vem comigo - ele disse simplesmente, conduzindo-a até seu carroção.

A ajudou a subir no assento e em seguida ele montou. Pearsa tirou seus cavalos de entre o resto das carretas e Dominic pôs os seus a segui-la. Viajaram um tempo em silêncio e Catherine se perguntou no que estaria pensando.

— Por que o fez? — ele perguntou por fim, voltando-se para olhá-la — Eu não entendo.

Catherine sorriu docemente.

— Sei o quanto significa para você ser um ROM, que o aceitem. Não quis que lhe fizessem mal.

Ele passou a mão pelo cabelo e várias mechas negras caíram sobre a testa.

— Era você quem estava em perigo. Por Deus, Catherine, tenho duas vezes seu tamanho. Em que estava pensando para fazer algo assim?

— Esperava que soubesse por que eu estava me comportando assim. Acreditei que não me faria mal e não me equivoquei.

Dominic estudou seu rosto, seus olhos percorreram a curva de suas bochechas e foram posar se em sua boca.

— Catherine...

Segurou-a pelo rosto, inclinou-se e a beijou, suavemente no começo e depois com crescente urgência. Catherine pôde notar o quanto ele precisava dela e isso provocou uma



chama de desejo nela. Separou os lábios para ele, lhe permitindo deslizar a língua no interior de sua boca, o saboreando e acariciando com a sua própria. Dominic gemeu.

Notou a repentina freada do carroção quando ele fez com que os cavalos se detivessem e o pó do caminho que formou redemoinhos em torno deles.

— Nós os alcançaremos mais tarde - disse ele, com voz rouca.

— Não! É perigoso ficar aqui. Há esses homens com os quais lutou, para não falar dos aldeões que foram ao acampamento.

Dominic vacilou um momento, e em seguida suspirou com resignação.

— Eu penso que tem razão. A última coisa que qualquer um de nós precisa é mais problemas - com uma expressão que não parecia particularmente alegre, golpeou ligeiramente as rédeas contra as garupas dos cavalos que começaram a trotar, alcançando rapidamente ao resto dos carroções — Além disso, já teve muitas emoções por esta noite.

Seu amplo peito retumbou com uma gargalhada.

— O que é tão engraçado?

— Você achou que eu seria obrigado a cometer um assassinato, não é?

— Você deveria estar nos palcos de Londres.

— Todos os ciganos aprendem a atuar quando têm três anos. Mong chavo, mong! Pede guri, pede! — Sorriu de orelha a orelha mostrando seus dentes brancos — Somos capazes de representar qualquer papel, desde mendigo a rei, em caso de necessidade.

Catherine revirou os olhos.

— Me enganou completamente.

— A verdade é que eu não te fiz mal, não é?

— Não, mas eu acho que desfrutou muito.

Ele riu outra vez, com uma risada muito masculina.

— Certo gatinha ferosa, completamente certo.



Catherine deu-lhe uma cotovelada de mentira nas costelas e ele emitiu um grunhido imaginário de dor. Ela sorriu e se recostou no assento, depois suspirou quando o esgotamento pelos acontecimentos da noite começaram a aparecer. Apoiou a cabeça sobre o ombro dele, sentindo sua força e o calor de seu corpo, e fechou os olhos.

Sob seu corpo o carroção rangia e gemia, retumbando em direção ao longínquo horizonte. Ela perguntou-se para onde se dirigiam, mas desde que viajassem para a Inglaterra, não se importava.

Inglaterra. De volta a sua vida como condessa de Arondale, afastada da vida dos ciganos e de sua luta constante pela sobrevivência.

Longe do calor e do amparo do homem que se sentava ao seu lado.

Seu estômago deu um nó. Pela primeira vez desde que tinha começado sua dura experiência, perguntou-se como seria viver sem ele.

E soube, sem lugar para dúvidas, que sem ele, ela nunca seria a mesma.



Capítulo 10

*Ao longe, no débil crepúsculo, revoaram
Como as asas de uma traça, e as chamas
Das luzes dançaram sobre as montanhas.
Uma estrela depois da outra apareceram.*

Walter Starkie

Na Loja da Sara

— Aonde vamos? — Catherine perguntou finalmente.

Dominic mudou de posição no duro assento de madeira, tentando em vão, ficar a vontade. Tinham estado viajando toda a noite. Catherine tinha estado dormindo apoiada em seu ombro até que ele a despertou e insistiu em que entrasse e se deitasse na cama. Ainda assim, ela tinha permanecido no interior só um momento para em seguida voltar para assento exigindo levar as rédeas, o que fez durante várias horas, permitindo a ele descansar tal e qual ela tinha feito.

— Nos dirigimos à Ratis em Camargue, ao festival das Santas Marias. Há muitos anos os ciganos vão ali para celebrar a festa de sua Santa maior, Sara Kali.

— Me fale sobre ela.

Ele sorriu.

— Ninguém sabe exatamente quando começou. Nem tampouco porque começaram a vir os ciganos. Mas se diz que as Santas Marias — duas irmãs da Virgem Maria que foram



testemunhas da ressurreição de Cristo — apareceram aqui depois que seu navio afundou por culpa das rochas. Diz-se que foi sua criada cigana, Sara, quem salvou a vida de ambas as mulheres.

— Continue - o animou Catherine.

— No século XII se edificou a igreja de Notre Dame de Ratis. Durante os últimos trezentos anos, no fim de maio, os católicos vão em peregrinação à igreja para celebrar o dia das Santas Marias, mas ninguém sabe exatamente quando os ROM começaram a fazê-lo. Apenas parece que a cada ano afluem mais ciganos e, exceto durante os anos da Revolução, quando saquearam a igreja, seguem fazendo-o.

— Para honrar a Sara Negra - confirmou ela.

Dominic assentiu.

— Diz-se que vigia o fogo sagrado para a Raça Errante. Acredita-se que seu corpo está enterrado debaixo da igreja e vamos para lhe render homenagem.

Dominic sorriu.

— Também é uma desculpa condenadamente boa para um gigantesco patshiv.

Catherine riu.

— Vocês nunca perdem a oportunidade de celebrar uma festa.

— Não, e esta reúne ciganos de todo o mundo. É uma verdadeira oportunidade.

Catherine se encontrou pensando com expectativa nela.

— Quanto tempo falta para que cheguemos?

— Se seguirmos como até agora, iremos chegar amanhã.

— E depois... depois do festival? Vai me levar para casa então?

Ele vacilou apenas por um momento.

— Sim.



Quando Catherine suspirou de alívio, Dominic quase se sentiu culpado. Depois pensou no futuro incerto que a esperava na Inglaterra, na ruína e no desespero, e se reafirmo em sua decisão de fazer o que tinha planejado.

* * *

Exceto por uma breve parada para comer e umas poucas horas de sono de noite, a pequena caravana de carroções continuou avançando. Atravessaram uma fértil região cheia de colheitas e vinhedos no sul da Provence e entraram na selvagem Camargue, um vale pantanoso que chegava a beira do mar. Mirradas arvores pontilhavam a paisagem; corvos de mar, maçaricos, garças, patos, e inclusive um ocasional íbis de cor azul, voavam nas alturas.

Nenhuma só nuvem tampava o sol, que estaria proporcionado calor se não fosse pelo vento frio que soprava do planalto.

— O chamam mistral - informou Dominic quando ela fez um comentário — Sopra um dia sim e outro não.

— Eu não acho que eu goste.

— Pelo menos mantém afastados os mosquitos e ajuda a secar o barro.

Passaram junto a um grupo de fortes arbustos e um ocasional cipreste, viram perambular enormes rebanhos de gado negro e cavalos brancos de longas crinas; e, nos montes de sal, coelhos, castores e pequenas tartarugas de terra.

— Olhe Dominic! — Catherine apontou excitada para uma enorme multidão de flamingos rosados, suas plumas vibrantes contrastavam com o brilho das duras colinas de calcário branco. Com sua postura relaxada, descansando sobre uma só pata, irrompiam no céu com uma explosão de cor que deixou Catherine sem respiração.



Dominic a olhou com algo similar a uma ardente admiração, contente por seu interesse ante a desolada extensão de juncos e pântanos de sal.

— Há beleza em quase todas as partes – disse – só temos que gastar um tempo para procurá-la.

Poucos meses antes, Catherine não lhe teria entendido como agora, que viajava como uma menina sem preocupações no meio de uma caravana de ciganos tão selvagens como as criaturas que os rodeavam. Compreendeu que ia sentir falta desta vida e a idéia lhe pareceu surpreendente.

Enquanto se aproximavam de seu destino, passaram por mais rebanhos e cavalos.

— Esses cavalos brancos de crinas longas, são árabes - disse Dominic — Pode ser que sejam pequenos, mas têm cascos fortes e são muito resistentes.

Os homens que cuidavam dos cavalos e dos grandes rebanhos de touros negros usavam camisas de cores brilhantes, calças marrons e casacos negros forrados de veludo.

— Guardas — lhe explicou Dominic — O grande tridente comprido que levam se chama ficheiroun, e o usam com uma corda para reunir ao gado.

Em Ratis, a cidade das Santas Marias, passaram em frente de edifícios caiados de branco, com terraços vermelhos e percorreram ruas estreitas pavimentadas com granito. As mulheres usavam o cabelo preso em coques altos enlaçados com uma fita de veludo ou com um cordão e a maioria dos homens usavam um traje branco com uma ampla faixa vermelha e uma gravata negra.

À distância, a enorme agulha da igreja da fortaleza se elevava por cima da terra árida coberta de grama seca e canos. Havia muralhas e uma torre de sentinela e os sinos da igreja repicavam anunciando um casamento. Acamparam entre a cidade e o mar.

— A tradição faz com que as famílias acampem todos os anos no mesmo lugar - explicou Dominic.



Para os Pindoros, a tribo de Dominic, esse costume era uma verdadeira sorte, porque cada polegada do estéril terreno já estava transbordado de carroções e tendas.

— Les Caraques! — um provençal denominou a caravana que passava.

Dominic serpenteou habilmente entre o tumulto de vendedores que ofereciam suas mercadorias, fabricantes de artesanatos e caldeirões, artesãos do couro, comerciantes de cavalos e reparadores de panelas. As mulheres teciam mantas e esteiras com os juncos do pântano, vendiam pinças de madeira esculpida e ramalhetes de flores silvestres, e as crianças usavam sapatos novos. Havia homens que se ofereciam para arrancar dentes ou para apanhar ratos; qualquer coisa que servia para conseguir uma moeda.

Uma vez organizado o acampamento, Catherine, que trabalhava diligentemente, estava impaciente por ver o espetáculo. Dominic a conduziu pelo acampamento. As diversões tinham começado à tarde, com uma grande variedade de artistas de circo, malabaristas que lançavam facas, marionetes, ursos bailarinos, violinistas e adivinhas. Alguns músicos de ruas tocavam flautas, flautas doces e pandeiros.

Perto do centro do acampamento, uma senhora gorda e seus cachorrinhos adestrados, todos eles vestido com seus correspondentes vestidos de cetim rosa, atuavam para um grande grupo de crianças risonhas. Um dos cães, um vira-lata manchado no qual faltavam alguns pedaços de pelo, subiu em um pau que seguravam ao chão dois homens de pele escura. O animal parecia rir de sua própria habilidade.

— Domini! —alguém o chamou. Tratava-se do velho Armand, o sucateiro — Vejo que por fim conseguiu - dirigiu a Catherine um sorriso desdentado — e sem perder sua dama.

— Isso depois de sua pequena aventura com você - brincou Dominic — manteve-a muito mais vigiada.

Seus velhos olhos cheios de remelas se voltaram para ela com um olhar apreciativo.

— Uma sabia decisão, mon ami, verdadeiramente uma sábia decisão.



Comeram ao menos meia dúzia de coisas diferentes e depois, alegres e saciados, voltaram para seu carroção.

— Tenho que ver um amigo no povoado. Por que não descansa um momento. Esta noite cantaremos e dançaremos; você vai se divertir mais se não estiver cansada. Além disso, quero que durma um pouco.

Ao notar os quentes dedos de Catherine entrelaçados com os seus e a forma suave dela o olhar, soube que já tinha esperado muito tempo. Moveu-se para ocultar sua excitação. Por fim, essa noite, Catherine seria dele.

— Voltarei quando despertar.

Catherine ia dizer que não estava definitivamente cansada, mas a expressão decidida de Dominic a obrigou a se calar. Além disso, como ele saberia o que ela fizesse?

Dominic lhe deu um forte beijo na boca e esperou que ela subisse no carroção. Assim que ele partiu ela voltou a descer. Pearsa tinha colocado uma tenda de adivinhação perto da entrada do acampamento. Iria ali e a observaria um momento. Começou a dirigir-se nessa direção e parou em seco.

Tinha visto Pearsa trabalhando anteriormente e lembrava-se de todos os truques da anciã, assim como a maneira de ler as expressões do cliente e as usar para enganá-los. Não seria divertido tentá-lo?

Já a chamavam bala kameskro; a cigana de cabelo como o sol. Achava que as pessoas iriam até ela. E poderia ganhar dinheiro para Dominic e sua tribo do mesmo modo que faziam o resto das mulheres! Pela primeira vez poderia fazer algo em vez de ser uma carga.

Catherine se apressou a voltar para o carroção, procurou na prateleira que havia atrás da cama e encontrou as pequenas moedas de ouro com buracos que Dominic tinha lhe dado para que se trançasse no cabelo. Também encontrou várias fitas de cores brilhantes que misturou com o cordão da blusa para fazê-la mais chamativa. Nesta ocasião



queria se destacar; queria que as pessoas a pagassem por dukkeripen; por lhes dizer o futuro.

Andando pelo labirinto de postos, Catherine viu que Pearsa estava vendendo flores de Jericó — planta da ressurreição, do Mar Vermelho. Dominic tinha lhe mostrado em uma ocasião como as moitas parduscos, de folhas frisadas e raízes aparentemente secas, abriam-se lentamente ao colocá-las em água voltando a ter uma chamativa cor verde. Os ciganos afirmavam que se tinha uma, a vida do que a possuísse melhorava de forma igualmente milagrosa.

Catherine riu, pensando em quão inteligentes eram as ciganas e decidiu ser tão artilosa quanto elas. Imitando Pearsa, convenceu um homem para que lhe alugasse o posto durante umas poucas horas.

— Provavelmente você esteja acalorado e sedento depois de trabalhar durante tanto tempo - ela disse ao homem baixinho e calvo quando este começou a protestar— Não gostaria de ir procurar algo para comer e beber? Enquanto isso, seu posto estará vigiado e você ganhará dinheiro embora não esteja.

Ele sorriu ao ouvi-la, apreciando seu raciocínio.

— Voltarei exatamente dentro de duas horas. Então esperarei que me pague de uma ou outra maneira - Seus olhos se fixaram em seus seios com uma clara insinuação.

— Terá você seu dinheiro — Catherine disse levantando o queixo.

Mas pela primeira vez se sentiu um pouco incômoda. O que aconteceria se ninguém quisesse que lhe dissesse a sorte? O que aconteceria se não acreditavam e lhe pediam que devolvesse o dinheiro? Enfim, acontecesse o que acontecesse, já era muito tarde para voltar atrás.

Catherine se sentou na cabine, sorriu, e começou a perguntar aos transeuntes se queriam que lhes dissesse a sorte. Descobriu que não tinha por que ter se preocupado. O



primeiro homem ao qual dirigiu um sorriso lhe entregou uma moeda e se sentou na cadeira em frente a ela. Catherine deixou cair o dinheiro no decote da blusa como tinha visto Pearsa fazer.

Estudou seu rosto, adivinhou que devia ter aproximadamente trinta anos, fixou-se em sua camisa de tecido simples e em suas calças de lona e descobriu a fita que levava no bolso; provavelmente um presente para uma mulher. Decidiu que era velho e pobre o suficiente para ter sofrido uma quantidade razoável de contratempos. Como não tinha judias para jogar e ler sua posição fingiu ler as linhas da palma da mão.

— Em certo momento teve você um grande problema com parentes e amigos - disse rezando por que fosse certo.

O homem esquadrinhou sua memória, franzindo suas sobrancelhas castanhas até as juntar.

— Sim! Em uma ocasião meu melhor amigo fugiu com a moça com a qual ia me casar. Como soube?

Catherine se limitou a sorrir. Voltou a estudar sua mão.

— Você esteve três vezes em perigo de morte — ela conteve o fôlego.

O camponês pareceu pensar.

— Quando pequeno estive muito doente... depois caí do celeiro e... e tempo depois lutei contra meu amigo pela moça com a qual no final me casei - a olhou com expressão de temor— Siga – disse — tenho que saber mais.

E então ela lhe falou sobre a mulher a qual amava e a que queria agradar, e de novo, ele pareceu intimidado. Quando partiu, pouco depois, Catherine possuía uma segunda moeda e o homem parecia muito contente. A hora transcorreu com um cliente atrás do outro. Catherine deixou cair no sutiã da blusa moeda detrás de moeda.



Funcionava! Tinha conseguido! Desejou, de forma um tanto temerária, que Dominic retornasse logo, que fosse procurá-la, e visse o que era capaz de fazer. Se ficasse contente com o que tinha feito e estivesse de bom humor, possivelmente pudessem falar de seu retorno a Inglaterra e ela poderia tentar lhe contar a verdade.

Com esse pensamento em mente, deixou cair outra pequena moeda em seu sutiã, onde ressoou ao se chocar com as outras, a surpresa veio quando uns compridos e finos dedos escuros a seguiram.

Notou os audazes dedos lhe roçando o seio enquanto Dominic tirava o dinheiro; ela ficou de pé diante do ultraje, derrubando o banco no qual tinha estado sentada. Uns olhos negros de expressão dura a olharam de frente, com tal fúria que podia derreter as pedras.

— Acreditei haver dito que tentasse dormir.

Por que ele estava tão zangado?

— Não tinha sono.

Seus olhos a furaram, insolentes e zombadores.

— Bom.

Uma mão capturou seu pulso enquanto a fazia sair de repente, arrastando-a consigo.

— O que está fazendo? Aonde me leva?

Dominic não respondeu, limitou-se a seguir andando, fazendo-a correr para manter o passo. Quando chegaram ao carroção, subiu a escadinha, abriu a porta e a empurrou para dentro.

— Dominic, o que houve?

— Necessita de dinheiro? — ele respondeu, virando-a para olhá-la enquanto tirava a camisa das calças negras, indecentemente justas. Ele tirou uma bolsa da cintura e a sacudiu em sua direção — Tenho mais do que o suficiente e você tem exatamente o que desejo comprar.



— O que?

— Não é ruim o bastante que insulte ao cohayi fingindo continuar com seu negócio; não, tinha que fazê-lo nas minhas costas, tentando conseguir mais dinheiro.

— Não pretendia insultar ninguém. Estava fazendo por você e pelos outros. Pensei que tinha encontrado uma maneira de ajudar.

— Não me minta, Catherine. A verdade é que o dinheiro que me roubou não era o suficiente para pagar sua volta à Inglaterra e ao seu adorado prometido. Eu disse que te levaria, mas não acreditou. Estava decidida a voltar por seus próprios meios.

— Está louco!

Ele desabotoou os punhos da camisa e a tirou, lançando-a em um canto sem nenhum cuidado.

A inquietação de Catherine aumentou ao ver seu peito amplo e musculoso. Tentou afastar-se, mas ele a levantou nos braços e a jogou de costas na cama.

— Você acha que esta apaixonada por ele, mas não é assim - ele se sentou na cama e tirou as botas que aterrissaram com um ruído seco contra as pranchas de madeira do chão. Levantou-se e desabotoou as calças.

Os olhos de Catherine permaneceram fixos e horrorizados na estreita linha de pêlo negro que descia por seu estômago e no volume de sua excitação, que pressionava com força a parte dianteira da roupa.

— O que acha que está fazendo? — ela perguntou, amedrontada, com voz insegura.

Quando a única resposta de Dominic foi um faminto olhar que fez com que secasse sua boca, Catherine se moveu para o canto da cama, tentou se esquivar e correu para a porta. O braço musculoso de Dominic rodeou sua cintura, arrastando-a para ele.

— Não vai a nenhuma parte. Já esperei muito tempo - a boca dele desceu sobre a dela implacavelmente.



Catherine lutou contra ele, odiando a mentira que os tinha obrigado a chegar a isto, lutando para escapar.

Conseguiu liberar a boca.

— Eu estou te dizendo a verdade!

Ele a segurou por um ombro e a jogou para trás, beijando-a com mais ferocidade que antes. Embora ela lutasse por fugir, ele a levantou facilmente e voltou a levá-la à cama. Ela sentiu seus dedos agarrando sua blusa e em seguida ouviu que o tecido rasgava.

— Já é hora de que desfrute do que outros desfrutaram antes.

As palavras penetraram em sua mente provocando uma de onda de temor.

— Dominic, por favor... não entende. Por favor... não deve fazê-lo!

Mas ele estava imerso em uma neblina de paixão e dor. Segurando seus pulsos contra o colchão tentou beijá-la, colocando seu grande corpo em cima do dela. Catherine afastou o rosto.

— Por favor, eu lhe peço, me escute!

Custaram-lhe vários minutos antes que suas frenéticas súplicas penetrassem no cérebro dele. Dominic olhou o oval de seu rosto, viu o medo e a tristeza... e nem um só indício de desejo por ele.

Que diabos estou fazendo? Ele respirou para se tranquilizar e a força com a qual estava segurando seus pulsos, começou a diminuir. Sacudiu a cabeça, tentando esclarecê-la, tentando recuperar o controle. Solto-a e Catherine se sentou na cama.

— Você quer reclamar o que outros já tiveram - ela disse suavemente — mas não houve ninguém - seus olhos verdes brilharam com uma mistura de confusão e incerteza — Nunca houve ninguém.

Dominic franziu o cenho, com o coração ainda pulsando ao ritmo de sua ira e o desejo fervendo nas veias.



— Você está me dizendo que é virgem?

As pálidas bochechas de Catherine coraram.

— Sim.

— Isso é impossível. Você permaneceu por sua própria conta durante semanas. Não há um só homem são que não te haveria possuído; exceto, talvez eu.

No exterior do carroção já tinha escurecido. Eles podiam ouvir as risadas e os cantos.

Ele passou uma mão pelo cabelo, tentando tranquilizar-se.

— Estava destinada ao pasha — Catherine lhe recordou — Tinha muito mais valor se estivesse intacta. Depois chegou Vaclav e... já sabe o resto.

Dominic se limitou a olhá-la fixamente sem ainda poder aceitar o que estava lhe contando.

— O que eu disse sobre o dinheiro era verdade - seguiu Catherine — Eu o fiz por você e pelos outros, queria ajudar de algum modo. Esperava que se sentisse orgulhoso de mim.

Ele observou como o olhava de frente, sem afastar a vista e a pressão que sentia foi substituída por uma aguda punhalada de culpa.

— Maldição! — Ofegou.

Ainda estava excitado e dolorido por ela. Seu seio ainda aparecia através do rasgo que tinha feito na blusa e tinha os lábios inchados por seus beijos. Deus, desejava-a!

Perguntou-se se seria realmente virgem, sentindo uma inesperada onda de emoção.

— Sinto muito. Eu a vi pegar esse dinheiro e algo explodiu dentro de mim.

Os cantos de sua boca se elevaram em um sorriso de perdão, fazendo que parecesse ainda mais vulnerável e desejável.

— Está bem. Não me fez mal.

— Eu nunca faria — ele disse isso suavemente; e neste momento soube o que devia fazer — Acredite Catherine. Aconteça o que acontecer, sempre deve acreditar isso.



Seu sorriso se fez mais cálido e um ar de alívio apareceu em seus olhos. Dominic se inclinou e a beijou cuidadosamente, muito cuidadosamente. Acariciou-lhe os lábios e em seguida colocou sua boca sobre a dela. Não fez nenhuma tentativa de tocá-la. Catherine vacilou só um instante e depois lhe devolveu o beijo, o acariciando com sua língua em um movimento hesitante, leve como uma pluma.

Quando ela começou a separar-se, Dominic aprofundou o beijo um pouco, obrigando-a a ficar. Seus lábios eram quentes e incrivelmente suaves, e lhe endureceu o corpo ainda mais. Queria inundar a língua em sua boca, cavar as mãos em seus seios, levantar suas saias e afundar-se nela. Desejava tomá-la e fazê-la sua; mas em vez de fazê-lo, mudou de posição e a atraiu cuidadosamente para seus braços.

— Sinto muito, gatinha fogosa – sussurrou — deveria ter acreditado em você... ou ao menos devia deixar que se explicasse.

Beijou-a docemente, desculpando-se, com uma ligeira carícia que lhe demonstrava o muito que se importava.

Quando Catherine deslizou seus braços ao redor de seu pescoço, aceitando o gesto e devolvendo-o, Dominic deslizou a língua em sua boca. Uma de suas mãos subiu por seu corpo, deslizando-se depois pela blusa rasgada para levantar e moldar um de seus seios. O peso deste em sua mão e o endurecido mamilo entre seus dedos incrementaram seu desejo.

— Catherine - sussurrou, introduzindo mais profunda e audaciosamente a língua na boca que se oferecia a sua experimentada invasão.

Ela o permitiu durante uns segundos e a mão dele fez sua magia sobre um amadurecido seio. A seguir Catherine se separou.

— Temos que parar — ela disse, respirando com tanta dificuldade como ele.

— Ainda não — ele rebateu voltando a beijá-la.



Recorreu a toda sua habilidade, a cada um dos truques que tinha aprendido. Podia sentir os dedos dela em seu cabelo e os rápidos batimentos de seu coração. Catherine voltou a separar-se.

— Temos... que parar — ela repetiu com os olhos nublados pela paixão — antes que seja... muito tarde.

Ele a contemplou com um último olhar faminto.

— Já é.

A obrigou a deitar-se na cama e ela ofegou ao sentir seu duro corpo sobre o seu. Suas pequenas mãos o empurraram pelos ombros, mas ele capturou sua boca e deslizou uma mão sob suas saias.

— Santo Deus — ela ofegou quando o dedo dele acariciou o suave pêlo avermelhado em cima de sua feminilidade, procurando e encontrando as acetinadas dobras que protegiam seu sexo e se deslizava dentro.

Gemeu e se arqueou contra ele. Com paciência infinita, Dominic moveu o dedo, dentro e fora, até fazê-la perder o sentido, até que pôde sentir como aumentava sua paixão.

— Nunca se ofereceu para mim, verdade? — Sussurrou assombrado e estranhamente orgulhoso da vontade dela.

Deixou a mão quieta. Catherine se retorceu, pedindo mais em silêncio.

— Não - disse ela brandamente.

— Mas me deseja não é?

Quando Catherine não respondeu, ele a beijou, intensa e prolongadamente, excitando um mamilo com a mão.

— Não é?

Catherine tremeu.



— Sim.

Dominic soltou o ar que tinha estado contendo e desapareceram suas últimas dúvidas. Cuidaria dela e a protegeria.

Sem deixar de beijá-la, tirou sua blusa destroçada e a deixou cair, em seguida abaixou a saia pelos quadris deixando-a nua diante ele. Seu cabelo, de um vermelho aceso se derramou sobre seus ombros até seus firmes seios junto ao seu mamilo rosados, deliciosamente curvados para cima, que pareciam tentar alcançar a mão dele. Sua pele era tão branca como o alabastro, sua cintura tão estreita que podia abrangê-la com as mãos, suas pernas flexíveis terminavam em uns pés possuidores de um delicado arco. Catherine não tentou cobrir-se, tão somente levantou o olhar para ele como se procurasse sua aprovação.

— Sabia que seria perfeita - disse ele com voz rouca — mas é mais ainda.

Catherine fechou os olhos e permitiu que as bajuladoras palavras se derramassem sobre ela. O desejo corria por suas veias com cada respiração, mas até esse instante tinha estado insegura. Estava cansada, muito cansada de lutar mentalmente contra as demandas de seu corpo.

Agora, enquanto a boca de Dominic cobria a sua e suas mãos se deslizavam por sua pele, soube que o corpo tinha ganhado e a batalha, por fim, tinha terminado. Sentiu suas carícias e soube que isso era o que necessitava; o que tinha necessitado todo o tempo. Os dedos dele se moviam perita e habilmente, com tal paciência que em poucos minutos se encontrou caindo na teia de sonho que ele estava tecendo.

Suas elegantes mãos bronzeadas moldaram ambos os seios, endurecendo os mamilos, depois lhe acariciou as coxas, afundando um dedo nela ao mesmo tempo em que se apoderava com a boca de um mamilo, acariciando-o em círculos com a língua e amamentando-o brandamente.



Catherine sentiu um doce calor e as chamas do desejo percorrerem seu corpo. As mãos e a boca de Dominic estavam por toda parte, seus dedos exploradores sabiam exatamente onde tocá-la. Quando se separou dela para tirar as calças, a interrupção lhe pareceu uma nebulosa nuvem de fumaça.

— Dominic — ela sussurrou quando ele colocou seu musculoso corpo entre suas pernas.

Mais nenhuma palavra de protesto surgiu de seus lábios. Em troca acariciou os tendões de seus ombros e estendeu os dedos sobre seu peito, sentindo os músculos debaixo da pele. Quanto tempo estava desejando fazer precisamente isso? Ela perguntou-se vagamente Como poderia esperar um só dia mais?

Dominic a beijou outra vez, e ela sentiu seu pênis endurecido contra sua perna. Deveria ter ficado assustada, mas não estava; só temia que terminasse. Quando a boca dele se moveu sobre seu seio, belisco-o e excitou até que ela se retorceu em resposta às deliciosas sensações.

— Por favor - ela se ouviu sussurrar, arqueando-se contra sua mão.

Mas ele se deteve.

— O inglês - disse— me diga que o ama e isto não acontecerá.

Ela esperou que sua voz interior lhe ordenasse mentir, mas não foi assim. Lembrou dos problemas que suas mentiras tinham provocado e o dano outra mais que faria.

— Continua achando que está apaixonada por ele? —ele insistiu.

— Não.

Sentiu um leve relaxamento na tensão de seu corpo.

— Graças a Deus.

Dominic a beijou então, apaixonadamente, fundo, usando a língua, as mãos, o peso de seu corpo até deixá-la louca. Ela sentia seu pêlo áspero das pernas, os músculos de seu



peito e a dura ereção que tentava encontrar a entrada de seu corpo. Catherine separou as pernas, oferecendo-se a ele, e Dominic emitiu um suave gemido.

— Catherine - sussurrou.

Fazendo-a separar mais as pernas, colocou-se entre elas e se introduziu nela. Parou quando alcançou sua virgindade e sua terna expressão chegou ao seu coração.

— Terei que machucá-la... mas só será esta vez. Sinto muito.

Catherine lhe rodeou o pescoço com os braços e o fez inclinar a cabeça para lhe beijar os lábios. Dominic lhe devolveu o beijo, provocando e enrolando até que inundou a língua em sua boca no mesmo instante em que se introduzia profundamente em seu corpo.

Catherine gritou de dor e cravou os dedos em suas costas. Os lábios dele foram para suas têmporas, beijou-a na garganta, nas bochechas e nos olhos enquanto ficava quieto. Quando ela notou a mão dele lhe acariciando o seio e compreendeu que não ia voltar a lhe machucar, começou a relaxar. Assim que o fez, Dominic se introduziu mais profundamente ainda.

— Está bem? — ele perguntou.

Catherine tragou suas incertezas e assentiu. Sentiu-se cheia dele, unida a ele como nunca teria imaginado.

— O pior já passou — ele prometeu com voz rouca, começando a mover-se lentamente dentro dela.

Ela podia sentir a tensão de seu corpo e sabia o quanto que devia lhe custar conter-se. Relaxou mais e começou a deixar que o ritmo de seus movimentos a arrastasse. Dominic notou sua aceitação e seus embates ficaram mais rápidos.

Em pouco tempo estava se inundando nela, forte e profundamente, e Catherine se arqueava contra ele em cada poderoso empurre. Seus próprios músculos estavam tensos e algo doce e completamente novo começou a crescer dentro dela, algo tão indefinido que



pareciam não poder ser possível. Em vez de lutar contra a sensação se deixou levar, agarrando-se ao pescoço de Dominic, o rodeando com as pernas e gritando seu nome.

Ao notar que ela estava se aproximando do clímax, ele se introduziu mais e mais rápido até que Catherine se elevou sobre a borda. Umas brilhantes luzes apareceram no horizonte, brilhos de prata e escarlates e um sabor tão doce umedeceu seus lábios tentando capturá-lo antes que se apagasse.

Pareceu-lhe que o mundo, tal e qual o conhecia, tinha deixado de existir, substituído por uma paisagem cheia de doçura, beleza, paixão e serenidade. Enquanto a espiral de prazer começava a diminuir, teve a sensação de que tinha capturado uma diminuta partícula desse mundo novo e que a conservaria para sempre.

Então ela sentiu os fortes braços de Dominic rodeando-a, atraindo-a para seu grande corpo musculoso e o brilho do suor que cobria seu corpo se confundiu com o dela.

Foi nesses últimos maravilhosos instantes de proximidade quando soube. Os segundos nos quais se abraçaram mutuamente. Quando a intimidade do que tinham compartilhado ainda permanecia neles como um aromático perfume.

Amava-o. Já não podia negá-lo. Não havia modo de evitar a verdade.

E embora reconhecê-lo a assustasse, também a libertava. Independentemente do que acontecesse, independentemente de qual fosse seu futuro, nada poderia destruir a lembrança do que se sentira ao amar.

— Está bem? — Dominic lhe acariciou o úmido cabelo loiro avermelhado da têmpora.

— Sim. Foi maravilhoso.

— Eu a machuquei?

— Só um pouco. Pagaria gostosamente esse preço outra vez pelo prazer que me proporcionou.



Dominic a olhou um momento, notando o rubor em suas bochechas e o sorriso em seus lábios ainda inchados por seus beijos. Levantando-se sobre um cotovelo, inclinou-se sobre ela.

— É a mulher mais incrível que conheci em minha vida. Acreditei que choraria e me acusaria de a violar. Pensei que me ia custar ao menos três ou quatro vezes mais, antes que admitisse que você também gostou.

Catherine tão somente sorriu.

— Não deveria tê-lo feito; não posso negá-lo, mas o fiz e não posso remediá-lo; tampouco posso te jogar a culpa. Aconteça o que acontecer sempre irei valorizar este momento. Sempre o recordarei com carinho.

E amor.

— Querida? — ele pareceu ligeiramente irritado — Isso é tudo pode dizer depois do que acaba de passar?

— O que você diria?

O que diria? O que diz um homem no momento mais comovedor de sua vida?

Dominic não acreditava que tal coisa pudesse lhe acontecer; ao menos para ele. Possivelmente tivesse sido o modo que ela se entregou tão completamente, ou a maneira em que tinha depositado sua confiança nele.

Embora não merecesse.

Que tipo de bastardo conspiraria durante semanas para apoderar-se da virgindade de uma jovem? Claro que, no princípio, ele não sabia, e depois... bom, também não o lamentava. Ela não estava apaixonada pelo inglês, e mesmo que estivesse, era pouco provável que o homem lhe desse as boas-vindas em sua casa.

— Diria que foi excelente; não, melhor que excelente. Diria que foi maravilhoso.

Catherine sorriu.



— Sim... maravilhoso. Essa é a palavra adequada.

Catherine deslizou um dedo pelo peito dele provocando que os músculos se esticassem. Seu próprio corpo reviveu ao recordar o que tinha sentido ao entrar nesse mundo estranhamente doce que Dominic tinha lhe mostrado.

— Perguntava-me se poderíamos...

Dominic deu um sorriso de lobo.

— Pequena descarada.

Rodou até ficar em cima dela, afundando-a no suave colchão de plumas. Já estava quente e duro, mas tinha temido que ela estivesse dolorida. Quando ela descobriu sua evidente excitação os verdes olhos se arregalaram.

— Gatinha, acredito que acaba de encontrar sua resposta.

Catherine riu suavemente, e Dominic cobriu sua boca com um beijo. Esta noite fariam amor até que a maravilhosa bruxinha estivesse esgotada e pela manhã aliviaria suas preocupações pelo futuro lhe contando o resto de seu plano.



Capítulo 11

Catherine despertou da bruma sensual rodeada por uns fortes braços e o aroma almiscarado de homem. O peito de Dominic era sólido e quente e ele parecia quase um menino com seu brilhante cabelo negro caído sobre os olhos. Suas espessas pestanas negras pareciam meia lua sobre suas angulosas bochechas morenas.

Lamentou não poder ficar aí para sempre.

Dominic gemeu entre sonhos e rodou para ela, apertando-a mais, instintivamente, enquanto ela se aconchegava mais contra ele. Catherine se perguntou o que ele faria quando despertasse, o que diria à luminosa luz da manhã. Perguntou-se o que diria ela.

Dominic se remexeu, começando a despertar. Ela fechou os olhos e fingiu dormir. Com uma ternura que nunca teria esperado dele, separou-se dela, apoiou suas longas pernas nas pranchas de madeira do chão e se esticou para recolher as calças. Vestiu-as, junto com as botas e em seguida recolheu sua camisa. A ponto de sair pela porta, deteve-se junto à cama, inclinou-se e a beijou na bochecha. Catherine permaneceu imóvel.

Não estava preparada para enfrentá-lo e tampouco estava certa do que devia fazer. Ela esperou até que ele tivesse deixado o carroção para ir se ocupar dos cavalos, para sentar-se na cama e começar a procurar sua roupa. Depois de arrumar como pôde o rasgo da blusa, a pôs, seguida da saia, escovou o cabelo e o prendeu com uma fita, descendo em seguida do carroção. Pearsa já tinha acendido o fogo e tinha o café da manhã em marcha.

— Tem fome não é? — Havia em seus olhos um ar de entendimento, mas não de censura como Catherine tinha esperado.

— Sim. Mas eu gostaria de me limpar primeiro.

— Há a água no barril, e uma nascente caminhando para a esquerda.



Catherine optou por esta última, pegando uma pequena toalha de linho, e dirigindo-se naquela direção. Notava a umidade da terra pantanosa sob seus pés nus, e o frio das primeiras horas da manhã deixou sua pele arrepiada, mas ela mal notou. Necessitava de tempo para pensar e decidir o que fazer.

Pensou nas maravilhosas horas que tinha passado nos braços de Dominic. Pensou em sua força e sua ternura e no amor que sentia por ele e que nunca voltaria a sentir por nenhum outro homem. Ele era especial; tanto que por um breve instante pensou em ficar com ele. Poderia sobreviver levando a vida de uma cigana; já o tinha feito e poderia continuar a fazendo-lo.

Recordou tudo o que tinham compartilhado, o modo que ele a tinha protegido e se preocupado por ela. Desejava-o. Amava-o. Como poderia abandoná-lo?

Suas vísceras se contraíram de desespero. Mesmo que Dominic a amasse tanto quanto ela a ele, nunca funcionaria. Ela podia viver no mundo dos ciganos, mas nunca seria feliz levando uma vida sem outro objetivo que a sobrevivência dia após dia.

Não possuía seu espírito nômade, nem nunca o teria; e não podia imaginar-se criando a uma criança para que vivesse assim.

Encontrou um lugar isolado, ocupou-se de sua higiene, lavou-se o melhor que pôde e depois se sentou em um pedaço de terra seca, atrás de um arvoredor. Deixando de lado o que aconteceu, não podia deixar que as coisas continuassem como estavam. Uma única noite de amor já tinha lhe destroçado o coração e estilhaçado o futuro.

Pouco podia fazer pelo passado, mas o futuro ainda estava em suas mãos. Dominic a levaria para a Inglaterra, de volta a sua família e ao seu lar. Ela nunca esqueceria ao homem que tinha acabado por amar, mas uma vez que chegassem ali, o abandonaria. Tinha que seguir com sua vida; na realidade não restava outra opção.



Estava certa de que, com dinheiro suficiente e influência, poderia reparar as coisas; outras jovens da alta sociedade tinham sido arruinadas, e tinham sido salvas.

Mesmo que suas opções fossem extremamente limitadas, uma vez que voltasse para a Inglaterra e o escândalo fosse oculto de algum modo, sua fortuna atrairia a boa parte da nobreza menos afortunada, que estava obrigada a casar-se para salvar as propriedades da família. Sem dúvida o tio Gil poderia encontrar entre eles alguém disposto a aceitar a perda de sua virgindade em troca de riqueza e o incentivar a consegui-la.

Mas o que aconteceria com Dominic? Só o eco de seu nome na mente acelerou os batimentos de seu coração. Nunca esqueceria a paixão que tinham compartilhado a sensação de ser um; mas não podia arriscar-se a ter outros momentos iguais; inclusive nesse momento podia estar grávida de seu filho.

Catherine sentiu um repentino calor e um desejo que não esperava. Sabia quais eram as possíveis conseqüências de sucumbir aos encantos de Dominic, mas não tinha previsto a angústia que sentiria só de pensar em o abandonar.

De todos os modos não havia nenhuma outra solução e o único modo em que poderia convencê-lo era lhe dizendo a verdade sem importar o que pudesse custar. Depois da intimidade que tinham compartilhado na véspera, estava certa de que acreditaria. E saber que era uma condessa, um membro da nobreza, os separaria como se tivessem sido afastados com um machado.

Com uma careta de resignação, Catherine retornou ao acampamento, rodeando o agrupamento de carroções e tendas negras que estavam desordenadamente colocados no espaço detrás da igreja da fortaleza. Eram muitos os que tinham passado a noite divertindo-se e começavam a levantar-se agora, outros estavam de cócoras tomando o café da manhã à maneira cigana; alguns seguiam bebendo vinho diretamente das garrafas ou



taças cheias de palinka, e uns quantos estavam tombados no chão, debaixo de seus carroções com a vistosa roupa, agora enrugada.

Catherine quase tinha alcançado vardo de Dominic quando ouviu um alvoroço em um dos carroções próximos, reconheceu as vozes do jovem Janos e de seu padrasto, Zoltan. Apressou-se a ir para lá levantando as saias, chegando justo quando Zoltan lançava Janos no chão, batia em suas orelhas e dava um tapa em seu rosto.

O pequeno garoto caiu no chão e se enrolou como uma bola, para proteger-se dos chutes que seu padrasto estava lhe dando nas costelas.

— Chega! — Ordenou Catherine — Zoltan o que está fazendo?

— Não se meta nisto, gadjo. Não é seu assunto.

Catherine seguiu adiante até interpor-se entre ele e Janos, que se protegeu atrás de suas saias e Zoltan a olhou do alto de sua estatura com o rosto contorcido pela raiva.

— Saia! — ele ordenou — Eu avisei!

— O que ele fez que possa ser tão terrível? — Catherine perguntou, negando-se a mover-se.

— Me roubou dinheiro. A mim, que o alimento e compro a roupa que usa!

Catherine pensou que os trapos sujos que o pequeno Janos usava mal podiam ser descritos como roupa.

— Certamente há alguma explicação.

— Quer saber o que aconteceu? — Zoltan gritou — Ele gastou meu bem ganho dinheiro nisto! — Sustentou no alto dois andrajosos volumes encadernados em couro.

— Livros? — Catherine mal poderia acreditar. Nem sequer sabia ler.

Zoltan agarrou o couro usado para afiar nas raras ocasiões em que se barbeava; que certamente não tinha sido hoje. Na realidade, com a roupa manchada de vinho e o cabelo revolto parecia que ainda não tinha se deitado.



— Eu o farei provar disto e da próxima vez pensará duas vezes antes de pegar o que não é dele!

Catherine ouviu que Janos continha o fôlego e notou que suas mãozinhas se agarravam a suas saias, mas ela continuou sem mover-se.

— Estou certa de que tinha uma razão para fazê-lo — ela tentou tranquilizá-lo. Deus Santo, onde estava Dominic?

— Eu o adverti, mulher! — Disse Zoltan ameaçadoramente.

— O que esta acontecendo aqui? — A pergunta provinha de Dominic, que, para grande alívio de Catherine acabava de retornar ao acampamento.

— Leve sua mulher, Domini. Eu cuidarei do garoto.

— Janos pegou o dinheiro de Zoltan para comprar livros - explicou Catherine apressadamente — Tenho certeza de que se lhe emprestarmos o dinheiro para que o devolva ao seu padrasto, Janos achará um modo de nos devolver e tudo estaria solucionado - ela olhou de Zoltan para Dominic para ver se estavam de acordo.

— O que diz você, Zoltan? Se o garoto trabalhasse para reembolsar a dívida, seria castigo suficiente?

— Não!

— E se lhe devolve isso com juro? — Perguntou Dominic.

— Juros? O que significa isso?

— O dinheiro que ele deve, mais o que seja pelos problemas que causou.

Zoltan acariciou o grosso couro de afiar e Catherine conteve o fôlego. O que dissesse o alto cigano seria o que prevaleceria e nem sequer Dominic se oporia a ele. Zoltan resmungou algo que Catherine não entendeu enquanto olhava fixamente em sua direção, ele viu que ela não estava disposta a mover-se e finalmente concordou.



— O menino foi um problema constante desde que sua mãe morreu. Por que eu deveria me importar se é um ladrão de sua própria gente - deu de ombros com uma despreocupação que era óbvia que não sentia, pendurou a correia de afiar em seu gancho e aceitou as moedas que Dominic lhe entregou, em seguida entrou no carroção.

Dominic olhou para Janos, que estava diante dele olhando fixamente para os pés nus, com dureza.

— Sabe que o que fez não foi certo.

Os olhos negros alagados de lágrimas, o olharam, piscando para evitar o choro.

— Sim.

— Para que queria os livros?

— Eram muito bonitos; todos de couro e dourados. Vi que você tinha livros em seu carroção, eu o vi folheá-los. Quero aprender a ler.

O coração de Catherine encolheu. Suspeitou que cedo ou tarde muitos meninos ciganos teriam a mesma idéia e seriam tão firmemente castigados como Zoltan teria feito se ela não chegasse a tempo.

— Sabe o que seu padrasto e o resto pensam— disse Dominic — Quando crescer poderá escolher - uma nuvem de tristeza velou seus olhos — No momento deve fazer o que seu padrasto diga.

— Você poderia me ensinar.

— Eu vou em breve - disse Dominic brandamente.

— Ah!

Dominic se esticou, parecendo ainda mais severo.

— Eu espero que me devolva o dinheiro que entreguei ao Zoltan.

Janos assentiu.



— Pode começar limpando o esterco dos cavalos; encontrará uma pá e um restelo ao lado das rédeas.

Janos ia sair, mas se deteve e deu a volta.

— Obrigado Catrina.

— De nada.

— Obrigado, Domini.

Dominic se limitou a assentir. Contemplou o menino enquanto este se afastava e depois voltou a atenção para Catherine.

— Você gosta dele de verdade?

— É um menino encantador. É uma vergonha que nunca tenha a oportunidade de ser algo mais que... - Se interrompeu, desejando não ter expressado seus pensamentos em voz alta.

— Mais que um simples cigano?

— Não queria dizer isso.

— Eu sei — ele disse, surpreendendo-a — Às vezes, eu gostaria, que houvesse algum modo de ajudar, mas não funcionaria. Basicamente porque gostam de sua vida tal como é.

— E você, Dominic? Também você gosta da sua vida tal como é?

Ele sorriu ao ouvi-la e a segurou pela mão, colocando-a no vão do cotovelo.

— Vamos. Acho que já é hora de falarmos.

Ainda não, pensou Catherine enquanto empreendiam o caminho de volta ao carroção. O vínculo que compartilhavam era tão recente e valioso. Mas subiu a escada e Dominic a seguiu. Quando se sentou sobre a cama, ele se sentou ao seu lado virando-a para pegar sua mão.

— Quanto à passada noite — ele começou a dizer.

— Foi maravilhosa, Dominic. A noite mais maravilhosa de minha vida, mas...



Ele pareceu a ponto de se mostrar de acordo, mas a última palavra o deteve.

— Mas? Mas, o que?

— Mas... mas... — Catherine engoliu com força.

Olhou seus formosos olhos negros emoldurados por espessas sobrancelhas, e a sensual curva de seus lábios. Pela abertura da camisa aparecia a pele de cor bronze que cobria os tensos músculos e recordou a sensação sob a palma de sua mão.

Tinha que lhe dizer que não podiam voltar a tocar um ao outro como na noite anterior, que pertenciam a mundos diferentes e que o que havia entre eles tinha que terminar. Mas levantou a mão para tocar sua bochecha, pegou-lhe o rosto entre as mãos e o beijou. Dominic gemeu suavemente contra sua boca, rodeou-a com os braços e a esmagou contra si.

— Catherine - sussurrou, percorrendo seu corpo com as mãos e embalando um de seus seios.

Enquanto sua língua brincava com a dela, deslizou sua blusa por um ombro, colocou a mão dentro e com os dedos começou a acariciar um mamilo. Beijou sua garganta, mordiscou-lhe o pescoço e foi deixando um rastro de beijos ao longo de seu ombro; quando se apoderou do seio com a boca e começou a chupar com cuidado, Catherine experimentou uma ternura que não se parecia com nada que houvesse sentido anteriormente.

Ela se deixaria levar pelas sensações uma última vez, jurou, e essa vez teria que durar por toda uma vida.

— Me faça amor, Dominic. Eu preciso te sentir dentro de mim.

Ele levantou a cabeça para olhá-la.

— Nunca desejei a uma mulher como desejo a você - voltou a beijá-la inundando a língua em sua boca.



Catherine notou a mão dele sob suas saias, deslizando-se por sua coxa até alcançar a cálida umidade do centro de sua feminilidade.

— Está tão úmida! — ele sussurrou quase reverentemente — Tão estreita e apertada!

Ela se abriu para ele, lhe permitindo deslizar os dedos no interior de seu corpo, o deixando fazer sua magia. O que importava era o fogo que começava a arder dentro dela, a sensação de seu musculoso corpo sob as palmas das mãos. Quando ele se afastou para desfazer-se de sua roupa, ela se agarrou a ele.

— Não – sussurrou – não quero esperar mais.

Seus dedos estavam ocupados nos botões das calças de Dominic até que libertou sua excitação e sua mão se fechou ao redor do grosso pênis.

— Calma pequena. Temos que ir mais devagar.

— Eu quero você — ela respondeu — Agora. Neste instante.

Saber o risco que estava correndo sozinho a fazia ficar mais desesperada.

Dominic pareceu sentir sua necessidade. Cobriu-a com seu corpo, levantou suas saias e se colocou entre suas coxas. Ela separou mais as pernas e notou sua virilidade endurecida Tateando para encontrar a entrada a seu corpo. A levantou, segurando suas nádegas com as mãos e, com um poderoso empurrão, penetrou-a profundamente.

Catherine gemeu. Agarrou-se a seus ombros musculosos e se arqueou para sair ao seu encontro em cada embate. Demorou pouco para levá-la a beira da loucura, cada vez mais e mais alto. Ela sentiu uma necessidade selvagem de fundir-se com ele e não o deixar nunca.

O corpo de Dominic se esticou e o ritmo de seus movimentos aumentou. A cabeça de Catherine caiu para trás, ela cravou as unhas nas costas, e se retorceu contra ele. Quando não pôde suportar mais a doce tortura, gritou seu nome e caiu pelo precipício. Ao seu redor



estouraram foguetes; felicidade e amor. Nunca tinha experimentado um prazer e uma plenitude tão incríveis.

Como podia deixar ir?

Dominic sussurrou seu nome e todo seu corpo ficou rígido. Ofegou enquanto alcançava uma estremecedora liberação que deixou a ambos sem fôlego e estreitamente entrelaçados. Depois rolou para um lado arrastando-a consigo.

Durante momentos permaneceram quietos, o silêncio só quebrado pelos batimentos de seus corações.

— Eu estive querendo fazer isto à manhã toda — ele afirmou por fim lhe beijando o cabelo das têmporas, úmido de suor — Só temia que estivesse dolorida.

— Eu estou bem — ela disse — Mais que bem.

Ele sorriu ao ouvi-la.

— Eu queria ter ido mais devagar.

— Foi maravilhoso. Você é maravilhoso.

Ele beijou suavemente seus lábios.

— Lamento que não tenhamos tempo para voltar a começar, mas temo que não possamos. Tenho que ir, Catrina. Só será esta noite, voltarei amanhã pela tarde; enquanto isso não quero que se preocupe. Tudo sairá bem.

— Aonde vai?

— Há um botequim na cidade, o Touro Negro. O dono é Romane Gadjo, um amigo dos ciganos. Ele se encarrega de recolher mensagens para nós dos amigos que passam por aqui. Ontem me chegaram notícias que um mensageiro de meu pai vai chegar a uma pequena cidade um pouco afastada da costa.

— Seu pai? — Catherine se sentou e acertou a roupa; Dominic fez o mesmo, abotoando as calças.



— É uma longa história. Eu a contarei quando voltar.

— Dominic...

— Enquanto isso quero que saiba que tenho tudo planejado.

— Dominic, tem que me escutar.

— Eu o farei, prometo. Discutiremos tudo e responderei a todas suas perguntas assim que voltar. Agora, só tem que saber é que tenho um monte de dinheiro para cuidar de você. Quando voltarmos para Londres tenho a intenção de comprar uma casa na cidade para você. Terá um elegante guarda-roupa novo e criados que cuidem de suas necessidades; terá tudo o que tenha desejado em sua vida.

O cérebro de Catherine começou a dar voltas até que foi incapaz de pensar.

— Do que está falando?

— Falo de seguirmos juntos, igual estamos agora. Ao menos, a maior parte do tempo. Tenho outras responsabilidades, assuntos que me obrigarão a me afastar da cidade, mas nos veremos freqüentemente e, meu amor, não necessitaremos de absolutamente de nada.

O cérebro confuso de Catherine começava a compreender.

— Vai me pôr em uma casa na cidade? Tem dinheiro suficiente para fazer isso?

— Sim.

— Em Londres.

— Sim.

— Está me dizendo que planeja me converter em sua amante?

— Catherine — Dominic disse elevando a voz e lhe apertando a mão — o inglês não teria se casado com você. Tem que confrontar esse fato e aproveitar as opções que restam.

— E você Dominic? Tampouco lhe interessa o matrimônio ou eu estou perdendo algo?



A expressão de ternura abandonou o rosto de Dominic, as duras linhas de seu rosto se fizeram ainda mais severas.

— Já lhe disse isso uma vez, Catrina, não tenho intenções de me casar jamais. Isso não mudou. O que tento fazer que veja é que não importa, eu irei protegê-la, eu me preocuparei de...

Por um momento Catherine sentiu tal assombro que foi difícil pensar. Depois começou a rir cada vez mais forte com as gargalhadas mais incríveis que tinham saído por sua garganta.

— Planeja me converter em sua amante? Vai me ostentar por toda Londres como se fosse sua puta? Muito considerado de sua parte, Dominic. Deveria ter sabido que dirigiria as coisas da maneira mais oportuna - voltou a rir quase histericamente.

— Pare! — Exigiu Dominic, começando a zangar-se — Pensei que se alegraria... ou se preocupa que alguém saiba que sou cigano? Se for isso, pode estar certa de que não saberão.

Catherine conteve as gargalhadas. Como tinha podido acreditar que seus sentimentos por ela fossem algo mais profundo que simples luxúria? Como podia ter sido tão estúpida?

Lembrou de Yana e do modo que Dominic se livrou dela. Cansará de você, assim como de mim. Ouviu as palavras de advertência de Pearsa: Meu filho nunca se casará, e a amargura pela traição lhe deu náuseas.

Para Dominic ela era só uma conquista mais, outra mulher para levar a cama até que se aborrecesse. Tinha obtido exatamente o que pretendia desde o momento em que se viram pela primeira vez. Lembrou o modo que lhe tinha pedido que fizessem amor; Dominic tinha tido mais êxito do que tinha planejado.



— Sinto muito, Dominic - disse, tentando controlar-se, decidida a conter as lágrimas

— Não tem nada a ver com sua herança, é só que...

Afastou-se, rindo suavemente, tão a ponto de chorar que só queria era sair do carroção. Tinha estado sofrendo e temendo lhe confessar a verdade que os separaria. Agora não ia lhe dar essa satisfação.

— É claro, tem razão - continuou— É uma maravilhosa notícia, e, além disso, solucionará todos os meus problemas.

A primeira coisa que provocaria tal situação, além de destruir sua vida e a de sua família, seria provavelmente matá-la. Ainda estava pendente o assunto do homem responsável por seu seqüestro: não ia alegrar-se muito quando ela aparecesse e só Deus sabia o que seria capaz de fazer.

— Claro que sim — ele disse, olhando-a com expressão de dúvida — Será feliz, prometo-lhe isso. Só tem que confiar em mim, e tudo se arrumará.

— Eu confio em você, Dominic - uma vez tinha tentado — Sempre o tenho feito.

Ele a olhou um momento, tentando adivinhar seus pensamentos e aparentemente não gostou do que viu.

— Tenho que partir, pois quero estar de volta amanhã de noite. Se as coisas forem bem, estaremos preparados para ir em um ou dois dias depois de que volte.

— Como quiser.

Observou-a, preocupado.

— Falaremos disto de novo quando voltar. Prometeu — Tudo sairá bem.

Ela assentiu, esforçando-se por parecer sincera.

— Sinto muito, Dominic, foi só a surpresa. Estou certa de que tem razão, quando voltarmos à Inglaterra todo se arrumará.

Ele se inclinou e a beijou com um beijo duro e possessivo, desprovido de calor.



— Voltaremos a discuti-lo amanhã. Depois a levarei para casa.

— Sim — ela aceitou — Será bom voltar para casa.

* * *

Dominic cavalgou sobre Rai, seu grande garanhão cinza, com o longo do estreito caminho de terra para o lugar de encontro nos subúrbios de Palavras, um pequeno povoado afastado da costa. A primeira mensagem da Inglaterra tinha chegado várias semanas antes, embora Dominic não o tenha sabido até agora; nela dizia que seu pai tinha piorado e que devia voltar para a Inglaterra imediatamente.

Embora se o soubesse não teria lhe importado; Dominic tinha estado recebendo a mesma mensagem durante os últimos quatro anos.

A segunda mensagem não dizia nada sobre sua volta, mas lhe pedia que se encontrasse com um mensageiro de Grawnwold na estalagem das Sete Irmãs, na cercania de Palavas. O homem em questão chegaria por volta do dia vinte e seis e ficaria ali até que a chegada de Dominic. Era crucial que falasse com ele.

Dominic guiou o enorme cavalo cinza pelo tortuoso caminho para a estalagem. Estava certo de que se tratava de outro estratagema, mas o homem tinha percorrido um longo caminho, para não falar que tinha atravessado um país que estava em guerra com a Inglaterra, e Dominic lhe devia a cortesia de escutar o que tinha a dizer.

Além disso, já era hora de retornar, e isso lhe daria a possibilidade de fazer os preparativos necessários para a viagem.

Dominic quase sorriu. Agora que tinha esclarecido as coisas com Catherine, estava impaciente por ir para casa. Era difícil esperar para vê-la instalada, já podia imaginar as pacíficas horas que passaria em sua cama. Queria lhe ensinar varias de maneiras de fazer



amor. Queria comprar belos vestidos e que os usasse só para ele. Queria cobri-la de presentes e rodea-la de luxos.

O fato de que ela não tivesse recebido as notícias como ele esperava, não deveria ter lhe surpreendido; Catherine era uma mulher orgulhosa, deveria ter esperado que se acostumasse à idéia de ser sua amante antes de solta-lo de repente. Deveria haver lhe explicado por que não podia casar-se. Que proporcionar um herdeiro para a fortuna dos Gravenwold a um pai ao que abominava, era algo que não faria jamais em sua vida.

Esboçou um desagradável sorriso. Desde o momento em que tinha sido afastado de sua família, quinze anos antes, seu pai, Samuel Dominic Edgemont, Quinto Marques de Gravenwold, tinha estado maquinando e planejando que seu filho bastardo continuasse com seu sobrenome. Era um movimento desesperado, originado pela morte do filho mais velho do marquês, Gerald, falecido no Serviço de Sua Majestade.

Foi por essa razão pelo que o marquês adotou seu filho ilegítimo, meio cigano e o educou embora não o suportasse. O marquês sabia que com o nascimento do filho de Dominic e dos filhos de seu filho, o sobrenome Edgemont estaria assegurado. Gravenwold continuaria para sempre. Tudo aquilo pelo qual tinha trabalhado não teria sido em vão.

Mas durante os quinze anos anteriores, Dominic tinha jurado que tal coisa não aconteceria.

Ao chegar diante de um edifício de tijolo com um descolorido letreiro de madeira que indicava que era a Pousada das Sete Irmãs, desmontou do cavalo, o entregou a um moço e lhe ordenou em francês que cuidasse bem dele, a seguir abriu a pesada porta de madeira e entrou. O interior estava cheio de fumaça, fracamente iluminado por uns enegrecidos abajures de óleo de baleia e no ar ressoavam as risadas e as canções obscenas.



— Boa noite, m'sieur. O que deseja? — Perguntou uma garçonete com muito busto e um cabelo cinzento que alguma vez foi loiro. Seus pálidos olhos azuis o percorreram de cima abaixo, tomando nota de sua roupa simples, mas bem cortada.

Esta noite não era um cigano. Usava uma camisa de linho e umas ajustadas calças negras colocadas por dentro de umas brilhantes botas de montar. Nada de sedas de cores chamativas, nem moedas, nem pendentes. Não queria chamar a atenção do inglês que seu pai tinha enviado.

— Vinho — respondeu — e rápido. A longa viagem me deu sede.

— Oui, m'sieur.

A mulher se afastou, apressando-se depois de receber uma carinhosa palmada no amplo traseiro de um paroquiano que se sentava em uma mesa próxima. Assim que se foi, um homem rechonchudo e meio calvo se aproximou com uma expressão cautelosa em seus olhos cinza.

— Lorde Nightwyck? — Perguntou em voz baixa.

— Aqui não. Nestes tempos, na França, qualquer homem inteligente não tem nome além do de batismo. Dominic será suficiente.

— Sim, senhor - o homem falava francês como se fosse um nativo e suas calças de lã e a simples camisa que usava, adaptavam-se bem com os camponeses e a escassa pequena nobreza rural que estava comendo e bebendo na estalagem — Meu nome é Harvey Malcom. Vim por seu pai.

— Não morreu, não é?

— Não, senhor, mas temo que esteja gravemente doente.

— Meu pai está gravemente doente nos últimos dez anos. Se você tiver vindo para me obrigar a voltar para casa, não tinha porque ter se tomado ao trabalho. Meu tempo aqui terminou. Abandonarei a França dentro em pouco.



— Graças a Deus - disse Malcom.

Dominic arqueou uma sobrancelha.

— Você parece realmente preocupado. Meu pai está há quatro anos prostrado na cama. Realmente está me dizendo que piorou?

— Eu acho que sim, senhor, como logo poderá comprovar.

— Sim, suponho que o farei. Em qualquer caso você não tem porque envolver-se mais. Pode esperar minha volta dentro de uns quinze dias.

— Eu suplico senhor, vá ver seu pai imediatamente. Não é provável que dure muito mais.

Dominic examinou o rosto do homem em busca de algum sinal de fraude, mas não encontrou nada. Cedo ou tarde, a instável saúde do velho marquês iria cobrar seu tributo. Parecia que o momento, finalmente, tinha chegado.

— Você pode anunciar minha iminente chegada - informou Dominic com um tenso sorriso — Eu não quero perder as palavras de despedida de meu pai.

Harvey Malcom recusou o convite de beber algo que Dominic lhe fez e subiu as escadas em direção ao quarto que tinha alugado à tarde. Dominic fez seus próprios preparativos, dormiu umas poucas horas em um colchão cheio de caroços, depois selou o cavalo cinza e cavalgou de volta tão rápido como tinha vindo.

A festa estava em plena ebulição quando chegou. A cripta de Santa Sara tinha sido aberta e multidão de ciganos italianos, franceses e espanhóis tinha penetrado em seu interior para fazer sua vigília de dois dias. Dentro da cripta os ciganos dormiriam no piso rodeados por muitas velas que ardiam diante da estátua de Sara.

Fora, os guardas de Camargue, com seus tridentes de três pontas, escoltavam a multidão de farristas. Dominic passou entre eles com dificuldade, sem parar, abrindo caminho para chegar ao seu carroção e a Catherine.



Tinha revivido várias vezes a última cena na carreta, atribuindo desta vez o estranho comportamento dela ao que devia estar sentindo. Você pretende se gabar de mim pelas ruas de Londres como se fosse sua puta? Muito amável de sua parte, Dominic. Deveria ter parado para explicar-lhe, deveria lhe ter feito entender que não era isso o que queria, absolutamente.

Seus olhos procuraram entre a multidão, passaram por cima dos bailarinos de flamenco, engolidor de facas, um homem que tocava o bandolim e outro que dava voltas à manivela de um realejo, enquanto um pequenino macaco dava voltas sobre seu ombro. Mas não viu nenhuma picara de cabelo flamejante.

Em troca, sua mãe o encontrou antes que tivesse tempo de desmontar. Dominic percebeu por sua expressão que algo estava errado.

— O que aconteceu mãe? — Passou uma perna por cima da garupa do garanhão e saltou ao chão — O que houve?

Mas mesmo antes que ela o dissesse, soube.

— Catherine! — Começou a dirigir-se para o carroção, mas sua mãe o segurou pelo braço.

— Foi-se, filho. Saiu minutos depois de você. Eu estava trabalhando e com a excitação do festival ninguém sentiu falta até o cair da noite.

— Me diga tudo o que sabe — ele disse agarrando os magros ombros de Pearsa.

— Graças ao seu amigo, André, do Touro Negro, sabemos algo, mas não muito. Veio te buscar depois de que ela foi vê-lo; parece que sabia que era seu amigo...

— Sim, mencionei que o dono do Touro Negro se encarregava freqüentemente de fazer chegar mensagens aos ciganos.

— Ela foi vê-lo. Disse-lhe que você a tinha enviado e lhe havia dito que a ajudaria. Não estava vestida como uma cigana, filho, se não como uma dama gadjo.



Dominic lançou um juramento, foi até o carroção e subiu as escadas. Todo o dinheiro que guardava no cofre tinha desaparecido. De certo modo se sentiu aliviado.

— Tem dinheiro suficiente para chegar em sua casa - disse voltando para sua mãe — Ela levou tudo o que tinha no cofre.

— André disse que pagou a uma empregada do botequim para que a acompanhasse. Pediu-lhe que conseguisse salvo-condutos para chegar a Marselha.

O olhar tormentoso de Dominic se obscureceu ainda mais.

— Tem que procurar um navio. Se me apressar, talvez possa detê-la antes que zarpe.

— É possível. Mas acredito que sua Catherine fará tudo o que possa para lhe impedir disso.

— Sim — ele concordou — Maldito seja seu traidor coração.

— Há mais más notícias - disse Pearsa — Ontem à noite, na cidade, Zoltan teve uma briga de facas com um cigano espanhol. Zoltan está morto.

Dominic fechou os olhos para deter seu crescente desespero.

— E o menino? Quem cuidará dele?

— Ele quer ir com você.

Dominic vacilou só um momento.

— Traga-o.

— Por que Catherine se foi, filho? — Perguntou Pearsa— Achei que tinha concordado em levá-la a sua casa.

— Eu fiz as coisas erradas. Tenho que encontrá-la e lhe explicar...

la dar volta, mas sua mãe o agarrou pelo braço.

— Desta vez, meu filho, não acho que o consiga.



Capítulo 12

A carruagem que Catherine tinha alugado virou na última curva do caminho que conduzia a Lavenham Hall. Por entre as árvores podia vislumbrar a imensa propriedade Dorset dom na qual seu tio, Gilbert Lavenham, Duque de Wentworth, era a autoridade máxima.

Ao seu lado, sentada no assento estofado de couro, com as mãos educadamente recolhidas no colo, estava a moça de cabelo castanho que Catherine virtualmente tinha comprado no botequim do Touro Negro, para que fizesse as vezes de acompanhante durante a viagem. Tratava-se de uma jovem magra, frágil e delicada, coisa que Catherine não era.

Mal podia se dizer que Gabriela LeClerc fosse uma beleza, mas havia uma suavidade ao redor de sua boca e uma inocência em seus enormes olhos negros que de algum modo a faziam ser atraente. Não tinha deixado passar a oportunidade que Catherine lhe oferecia de livrar-se de suportar a vida no botequim, e ela estava impaciente por aprender e ajudar, e era decididamente leal. Entre elas se desenvolveu uma espécie de amizade.

— Mon Dieu — Gabby sussurrou, com o olhar no edifício de três andares com seus frontões no telhado, fileiras de janelas, dúzias de chaminés e grandes campos de grama perfeitamente cuidada — Tem certeza que é aqui aonde nos dirigimos milady?

Catherine tinha escolhido à garota, principalmente, porque falava inglês; legado de uma mãe britânica que a tinha abandonado quando era menina; e assim que tinham abandonado a França, durante a exaustiva viagem de volta ao lar, não lhe havia permitido falar outra língua.



— Trata-se de Lavenham Hall — Catherine lhe disse — Acho que mencionei isso.

Tinha informado à moça quem era e para onde se dirigiam, mas nada mais. O tema de seu período com os ciganos, e sobretudo sua relação com Dominic, eram algo muito doloroso para falar nisso.

— O fez, milady, mas eu não podia imaginar...

— Lembre-se Gabby: não diga nada a ninguém, nem sequer ao meu tio, até que eu tenha podido falar com ele.

— Não direi nada - prometeu Gabby; e Catherine sabia que nem sequer uma faca na garganta a obrigaria a falar.

Sorriu pela boa sorte que as tinha reunido; um pequeno raio de sol iluminando a escuridão de seus dias de desesperança. Recostou-se no assento de couro, não iria demorar para livrar-se da simples roupa de viagem que tinha comprado para ela e para Gabby.

Apropriou-se do dinheiro de Dominic sem um pinga de remorso, depois do que tinha acontecido entre eles, e então, decidida e cuidadosamente tinha feito todo o possível por fugir dele.

E desta vez tinha tido êxito.

Na noite de sua chegada a Marselha, tinha localizado um brigue português, Menina Belo, que partia em direção a Lisboa com a maré da manhã. Dali tinham encontrado e embarcado em outro navio, o Pegasus, que navegava para a Inglaterra. Tinham conseguido evitar aos navios de guerra de Napoleão e retornar para casa.

A carruagem atravessou os grandes portões de ferro, rodando pelas ásperas lajes de granito até o amplo pórtico de pedra com seus enormes leões esculpidos. Um porteiro com libras, prata e verde escuro ajudou Catherine e Gabriella a descer. Esta última olhava o que a rodeava com tanto assombro que tropeçou e esteve a ponto de cair.



As imensas portas de mogno esculpidas se abriram antes que chegassem a elas e Catherine entrou no vestíbulo. Uns lustres refletiam sua luz sobre o chão de mármore branco e negro, e as paredes estavam recobertas de seda adamascada dourada. Poderia ter ficado chamativo se não fosse pelos deliciosos vasos chineses sobre seus suportes de mogno e as singelas cadeiras de encosto alto com tênues incrustações de marfim.

Ao reconhecer vários dos objetos que adornavam a mesa do vestíbulo, com os quais tinha brincado quando menina, ela tentou se endurecer contra os sentimentos que estar de volta lhe provocava. Ainda assim lhe formou um nó na garganta e seus dedos começaram a tremer até que deteve o movimento alisando as pregas dianteiras da saia.

Neste mesmo momento, Soames, o mordomo, aproximou-se delas, com seus velhos olhos chorosos avaliando a poeirenta roupa de viagem.

— Posso fazer algo por você, senhora? — Perguntou levantando o nariz como dizendo que seria melhor que o que tivesse que dizer fosse importante ou não a deixaria passar.

— Sim, Soames. Acho que eu gostaria que chamasse a meu tio.

A estreita boca de Soames se contorceu. Retrocedeu um passo levando a mão magra e cheia de veias, ao coração.

— Lady Catherine - resmungou.

— Tudo bem, Soames. Eu garanto que não sou um fantasma.

— M-mas onde esteve? Pensamos que tinha... que estava você morta, milady.

— Como pode ver, estou muito viva; e feliz de estar em casa - ela sorriu com cansaço

— E agora... se recuperou o suficiente para ir procurar meu tio Gil?

— Claro, milady, certamente.

— Soames, esta é Gabriela. Agradeceria que se ocupasse de seu alojamento. Viemos de bem longe e estou certa de que está esgotada.



— Claro.

Acompanhou Catherine até o salão das tapeçarias, um enorme salão de paredes vermelhas com grandes vigas esculpidas à mão, fechou a porta e conduziu Gabby até o andar superior onde estavam os quartos dos criados.

Catherine se afundou em uma poltrona Hepplewhite estofada de brocado rubi e tentou acalmar os batimentos de seu coração. Ela preparou-se para esse momento e mesmo assim desejava que houvesse alguma forma de evitá-lo. Mas as portas duplas se abriram e uma versão pálida e cansada de seu tio entrou por elas. Alguns diriam que se tratava de um homem forte e corpulento, seu peito e seus ombros eram largos, tinha o cabelo prateado e seus claros olhos verdes tinham o mesmo tom que os de Catherine. O duque era um homem de estatura média, mas de certo modo parecia mais alto.

Catherine o olhou forçando um sorriso, mas seu tio não fez nenhum movimento. Ele limitou-se a permanecer imóvel olhando-a fixamente como se tivesse ido ali convencido de que se tratava de uma brincadeira e acabasse de descobrir que não era.

— Catherine - sussurrou, recuperando a calma com sua presteza habitual, dirigindo-se para ela para estreitá-la em seus braços.

Ela sentiu um nó na garganta. Ficou de pé imediatamente, voou através da sala e se fundiu com ele em um forte abraço, agarrando-se a ele e chorando contra seu ombro.

— Minha queridíssima Catherine — ele disse com voz rouca pelas lágrimas não derramadas que apertavam sua garganta — nós acreditávamos que tinha morrido.

— Ah, tio Gil, tantas coisas aconteceram!

Abraçaram-se estreitamente. Durante um bom momento se limitaram a permanecer assim, de pé; Catherine segura no círculo protetor de seus braços e Gil dando graças a Deus de que estivesse viva.

— Venha - a animou quando cessaram seus soluços.



Rodeou-lhe os ombros com um braço, acompanhou-a até o sofá e se sentou ao seu lado. Durante uns minutos que pareceram horas, nem ele nem Catherine disseram nada.

— Eu me senti culpado como o inferno - disse ele por fim, surpreso. Me perguntava se ainda estaria viva se eu tivesse cumprido com minha obrigação. Em troca permiti que fosse para sua casa somente acompanhada de seu primo e sua esposa. Se tivesse a mantido aqui, comigo...

— Não foi sua culpa. Como poderia saber que algo assim aconteceria? Como poderia alguém sabê-lo?

Continuou lhe contando o que aconteceu na noite de seu seqüestro, que estava dormindo em seu quarto depois da noite na casa dos Morton, que um homem tinha entrado pela janela, tinha-a deixado inconsciente e a tinha levado.

— Foi descoberto o corpo de uma jovem no rio - disse o duque — Não era... reconhecível, mas parecia ser da sua idade. Todos acreditaram que se tratava de você.

Catherine sacudiu a cabeça diante da imagem horrível.

— Talvez fosse o que queriam que as pessoas acreditassem.

Contou-lhe como tinha sido vendida a uma tribo de ciganos e levada através do canal até a França, para um Pasha turco que a queria, que um cigano chamado Vaclav a tinha comprado e que finalmente acabou com os Pindoros.

— Como deve ter sofrido! —disse seu tio lhe apertando a mão.

— No princípio, não acreditei que pudesse sobreviver. Depois me dei conta de que era forte o bastante para suportar quase tudo.

Seu tio parecia murchar.

— E essa tribo de ciganos – disse — os Pindoros não?

— Sim.

— Eles a ajudaram a chegar a casa?



Esta era a parte que ela tinha temido.

— Havia um deles, que chamavam Domini, que velou por mim. Ele teria me trazido para casa, mas... — afastou a vista por um momento, incapaz de continuar.

— Está bem, querida. Não tem que me contar mais nada se não quiser. Está em casa e a salvo. O resto não tem importância.

— Eu quero contar isso tio Gil. Tenho que fazê-lo. Vai ser bem difícil arrumar a situação tal como estão as coisas.

Quase impossível, pensou Gil, mas não disse. Agora mesmo sua querida sobrinha acabava de retornar da tumba, um presente dos céus que nunca seria ser capaz de retribuir. Quando tinha entrado no salão, estava tão mudada que mal a tinha reconhecido. A nova Catherine já não era uma menina, mas uma mulher forte e segura de si mesma. E ia necessitar de toda sua força para os dias difíceis que a esperavam.

— Me fale sobre esse Domini — ele a animou, cuidadosamente.

Catherine sorriu timidamente. Gil percebeu a expressão que apareceu em seus olhos, uma mistura de carinho e tristeza.

— Em muitos aspectos era um homem excelente, tio - a lembrança pareceu esquentá-la — Era muito alto e sua pele morena. Era muito bonito; o homem mais bonito que vi em minha vida. Não era um janota sabe? Nem como os dandis de Londres. Era bonito de uma forma muito varonil. Na verdade era só meio cigano; parece-me que seu pai pôde ser um inglês, embora ele nunca me contou. Aparentemente não se davam bem.

— Entendo.

— Acredite ou não, foi muito bem educado.

Gil grunhiu.

— Um cigano culto.



— OH, sim! E muito mais inteligente que a maioria dos homens que conheci na Inglaterra.

— O que ele disse quando lhe disse quem era?

— Eu não contei. Já tinha tentado antes e só o que consegui foram surras e insultos.

Gil sentiu uma pressão no peito. Bom Deus, o que devia ter suportado! Pensou no homem que a tinha seqüestrado de sua casa. Por quê? perguntou-se em silêncio. Quem podia ter feito tal coisa? Eram perguntas que tinha feito a si mesmo milhares de vezes, mas que seguiam sem resposta. Jurou novamente que o investigaria; e quando descobrisse o responsável, ele pagaria com o inferno.

— Se houvesse dito, certamente ele teria ajudado - disse Gil.

— OH, ele o fez. Comprou-me de Vaclav quando este me bateu. Cuidou de mim, ensinou-me coisas sobre a natureza e sobre os ciganos. Protegeu-me inclusive arriscando sua própria vida... — Olhou ao vazio — Me apaixonei por ele, tio Gil - disse em voz baixa voltando a parecer a menina que era quando partiu — Não queria fazê-lo. Sabia que não devia fazê-lo; fiz tudo o que pude, mas... — ela olhou fixamente para o colo e brincou com as pregas da saia.

— E esse homem, o cigano - perguntou Gil suavemente — também te amava?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não - levantou a vista para o olhar — Mas na verdade não foi culpa dele. No começo fiquei furiosa, pensei que se aproveitou de mim. Entretanto, agora acho que de certo modo se preocupava comigo. E foi honesto em suas intenções desde o começo.

— Ele disse que não a amava? — Gil sentiu que começava a ficar enraivecido, mas se dominou com firmeza.



— Não. Mas eu sabia que ele tinha jurado não casar-se. E inclusive mesmo se tivesse querido, nunca teria funcionado. Eu tenho que levar a vida de uma condessa, não a existência errante de uma cigana.

— Esta é minha garota - disse Gil com orgulho, acariciando sua mão — Sempre teve a cabeça sobre os ombros.

Catherine o olhou diretamente nos verdes olhos.

— Eu temo tio Gil, que por um pequeno instante a perdi - suas bochechas se avermelharam e o duque gemeu por dentro.

No instante em que ela tinha começado a contar sua história suspeitava que não pudesse ter permanecido intacta, mas...

— Querida está me dizendo que esse... cigano, roubou sua inocência? — ia encontrar ao maldito bastardo e ordenaria que o açoitassem.

— Não exatamente. Eu a entreguei - Catherine não afastou o olhar.

Gil a observou atentamente, mas não pôde encontrar o menor rastro de arrependimento. Suspirou, de certo modo estava mais orgulhoso dela que nunca.

Apertou-lhe a mão com delicadeza.

— Não é a primeira jovem a tropeçar no difícil caminho para a maturidade. Seja o que for que tenha acontecido, já passou, temos o dinheiro e a posição do nosso lado. Pensaremos em algo.

Catherine se limitou a concordar. Tinha tido muito tempo para pensar e tinha feito um plano que pensava que poderia funcionar. Mas estava esgotada e tio Gil necessitava de tempo para se acostumar com seu reaparecimento.

— Esperava que pudéssemos falar no jantar - ela disse — sei que os criados falarão mas certamente podemos controlá-los durante um tempo.



— Boa idéia. Deixe os criados por minha conta - sua expressão decidida os desafiava a atrever-se a abrir a boca — Até então sugiro que consiga algo para comer. Seu dormitório está tal e qual o deixou. Não tive coragem para tirar suas coisas.

Catherine suspirou com alívio. Depois de seu pai morrer tinha passado muito tempo em Lavenham Hall; tinha ali todo um guarda-roupa, e graças ao sentimentalismo de tio Gil, ao menos teria algo para usar.

Sorriu com cansaço.

— Estou certa de que me sentirei melhor depois de comer e tomar um banho.

— Certamente, querida. E não deve preocupar-se, as coisas se resolverão de algum modo. Catherine assentiu. Não tinha sido isso mesmo o que Dominic havia dito? Ela perguntou-se, assim como nos longos dias anteriores, onde ele estaria e o que estaria pensando. Se sentia falta dela ou se já teria escolhido outra para esquentar sua cama.

— Estou muito feliz de estar em casa, tio Gil - se inclinou e o beijou na bochecha — Não posso expressar quanto.

Gil limpou a garganta.

— Não tanto quanto eu.

Dirigindo-lhe um último sorriso, Catherine cruzou o grosso tapete persa em direção à porta que dava para o vestíbulo. Ignorando os olhares de estranheza que recebeu dos criados, subiu as escadas com cansaço.

* * *

Catherine dormiu mais do que queria e seus sonhos estiveram infestados com as imagens de Dominic. Escapava dele, tentando ocultar-se e desejando que a encontrasse. sentia-se como divida em duas, pensando na separação e sem poder voltar. Podia o ouvir



buscando-a, gritando seu nome, lhe suplicando que não se fosse. Então ouviu a risada de Yana, alta e zombadora, qualificando a de estúpida.

E de repente, ele estava ali, alto e imponente, abraçando-a, segurando-a, beijando-a, aprisionando sua boca com a dele e acariciando-a por cima do sutiã com suas mãos morenas. Percorreu-a uma de onda de calor.

— Dominic - sussurrou, o apertando contra ela.

— Não me abandone — ele disse suavemente, e ela soube que agora não podia partir.

Houve um movimento no quarto e Catherine se ergueu no pequeno sofá que havia diante da enorme cama de quatro colunas. O coração ainda pulsava desaforadamente e lhe custou uns segundos lembrar-se de onde se encontrava.

— D-desculpe milady. Disse-me que a despertasse antes das sete - Gabby parecia constrangida, mas estava decidida a fazer o que lhe tinham ordenado.

Catherine sorriu e tentou tranquilizar os batimentos de seu coração. O último vestígio do breve e apaixonado abraço de Dominic se desvaneceu e de repente se sentiu vazia. Deus Santo, como lhe sentia falta dele!

— Obrigado, Gabby.

— Preparo seu banho?

— Por favor - estava tão cansada que dormiu com a camisa — É um luxo que nunca darei como certo de novo.

Catherine relaxou na fumegante tina de cobre até que a água começou a esfriar, em seguida se envolveu na toalha de linho que Gabby segurava para ela. Uma inspeção do interior do armário de mogno deu como resultado um vestido de seda azul claro de cintura alto e um corpete menos decotado do que os que se usavam em Londres, mas com mangas bufantes e um delicado adorno de pequenas pérolas, muito na moda.



Gabby, que já havia se convertido em uma cabeleireira aceitável, tinha penteado seu cabelo em um coque abundante preso à altura do pescoço; assim desceu pela larga escada de caracol até o salão, onde tio Gil lhe serviu um copo de vinho branco.

Com sua impecável casaca de cor azul escura de pescoço alto, o colete de listras borgonha, e as calças cinza, parecia muito mais relaxados que poucas horas antes.

— Está linda, querida - ele lhe sugeriu que se sentasse em um sofá de cerejeira, perto da lareira de mármore.

Catherine se agitou um pouco no assento. Acostumada à liberdade que lhe proporcionava a roupa das ciganas, estava um pouco incômoda com o traje, mais opressivo, que sempre havia usado antes de abandonar a Inglaterra.

— Obrigado, tio – suspirou — Por um lado é maravilhoso voltar a estar bem vestida, mas por outro... é difícil explicar, mas depois da liberdade que tinha com a outra roupa, sinto-me um pouco estranha vestida assim.

Gil se sentou em uma cadeira de orelhas, de frente para ela.

— Como em tudo nesta vida, cada coisa tem suas vantagens e suas desvantagens. Possivelmente os ciganos sejam os seres da terra que desfrutam de maior liberdade, mas ao mesmo tempo, essa mesma liberdade limita o que podem ter. Por outro lado, nossa sociedade é bastante rígida, mas essa rigidez nos ajuda, a saber, qual o nosso lugar na vida e a alcançar realizações maiores.

Catherine sorriu.

— Tendo vivido em ambos os mundos, sei ao que se refere - bebeu um gole de vinho e deixou a taça de lado — o que nos leva ao problema de antes.

— Sim - disse Gil com um profundo suspiro — temo que ultrapasse os limites da decência, embora não fosse tudo culpa tua.

— Eu tive muito tempo para pensar, tio. Está preparado para ouvir meu plano?



— Levando em conta que até agora tenho feito pouco mais que isso, diria que estou mais que disposto.

Catherine se inclinou para frente, impaciente para saber sua opinião sobre o assunto e temendo que visse alguma falha que ela tivesse passado por cima.

— Ainda não resolvi todos os detalhes, mas por agora seria algo assim: lady Catherine e seu primo Edmund tiveram uma terrível discussão na noite em que ela desapareceu. Desgostosa, Catherine fugiu para a solidão de sua casa em Devon. Não soube que tinha aparecido o corpo de uma jovem no Tamisa e, portanto não suspeitou que alguém pensasse que tinha morrido. Pensava em dar uma lição em seu primo, mas agora lamenta profundamente por todos os problemas que causou.

Catherine o olhou com expectativa.

— Certamente necessitaríamos de Edmund e da completa cooperação de Amélia.

— É claro, sem nenhum problema - disse Gil, ainda dando voltas na idéia— O pobre estava completamente desconsolado com todo o assunto. Ele culpava a si mesmo, sabe?

— Sim? Eu me pergunto se ficará muito surpreso quando souber que retornei.

Gil a olhou nos olhos e descobriu suas suspeitas.

— Eu sei que tinha muito que ganhar, mas não acredita...?

— Eu suponho que sua dor foi menor ao obter o título de Mondale e a sua fortuna.

— Bastardo maldito! — Amaldiçoou Gil ficando de pé — Não se atreveria!

Catherine se levantou também.

— O primo Edmund foi como um irmão para mim desde que eu era pequena. Não o acuso de nada, pelo menos por hora.

O duque bebeu um longo gole da delicada taça de brandy que sustentava na mão e começou a passear diante da lareira.



— Eu pensei, e, certamente, também mais gente pensou; mas o miserável estava tão desconsolado que ninguém levou em consideração durante mais de dois minutos. Durante o enterro mal podia manter-se de pé.

— Enterro?

O duque esboçou um sorriso.

— Foi um verdadeiro acontecimento, já que você era uma condessa e tudo isso. Custou uma fortuna para primo.

— Quer dizer que me custou uma fortuna.

Gil riu em silêncio.

— Sim, suponho que sim.

Catherine retornou para trás no assento e Gil a imitou. Recuperou sua taça e bebeu um gole.

— Se Edmund não for culpado; e me inclino a estar de acordo em que não o é; quem acha que foi?

— Há pessoas que são cruéis simplesmente por diversão; algo que certamente terá que levar em conta. Edmund e eu pensamos que possivelmente teve algo a ver com sua relação com essa condenada Sociedade Amistosa.

— A Sociedade para a Educação dos Pobres? Mas o que isso tem que ver com tudo?

— Esses grupos foram se fazendo cada ano mais impopulares e ultimamente estão mais no centro das atenções.

Catherine sabia que um importante número de pessoas acreditava que a educação dos filhos dos pobres levaria a uma revolução. Temiam que o que tinha acontecido com os aristocratas na França pudesse acontecer também na Inglaterra.

— Mas minha participação no grupo era muito limitada. Com certeza vivendo em um lugar tão afastado como Devon, muito poucas pessoas sabiam.



— Seu pai não o mantinha em segredo. Insistiu nisso mais de uma vez; e uma parte da oposição se tornou bastante radical em suas opiniões.

— Acho que é uma possibilidade.

— Sim, remota, mas que não deve ser passada por cima. Eu tive alguns homens investigando o crime durante semanas. Ainda não descobriram nada, mas tenho a intenção de continuar com a investigação.

— Obrigada, tio. Eu gostaria muitíssimo de ver o resultado - Catherine deu um gole em sua bebida — E quanto ao problema que nos ocupa — ela acrescentou — O que acha de meu plano?

— Acho que tem possibilidades. Quando pensa em dar a Edmud a boa notícia de sua volta?

— Duvido que deixar de ser conde seja uma boa notícia para Edmund. Eu esperava que fosse você quem falasse com ele, ajudasse-o a superar a comoção e em seguida conseguisse sua ajuda.

— Pode contar com isso, querida - deixou a taça de lado, tirou-lhe a sua e ambos se levantaram. Pegou-a pelo braço e acrescentou — Também pode estar certa de que o convento do Sagrado Coração de Devon, a cujo sustento tanto os condes de Mondale como os duques de Wentworth tem contribuído ao longo dos anos, também estavam de acordo em nos ajudar.

— Então acha que meu plano funcionará?

Acompanhou-a até a sala de jantar e puxou uma das cadeiras de nogueira de encosto alto. Catherine se sentou e o duque sentou à cabeceira da mesa, ao seu lado. Os candelabros de ouro brilhavam sobre os pratos de porcelana de borda dourada e o aroma de rosas perfumava o ar.



— É melhor que nada. Mas inclusive se tudo der certo, terá que enfrentar à reprovação por seu suposto comportamento irresponsável.

— Eu sei.

— A não ser, certamente, que possamos recrutar várias das famílias mais poderosas para nossa causa —Gil pareceu pensativo— Somerset tem uma dívida comigo por um favor que fiz a seu filho mais velho, e Mayfield... acredito que é um bom amigo com cujo sincero apoio podemos contar. É claro, Hornbuckle estará de nosso lado; Ozzie também, embora não tenha muita autoridade. Convenceremos às mulheres de que está se afogando na culpa pelo que fez, sem querer, a seu querido primo e a mim, e com seus ternos corações provavelmente a verão como a parte prejudicada. Com estes e mais alguns de nosso lado, temos alguma possibilidade de ter êxito.

Catherine começou a respirar. Claro que embora sua posição na sociedade voltasse a ser segura, ainda restava o problema de encontrar um marido adequado que passasse por cima da perda de sua virgindade.

Que tipo de homem estaria disposto a fazê-lo?

Diante da perspectiva de casar-se, seu coração afundou. Pensou em Dominic e seu formoso rosto apareceu diante dela como se tivesse entrado na sala de jantar. Ela perguntou-se onde estaria. Teria voltado para a Inglaterra como tinha planejado ou a presença de Catherine, ao invés de impulsioná-lo a retornar, ele teria decidido ficar na França?

— Encontra-se bem, querida? — Gil a olhava franzindo o cenho com preocupação e Catherine compreendeu que estava a um tempo falando com ela.

— Sinto muito, tio. Acho que não retornei completamente ao normal.

— Está tudo bem, minha menina. Eu entendo.



Alegro-me de que alguém o faça, ela pensou. Pela enésima vez desde que partiu da França, obrigou-se a deixar de pensar em Dominic. Seu tio parecia entender o que lhe passava, lamentava não poder dizer o mesmo.



Capítulo 13

Dominic Edgemont percorreu os corredores de Gravenwold Manor iluminados com candelabros pendurados da parede, em direção ao quarto do dono da mansão situado no segundo andar da ala oeste.

Estava a dois meses em casa. Tinha abandonado a França em um navio espanhol, desde Marselha. Uma vez que chegou a Inglaterra, via Marrocos, só tinha feito uma breve parada em Londres para contratar um detetive de Bow Street que se encarregasse de investigar o paradeiro de uma certa jovem de cabelo loiro avermelhado e sobrenome desconhecido.

Sentia-se um pouco estúpido por essa situação. Afinal, conhecia o lugar exato atrás de seu joelho que a fazia tremer, quando ele o tocava. Conhecia o leve tom de damasco de seus mamilos e a escultural curva de seu traseiro. Mas quanto ao seu nome não estava certo de que lhe tivesse dado o verdadeiro.

Por que não tinha averiguado algo mais sobre ela? Ele amaldiçoou a si mesmo e não pela primeira vez, embora realmente soubesse: quando era Domini, era cigano até os ossos.

Os nomes não importavam o tempo não importava. Nada parecia importar exceto o aqui e agora, e com a Catherine ao seu lado esses momentos tinham sido maravilhosos. Tanto que a tinha seguido até Marselha no mesmo dia que tinha descoberto que se foi, mas como sua mãe havia predito, não havia encontrado o menor rastro dela.

Uma mulher com a descrição de Catherine tinha estado procurando passagem em algum navio; certamente ela e sua companheira de viagem tinham encontrado. Ninguém sabia nada mais.



Dominic acreditava que tinha voltado para a Inglaterra. Era difícil deter uma mulher tão decidida como Catherine; algo que ele sabia por experiência própria. Em qualquer caso, precisava saber que se encontrava bem e a salvo, que não estava metida em nenhum problema.

Além disso, necessitava desesperadamente vê-la de novo.

— O marquês está acordado e perguntou por você, milord.

Dominic assentiu em direção ao laçao, Percival Nelson, um homenzinho magro, prematuramente envelhecido, caolho e ligeiramente ruim do ouvido. O marquês queria o aposentar anos antes, mas Dominic sabia muito bem que Percy não tinha mais família que o pessoal da casa em que tinha servido durante os últimos quarenta anos, e temia que chegasse esse dia. Contra os desejos de seu pai, permitiu que o ancião ficasse e como retribuição ganhou uma lealdade tão grande que nenhum ser humano poderia rompê-la.

— Irei agora - disse Dominic.

Duas semanas antes, poucas horas depois de sua chegada, o marquês tinha caído em um estado de inconsciência do qual tinha saído no dia anterior, aparentemente com forças renovadas para realizar um último ataque sobre seu filho.

Desde esse momento, todas as conversas entre eles tinham acabado em uma amarga discussão sobre o futuro de Gravenwold, já que o velho marquês exigia que seu filho se casasse e produzisse um herdeiro. Dominic pensou em sua mãe, nos anos de mau trato passados nas mãos de seu pai, e ficou mais decidido do que nunca a que isso não acontecesse.

Entrou no enorme quarto de cor azul real e viu seu pai, cujos olhos e bochechas estavam afundados, mas no qual ainda podia se ver um homem poderoso. Descansava sob uns lençóis brancos de cetim e sua pele, uma vez sã e quase tão escura quanto a de Dominic, tinha empalidecido até tomar um tom de alabastro similar ao dos lençóis.



— Agora meu filho - informou aos criados com uma voz muito mais forte do que fazia pensar a visão de seu corpo — Que um de vocês, estúpidos preguiçosos, ajude-me a sentar!

Quando Dominic chegou ao lado do marquês, o laçao já tinha obedecido e seu pai estava sentado, apoiado contra os travesseiros e com uma expressão decidida no rosto.

— E então? — Perguntou como se essa única palavra fosse mais que suficiente.

— E então o que, pai? Se mudei de ideia sobre a moça Cummings? Já te disse ontem que sua fortuna não significa nada para mim. E tampouco sua ameaça de me deserdar vai me obrigar a obedecer seus desejos. Não vou casar com ela. Nem agora nem nunca.

— Ao menos, me diga por que. Suas propriedades quase duplicariam o tamanho de Gravenwold. Como meu herdeiro é seu dever fazer o melhor matrimônio possível pelo bem da família - sua voz, embora estridente, ainda tinha um tom de comando.

— Já sabe por que, falamos disso uma dúzia de vezes.

— Por que está decidido a se vingar do mal que sofreste? Pelo mal que acha que fiz a sua mãe? — levantou-se sobre um cotovelo; um pouco de cor apareceu em suas bochechas

— Não me venha com história. Ambos sabemos que cometi enganos, devia tê-lo tratado melhor, devia tê-lo protegido dos insultos. Mas tudo isso já passou. Tem uma vida inteira para frente e toda minha fortuna para que essa vida seja a melhor possível. Eu só te peço em troca é que proteja o que lhe deixo - ele tampou a boca com a mão murcha para tossir— que assegure o futuro de Gravenwold.

Dominic observou o rosto de seu pai. Como de costume sua expressão era dura, decidida a conseguir que as coisas se fizessem a seu modo. Nada mais importava. Nem agora, nem nunca.

— Não - se limitou a dizer.

Seu pai se deixou cair contra os travesseiros.



— É um homem duro, Dominic, mas não estúpido. Ceda quanto a este matrimônio; deixe que eu vá à tumba em paz.

Paz, pensou Dominic. Que paz ele tinha concedido a sua mãe? Ela tinha sido tola o bastante para se apaixonar por um recém renomado marquês quando os Pindoros tinham acampado na propriedade de sua família em Yorkshire. Deitou-se com ele e tinha tido um filho. Um ano mais tarde tinha sido ainda mais estúpida: na viagem seguinte a Inglaterra tinha falado com o homem que amava seu filho, contou-lhe do menino, o qual tinha a marca dos Edgemont, um pequeno sinal de cor púrpura em forma de lua minguante que vinha a seis gerações aparecendo nas coxas dos varões da família Edgemont.

Tinha sido ingênua o bastante para acreditar que ele se alegraria. Em vez disso, a tinha desprezado, não reconheceu o menino como dele e expulsou os ciganos de suas terras. Pearsa tinha afundado. Embora não tinha esperado que lhe oferecesse casamento, sempre tinha acreditado que a amava e que ficaria tão orgulhoso de seu filho quanto ela estava.

— A paz que consiga é algo entre Deus; ou o diabo e você. Eu não tenho nada a ver com isso.

O rosto pálido do marquês se avermelhou de raiva.

— Fora! — Ordenou apontando com um dedo esquelético a porta — E não volte aqui até que esteja de acordo em se casar ou eu esteja morto e bem morto.

— Então esta é nossa despedida - respondeu Dominic com a mesma dureza.

Com uma última olhada ao seu pai, cruzou o dormitório em direção à porta.

Dois dias mais tarde, suas palavras se fizeram realidade: o quinto marquês de Gravenwold faleceu enquanto dormia.

* * *



Dominic se recostou na cadeira estofada de couro vermelho, em frente ao moribundo fogo da biblioteca, agitando inconscientemente com os dedos uma das brilhantes tachinhas de cobre. Geralmente se sentia em casa nesse lugar cujas paredes estavam recobertas de estantes de madeira lotadas de livros, um refúgio ao qual sempre acudia assim que passava uns poucos dias em Gravenwold. Era um lugar quente em meio a um ambiente hostil, um lugar no qual podia evitar os explosivos confrontos com seu pai.

Nesse dia lhe proporcionava pouca paz.

Tinha passado uma semana da morte de seu pai; semana que deveria ser com um purificador ar de liberdade para sua vida. Entretanto estava estranhamente triste. Embora a temperatura no exterior fosse agradável, as flores estivessem nascendo e o céu fosse azul e sem nuvens, Dominic mal tinha notado, tinha permanecido no interior da casa, com as cortinas fechadas, impedindo a passagem da brilhante luz do dia.

Tomou um gole de seu brandy e olhou fixamente para as moribundas chamas baixas do fogo que tinha tido que acender para se proteger do frio; proveniente em sua maior parte de seu próprio interior. Seu pai tinha desaparecido e com ele, o receptor de sua ira e de seu desprezo pela sociedade. Agora a raiva o carcomia pouco a pouco, como um ácido que se impregnava até os ossos.

Suspirou e recostou a cabeça no encosto da cadeira. Desde sua volta a Inglaterra, parecia como se seu mundo tivesse escurecido de repente. Tinha chegado o momento de abandonar aos ciganos, um capítulo de sua vida que exceto por sua mãe, finalmente tinha terminado. Agora tinha que pensar em Gravenwold, preocupar-se com sua gente e responsabilidades de cuidar deles. Mesmo que nunca tivesse um herdeiro, mas enquanto vivesse era um juramento que nunca ia quebrar.



E Catherine tinha desaparecido. Inclusive tinha enviado Harvey Malcom, o homem que seu pai tinha enviado para buscá-lo a França, e tinha contratado mais de uma dúzia de detetives de Bow Street, mas nenhum encontrou o menor rastro dela. Começava a duvidar que tivesse conseguido chegar à Inglaterra, e se torturava em pensar o que podia estar sofrendo nesse momento.

Ou o que podia haver encontrado no caso de que tivesse conseguido voltar para sua casa. O homem ao qual uma vez amou a teria repudiado? Ou talvez a houvesse enganado para casar-se com ela, mas a teria obrigado a compartilhar sua cama? O que aconteceria se depois dela ter deitado com Dominic, tivesse ficado grávida?

Pensar em uma criança obrigada a crescer do mesmo modo que ele, órfão de pai, lutando a cada dia pela sobrevivência, ou imaginar Catherine compartilhando a cama com outro homem, revolvía suas entranhas.

Maldita seja! Jurou. Mas não era culpa dela, apenas dele. Tinha estragado as coisas desde o começo. Se tivesse deixado as coisas claras desde o primeiro momento, nada disso teria acontecido. Como tinha podido cometer o engano de permitir que uma serva dobrasse sua vontade? Não era próprio dele. Em suas futuras relações com o belo sexo, não aconteceria nada parecido.

De qualquer jeito sentia falta dela. Recordava cada momento que tinha passado com ela como se acabasse de acontecer. Lembrava de seu aroma limpo e feminino e a exata textura sedosa de seu cabelo. Recordou as vezes que tinha feito amor com ela, e como sempre que o fazia, excitava-se. Maldita fosse, onde tinha se metido?

Ouviu uma batida na porta. Levantou as pernas vestidas com botas, da banqueta de couro e pisou no tapete ao mesmo tempo em que Blythebury, o imponente mordomo de Gravenwold, abria a porta.



— Trata-se do menino, milord - disse o homem de nariz proeminente e rosto comprido.

Dominic se levantou.

— O que aconteceu?

— Nada sério. Apenas um desagradável corte e um galo na cabeça, mas pensei que gostaria de sabê-lo - Oliver Blythebury observou a preocupação que cruzou o rosto do jovem marquês. Alguns anos antes não teria se incomodado em lhe dizer o que tinha acontecido, teria cuidado das contusões do pirralho e o teria metido na cama, certo de que o senhor não se importaria.

Tinha sido a compaixão que Sua Senhoria tinha demonstrado por Percy o que lhe tinha convencido a agir de maneira diferente. Como disse Percival Nelson, o valet de Sua Senhoria, seria era capaz de andar por cima da água — ou quase — e sua leal defesa de seu velho amigo, o filho do marquês, no começo tinha provocado a rejeição do resto dos serviçais, embora finalmente tivesse conseguido rachar o muro de desaprovação que estes tinham construído.

— Onde está? — Dominic chegou a um passo à porta.

— Em seu quarto, Sua Senhoria. Pediu-me que não contasse, mas pensei que era melhor o informar.

— Fez bem — Dominic o tranqüilizou, saindo depois do mordomo.

Subiram a longa escada de pedra e percorreram o comprido e majestoso corredor até o dormitório de Janos. O menino estava convexo em uma cama com dossel de cetim azul claro e em seus enormes olhos havia preocupação. A pele ao redor de um deles estava de cor púrpura e inchada, um arranhão cruzava sua bochecha e um vulto do tamanho de um ovo se deixava ver em cima de sua orelha direita.



— Santo Deus! —Jurou Dominic em voz baixa, adivinhando facilmente o que tinha acontecido.

— Por favor, não se zangue - Janos deu uma olhada culpada ao sangue que manchava a branca camisa de linho e se sentou mais reto na cama.

— Não me importa a roupa — Dominic o tranqüilizou — podemos conseguir mais. Me diga o que aconteceu.

O menino olhou ao longe, seus grandes olhos negros se cravaram na parede.

— Insultaram-me. Disseram coisas más de minha mãe.

— Eu avisei que podia acontecer - Dominic lhe virou o queixo obrigando o menino a lhe olhar —. Deve aprender a não dar atenção.

Embora ninguém tivesse mencionado o sangue cigano do menino, e o tivessem vestido com uma roupa elegante assim que chegaram a Gravenwold, o tom escuro de sua pele e sua estranha forma de falar o tinham marginalizado imediatamente.

— Não é fácil - disse Janos.

— Eu sei.

O menino o tinha surpreendido. Ele estava decidido a cumprir seu destino, quis ir para a Inglaterra e nenhuma só vez desde sua chegada, queixou-se de algo. Embora lhe incomodasse a roupa, a roupa íntima, a pequena jaqueta e os rígidos sapatos de couro, nunca tinha pedido que o deixassem tira-las. Toda sua atenção se centrava nas novas descobertas do mundo que o rodeava, como se pagasse com gosto o preço do desconforto em troca das maravilhas que estavam sendo reveladas.

— Quem te fez isto? —Perguntou Dominic.

Janos abaixou o olhar para a colcha de cetim azul clara, mas não respondeu.

— Diga-me.

— Um dos outros meninos - respondeu evasivamente.



Havia mais meninos vivendo em Gravenwold. Os filhos dos criados, dos moços do estábulo e dos camponeses.

— Exatamente qual deles?

— O que vai fazer?

— Eu cuidarei para que seu pai lhe dê o corretivo que merece.

Janos não disse nada.

Dominic esperou. Seguiu sem falar. Finalmente, suspirou.

— Está certo de que é isso o que quer?

— Não quero provocar problemas, só desejo aprender.

Dominic apertou a mandíbula, a lembrança dos amargos anos nos quais ele mesmo tinha sido tratado como um pária se abateu sobre ele.

— Você pertence a este lugar tanto quanto os outros, talvez mais. Lembre-se disso mesmo que não possa dizê-lo.

O menino sabia que era melhor não mencionar as origens de Dominic ou de suas próprias. Concordou com um sorriso, que iluminou seu rosto ao entender o que Dominic dizia.

— Lembrarei.

— Percy cuidará de seu banho. Depois o senhor Reynolds seguirá com suas lições - Reynolds era o tutor que Dominic tinha contratado.

Janos se animou um pouco mais.

— Obrigado Dominic.

De tempos em tempos o menino ainda vacilava ao pronunciar o nome de Dominic em inglês, mas estava decidido a consegui-lo e a adaptar-se ao seu novo lar como fosse.



Dominic sentiu uma onda de orgulho. A não ser que tivesse um filho bastardo, o menino era o mais próximo de um filho que teria. Pensou no tanto que teria se aborrecido o velho marquês ao inteirar-se e sentiu uma perversa satisfação.

Rapidamente a sensação de triunfo desapareceu, substituída por uma repentina lembrança de Catherine levando a menino pela mão. Saiu do dormitório. Começou a vagar sem rumo até que se sentou em sua poltrona na biblioteca. Alguns minutos depois voltava a contemplar sombrio, as chamas da lareira.

* * *

— Às vezes é difícil acreditar— as lágrimas apareceram nos serenos olhos azuis de Amélia enquanto olhava a Catherine.

Embora Edmund e Amélia tivessem estado em Lavenham Hall em três ocasiões durante as semanas anteriores, ainda de vez em quando, ela se emocionava como se ocorrido nesse momento.

— Gostaria que houvesse algum modo de mudar o que aconteceu - disse com uma voz falha.

— Nada pode mudar as coisas, Amélia - Catherine nem sequer estava segura de querer que mudassem — Se aprendi algo é que o melhor que se pode fazer é seguir adiante.

— Sim, eu suponho que sim.

Esta última crise tinha se desencadeado com o tom excessivamente bronzeado da pele de Catherine. Nesta ocasião, Amélia tinha ido ajudá-la a escolher o vestido de baile apropriado para sua volta à sociedade. Mas o contraste de sua pele bronzeada com a



brancura do vestido tinha servido para lhe recordar tudo o que Catherine tinha sofrido nos meses que tinha permanecido longe de seu lar.

Catherine examinou o bonito rosto de sua prima, observou a tristeza que Amélia experimentava e, assim como tinha acontecido quando voltaram a se ver, algo se remexeu em seu interior.

Amélia Codrington Barrington era sua melhor amiga. Ela e o primo Edmund, Edmund Jr. e o tio Gil, eram a única família que tinha. Desde que havia retornado a ver Amélia e a Edmund todas suas suspeitas tinham desaparecido de repente.

Ninguém podia ter parecido mais aliviado de vê-la com vida que eles.

E ninguém com esse aspecto poderia ter querido lhe fazer nenhum mal.

— Minha querida menina - havia dito Edmund, rodeando-a com seus braços e com lágrimas nas bochechas— Deus a ter devolvido para nós, é um milagre.

Não exatamente, pensou Catherine, embora não o dissesse em voz alta. De fato, não disse nada absolutamente, apenas lhes deu uma versão breve do que aconteceu e é obvio que não fez menção nenhuma de Dominic, como tampouco o fez seu tio, bendito fosse.

De certa forma era algo estranho, já que Amélia e ela sempre tinham mantido uma estreita relação. Quase parecia que contar toda sua aventura ao tio Gil lhe tinha causado toda a tristeza que podia suportar. Além disso, a lembrança de seu moreno amante cigano era somente dela. Quando fosse mais velha e mais sábia, tiraria essa lembrança do lugar secreto de seu coração, a reviveria e a saborearia. Até então permaneceria oculta.

— O que vamos fazer? — Perguntou Amélia, referindo-se ao tom ligeiramente dourado da pele de Catherine — Podemos tentar branqueá-la, mas não sei se dará resultado.

Catherine revirou os olhos ao pensar no ácido e fedorento líquido sobre sua pele sensível.



— Acredito que deixaremos como está. Ao menos o tom é mais claro nas partes que vão ser vistas e o resto não importa.

Era curioso, mas até que Amélia o tivesse indicado, Catherine nem havia percebido. Enquanto permaneceu com os ciganos tinha desfrutado da quente luz do sol, coisa que nunca antes tinha feito. Agora o costume de ocultar o mais leve indício de bronzeado lhe parecia algo estúpido e que não valia à pena.

— E suas mãos — Amélia estava dizendo com o cenho franzido, examinando uma delas — Tem sarda no dorso, tem que se lembrar de não tirar as luvas.

— Só tem que dizer ao Edmund e ao tio Gil que se apressem em me encontrar um marido. Uma vez que estejamos casados, as sardas já não terão importância.

Amélia brincou com o vestido, uma etérea criação de tule branco sobre um fundo de cetim branco bordado.

— Acho que não.

O vestido era o terceiro dos cinco que compraram para esta e futuras ocasiões, e cada um deles parecia mais bonito que o anterior.

Amélia inspecionou o vestido e sacudiu a cabeça, seu brilhante cabelo curto e loiro lhe emoldurou a rosto ao fazê-lo.

— Este não servirá. Terá que esperar que a pele se clareie um pouco mais. Ponha o dourado.

— Tem certeza? É realmente muito bonito.

— O dourado - Amélia insistiu autoritariamente, e Catherine, sabedora do impecável gosto de sua prima, obedeceu.

Imediatamente comprovou que Amélia tinha razão. O brilho dourado de sua pele ficava perfeito com o tom do vestido de cintura alta. O traje era preso em um ombro acentuando a sensação de elegância, descia pela frente e se juntava embaixo dos seios,



caindo a seguir em linha reta até o chão. Tinha uma abertura de um dos lados que deixava ver um pouco do tornozelo. Inclusive Catherine estava impressionada.

— É lindo - disse afogando o repentino desejo de que Dominic pudesse vê-la com ele.

— É perfeito - Amélia ajustou a guirlanda dourada que segurava o vestido ao ombro

— Trançaremos umas fitas douradas em seu cabelo. Porá os diamantes de sua mãe e os pendentos de topázio, nada mais. Só de vê-la os homens lhe perdoaram tudo e assim que isso aconteça as mulheres não terão mais opção do que a imitar.

— Espero que tenha razão - disse Catherine sabendo que havia mais a perdoar do Amélia suspeitava.

Ouviu um ruído no corredor e se virou bem a tempo de ver que a porta de seu dormitório se abria de repente deixando entrar em pequeno Edmund Jr. correndo.

— Mamãe! Mamãe! Olhe o que encontrei! — era uma réplica exata de seu pai, em miniatura, com o cabelo castanho, olhos azuis, pele pálida e ossos delicados. Provavelmente chegaria a ser mais alto que Edmund, embora com seus quatro anos fosse muito cedo para dizê-lo.

— O que é? — Perguntou Amélia olhando fixamente a mãozinha que estava diante ela e saltando para trás com um grito quando Eddie abriu os dedos para lhe mostrar uma rã que ocupava toda a palma.

— Encontrei-o na fonte do tio. Chama-se Hector. Não te fará mal.

Amélia olhou para o teto, exasperada.

— Leve isso imediatamente! Sabe muito bem que não deve colocar coisas assim dentro de casa.

Eddie pareceu consternado, mas só por um instante. Conhecia sua mãe muito bem, ela lhe consentia virtualmente tudo. Catherine não podia culpá-la, o menino era adorável.



— Quer sair para brincar? — Perguntou a Catherine sem ligar para sua mãe como habitualmente fazia.

— Eu gostaria, mas me parece que sua mãe tem planos para mim.

O menino mordeu o lábio inferior.

— Não é nada divertida.

— Eddie - lhe avisou Amélia, mas o menino se limitou a sorrir de orelha a orelha.

— Talvez minha mãe queira brincar com uma libélula – disse – Vou ver se posso lhe encontrar uma.

— Me escute bem, juvenzinho - Amélia o repreendeu — não se atreva a voltar a colocar uma dessas horríveis criaturas dentro desta casa.

Mas Eddie já tinha desaparecido. Catherine se perguntou se Amélia desmaiaria quando aparecesse a libélula; coisa que estava certa que aconteceria.

Amélia suspirou.

— Às vezes me preocupa - disse, sacudindo a cabeça.

— É somente um menino. Estou segura de que se comportará melhor quando crescer.

— Não me referia a isso - disse Amélia, ligeiramente indignada.

— Ah!

— Preocupa-me seu futuro. Como irá administrar quando crescer.

— Administrar? — Perguntou Catherine.

— Refiro-me a suas propriedades, a suas terras e a seus ganhos. Nunca terá a fortuna que você tem.

— Não entendo onde está o problema. Edmund está longe de precisar de dinheiro e Eddie continuará com o título de Northridge. Além disso, é meu primo e gosto dele. Evidentemente não penso em deixar que fique sem nada.

Amélia sorriu um pouco mais tranqüila.



— Obrigado, Catherine. É obvio que pode contar com você. Não sei no que estava pensando... No momento temos que nos ocupar é com seus problemas.

Revisou Catherine outra vez, movendo-se de um lado para o outro para inspecioná-la de cada ângulo. Voltou para sorrir com satisfação.

— Está linda. Eu acho querida amiga, que sua terrível experiência está a ponto de desaparecer de uma vez para sempre.

Catherine pensou m Dominic e na dor que seu coração nunca deixaria de sentir por ele.

— Sim - disse suavemente — De uma vez por todas.

* * *

— O visconde Stoneleigh, milord — o mordomo manteve aberta a porta da biblioteca, com sua impecável jaqueta negra de Blythebury e sua atitude absolutamente correta, como sempre— O deixo entrar?

Dominic se levantou.

— É claro.

Ao ver seu amigo atrás da porta e dar-se conta de que teria entrado de qualquer maneira, esboçou um leve sorriso.

— Olá Rayne - Dominic depositou sua taça de brandy na mesinha ao lado da lareira enquanto o citado, um homem alto e de ombros largos, entrava na sala.

— Parece tão sombrio como sempre - disse Rayne Garrick, estreitando a mão de Dominic com um forte apertão.



Ele tinha uma espessa massa de cabelo acobreado que nunca usava o suficientemente curta, uns inteligentes olhos marrons escuro e uma paixão pelo ar livre que sempre o mantinha bronzeado.

— Eu também me alegro de vê-lo - zombou Dominic com um sorriso que nesses dias lhe resultava cada vez mais difícil arrumar.

Rayne deu uma olhada ao redor do quarto, observando as cortinas fechadas e um leve aroma de mofo.

— Vejo que ainda está meditando. Suponho que será na mulher e não no defunto marquês.

— Por estranho que pareça - admitiu Dominic — parece que é um pouco de ambos.

Rayne arqueou uma de suas sobrancelhas marrons. Eles se conheciam desde seus dias juntos em Westholme Privete Academy e mais tarde em Cambridge.

— O que aconteceu? — Perguntou com sua habitual compreensão — Ficou sem ninguém com quem brigar?

Dominic pensou na cólera que tinha ficado reprimida em seu interior.

— Assim parece.

— Que tal o menino?

— Preocupa-me. Sei o que está sentindo e não tenho nem idéia de como o ajudar.

— Adivinho que os outros meninos estão lhe criando problemas.

— Sabem pouco dele. Apenas que tem a pele escura e que é diferente deles de alguma forma. Estão decididos a não gostar dele.

— Os meninos freqüentemente podem ser cruéis, especialmente quando não têm ninguém que os ensine a se comportar de modo diferente.

— Uma coisa mais em que pensar - disse Dominic sombriamente.



— Bem, vim para terminar com isso. Amigo, já é hora de que saia daqui e volte para a normalidade. O Duque de Mayfield celebra uma luxuosa festa pela abertura de sua recentemente terminada mansão em Grosvenor Square. Vai ser um grande acontecimento. Estou certo de que se revisar o monte de cartas que tem no escritório encontrará o convite.

O olhar do Dominic se voltou para a pilha de envelopes sem abrir que tinha recebido primeiro tinham sido mensagens de pêsames e depois convites.

— O recentemente proclamado marquês de Gravenwold - declamou Rayne arrastando as palavras com esse tom rouco tão típico dele — e o seu velhaco amigo, o visconde de Stoneleigh, vão estar entre os convidados - sorriu de orelha a orelha com um brilhante sorriso que provocava palpitações por toda a Inglaterra — Tem montes de admiradoras que estão esperando para dar sua aprovação ao novo marquês da maneira mais prazerosa. Já é hora de que pare de decepcioná-las.

Dominic teve que sorrir. Stoneleigh tinha razão. Tinha que afastar-se de Gravenwold, mesmo que fosse só por um momento. Tinha que terminar com essas deprimentes reflexões e retomar sua vida.

Necessitava de uma apaixonada e disposta mulher em sua cama.

— Quando vamos? — Perguntou, e Rayne o olhou um pouco surpreso.

— Que tal manhã? — Rayne tinha viajado desde Stoneleigh, sua propriedade a um dia de viagem de distância — Vir-me-á bem dormir uma noite, depois nos poremos a caminho.

— Direi ao Blythebury que o acompanhe acima e que avisei a Cook que vai ficar para jantar. Por que não se reúne comigo na sala dos cervos para tomar uma taça por volta das sete e meia?



— Estarei encantado - Rayne bateu nas costas de Dominic — Uma boa farra entre os lençóis melhorará seu humor. Não demorará muito em esquecer por completo a sua apaixonada pequena ruiva.

— Estou completamente admirado de que tenha me custado tanto - admitiu Dominic. E profundamente aborrecido. De fato começava a pensar com esperança em sua volta a Londres. Com um pouco de sorte encontraria uma mulher disposta, a possuiria rapidamente e muitas vezes, e conseguiria tirar Catherine do sangue de uma vez por todas.



Capítulo 14

— Se limite a permanecer ao lado de Edmund e do meu, e tudo ficará bem - Gilford Lavenham, Duque de Wentworth, ofereceu-lhe o braço e Catherine posou a mão vestida com uma luva dourada sobre a manga de sua jaqueta bordo brocado. Debaixo dela usava um colete branco de seda, uma camisa branca de babados e uma gravata, calças bordo completavam o conjunto.

— Meu deus, assim espero — ela disse, obrigando-se a sorrir. Estava verdadeiramente cansada de ouvir como tudo ia dar certo para ela.

— Aconteça o que acontecer, não deixe de sorrir - interveio Amélia, tirando um fino fio de seu vestido azul de cetim, enquanto agarrava o braço de Edmund.

— Gil e eu nos ocupamos que tudo - disse Edmund, confiante, dirigindo a pequena procissão.

Era um homem enxuto, muito mais magro que Gil, com os olhos azuis, as sobrancelhas bem definidas e traços patricios. Oferecia um elegante aspecto com seu casaco verde garrafa e as calças amarelas de seda.

— Cuidado com a escada, querida Catherine - Gil conduziu Catherine firmemente para os amplos degraus até as portas de mogno. Criados com libes vermelha e ouro estavam dispostos com ao passar do caminho e, quando Catherine entrou no Grande Salão, um deles se encarregou de sua capa forrada de cetim.

A magnificência da nova residência do duque a fez conter o fôlego. O teto do Grande Salão se elevava a mais de sessenta pés de altura, formando uma cúpula que se apoiava em umas imensas colunas de mármore, as paredes tinham uns murais pintados em estilo



rococó com anjos, e sob seus pés o piso a era de mármore branco e dourado. Umas estátuas de imperadores gregos e romanos observavam seus domínios com olhar arrogante.

Catherine contemplou o que a rodeava com temor. Apenas uns meses antes lhe teriam dado muito pouca atenção. Tinham-na educado para não dar valor a tais extravagantes demonstrações de riqueza. Agora não podia deixar de comparar a situação dos ciganos, que viviam no limite da sobrevivência, com o absurdo de tanto esplendor.

A sua esquerda, o Duque de Mayfield e sua magra esposa, Ana, foram engolidos pelas pessoas que tinha entrado antes que eles, mas sua filha mais velha, Georgina, uma moça alta e desajeitada com enormes olhos verde mar e o cabelo encaracolado e loiro, viu-os e se apressou a ir até eles.

Ao ver seu sorriso de boas-vindas, várias cabeças seguiram o movimento da alta moça e todos os olhos se posaram em Catherine. Começou-se a ouvir um murmúrio e Catherine notou que Gil apertava mais forte seu braço, viu a expressão de estudada despreocupação de Edmund e o tranqüilo olhar de Amélia.

— Lady Arondale! —Exclamou Georgina— Me alegro muito de vê-la - envolveu a mão fria de Catherine entre as suas quentes— Boa noite, Sua Graça - disse a Gil — Lorde e Lady Northridge.

— Eu também me alegro em vê-la, lady Georgina - Catherine sorriu calorosamente enquanto trocavam cumprimentos. Elas se conheceram durante a Temporada em Londres, compartilhavam da mesma paixão pelos livros e os cavalos, e não demorarão em ser amigas.

— Espero que sua viagem não tenha sido muito exaustiva - disse Georgina esforçando-se para ignorar os murmúrios que foram aumento ao seu redor.



Em seus olhos se podia ver uma certa curiosidade, mas também decisão. Os Mayfield estavam deixando claro sua posição. Deveriam perdoar Catherine por sua loucura. O poder de dois duques, vários viscondes, e um conde — assim como, novamente, do barão de Northridge, e o título de Arondale e sua fortuna — certamente fariam efeito essa noite.

Como se queriam confirmar tal mensagem apareceram os pais da Geórgia.

— Está radiante, minha menina - disse o duque a Catherine — Seu pai ficaria orgulhoso.

— Obrigada - A Catherine custou menos sorrir nesta ocasião.

— Decididamente encantada - se mostrou de acordo a duquesa, lhe dando um carinhoso apertão no braço. Avaliou o vestido dourado, a coroa de cabelo loiro avermelhado que proporcionava a Catherine uma aparência quase real, e sorriu — Permanecer no campo faz maravilhas para a pele.

Como Amélia tinha estado preocupada com bronzeado da pele de Catherine! Com essas simples palavras, os afetados membros da alta sociedade abandonariam os chapéus e desfrutariam dos raios do sol durante as semanas seguintes.

— Sim - disse Catherine — Devon é um lugar lindo na primavera.

Gil sorriu diante das sutis insinuações que estavam trocadas. Tudo estava preparado para o retorno de Catherine ao redil. Se a noite continuasse tão bem como tinha começado, tudo se arrumaria satisfatoriamente.

Conduziu-a até o salão de baile, um enorme espaço negro e ouro onde o melhor da elite só era eclipsado pelos magníficos lustres que penduravam por cima de suas cabeças.

Catherine aceitou a mão de Gil, e ele a levou a pista de dança com movimentos cheios de graça para um homem de sua constituição. Edmund reivindicou a dança seguinte, e Osgood Hornbuckle, o melhor amigo de seu tio, a terceira. Uma dança mais com Sua Graça, William Bennett, Duque de Mayfield, e a aceitação de Catherine estaria assegurada.



Seguiu dançando, sorrindo até que acreditou que seu rosto racharia; e rezou para que nada saísse errado.

* * *

Dominic aceitou a taça de champanha que lhe oferecia o criado vestido com uma libras vermelha, desejando tomar algo mais forte. Já tinha esquecido como lotadas e asfixiantes que estas espalhafatosas reuniões podiam ser. E o terrivelmente tediosas.

Em qualquer caso, tal e qual Rayne tinha assegurado, nem sequer seu atraso em chegar tinham desencorajado às mulheres, que continuavam revoando ao redor de ambos cada vez com maior ousadia. Lady Campden era a mais atrevida de todas, seu marido, o conde, evidentemente não tinha vindo.

— Milord, estou certa — estava dizendo com um sorriso sedutor — de que agora que se encontra você em Londres, divertir-se-á muitíssimo mais. O campo pode ser muito aborrecido e você sempre gosta de manter-se... ocupado.

Abanou-se fazendo com que as mechas de seu cabelo brilhante deixassem à vista suas orelhas. O vestido vermelho de seda que usava, tinha um decote tão baixo que ele quase podia ver seus mamilos.

Ele sorriu fracamente.

— Com certeza Londres pode curar o aborrecimento de qualquer um; embora evidentemente algumas de suas diversões sejam, mas prazerosas que outras - fixou a vista em seus seios — Muito mais, na realidade.

Genevieve Mortón, lady Campden, tinha compartilhado sua cama em mais de uma ocasião. Era óbvio que desejava compartilhá-la de novo.



— Eu também me aborreço às vezes — ela confessou com um sorriso que deixou claro suas intenções. Seus olhos azuis, emoldurados por umas espessas pestanas negras, passearam pela parte frontal de suas calças cinza, com um olhar ousado que quase era uma carícia.

Dominic viu como umedecia os lábios com a língua rosada e seu sangue começou a ferver. Lembrava muito bem da última vez que tinham feito amor, na casa da dama em West End, com o marido dela justo no andar de baixo.

Genevieve tinha dado uma festa que durou vários dias. Enquanto seu marido bebia muito rum impondo sua indesejada presença aos convidados, Genevieve levou Dominic ao andar de acima, a um dos quartos do corredor. Uma vez a sós, simplesmente a tinha recostado no encosto do sofá, tinha subido seu elegante vestido de seda, havia desabotoado as calças, e a havia possuído ali mesmo.

Ao olhá-la agora, viu o chamativo rubor que acendia suas bochechas, deu-se conta de que seus olhos perceberam o volume em suas calças antes que ele pudesse recuperar o controle, e soube que também ela se recordava.

Maldição necessitava de uma mulher. As semanas que tinha passado cortejando a Catherine tinham sido satisfeitas apenas com seus dois breves encontros, por mais satisfatórios que tivessem sido. Morrer de tristeza por ela não tinha servido de nada exceto para converter em um inferno as vidas dos que estavam ao seu redor.

Catherine tinha desaparecido de sua vida para sempre, Genevieve estava aqui, ardente e disposta. E daí que tinha se deitado com a metade dos homens presentes? Era uma mulher cheia de vida que podia acalmar seu corpo e sua alma pela que não podia ter.

Ele inclinou-se para diante para sussurrar em seu ouvido à hora e o lugar de seu encontro essa mesma noite, se pudessem combiná-lo.



— Perguntava-me se era você, Gravenwold. Quando retornou a Londres? — tratava-se de Gilford Lavenham, Duque de Wentworth. Não era um homem ao qual se podia ignorar.

— Acho que irei tomar um pouco de ar - disse Genevieve com segundas intenções, apontando com sua preciosa cabeça para o terraço— Cavalheiros, se me desculparem...

— Claro querida - disse o duque.

Os dois homens fizeram uma leve reverência e a beleza de cabelo negro partiu com elegância. Dominic sorriu ao pensar no recebimento que lhe esperava no terraço.

Voltou sua atenção a Wentworth.

— Cheguei do campo esta mesma semana - apertou a mão que lhe oferecia o duque. Wentworth era um homem ao qual respeitava. Não era pomposo nem arrogante, se não aberto e por isso sabia, podia-se confiar nele.

— Minhas condolências pela morte de seu pai - disse Wentworth. Seu olhar se dirigiu ao braço de Dominic, e embora visse que não levava uma fita negra de luto, não o mencionou.

— Obrigado.

— Ouvi que você havia estado no estrangeiro.

— Sim. Faço uma viagem todos os anos; coisa nada fácil com o Napoleão e essa maldita guerra que não termina.

— Não, mas terá que resignar-se - Wentworth bebeu um gole de seu champanha, deu uma breve olhada para o terraço e voltou a olhar para Dominic — você ficará muito tempo em Londres?

— Uma ou duas semanas pelo menos. Precisava sair um pouco de Gravenwold.



— Sim, provavelmente foi uma boa idéia — por um espaço entre a multidão, Wentworth viu que alguém deixava a pista de dança e um sorriso lhe cruzou o rosto — Se dispuser de um momento, eu gostaria de lhe apresentar alguém.

Dominic não dispunha de nenhum momento, Genevieve o estava esperando; mas respeitava o duque e ser amável não o atrasaria muito.

— Claro.

Seguiu-o pelo chão branco e negro de mármore, até um círculo onde estavam reunidas várias pessoas, a uma das quais reconheceu como Edmund Barrington, barão de Northridge. Ao seu lado havia uma encantadora criatura loira, sua esposa, conforme recordava, e um jovem de cabelo castanho de apenas vinte anos.

— Lorde Gravenwold, eu gostaria de lhe apresentar a minha sobrinha - disse o duque— lady Arondale.

Ao ouvir seu nome, uma mulher cuja presença não tinha notado antes, separou-se do jovem. Quando se virou com um sorriso e elevou a vista para ele, Dominic perdeu o fôlego.

Era a imagem que conjurava em seus sonhos. Uma visão de fogo e beleza, de paixão e suavidade. Uma mulher que com apenas esse doce sorriso podia lhe esquentar o sangue e lhe deixar sem fôlego. Seus olhos negros se fixaram no assustado olhar verde dela, capturando-a, mantendo-a prisioneira.

O lindo rosto de Catherine empalideceu. A taça de champanha que segurava na mão começou a tremer, abriu lentamente os dedos e a taça se estatelou contra o chão. Ao ouvir o ruído do cristal contra o mármore, vários pares de olhos se voltaram em sua direção.

Dominic foi o primeiro a recuperar-se.

— Lady Arondale - disse fazendo uma reverência formal sobre sua dourada mão enluvada — é um prazer conhecê-la - ele apertou sua mão em uma advertência silenciosa, tentando fazer com que lhe funcionasse o cérebro, para que se encaixassem todas as peças.



Lady Arondale, repetiu para si mesmo. Tinha ouvido o nome antes; Rayne a tinha mencionado. Era a filha do último conde, um homem sem herdeiros varões que tinha apresentado uma solicitação à coroa para que concedesse o título a sua filha solteira. Barrington; esse era seu sobrenome.

Catherine Barrington. Condessa de Arondale. Uma das mulheres mais ricas da Inglaterra.

— Como você está? — ela conseguiu dizer por fim.

— Já conhece você ao Northridge, certamente - estava dizendo o duque — e a sua encantadora esposa, Amélia. E este jovem daqui é Jeremy St. Giles. Jeremy apresento a Sua Senhoria o marquês de Gravenwold.

— Um prazer lhe conhecer - disse o jovem.

Teve que apelar a todo seu controle, mas Dominic conseguiu dar todas as respostas adequadas e só então se fixou no olhar de St. Giles para Catherine, que ainda parecia tremula e pálida.

— Aconteceu algo, milady? — Perguntou o jovem com um olhar de preocupação tal que Dominic apertou os dentes. Então este era seu famoso inglês? Esse cachorrinho desengonçado que obedeceria sem pigarrear cada uma das ordens que lhe dessem?

— Parece um pouco pálida, querida - interveio seu tio — Possivelmente devesse sair para tomar um pouco o ar.

— Sim... acho que sim - parecia que lhe tinham concedido um adiamento para se encontrar com o carrasco.

— Me permita - disse Dominic, tomando seu braço e deslizando-o pelo seu com tal autoridade que o duque retrocedeu um passo e o jovem St. Giles ficou boquiaberto.

— Obrigada - disse Catherine, recuperada o bastante para intervir— Estou certa de que não é nada, provavelmente seja só o calor. O ambiente aqui está muito carregado.



Dominic a conduziu para o terraço, sua surpresa inicial já tinha desaparecido e estava sendo rapidamente substituída pela raiva. Pequena mentirosa! Por que demônios não havia dito quem era? O que diabos estava jogando? Não era nada estranho que zombasse de seu magnífico plano de conservá-la como amante. Que estúpido tinha sido!

Ele poderia senti-la a seu lado, sem tremer, com a cabeça alta enquanto cruzavam as portas. Estava fazendo um enorme esforço para manter o controle e o fato de que o estivesse conseguindo só servia para zangá-lo mais.

Quando chegaram em um canto em sombras, onde poderiam estar a sós um momento, descarregou toda a ira que tinha estado armazenando no transcurso das últimas semanas. Segurou-a por um ombro e começou a falar, mas Catherine se soltou e se virou para enfrentá-lo.

— Meu deus, Dominic! O que acha que está fazendo? — Dominic piscou — Tem idéia do risco que corre?

Seus olhos verdes o olhavam com uma fúria que se igualava a dele e a cáustica observação que estava a ponto de pronunciar, morreu em seus lábios.

— Santo Deus! — exasperou-se ela — Quando descobrirem quem é o prenderão em Newgate e jogarão a chave fora!

— Newgate? Do que está falando?

— Do que falo? — ela repetiu incrédula — Um marquês, nada menos. Não podia se conformar sendo um visconde ou um barão.

Seu olhar o percorreu de cima abaixo, tomando nota do corte perfeito de seu fraque de seda negro, o colete Borgonha, a camisa branca de babados e a elegante gravata negra. As calças cinza se ajustavam a suas pernas como uma segunda pele, o que fez com que as bochechas de Catherine adotassem um bonito rubor. Com seu brilhante vestido dourado, o



cabelo preso como uma coroa de fogo no alto da cabeça; parecia a deusa que ele uma vez havia dito que era.

Deus, como podia ter esquecido o quão encantadora era?

— Dominic; não está me escutando! — Seus olhos se encontraram uma vez mais — Tem que sair daqui.

Então se fez a luz e soube do que estava falando. Pensava que estava fingindo, que se tratava de algum magnífico plano cigano. Talvez pensasse que era assim como conseguia tirar dinheiro dos ricos ingleses gadjos. Seu aborrecimento aumentou. Era só o que podia fazer para não começar a rir.

— Eu estou te escutando, mas não tem por que preocupar-se. Nenhum dos presentes pode me entregar, exceto você. A menos, claro, que seja isso precisamente o que esteja planejando fazer.

Pareceu que a tinha golpeado.

— É claro que não! Como pode pensar tal coisa?

Ele não passou por cima do tom preocupado de sua voz e algo de sua cólera começou a dissipar-se.

— É preocupação o que estou ouvindo, Catrina? Depois do modo que me deixou, fica bastante difícil de acreditar.

— Claro que estou preocupada! Eu... — ela se interrompeu, a volta do atraente rubor a suas bochechas fez que sua expressão fosse mais eloqüente que todas as palavras — Eu te devo muito, Dominic - ela o olhou como se estivesse se embebedando dele — inclusive talvez a vida. Não esqueci. Eu o ajudarei a sair daqui e...

Dominic se aproximou dela. Rodeou-lhe o braço com os dedos e a atraiu para si.

— Silêncio - ele disse brandamente — estive querendo fazer isto desde o instante em que a vi, já perdemos muito tempo.



Sua boca desceu sobre a dela e durante um instante ela ficou paralisada. Depois o agarrou pelos ombros. Ele se perguntou se ia resistir; ao final das contas, o era apenas um cigano; mas lhe rodeou o pescoço com os braços e lhe devolveu o beijo, sussurrando suavemente seu nome.

O abraço de Dominic ficou mais forte e o mundo de Catherine começou a girar fora de controle. Sabia que tinha que pará-lo; que a situação podia atrapalhar com os planos que ela e sua família tinham cuidadosamente feito; mas no momento em que o tinha visto alto e maravilhosamente atraente, apenas tinha querido sentir seus duros braços rodeando-a e afundar os dedos em seu cabelo.

Ela o fez agora, notando os tensos músculos de seu pescoço e a suavidade de sua pele morena. Cheirava a uma colônia almiscarada, misturada com o aroma de homem que tão bem lembrava. Sua boca começou a criar sua magia, acariciando-a, degustando-a. Quando ela fez o mesmo, Dominic gemeu contra seus lábios.

Igual ao em seus sonhos, ele deslizou as mãos por cima do corpete até o ponto de união de seus seios, acariciando seus mamilos por cima do tecido do vestido. Catherine sentiu o calor de sua dura excitação e o coração começou a retumbar desordenadamente contra suas costelas. Notava seu pênis pressionando contra ela e se recordou dele inundando-se nela, reclamando-a, possuindo inclusive sua alma.

Quando ouviram uns passos na distância, deixaram de beijarem-se, ofegantes, as mãos de Catherine aferradas ainda às lapelas de veludo da jaqueta de Dominic. Retrocedeu um passo, justo quando aparecia lady Campden; uma mulher com um vestido vermelho, rosto de anjo e cabelo negro. Para assombro de Catherine dirigiu a Dominic um olhar de desprezo.

— Não sabia que vocês dois se... conheciam - disse a bela mulher depois de uma direta saudação.



— Bem — Dominic respondeu devagar — Lady Arondale e eu acabamos de ser apresentados. Seu tio, o duque, sugeriu que a escoltasse para que tomasse ar.

Ela pareceu pesar suas palavras tentando descobrir a verdade, supôs Catherine. Não estava certa de por que era tão importante.

— Sim... - se mostrou finalmente de acordo lady Campden — esta noite faz bastante calor, tanto que acredito que irei para casa cedo. Por desgraça lorde Campden teve que sair de Londres por causa de assuntos de negócios, assim só conto com a companhia dos criados - seus lábios vermelhos se curvaram em um sorriso — Eu penso que terei de me resignar.

A boca de Dominic também se curvou.

— Suponho - disse com muita suavidade.

Algo no olhar que lhe dirigiu alertou a Catherine. A encantadora lady Campden, uma mulher casada e um membro proeminente da alta sociedade, estava fazendo um convite? Tinha ouvido falar de coisas assim, mas nunca as tinha presenciado diretamente.

— Entretanto - disse a mulher parecendo bastante irritada — ainda é cedo. Pode ser que não me saia afinal.

Seu olhar atrevido o confirmou; tinha convidado Dominic para acompanhá-la a sua casa! A mulher de cabelos negros esperou durante um momento, como se esperasse que Dominic fosse acrescentar algo mais. Quando ele não o fez, despediu-se educadamente e deu meia volta para ir-se.

— Se por acaso não o tenham notado, o jantar está servido - disse por cima de seu pálido ombro — Não acho que queiram perder-lo.

Balançando sedutoramente os quadris, afastou-se até perder-se de vista.

Catherine se voltou para Dominic, que já tinha colocado sua mão no vão de seu braço.



— Você não levou muito tempo encontrar uma substituta; por que acho que isso é o ela é.

As sobrancelhas negras de Dominic se uniram em uma expressão tormentosa.

— Lady Campden e eu fomos... amigos durante um tempo. Quanto a que ela ou qualquer mulher tenham estado esquentando minha cama, eu estive muito preocupado com você. Agora parece que não deveria ter me incomodado.

Voltava a ficar zangado, mas Catherine tirou um peso de cima. Tinha estado tão inquieto por ela como ela por ele.

— Seria melhor que voltássemos a entrar — ele disse com voz gelada enquanto a levava para a porta — ou os fofoqueiros vão se divertir. Além disso, fiquei com fome de repente.

Ela percebeu que seus olhos negros ficaram ligeiramente opacos e olhavam para seu decote. Sabia o que estava olhando e que não era comida o que queria. Pensou no que havia dito sobre as fofocas e se estremeceu. A última coisa que qualquer um deles necessitava era que comesçassem os rumores.

Dominic quase tinha chegado a casa antes que Catherine ordenasse suas idéias o bastante para detê-lo.

— Não pensa em voltar ali? Dominic sabe que tem que ir antes que alguém descubra a verdade.

Ele a estudou um momento, observando-a com seus olhos negros.

— Disse-lhe uma vez, Sua Senhoria, que os ciganos podem representar qualquer papel, desde mendigo a rei; pode ser que agora me acredite - seus lábios se curvaram em um sorriso zombador que lhe provocou um nó no estômago — A não ser, claro, que prefira permanecer aqui fora e que continuemos com nosso... intercâmbio.

Catherine abriu os olhos.



— Não! Certamente que não - levantou o queixo — Como pode observar já não te pertencço; isto é a Inglaterra, não um de seus acampamentos ciganos.

Ele apertou seu braço com mais força.

— Não, Catrina, por desgraça não o é. Se o fosse, já estaria deitada debaixo de mim, em vez de sentada recatadamente ao meu lado diante de um jantar que não vou ser capaz de provar.

Catherine corou. Então se deu conta do que havia dito.

— Sentada ao seu lado? — Por alguma estúpida razão tinha acreditado estupidamente que se conformaria com o passeio

— O que acontece? Não vai querer perder minha atuação! — Sua expressão se tornou mais sombria— Ou planejava jantar com seu inglês?

— Meu Inglês? — por que não deixava de repetir cada uma de suas palavras como uma tola?

— O homem ao qual ama ou se esqueceu dele. Certamente não se trata do jovem St. Giles.

Tantas mentiras. Elas rodeavam-na com a mesma espessura que a névoa de Londres.

— Lorde Jeremy é apenas um amigo.

Até então já tinham alcançado a porta da sala de jantar, uma sala com um alto e resplandecente teto, cujas paredes estavam decoradas com brilhantes flores de lis. Os quadros de reis da Inglaterra pendurados sobre as infinitas bandejas de prata fumegantes servidas por lacaios de libras vermelha. Uma sucessão de mesas cobertas com toalhas de linho, candelabros de prata e enormes buques de rosas vermelhas, estavam dispostas para acomodar aos famintos convidados, e outras mesas adicionais, de igual magnificência, abarrotavam a galeria de setenta pés de comprimento justo na porta de frente.



— Aqui estão! —Exclamou tio Gil enquanto se aproximavam. Ao seu lado estava seu amigo Sir Osgood Hornbuckle — Começava a me preocupar.

Catherine não sabia se sentia-se aliviada ou alarmada. Seu tio não era um tolo. Quanto tempo seria capaz de Dominic o enganar?

— Sua encantadora sobrinha me fez esquecer do tempo - respondeu Dominic — Espero que me desculpe.

— Certamente - O duque sorriu calorosamente — Ela tem me enfeitiçado igualmente muitas vezes.

— Gravenwold, verdade? — Ozzie perguntou a Dominic — É amigo de Stoneleigh, pelo que entendi. É um prazer o conhecer.

Quem raios era Stoneleigh? perguntou-se Catherine. Outro cigano disfarçado? Gemeu interiormente só de pensar.

— O prazer é meu - assegurou Dominic, e pareceu que dizia de verdade.

Sua confiança a assombrou. Sabia que era inteligente e bem educado, mas nunca teria adivinhado que o era até tal ponto. De qualquer modo, havia cem maneiras nas quais podia estragar tudo, as possibilidades eram maiores a cada segundo que passava.

—Boa noite, Sua Graça - Uma mulher a quem Catherine reconheceu como lady Ágata James se aproximou de seu tio; acompanhada de uma amiga, lady Elizabeth Mortón, cunhada de lady Campden.

Mantiveram uma agradável conversa com os dois homens mais velhos e então Hornbuckle disse:

— Por que não passamos para o jantar? Não comi nada o dia todo.

Catherine sorriu. Sir Ozzie era um de seus favoritos, um pequeno e quase calvo homenzinho de aspecto risonho o qual, embora fosse difícil de acreditar, tinha sido um verdadeiro herói em seus dias. No transcurso da rebelião das Colônias, Ozzie tinha salvado



a vida de vários de seus oficiais superiores, ganhando o favor do rei e ser nomeado cavaleiro. Ele e tio Gil se conheceram pouco depois, fazia já quase trinta anos, e desde então eram muito bons amigos.

— Ainda está um pouco pálida, querida — disse o duque dirigindo-se a Catherine — Tem certeza que se encontra bem?

— Muito bem, tio. Provavelmente seja só a excitação - Ele a olhou um pouco mais atentamente do que ela tivesse gostado, mas se limitou a sorrir.

— Espero que não se importe que me una a vocês - disse Dominic, embora não soasse como uma pergunta — É difícil me separar de tão encantadora companhia.

— Será um prazer - respondeu o duque enquanto Catherine rogava por poder suportá-lo. Acaso sua arrogância não conhecia limites? Bom, ela já sabia que não.

Seguiram conversando enquanto avançavam para a mesa onde brilhavam bandejas de prata decoradas com flores e frutas junto a outras que continham linguado, pescadinha ou lagosta. Uma enorme beterraba, engenhosamente esculpida, repousava ao lado das bandejas de frango, becada e perdiz. Faisão recheado de nozes e enfeitado com ostras, moelas de vitela, perna de cordeiro, verduras ao vapor, mingau e pudins completavam a lista. Quando uma bandeja se esvaziava, outra ocupava seu lugar em uma sucessão infinita de manjares.

Catherine, que antes tinha tido fome, agora sentia náuseas só de ver tanta comida. Notava a poderosa presença de Dominic embora ele estivesse a vários metros de distância, sabia que os outros certamente também a notavam e sua preocupação por ele foi aumentando.

— Por que não nos sentamos fora, no terraço? — Sugeriu, para afastar-se dos olhos curiosos — Lá está muito mais agradável.

Dominic sorriu suavemente.



— Estou certo de que a galeria seria muito mais cômoda; a não ser, claro, que realmente não se encontre muito bem.

Ela queria matá-lo! Em lugar disso, sorriu.

— A galeria servirá.

Ozzie e o duque pareceram aliviados; manter um prato equilibrado no colo não era seu forte. Catherine permitiu que Dominic a ajudasse a sentar-se, este esperou que os outros se sentassem e depois fez o mesmo. Várias cadeiras mais abaixo, em frente a eles, lady Campden estava sentada ao lado de um homem, alto e atraente, com o cabelo acobreado escuro. Aparentemente, tinha decidido não ir para casa.

— Vejo que lady Campden encontrou alguém que a entretenha — Catherine disse com um sorriso falsamente cálido.

— Stoneleigh - Dominic parecia mais divertido que decepcionado, coisa que alegrou Catherine sem motivo, embora não estivesse disposta a admiti-lo — Deve ser capaz de afastá-la da solidão durante um momento.

A suas costas, um lacaios lhe encheu a taça de vinho, depositando em seguida a garrafa em cima da mesa. Não se tratava do excelente vinho francês que beberam em casa. Desde que tinha começado a guerra, não se bebia vinho francês em público. Tratava-se de um vinho português, rico e escuro.

Catherine se dirigiu de novo a Dominic.

— Tem certeza de que não quer desfrutar do prazer de Sua Senhoria? — Cravou-lhe, embora soubesse muito bem que não devia fazê-lo.

— Possivelmente... daqui um momento; agora estou imensamente mais entretido - um canto de sua boca se curvou e os batimentos do coração de Catherine se aceleraram.

— Talvez no momento seja certo, mas em breve retornarei para casa com meu tio. Onde o deixa isso?



— Não aonde eu gostaria de estar, certamente; descansando entre suas esculturais pernas, Catrina.

Catherine corou intensamente e afastou o olhar. Furiosa com Dominic, mas ao mesmo tempo estranhamente feliz, começou a bicar do prato em silêncio. Pareceram passar horas até que o jantar terminou, mas por fim o fez e, estavam a ponto de abandonar a mesa, quando o duque de Mayfield se aproximou.

— Lamento ter perdido sua chegada, rapaz - disse a Dominic, o qual se levantou para lhe apertar a mão — Eu não quero que saia sem ter tido a oportunidade de cumprimentá-lo.

— Me alegro em vê-lo, Mayfield - sorriu Dominic — Como se encontram a duquesa e lady Georgina?

— Muito bem, obrigado. Lamento por seu pai; pode ser que fosse um velho miserável, mas, no fundo, sempre foi um tipo decente.

Dominic apertou os dentes e ao vê-lo, Catherine sentiu um nó no estômago. Embora fingisse estar atenta a conversa dos outros, tinha o coração apertado. Deus Santo, não permita que se engane.

— Isso é o que dizem - respondeu Dominic, tenso — eu pessoalmente nunca me dei conta.

— Sim... bem, imagino que já não importa. Agora tem que pensar em Gravenwold.

— Isso me disseram.

— Estou convencido de que o fará bem.

A tensão de Dominic pareceu aliviar-se.

— Estou em Londres há menos de uma semana e já sinto falta.

Catherine relaxou ao ver o sorriso do duque. Não podia menos que admirar a habilidade com a qual Dominic levava a conversa. Despediu-se cortesmente de Mayfield



quando este e seu grupo se foram. Era como se realmente os conhecesse em vez de estar fingindo. Como se seu pai na verdade tivesse sido o marquês de Gravenwold, como se... Lhe paralisou o cérebro. Lembrou repentinamente de outra noite, de outra festa, em que também estava presente um homem alto e moreno. Não tinha chegado a ver seu rosto, mas ainda se lembrava de seu brilhante cabelo negro azulado e da incrível largura de seus ombros. “Dizem que é cigano” — havia dito uma das mulheres; e ao lembrar dessas palavras tudo ficou terrivelmente claro.

— É ele — sussurrou, chamando sua atenção, com seus enormes olhos fixos em seu rosto — É Nightwyck.

Dominic sorriu a contra gosto.

— Era Nightwyck, até que meu pai me fez o favor de morrer e deixar Gravenwold sob meus cuidados.

Ela umedeceu os lábios, repentinamente secos.

— É um membro da aristocracia, um nobre. Por que não me disse isso?

— Esperava que não tivesse importância.

— Supõe-se que é um cavalheiro. Como pôde se comportar como o fez? Como pôde fazer o que fez? — Seus olhos verdes ardiam com as lágrimas que se negava a derramar. Deslizou para trás a cadeira e se preparou para partir. Dominic o seguiu pelo punho por debaixo da mesa.

— Sente-se.

— Se por acaso não o notou — ela resmungou apertando os dentes — não é ninguém para me dar ordens.

— Eu disse que se sente - a obrigou a voltar a sentar-se, tão zangado quanto ela, embora seu rosto carecesse de emoção — Sorria - ordenou em um tom tão baixo que só ela



pôde ouvir — Parece que milagrosamente, sua família conseguiu que não se fale de nossa pequena aventura. Sugiro que mantenha as coisas assim.

— Vá ao diabo — ela sussurrou, embora soubesse que ele tinha razão.

Ela colocou um sorriso no rosto e reaproximou a cadeira da mesa. Embora se esforçasse em falar e concordar educadamente, por dentro estava fervendo de raiva. Queria o esbofetear uma e outra vez. Queria chorar durante horas.

Certamente, não ia fazê-lo. Simplesmente, faria como se não existisse; permanecer ali, sentada ao seu lado não era a pior tortura que tinha tido que suportar. Dominic parecia não notá-lo. Catherine fingiu uma despreocupação igual à dele, mas assim que todos tinham terminado de jantar, levantou-se, obrigando os homens a fazerem o mesmo.

— Sinto muito, tio, mas acho que estou um pouco cansada depois de tudo. Se não se importar de ir cedo, eu gostaria de partir para casa.

Gil jogou sua cadeira para trás fazendo que chiasse sobre o piso de mármore.

— Claro querida. Estava a ponto de sugerir o mesmo.

— Acredito que eu farei o mesmo - disse sir Ozzie — Embora deva dizer que é uma festa magnífica.

— Acompanharei lady Arondale até sua carruagem - se ofereceu Dominic, lhe agarrando o braço inflexivelmente e conduzindo-a para a porta.

Gil e Ozzie rodearam a mesa, depois de mostrar sua conformidade assentindo com a cabeça, com a intenção de avisar a Edmund e a Amélia de sua partida e depois reunir-se com os dois na entrada principal.

— É um canalha e um descarado — ela disse baixo enquanto Dominic a acompanhava até a entrada.



— Deveria ter me dito quem era — ele respondeu aceitando a capa forrada de cetim que lhe entregava um laçao e colocando-a por cima dos ombros dela — nada disto teria acontecido.

— Não? Por que será que não te acredito?

Estava de pé diante da porta, rasgada entre a ira e o desespero. O belo rosto de Dominic exibia também uma certa cólera. Santo Deus culpava-a tanto quanto ela a ele!

Catherine sentiu uma onda de calor quando começou a pensar em seu próprio comportamento escandaloso. Certo, ele a tinha seduzido, mas cigano ou lorde, ela o tinha permitido. Talvez inclusive o tivesse provocado. Tinha desejado a Dominic quase desde o começo. Sua ira começou a desaparecer.

Dominic a olhou, pareceu ler seus pensamentos e sua dura expressão se suavizou. Pediu que trouxessem a carruagem de Wentworth com seu brilhante brasão de prata, e depois esperou ao seu lado nos amplos degraus de pedra, que chegasse seu tio. Uma suave brisa soprava do Tamisa e a lua brilhava no alto, mas, eles permaneceram ocultos sob a sombra de um alto cipreste.

A mão de Dominic lhe acariciou a bochecha.

— Ao menos eu gostaria de poder dizer que me arrependo, mas a verdade é que não é assim. Só lamento é que tivemos que abandonar ao acampamento cigano - em suas palavras havia uma suavidade e uma ternura que ela não tinha esperado. Seu polegar acariciou ligeiramente sua mandíbula, lhe queimando a pele.

O último resto da cólera de Catherine se esfumou. O passado, passado estava o único que importava era o presente.

— A Inglaterra também é seu lar, todo o tempo quis voltar não?

Sua mão desapareceu, e em sua voz se ouviu uma nota de pesar.



— Pode ser que esteja certo, mas aqui não sou livre de fazer exatamente o que desejo. Você é uma dama e minhas intenções são completamente desonrosas. Meu amor está mais fora do meu alcance agora, do que nunca estive na França.

Catherine lutou para entender o sentido de suas palavras.

— Desonrosas? — Repetiu paralisada — Dominic, o que está dizendo?

— Que escapou de mim mais do que nunca sonhou.

Embora suas idéias seguissem sendo confusas, Catherine começou a entender. Agora que tinha retornado a Inglaterra, Dominic não queria voltar a vê-la. Só a queria para que esquentasse sua cama e nada mais. A ira voltou a apoderar-se dela com mais força que antes. Sentia-se doente e utilizada e queria lhe bater uma e outra vez.

Mas o que podia ter esperado? Matrimônio certamente, não. Ainda lembrava das palavras de advertência de Pearsa e das amargas predições de Yana. Mas ainda assim, tinha esperado exatamente isso.

Dominic a tinha arruinado. Como filho de um nobre, um elevado membro da alta sociedade, o correto e apropriado teria sido uma oferta de matrimônio.

Zombou de si mesma. Desde quando Dominic fazia algo correto e apropriado?

Uma onda de amargura caiu sobre ela.

— Houve uma época, lorde Gravenwold, em que acreditei que você era um dos melhores homens que tinha alguma vez conhecido. Como pude estar tão errada? — Tentou passar pela frente dele, mas ele a segurou pelo braço.

A expressão de seu rosto era severa e sua voz cortante e distante.

— Irá a mim se houver algum problema... inesperado?

Catherine franziu o cenho.

— Problema? Que tipo de problema?



Esboçou um sorriso inclinado que o fez voltar a parecer o atraente cigano moreno que tinha sido no acampamento.

— A senhora condessa não mudou tanto; ainda é a ingênua encantadora que foi na França e eu sigo sendo o malvado canalha.

Então lhe ocorreu que ele estava falando de sua possível gravidez. Suas bochechas se puseram vermelhas e voltou a ficar entre as sombras.

— Não tem você com o que preocupar-se, milord - disse cortante — Não há nenhum... problema.

Esperou ouvir seu suspiro de alívio, mas não o houve.

— Então esta é nossa despedida, gatinha ferosa — ele disse inclinando-se sobre sua mão — Alegro-me de que esteja a salvo.

— Está pronta para ir, querida?

Ao aproximar-se o duque, Dominic a deixou debaixo os cuidados de seu tio, deu meia volta e se afastou. O viu partir para a mansão e a dor se apoderou dela.

Tinha o abandonado na França, sofrendo com sua perda uma tristeza maior da que alguém saberia algum dia. Agora, justo quando seu coração começava recompor-se, havia tornado a lhe perder. Doía tanto como então; mais ainda, porque agora já sabia a verdade.

Como tinha temido uma vez, ela só tinha sido seu brinquedo. Um passatempo para entreter-se durante sua estadia no acampamento. Nem sequer sendo uma condessa a queria.

A dor cresceu e cresceu, apunhalando suas vísceras, fazendo com que se encolerizasse uma vez mais. Como se atrevia a utilizá-la e desfazer-se dela! Catherine não era uma mulher solta como lady Campden; não ia levantando as saias em busca de um amante. Era uma mulher de princípios que não necessitava nem de Dominic Edgemont nem



de nenhum outro homem. Se não fosse pelo herdeiro que devia ter e a liberdade e respeitabilidade que um marido podia lhe proporcionar, ficaria sem nenhum!

Ao menos, tinha a intenção de encontrar um homem maleável. Alguém cuja simples visão não lhe acendesse o sangue e a deixasse quase louca. Alguém que não lhe rompesse o coração.

Enquanto a carruagem punha-se a andar, Catherine enquadrava os ombros e olhou para a escuridão. Para seu amargo desgosto, uma solitária lágrima rolou por sua bochecha.

Eliminou-a com o dorso da mão e jurou que seria a última.



Capítulo 15

—Acredito que sua volta à sociedade teve bastante êxito — a voz do duque ressoou do assento em frente da carruagem. Na escuridão, Catherine não podia ver seu rosto.

A cidade finalmente tinha começado a dormir, o clipe-clop dos cascos dos cavalos ressoava nas ruas pavimentadas. Na distância podiam ouvir os gritos dos guardas noturnos dando à hora. Tinha começado a cair a névoa e o ar cheirava a umidade e mofo.

— Foi um acerto que Edmund e Amélia ficassem - continuou seu tio — Sua presença deve ter ajudado a sufocar os últimos rumores.

— Eles estiveram maravilhosos - disse Catherine.

A carruagem passou por debaixo de uma luz, iluminando por um momento seu tio. Suas rugas pareciam mais pronunciadas que no princípio da noite e seus olhos pareciam estar avaliando-a.

— O que você achou de Gravenwold? — perguntou suavemente, embora se notasse tensão em sua voz.

Deus santo era impossível que soubesse.

— É extremamente atraente — ela respondeu tão despreocupadamente como pôde— Parece bastante furioso com as damas.

Gil se inclinou para frente em seu assento.

— Ele não te disse nenhum insulto, não é?

— Não, não. Certamente que não. Sua Senhoria foi um perfeito cavalheiro - não era verdade, Dominic estava mais longe de ser um cavalheiro do que qualquer homem que tivesse conhecido.



— Sim... bem, deveria havê-lo esperado. Provavelmente eu não deveria incentivar uma relação entre vocês. É evidente que não tem nenhuma intenção de entrar no mercado matrimonial e temos que te encontrar um marido.

Catherine sentiu um nó no estômago.

— Me disseram que jurou não casar-se nunca, sabe por quê? Imagino que deveria estar pensando em ter um herdeiro.

— É algo relacionado com seu pai. Uma briga antiga me parece. Ele decidiu que o sobrenome Edgemont não vai continuar.

— Mas seu pai está morto. Acho que agora...

— Infelizmente isso é tudo o que sei. Em qualquer caso, parece decidido. Duvido que até você pudesse fazê-lo mudar de idéia.

Catherine ignorou o que podia parecer uma nota de desafio.

— Gravenwold é o último homem ao qual eu escolheria.

Seu tio deu de ombros na escuridão fazendo com que o elegante tecido de seu fraque cor de vinho rangesse contra o assento estofado de veludo verde.

— Provavelmente tenha razão. Esse homem necessita de fogo e um demônio para viver com ele.

— Exatamente - disse Catherine.

— Há outros homens que seriam mais convenientes. Que tal o jovem St. Giles?

— Jeremy?

— Como segundo filho, não herdará, mas ao menos seu pai é conde. É inteligente e sincero. Além disso, beija o chão por onde você pisa. Acredito que com um pouco de teatro por sua parte, te perdoaria qualquer coisa.

Catherine pensou em Jeremy. Tinha gostado dele no mesmo instante que o conheceu. Era amável, tranquilo e sincero.



— Não - disse suavemente — Jeremy merece ter uma mulher que o ame. Eu não poderia nunca fazê-lo.

— Mas...

— E Litchfield? Precisa de dinheiro, é evidente que esta procurando fazer um bom casamento. Acha que seria suficiente?

— Estou certo de que não se interessa por Litchfield; nenhum dos dois nos satisfaz.

— Se nos satisfaz ou não, não é a questão. Além disso, não me interessa nenhum homem em especial. Litchfield parece um candidato tão bom como qualquer outro.

O duque se calou.

— Bem, o que acha? — Catherine o espetou.

Gil fez um ruído de desgosto com a garganta.

— Litchfield não é homem para você. Suponho que é bastante atraente, mas viu muito bem se cansaria dele em quinze dias

Antes pensou Catherine, mas não disse. Richard seria bastante fácil de dirigir, cumpriria com seus deveres de marido, mas provavelmente a abandonaria depois para ir com seus amantes; e, além disso, necessitava de dinheiro desesperadamente.

— Pensarei sobre isso, tio – disse — Um barão seria suficiente.

— Parece-me que faria o que quisesse com o pobre – suspirou — Ao menos temos tempo suficiente para continuar procurando.

Catherine alisou a frente de seu vestido de brocado dourado com a mente outra vez em seu desagradável encontro com Dominic.

— Eu acho que sim, mas na verdade, preferiria que o assunto se solucionasse rapidamente. O que mais desejo é voltar para Arondale. Preocupa-me como tudo está e tenho que pensar na escola. Jogo terrivelmente de menos aos meninos.

— Eu estive pensando em falar disso com você... sua escola... de que é?



— Nós a chamamos Escola de Caridade de Christian Barrington. No começo a chamaram de Escola Arondale para a Ajuda dos Pobres, mas tinha sido uma idéia de papai, assim quando morreu, Edmund e eu mudamos o nome. Os meninos iam bem quando nos partimos, estou desejando ver seus progressos.

Arondale. Somente o nome evocava a noção de um refúgio para suas turbulentas emoções. Gostaria de estar ali agora, longe de Londres, de Dominic e de todos os desejos que ele tinha despertado.

— Sei que é terrivelmente impopular - disse Gil — mas estive considerando a idéia de fundar uma escola assim em Lavenham. Poderia conseguir facilmente que os meninos tivessem tempo para estudar. Seu pai e eu falamos do assunto várias vezes, mas uma vez que morreu, nunca parecia ser o momento.

Catherine se animou.

— É uma maravilhosa idéia, tio. Certamente, teria que contratar um professor e convencer os pais; o que freqüentemente é a parte mais difícil. Mas garanto que valeria a pena

— Pode ser que necessite de alguns conselhos.

— Eu adoraria te ajudar. Podemos começar por procurar um professor enquanto estamos em Londres.

Gil sorriu na escuridão.

— Este assunto não deveria atrasar seus planos de encontrar marido mais que um par de semanas.

* * *



Dominic andava sem parar pelo estúdio de sua casa em Hanover Square. Diferente da biblioteca de Gravenwold, geralmente evitava esta sala de teto baixo de madeira trabalhada. Tinha sido o lugar preferido de seu pai, cujo enorme retrato sorridente o olhava com desprezo desde seu lugar de honra em cima da lareira negra de mármore.

A noite anterior, depois de voltar da festa, foi parar lá para sentar-se e olhar o retrato. Sentado na cadeira atrás da mesa de jacarandá de seu pai, tinha desejado atormentar ao seu pai, zombar de seu aspecto arrogante e irreverente e endurecer seu coração.

Nas tristes horas cinza que precederam à alvorada tinha bebido palinka como um louco, o que só fazia em raras ocasiões, e pensado em sua mãe, recordando os anos de dificuldades sem o amparo de um homem, a perda de seu filho nas mãos do pai deste e as horas de pranto silencioso que tinha ouvido no carroção.

Recordou as solitárias noites que ele tinha passado em seu solitário dormitório de Yorkshire, as brutais surras que tinha suportado os infinitos castigos por não aprender as lições com a rapidez que esperavam seus tutores ou por qualquer falta imaginária que tivesse cometido diante de seu pai. Lembrou que tinha querido fugir, mas não o tinha feito porque sabia que isso só traria mais pesar para sua mãe. Relembrou dos dois meses ao ano que, a cada ano, passava com os ciganos e que eram as únicas semanas felizes que experimentou enquanto viveu com seu pai.

Dominic se obrigou a recordar; obrigando-se a não pensar em Catherine; até que esgotou a última gota de álcool, bebendo o ardente licor de um só gole. Por desgracia, depois de dormir umas poucas horas com a cabeça apoiada nos braços e estes na mesa, lavar-se e barbear-se, apenas uma palpitante dor de cabeça testemunhava seus esforços; tinha muitas coisas nas quais pensar.

— Já chegou Sua Senhoria — disse o mordomo — O faço entrar?



— Sim.

O som de uns passos ressoou no corredor, detrás da porta e Harvey Malcom entrou. Usava uma casaca de tecido marrom que não era de seu tamanho e tocava sua gravata enquanto cruzava a sala em direção a mesa onde Dominic o esperava de pé.

— Mandou me chamar, Sua Senhoria?

— Eu o fiz. Queria lhe dizer que pode retirar os seus sabujos. Encontrei-a.

Malcom arqueou as sobrancelhas.

— Aqui?

— Virtualmente debaixo de nossos narizes. Conforme parece deveríamos ter procurado um pouco mais alto na escala social; nossa dama é uma condessa.

Malcom arregalou os olhos.

— Uma condessa!

— Catherine Barrington, para ser exato, Condessa de Arondale. Quero saber tudo o que possa descobrir sobre ela, inclusive a forma a qual passa a manteiga se for possível.

— Agora que sabemos de quem se trata não deve haver nenhum problema.

— Espero que entenda que sua descrição deve ser absoluta.

— Não tema, milord. Seu pai confiava em mim completamente e não vou decepcioná-lo.

— Bem. Espero ter suas notícias dentro de três dias no máximo.

— Deve ser mais que suficiente.

Assim que Malcom saiu, Dominic voltou para sua cadeira atrás da mesa de jacarandá. Assim como tinha estado fazendo durante as longas horas noturnas, contemplou o retrato de seu pai.



— Não permitirei que ganhe - disse com uma suave ameaça — Nem sequer por Catherine - mas tinha que saber a verdade sobre ela, tinha que esclarecer as coisas. Uma vez feito isto, poderia continuar com sua vida.

Olhou o retrato e sorriu.

* * *

—Esta noite iremos à soirée dos Sommerset - disse Edmund — Acredito que Litchfield estará presente já que ele e o conde são bons amigos.

— Bom - disse Catherine — não sei quantas festas aborrecidas mais vou poder suportar. Meu deus, como sinto falta do campo!

Edmund franziu o cenho, mas o duque sorriu.

— Me alegro de ouvi-lo — ele disse — Eu aceitei um convite para passar uma semana em Rivenrock, o solar de Mayfield. Não fica longe da cidade, mas ao menos poderemos respirar um pouco de ar fresco. O pequeno Eddie, coitado, está a ponto de ficar louco sem ter onde brincar, exceto o parque.

— Uma semana, tio Gil? — Catherine perguntou — Esperava poder terminar com nossos... assuntos... e planejar minha volta para Arondale antes disso.

— Temo que vá ser impossível. Por acaso esqueceu-se do atentado contra sua vida, querida? Não vai retornar a Arondale até que o assunto esteja resolvido.

— Mas isso é ridículo! Nunca vão poder deter o responsável. Simplesmente farei como você; contratarei homens de confiança para que me protejam.

O duque tinha contratado os melhores homens que pôde encontrar, para assegurar a segurança de Catherine. Viajavam como lacaios sempre que ela deixava a casa da cidade e protegiam o perímetro da residência enquanto ela estava dentro. Seu dormitório tinha sido



garantido e a grade sob sua janela havia sido recortada para que nenhum intruso pudesse entrar.

— Deveria ser o suficiente tomar precauções similares em Arondale até que eu me case - continuou ela — Uma vez que isso aconteça, duvido que alguém se atreva a ameaçar minha vida.

— Especialmente se casar com Litchfield - interveio Edmund — É magnífico com a espada e a pistola. Que eu saiba ganhou ao menos dois duelos.

Catherine voltou à cabeça.

— Ele matou alguém?

— Não, que nós saibamos - grunhiu o duque — Eu acho que escolhe seus oponentes mais por sua habilidade, ou por sua falta dela; do que por suas indiscrições imaginárias.

Catherine ignorou essa última observação.

— Já o vi, tio. Com Litchfield não terei nada com que me preocupar.

— Quem a seqüestrou foi certamente algum animal que só queria encher a bolsa - acrescentou Edmund — Afinal deve ter obtido uma boa soma por você.

— Se esse foi o caso - disse o duque — por que não pediu um resgate? Teria conseguido uma quantidade muito maior.

— Não tinha pensado nisso - admitiu Edmund.

— Bom, deve ter escolhido Catherine por alguma razão; e não porque fosse uma presa fácil. O culpado deve ter um cúmplice que a tirou dessa casa.

— Quem pode assegurá-lo? — Disse Edmund dando de ombros — Talvez a viu em algum lugar e a seguiu. Foi uma sorte que não se aproveitasse dela ele mesmo.

— Já basta, Edmund - disse Amélia da entrada, entrando no quarto — Estou certa de que Catherine preferiria falar de algo mais agradável.

Edmund Jr., livre da mão de sua mãe, virou-se e saiu correndo pela porta.



— Obrigado, Amélia, de verdade - Catherine ignorou o suspiro de cansaço de sua amiga enquanto olhava ao seu filho correndo pelo corredor— Na verdade estávamos falando da iminente oferta de matrimônio de Litchfield; embora ele ainda não saiba.

— Está certa de que quer Litchfield? — Perguntou Amélia — Por que não demora um pouco mais de tempo para conhecê-lo antes de se decidir?

— Não tenho que o conhecer. Só necessito dele seu sobrenome e um herdeiro para Arondale. Uma vez que cumpra com seu dever, levarei uma vida completamente separada de meu marido.

— Querida Catherine - disse o duque brandamente, mas uma batida na porta interrompeu suas palavras seguintes.

— A costureira chegou - disse rapidamente, levantando a saia de musselina rosa e dirigindo-se para a porta — Tenho que provar o vestido que vou usar esta noite. Se Litchfield estiver ali quero que tudo seja perfeito - saiu da sala com um sorriso radiante.

Realmente radiante, pensou Gil franzindo o cenho. Muito radiante. Era o único que sabia de sua trágica relação com o cigano. O cigano culto corrigiu-se. Esse cujo pai possivelmente fosse inglês. O alegre comportamento de Catherine não o enganava nem por um momento. Estava sofrendo por dentro e nada do que fizesse ou dissesse o faria acreditar no contrário. E o que era pior, suspeitava que a dor de seu coração se acentuou nos dias anteriores; e tinha o terrível pressentimento de saber a razão.

* * *

Para Dominic era difícil distinguir a casa dos Sommerset na cidade com a quantidade de cabrioles, faetones, caleches, charretes e carruagens que abarrotavam a rua. Tinha ido à



extravagante soirée em um decidido esforço por continuar com sua vida e demonstrar a si mesmo de uma vez por todas que era imune a Catherine.

Uma vez que entrou, encontrou-se rezando para que ela não fosse. Infelizmente suas esperanças se romperam quando ela chegou com seu tio e seus primos, com aparência verdadeiramente régia envolta em um vestido de seda verde esmeralda e prata. Embora fizesse todo o possível por evitá-la e ela se limitasse a reconhecer sua presença com um breve meneio da cabeça, surpreendeu-se a procurando entre a multidão, seus escuros olhos atraídos por ela como se por um poderoso feitiço.

— Gravenwold! — tratava-se de Wentworth. Graças a Deus, Catherine não estava com ele. Ao menos isso pensou até que a viu dançando com Litchfield; outra – vez — Não vi sinal de você, moço. Pensava que tinha abandonado a cidade.

— Na realidade, tenho a intenção de partir em breve. Passarei uma semana no campo e depois voltarei para a propriedade.

— Mayfield, imagino. Ouvi que talvez fosse. Parece que será algo grandioso.

Dominic sentiu uma leve inquietação.

— Você e sua encantadora sobrinha planejam ir? — Se eles fossem ele não iria.

— Duvido. É muito cedo.

Dominic suspirou interiormente. Por mais decidido que estivesse em terminar com seus sentimentos por Catherine, vê-la esta noite tinha sido muito mais difícil do que tinha acreditado. Por uma parte tinha desejado voltar para Gravenwold depois de seu primeiro encontro, mas por outra se negava a permitir que sua admiração por uma mulher governasse sua vida.

Com esse fim, aceitou a oferta de lady Campden e passou várias horas em sua cama. Por desgracia percebeu que seu interesse por ela havia diminuído muito. Fez amor com



desinteresse sem pensar muito no prazer dela nem no seu próprio. Tinha a deixado na manhã seguinte desejando não ter ido e sentindo-se mais vazio do que antes.

— Bem, se não é o esquivo lorde Gravenwold. Eu ouvi que estava você aqui. Já era hora de que nos desse a graça de sua presença - lorde Litchfield, um homem fraco e loiro, elegantemente vestido embora um pouco engomado, estendeu uma mão que Dominic estreitou. Necessitou de toda a sua força de vontade para não olhar para Catherine que sorria serenamente pendurada no braço de Litchfield.

— Lady Arondale - disse por fim, inclinando-se ligeiramente sobre sua mão — Espero que esteja passando uma noite agradável.

Sem dúvida, pensou. Todos os homens presentes a tinham estado adulando desde que chegou. Para assombro dele, só Litchfield tinha recebido seus cuidados em troca.

Dominic sentiu um calor na nuca. Que diabos via nesse descarado? O tipo estava praticamente sem dinheiro, era um mulherengo da pior espécie e nem sequer a igualava em inteligência.

— A noite foi extremamente divertida — Catherine respondeu levantando arrogantemente o queixo — Apparently Richard gosta de dançar tanto quanto eu.

Richard! De modo que assim estavam as coisas. Bem, estava certo de que esse não era o inglês do qual tinha falado; pelo pouco que Malcom tinha descoberto, não era mais que outra das invenções da dama; ao menos até essa noite.

O grupo de músicos no outro extremo do quarto começou a tocar uma nova melodia.

— Parece — disse Litchfield — que estão começando a tocar uma valsa - seus olhos se pousaram em Catherine numa implícita petição. Duas danças seguidas; três impossível; com a mesma pessoa, era algo extremamente inadequado, e ambos sabiam; a não ser que a intenção fosse o matrimônio.

Dominic lhe dirigiu um olhar penetrante e Catherine o mais tenso dos sorrisos.



— Esperava que lady Mondale me permitisse ter a honra.

Quando parecia que ela ia negar, os dedos de Dominic lhe agarraram o pulso com uma clara ameaça em seus olhos negros.

Catherine lhe dirigiu um doce sorriso.

— Certamente milord - mas seu olhar seguiu sendo gelada.

Dominic a conduziu à pista de dança e a rodeou com seus braços. Assim que o fez compreendeu que tinha cometido um engano. Ao tocar sua diminuta cintura, lembrou das exuberantes curvas que o vestido ocultava, a longitude das esculturais pernas movendo-se junto às suas. Recordou de cada centímetro de sua pele, da ligeira cor de damasco de seus mamilos. Queria tê-la nua, arqueando-se sob seu corpo, ouvi-la pronunciar seu nome como tinha feito antes. Queria abraçá-la e beijá-la e fazer amor docemente para sempre.

— Senti sua falta — ele disse suavemente, desejando que não fosse verdade.

— Bom, pois eu não - disse Catherine num tom cortante — Eu estive muito ocupada para pensar em um descarado traidor e mentiroso como você.

— Muito ocupada pensando em Litchfield? — zombou ele arqueando uma espessa sobrancelha negra.

— Richard é um homem muito atraente, se por acaso não notou.

— Richard — ele voltou a zombar — é um dandi viscoso.

Catherine levantou o queixo.

— Lorde Litchfield é mais cavalheiro do que você nunca será. Até agora não pediu minha mão, mas acho que não demorará para fazê-lo e quando o fizer, tenho intenção de aceitar. Casaremo-nos logo que seja apropriado.

O passo do Dominic vacilou, fazendo com que Catherine tropeçasse. Recuperou-se rapidamente e se obrigou a sorrir.



— Acho que está muito cansada - a provocou empurrando-a para as portas duplas que conduziam ao exterior— Por que não saímos para tomar ar?

— Mas...

Ele a arrastou até um canto fora da vista com uma atitude tensa e decidida.

— Quero que me diga a verdade, Catrina, não está necessitada de um marido por causa do que aconteceu entre nós?

Catherine ofegou.

— Certamente que não! Casar-me é só um meio de obter a liberdade. Eu desfrutei de uma boa dose dela e sinto falta. Uma vez que tenha tido um herdeiro, terei a mesma independência da qual usufruem o resto das mulheres casadas. Depois não terei que responder diante de ninguém exceto de mim mesma.

Dominic a olhou um momento, notando o rubor que coloria suas bochechas, a luz da lua se refletia em seu cabelo vermelho. Esticou a mão para tocar uma das sedosas mechas que se frisavam suavemente junto às orelhas e o acariciou entre os dedos.

— Me diria realmente se algo estivesse errado?

Os olhos de Catherine se elevaram para os seus, com um suave resplendor esmeralda. Parecia recordar como ele, das noites que tinham passado juntos sob as estrelas.

— Não, milord cigano, não o faria. Não é o homem com o qual vou me casar, e eu me recuso a licitar por outro homem.

— Mas se entregará a ele na cama das núpcias.

Os lábios de Catherine se esticaram com desgosto.

— Graças a você, milord, não sou uma garota inocente. Sei exatamente o que se espera de mim. Eu suportarei.

Um músculo palpitou na bochecha de Dominic.



— É atração pelo Litchfield? Não pode ser tão tola para acreditar que possa chegar a fazê-la sentir o mesmo que eu.

Antes que ela pudesse responder, atraiu-a para seus braços, mantendo-a cativa de seus olhos tão efetivamente quanto com suas mãos. Logo sua boca se apoderou da dela em um beijo apaixonado, doce e ardente que dizia o que não podia dizer com palavras.

— Catherine - sussurrou contra sua boca.

Ela deslizou as mãos ao redor do seu pescoço lhe devolvendo o beijo por um instante. Depois se soltou.

— Por favor, Dominic. Por favor, não o faça.

Durante um tempo ele permaneceu quieto, segurando-a entre seus braços, sentindo-a tremer, suas suaves curvas apertadas contra ele. Todo seu corpo estava tenso e endurecido, seu pênis quente e duro pressionando contra o tecido de suas calças. Deus como a desejava!

— Por favor — ela sussurrou, e ele a soltou.

Catherine tocou os lábios inchados pelo beijo, com os olhos muito brilhantes, e uma expressão de incerteza que era quase uma acusação. Parou diante da porta por um momento, alisou o cabelo, ajustou o vestido, levantou o queixo e entrou no salão.

Dominic passou os dedos pelo cabelo. Condenado inferno! O que achava que estava fazendo? Se não andasse com cuidado acabaria arruinando-a. Zombou de si mesmo. Demônios por acaso já não o tinha feito? Malcom tinha descoberto a história de seu suposto afogamento e a história que se inventou para voltar a ser admitida na alta sociedade; os meses que supostamente passou em um convento; tinha sido muito inteligente. O último que precisava era lhe causar problemas outra vez.

Considerando também que ela podia estar em perigo. Malcom ainda tinha que verificar o seu seqüestro, mas a presença dos guardas que tinha o duque contratado



pareciam dar veracidade ao assunto. Ao menos estava bem protegida, e Dominic tinha ordenado que Malcom dirigisse seus esforços a descobrir à pessoa que estava por trás. Embora soubesse que era uma loucura permanecer perto de Catherine em qualquer circunstância, descansaria muito melhor sabendo que estava bem e realmente a salvo.

Deixando que Catherine e seu grupo pudessem agir, Dominic contornou a casa e em poucos minutos apareceu na parte dianteira, esperando a sua carruagem.

Tanto para seu plano de exorcizar seus sentimentos por ela. De agora em diante se limitaria a não cruzar seu caminho.

* * *

— Onde demônios está Catherine? — O duque inspecionou a pista de dança, mas não viu nem a sua bela sobrinha nem Gravenwold, o homem com quem tinha estado dançando — Sempre que esses dois se juntam, parecem evaporar.

— Ele é um notório libertino - disse Edmund — não deveríamos lhe permitir que se aproximasse. Será melhor que vá procurá-la - ele abriu caminho no lugar lotado, sorrindo às pessoas enquanto se dirigia para as portas que davam para o jardim

Mas não era Catherine a quem procurava.

— Cave! — Sussurrou na escuridão — Onde raios está?

— Aqui Sua Senhoria - o criado pessoal de Edmund, Nathan Cave, apareceu ao seu lado como um gênio gigante, saindo de detrás de uma árvore. Era um homem enorme e musculoso, com um espesso bigode negro e o cabelo preso em um rabo de cavalo na nuca.

— E então?

— A garota saiu, mas estava com um tipo grande. Beijaram-se. Justo aí, no alpendre.

— Bastardo - disse Edmund.



— Muitas pessoas para levar. Melhor que esperemos um pouco mais. Além disso, terá que procurar outro lugar. Cedo ou tarde terá que ir a sua propriedade, e quando o fizer estarei preparado. Eu prometo, Sua Senhoria, desta vez terminarei com ela, que é o que devia ter feito antes.

— Você e sua consciência - resmungou Edmund— Quase conseguiu nos exasperar com esse truque.

O musculoso gigante abaixou a cabeça.

— Sua Senhoria sempre foi amável comigo. Não me parecia justo que tivesse um final assim. Continua sem me parecer justo, mas imagino que agora não haverá outro remédio.

— Os homens que escolheu são de confiança? —Perguntou Edmund.

— Ambos os são carne de pescoço, mas são irmãos de armas, por esse motivo manterão a boca fechada.

— Temos pouco tempo - disse Edmund — Uma vez que se case, sua morte não nos servirá de nada, toda sua fortuna irá para seu marido e estaremos todos verdadeiramente fodidos.

— Não precisa preocupar-se. Uma vez que planejemos sua morte, o trabalho estará feito em um abrir e fechar de olhos.

— Temos uma coisa ao nosso favor; a pequena história que se inventou encobriu seu incompetente intento. Se desta vez tivermos êxito estaremos livres. Você viverá como um rei em vez de passar os próximos vinte anos leiloando meus pertences - Edmund sorriu — Sim senhor, Nathan rapaz, poderá esquecer esses negros dias de Newgate para sempre.

Nathan se entristeceu como Edmund sabia que aconteceria. Só de recordar seus anos de vida entre a sujeira e o fedor da prisão de devedores era o suficiente para mantê-lo de seu lado.



Vários anos depois de ter sido encarcerado, um parente de Nathan tinha entrado para trabalhar de cocheiro para Edmund. Quando este tinha contraído uma dívida de jogo que não podia pagar e sentiu a necessidade de que alguém desenganasse ao cavalheiro que a reclamava, tinha falado em segredo com um dos criados nos que mais confiança tinha. Billy Cave havia mencionado seu primo, assegurando a Edmund que se pagasse a dívida de Nathan e o tirasse de Newgate, converter-se-ia em seu mais leal servidor.

Acrescentou que Nathan, embora tivesse o cérebro de um mosquito, era um excelente atirador e muito bom com a faca, e que podia sair da pior das situações.

Edmund se arriscou, pagou a exígua dívida de Cave e ganhou sua lealdade. Não havia nenhum trabalho que não pudesse lhe pedir. O que não queria dizer que de vez em quando o enorme caipira não se equivocasse.

— Consiga afastá-la dos guardas. Faça com que fica sozinha em algum lugar.

— Wentworth pode ter solucionado nosso problema. Passaremos a semana em Rivenrock, a casa de campo de Mayfield. Poderia ser justamente a oportunidade que estivemos procurando.

Nathan suspirou.

— Eu gostaria que houvesse outra forma de fazê-lo.

— Bom, mas não há. Tentou-se a sua maneira e agora o faremos à minha.

Arrastando a ponteira da bota pelo pó, Cave abaixou a cabeça resignado.

— Tem você minha palavra.

Edmund se limitou a assentir.

— Tenho que entrar. Aqui não vai acontecer nada assim pode voltar para casa.

O musculoso homem assentiu, cabeceou e se moveu torpemente para o lugar onde estavam as carruagens, que ficava na parte de atrás virada para a rua.



Edmund sacudiu a cabeça. Pelos dentes de Deus, estava confuso. Nunca tinha desejado nenhum mal a Catherine, mas não podia esperar que sua esposa e seu filho vivessem das migalhas de sua prima. Sua própria fortuna havia diminuído muito. O que seria do pequeno Eddie quando crescesse?

A única forma em que podia cuidar adequadamente de sua família era com sua prima fora de circulação.

Às vezes a vida podia ser extremamente dura.



Capítulo 16

Catherine fechou a pesada porta de mogno de seu elegante dormitório na ala leste de Rivenrock e se apoiou contra ela para apoiar-se.

— Santo Deus, está aqui!

— Quem milady?

— Dominic. Esse homem parece minha sombra. Em qualquer parte que eu vá ele aparece. Ele estará me perseguindo com algum propósito?

Catherine finalmente tinha confiado em Gabby. Não tinha a ninguém mais com quem desafogar e sabia que sua donzela francesa nunca trairia seu segredo. Gabby tinha sucumbido ao fogo da paixão muito tempo antes e a entendia perfeitamente.

— Deve tê-la seguido. Por que outra razão apareceria em todos os lugares aonde você vai?

— Não sei. O que sente por mim não tem sentido.

Catherine andava pra cima e pra baixo sobre o tapete Aubusson. Fora da janela, à distância, as ovelhas pastavam e a luz do sol se refletia em pequenos lagos azuis. A suntuosa propriedade de Mayfield tinha uma extensão de oito mil ondulados e frondosos acres a apenas dois dias de distância de Londres.

— Talvez Sua Senhoria se preocupe com você mais do que acha.

Catherine negou com a cabeça.

— Ele me quer, isso já ficou claro, mas só para que esquente sua cama. Como ainda estou solteira, ambos ficaríamos arruinados, e Dominic sabe disso - suspirou e se deixou cair no moiré de cor pêssego em frente à janela, sob as cortinas de seda que combinavam com a cama de quatro colunas — Tenho que falar com ele e apurar a verdade.



— Você acha que é prudente? Se as coisas forem como você diz, se os virem juntos poderia lhe causar problemas com lorde Litchfield.

Catherine se moveu sobre a cama.

— Pode ser que tenha razão. O mais importante agora mesmo é arrancar uma proposta de Litchfield. Quanto antes me afaste de Londres — e de Dominic — mais feliz ficarei.

Arrumou-se cuidadosamente para a tarde que a esperava, escolhendo um vestido creme com uma sobressaia dourada de tule. Usava as esmeraldas Arondale que realçavam a cor de seus olhos, e esperava deslumbrar Litchfield com o chamariz de sua fortuna. Tinha intenções de lhe dedicar toda a sua atenção e de não dar atenção a Dominic.

As coisas não foram como tinha planejado.

Richard, que já estava ali a esperando quando chegou ao salão, tinha ido lhe buscar uma taça de xerez, deixando-a só durante um momento ao lado do piano. Dominic ainda não tinha aparecido.

Ao ouvir uns passos ao seu lado se virou, convencida de que Richard estava de volta, encontrando-se com a alta figura com a qual tanto temia encontrar-se.

— Que diabos está fazendo aqui? — Dominic não tentou dissimular seu desgosto; sua postura era rígida e a pele de suas maçãs do rosto estavam tensas— Começo a pensar que me persegue.

— O que? É você quem me persegue !

Ele sorriu lentamente, mas não havia nenhum calor em seus olhos.

— Você acha isso?

— Sim. Meu tio e eu planejamos esta saída para o campo faz tempo. Asseguro que se tivesse sabido que estaria aqui, não teria vindo.



— Seu tio me informou justamente a semana passada que tinha coisas mais importantes para fazer em Londres.

Catherine franziu o cenho.

— Que estranho. Bom, possivelmente não tivesse decidido ainda. Mas já que estou aqui não vou partir. Se minha presença o incomoda tanto, por que não vai você?

Dominic apertou a mandíbula.

— Já deveria saber, Catrina, que nem você nem nenhuma outra mulher pode controlar minha vida. Ficarei todo o tempo que quiser, você se limite a se manter longe de meu caminho.

Catherine quis esbofetear seu formoso rosto.

— É o mais arrogante...

— Economiza saliva, amor. Ambos sabemos exatamente o que sou e o que sempre serei - ao ver pelo canto do olho que Litchfield voltava, Dominic se inclinou formalmente sobre sua mão — Controle-se, pequena, não vai querer que Sua Senhoria veja como é na verdade, não? — Dando meia volta se afastou em companhia do homem com o qual tinha ido à festa, o visconde Stoneleigh.

Ela teve que fazer um esforço sobre humano para controlar-se, mas se obrigou a sorrir para Litchfield e a aceitar a taça de xerez que havia trazido.

— Obrigado, milord.

— Richard — ele a corrigiu.

— Richard — ela repetiu calidamente, tentando não olhar na direção de Dominic.

— Me alegro de que tenha podido vir. Foi um convite sensacional; Mayfield nunca controla seus gastos.

Era verdade. Por mais suntuoso que fosse Lavenham, Rivenrock era ao menos três vezes maior, e magnífico ao extremo. A sala em que se encontravam estava decorada em



majestosos tons de púrpura e ouro, o chão tinha incrustações de mármore e os desenhos dos tapetes de seda representavam as Cruzadas.

— Na quarta-feira há uma caçada — Litchfield estava falando— e amanhã de noite um baile de mascaras; e isto é só o começo.

— Um baile de mascaras? — Perguntou Catherine — Eu não me nenhuma.

Neste mesmo momento lady Georgina se aproximou e ouviu sua última frase.

— Não se preocupe com a festa, Catherine; como sempre papai pensou em tudo. Algumas damas recomendaram no princípio, mas foi mais uma idéia de última hora, de maneira que para os que não estavam a par, mandou vir meia dúzia de costureiras e dúzias de metros de tecido. Poderão te fazer algo em um abrir e fechar de olhos. Apenas tem que decidir o que quer ser.

Catherine olhou para Dominic, viu que seus olhos maravilhosos olhavam para trás, e soube exatamente o que queria usar.

* * *

— Não estou certa de que seja uma boa idéia, milady - Gabby deslizou por sua cabeça a blusa de camponesa branca com lantejoulas.

— Pode ser que não seja, mas ver o rosto que porá Dominic compensará qualquer risco - levantou as mãos e colocou pela cabeça a saia vermelha de seda, repleta também de lantejoulas, deslizou-a por seu corpo e a amarrou na cintura, colocando as camadas de anáguas que usava embaixo.

— OH, o surpreenderá — disse Gabby — disso não tenho nenhuma dúvida — se aproximou da penteadeira e permaneceu parada diante o espelho — Venha, deixe que escove seu cabelo.



Catherine sorriu por antecipação. Ia usar o ardente cabelo solto pelas costas, jogado para o lado e preso com as pequenas moedas de ouro que Dominic tinha lhe dado no que parecia fazer um século. No pulso pôs um bracelete que Gabby fez com mais moedas e uma larga fita dourada rodeava seu braço. De suas orelhas penduravam dois finos aros de ouro e a blusa tinha um decote escandalosamente baixo.

No geral, tinha o mesmo aspecto que no acampamento cigano. Mas a brilhante seda vermelha da saia era muito mais cara do que podia se permitir então.

— Mon Dieu - ofegou Gabby — Sua Senhoria ficará louco por você.

— Duvido.

Mas em segredo esperava que as palavras de Gabby se fizessem realidade. Queria que ele recordasse de todos e de cada um dos momentos e beijos apaixonados que tinham compartilhado. Esperava que ardesse ao reviver sua paixão.

— Está certa de que estou bem? — Perguntou Catherine, repentinamente nervosa. Tio Gil chegaria a qualquer momento para acompanhá-la e não ia gostar nem um pouco.

— Está linda, milady.

Catherine estendeu impulsivamente sua mão e a abraçou.

— Obrigado por tudo, Gabby.

Um golpe na porta anunciou que o duque tinha chegado. Quando Catherine abriu a porta, Gil conteve o fôlego.

— Você ficou louca? — ele rugiu.

— Não tem porque preocupar-se, tio Gil, é que um único dos presentes sabe algo sobre meu passado.

— Sério? — ele perguntou arqueando uma de suas grossas sobrancelhas prateadas.

— Sim... sim - respondeu Catherine, embora um rubor culpado coloriu suas bochechas — Vamos?



- Eu não gosto disso, Catherine.
- Está se preocupando por nada. É só uma fantasia.
- Um disfarce - grunhiu ele — Com certeza.

O baile de máscaras se celebrava no luxuoso salão de baile do primeiro andar, decorado em vermelho e prata. Quando Catherine e Gil chegaram, a maior parte dos outros convidados já o tinha feito. Além dos que se alojavam em Rivenrock, convidou-se aos membros mais proeminentes da nobreza local e a qualquer amigo de Mayfield que vivesse a uma distância razoável para fazer a viagem.

Em resumo havia uma grande quantidade de pessoas, todas elas alegremente disfarçadas. Havia desde cavaleiros com armadura com suas bonitas donzelas até faraós egípcios e soldados romanos. Gregos com suas togas, personagens de Shakespeare, e inclusive uma princesa das fadas, todos bem escondidos atrás de suas máscaras de cetim.

O tio Gil se disfarçou de advogado, com uma peruca branca com cachos. Edmund usava uma venda negra em um olho, uma faixa de uma viva cor vermelha, uma espada na cintura e um lenço ao redor da cabeça. Amélia ia vestida como uma dama da corte, com uma ampla saia de criolina sob a saia de brocado ameixa e uma alta peruca branca com pássaros aninhando encima.

— Céus! —exclamou Amélia examinando com os olhos o chamativo disfarce de cigana de Catherine — Quase parece uma camponesa de verdade.

— Obrigado, Amélia, eu acho - sorriu Catherine aceitando a taça de champanha que lhe ofereceu um laçao.

Estava a ponto de acrescentar algo mais quando sentiu um estranho comichão na nuca. Alguém a estava olhando e podia adivinhar de quem se tratava antes de voltar-se para olhar. Quando o fez, conteve o fôlego e o resto do quarto pareceu desaparecer.



Dominic estava a uns dois metros de distância com as calças negras que tinha usado no acampamento, umas botas negras altas e o ajustado colete bordado com lantejoulas e ouro. Debaixo do colete, seu largo torso estava desnudo, e um brinco de prata em forma de aro pendia do lóbulo de uma de suas orelhas.

Alto e incrivelmente atraente, já não era nem Nightwyck nem o marquês de Gravenwold. Nem tampouco um estranho proscrito. Era o homem ao qual tinha amado e Catherine desejou aproximar-se dele, e que ele a rodeasse com esses poderosos braços e a levasse.

Sob a luz bruxuleante dos candelabros, o salão proporcionava um brilho de bronze a sua pele conforme avançava com seus olhos, completamente negros, fixos no rosto dela.

— Boa noite — disse — milady Cigana.

— Boa noite - respondeu Catherine com a voz convertida em pouco mais que um sussurro.

— Já que ambos tivemos a mesma idéia esta noite — ele disse formalmente — acho que deveria reclamar sua primeira dança.

Supunha-se que ia ser de Litchfield, mas Catherine não se importou.

— Claro.

Pegou pela mão e a conduziu à pista de dança.

Uma dúzia de músicos começou a tocar enchendo o salão de baile com o melodioso som dos violinos. Dominic há aproximou um pouco mais do que era adequado, posando sua quente e firme mão na cintura dela. Dançaram como nunca antes, cada um deles perdido nas lembranças, rememorando outro tempo e outro lugar e desejando estar novamente ali.

O olhar de Dominic sustentava o seu, íntima e possessivamente.



— Lamento não poder vê-la dançar outra vez como o fez naquela noite no acampamento. Foi selvagem e linda e naquela noite dançou apenas para mim; pude vê-lo em seus olhos.

As bochechas de Catherine arderam. Nunca poderia se esquecer daquela noite nem do selvagem abandono que tinha experimentado.

— Lamento que não estejamos ali agora — ele disse brandamente — Sinto não poder te levar para meu vardo.

Sua profunda voz trouxe para sua memória a paixão que tinham compartilhado, a sensação de unidade que sabia que nunca sentiria com nenhum outro homem, provocando um enorme nó na garganta.

— Eu senti sua falta — ela respondeu em voz baixa — Às vezes sinto não ter ficado.

Dominic a olhou com uma ternura que não havia voltado a ver desde que deixou a caravana.

— Isto é o que eu desejo cada vez que volto para a Inglaterra. Mas nunca tanto como neste momento... - suas palavras a acariciaram, introduzindo-se em seu coração. Realmente tinha sentido falta dela, como já lhe havia dito uma vez — Sinto que as coisas não possam ser diferentes... — ele acrescentou — Lamento não poder ser diferente.

Catherine o olhou através dos cílios, estudando os duros traços de seu rosto, recordando a sensação de sua pele sob seus dedos.

— Eu te amava — ela disse — Amava ao Domini, o homem que foi no kumpania.

Durante um momento ele não disse nada, mas apertou sua cintura com mais força.

— Sigo sendo o mesmo homem.

Catherine sacudiu a cabeça.

— Não. Aqui é diferente. Mais duro. Implacável. É o ódio por seu pai o que o faz ser assim?



Dominic se afastou um pouco com os olhos ligeiramente opacos.

— O que sabe de meu pai?

— Nada. Só que está morto. O que aconteceu entre vocês pertence ao passado.

Um músculo se esticou na mandíbula de Dominic.

— Não passou. Nunca terminará.

Catherine percebeu sua amargura e sua sombria determinação e uma imensa tristeza lhe perfurou o coração.

— Então o homem que é agora só merece minha compaixão

— Catherine... - a dança terminou bruscamente, interrompendo o que ia dizer.

Tirou-a silenciosamente da pista. A orquestra começou a tocar um rondou enquanto a deixava com seu tio, que franzia o cenho com uma sombria expressão no rosto. Catherine ia perguntar lhe se acontecia algo, mas Litchfield apareceu para reclamar a dança seguinte e seu tio se afastou.

Ela tentou concentrar toda sua atenção no atraente loiro que a acompanhava, mas enquanto lhe sorria, sua mente estava em outro. Via-o pela extremidade do olho, alto e majestoso, e fizesse o que fizesse, encontrava-se a observando tão fixamente como ela a ele.

Dançou com ele apenas uma vez mais, mas assim como antes, a magia se apoderou deles, o feitiço de seus disfarces voltou a levá-los para suas selvagens noites ciganas, as lembranças os uniam e não lhes permitiam separar-se.

Depois disto, as horas transcorreram para Catherine como em uma nebulosa. Litchfield estava muito solícito e Catherine acreditava que pensava em fazer o pedido. Não lhe deu nem a menor oportunidade. Esta noite não, com Dominic tão perto.

Amanhã seria o momento de enfrentar ao futuro. Esta noite apresentaria suas desculpas e fugiria dos outros. Pela última vez, iria em busca de seu amado cigano.



E depois o deixaria livre.

Um pouco depois, Catherine dava boa noite a Edmund, Amélia e seu tio, e fingiu que se retirava para dormir. Em vez de fazê-lo, se esquivou atrás de Dominic, que tinha saído para o jardim. Debaixo da prateada luz da lua, vagava pelos atalhos fracamente iluminados pelas luzes da casa, no silêncio da noite.

Ocorreu-lhe que talvez ele tivesse combinado com alguma das mulheres que tinham estado dançando com ele, mas não acreditava. Ele havia se sentido tão perturbado quanto ela pelas lembranças que os tinham assaltado durante a noite.

Contemplou-o a certa distância, junto ao muro do jardim com um pé apoiado nele. Estava fumado um charuto e exalava a fumaça no tranqüilo ar da noite, olhando distraidamente para a escuridão. Catherine tinha desejado que encontrasse sua alma.

— Boa noite, milord Cigano - disse suavemente enquanto se aproximava.

— Catherine... - ele se endireitou, jogou o charuto e olhou ao seu redor, comprovando que estava sozinha— Não deveria estar aqui.

— No que diz respeito a você, há muitas coisas que não deveria fazer.

— Por que o faz?

Catherine sorriu docemente.

— Porque Domini está aqui esta noite e sei que não voltarei a vê-lo.

Dominic vacilou, depois deu um passo para ela saindo de entre as sombras, como uma pantera cheia de graça e cautela. Permaneceu diante dela, olhando-a nos olhos, estudando seu rosto, aparentemente lutando consigo mesmo. Em seguida estendeu a mão e a passou pelo cabelo, enterrando os dedos entre as espessas mechas. Jogou-lhe a cabeça para trás, estreitou-a entre seus braços e, lentamente, desceu sua boca sobre a dela.

Catherine se deleitou ao sentir seu corpo musculoso. Separou os lábios aceitando a intrusão de sua língua, igualando com a sua o sensual movimento, ao mesmo tempo em



que deslizava os braços ao redor do pescoço. Saboreou o vinho que ele tinha estado bebendo e o gosto agri-doce do tabaco. Especialmente saboreou ao homem, apalpando os músculos de seus ombros, sentindo a dureza de seu desejo apertando-se, exigente, contra ela.

— É realmente uma bruxa — ele sussurrou contra seu ouvido, separando os lábios para depositar uma chuva de beijos ao longo de sua mandíbula, garganta e ombros.

Deslizou as mãos sob sua blusa, abrangendo seus seios com as mãos, levantando-os, embalando-os, acariciando os endurecidos e palpitantes mamilos.

— Eu tentei te esquecer, mas não posso. Eu tento dormir, mas aparece em meus sonhos. Quero-a como nunca tinha quis outra mulher.

— Dominic — sussurrou — Santo Deus, Dominic, eu também senti sua falta.

Suas mãos lhe percorreram o corpo, agarrando suas nádegas e apertando-a com mais força contra si.

— Necessito-a, gatinha fogosa, mas não posso ter você - a beijou com tal saudade que Catherine se sentiu afligida. Devolveu-lhe o beijo com o mesmo desejo, deslizando as mãos por seu torso, sentindo os músculos e tendões, desejando estar nua embaixo dele.

— Dominic - sussurrou, e ao ouvir seu nome, ele a levantou nos braços afastando-se mais da casa.

— Isto não deveria acontecer - ele disse enquanto percorria o atalho até o mirante e subia as escadas de madeira na escuridão. Sentou-se em um dos assentos com almofadas colocando-a em seu colo — Eu te disse que não posso me casar. Não pode sair nada bom de tudo isto.

— Não me importa.

— Importa. Sempre importou. Detenha-me, Catherine. Ponha fim a esta loucura.



— Amanhã — ela disse— Amanhã voltarei a me preocupar. Esta noite é minha e eu sou sua e nada mais importa.

Dominic segurou seu rosto entre as mãos e a beijou longa e intensamente.

— Deus, eu te amo!

— Faça amor comigo, Dominic. Preciso te sentir dentro de mim uma última vez - o beijou e Dominic gemeu um som que soou quase angustiado.

Ele colocou-se no assento e desabotoou os botões das calças até que seu endurecido pênis ficou livre. Catherine estendeu o braço e fechou os dedos em torno do grosso eixo.

— Por favor - disse em voz baixa.

Dominic a beijou com um beijo ardente e profundo que a deixou debilitada e tremula a seguir sua boca riscou um atalho de fogo por sua garganta.

— Minha cajori — ele sussurrou tão baixo que quase não o ouviu.

Seus lábios e suas mãos exerceram sua magia, esquentando seu sangue, acendendo umas chamas que chegaram diretamente a seus quadris.

Quando Catherine gemeu e cravou os dedos no tecido de sua jaqueta, Dominic se colocou escarranchado sobre ela aferrando suas nádegas por debaixo das saias. Quando se deslizou dentro de seu corpo ela estava úmida e preparada, encheu-a por completo fazendo que pulsasse tão rapidamente seu coração que tinha dificuldade para respirar.

Catherine moveu a cabeça ao o sentir, seu abundante cabelo avermelhado caiu em cascata para o chão. Dominic se retirou quase totalmente, em seguida a empalou. Ela teve que morder os lábios para não gritar.

— É minha - ele disse em voz baixa— Dentro de meu coração sempre será minha.

Agarrou-a pela nuca obrigando-a a abrir a boca e introduzindo a língua nela. Catherine afundou os dedos em seu cabelo e começou a mover-se contra ele, sentindo seu endurecido pênis entrando e saindo dela, até que pareceu que seu sangue ardia. Retorceu-



se contra ele, gemendo contra sua boca, agarrando seu pescoço enquanto ele segurava seus quadris e se introduzia nela uma e outra vez.

Em poucos minutos ela estava à beira do precipício, vagando em um universo de brilhantes, tremula de prazer, degustando a comovedora doçura da língua que percorria com veemência seus lábios.

Dominic a seguiu, movendo-se dentro dela, até derramar sua semente. Catherine se surpreendeu desejando que essa semente prendesse e que tivesse um filho que fosse dele e de nenhum outro homem.

Não se deu conta de que estava chorando até que Dominic secou cuidadosamente suas lágrimas com os dedos.

— Não o faça – sussurrou — Por favor, não chore.

— Não estou chorando — ela mentiu— Nunca choro.

Dominic a amparou então, balançando-a para frente e para trás, sua bochecha pega à sua, enquanto ela se pendurava em seu pescoço. Permaneceram sentados na escuridão, abraçando-se, desejando que esse momento não acabasse nunca. Finalmente, os sons da noite se impuseram: um mocho no olmo próximo, o coaxar de um sapo boi em um dos charcos do jardim, o zumbido dos grilos... As distantes notas da orquestra foram uma dolorosa lembrança de que seu tempo juntos tinha que terminar.

— Se pudesse, eu casaria com você - disse Dominic contra sua bochecha — Mas não posso.

Catherine não disse nada

— Eu o devo a minha mãe. Devo isso a mim mesmo. Não deixarei que ganhe.

Ela seguiu em silêncio, desceu de seu colo e começou a arrumar a roupa.

— Isso não quer dizer que não me importe.



Catherine o olhou, viu a angústia em seus formosos olhos negros e lhe embalou o rosto com as mãos.

— Faça o que acha que deve fazer.

— Catherine...

— Eu devo ir — ela disse—. Amanhã tudo isto parecerá só um sonho a mais.

Dominic estremeceu ao pensar. Em pensar nisso. Mais noites atormentado por sua imagem, mais horas sentindo-se tão só como nem sequer havia sentido quando menino.

— Meu matrimônio com Litchfield solucionará qualquer... consequência imprevista - disse Catherine com falsa alegria— Não deve preocupar-se com isso.

Se tivesse enfiado uma faca no coração, não teria doído mais.

— Ele pediu sua mão?

— Não, mas o fará logo.

— Tenho certeza de que há alguém mais adequado.

O sorriso de Catherine tinha um vestígio de amargura.

— Tem a alguém mais em mente? Stoneleigh, talvez? Até onde chega sua amizade?

Stoneleigh na cama de Catherine. Dominic sentiu náuseas ao pensá-lo.

— Rayne não te concederia tanta liberdade. Pode ser que Litchfield seja a resposta. Uma vez que lhe proporcione um filho, terá a suas amantes para que lhe façam companhia; se for isso o que realmente quer.

— É - disse Catherine.

— Possivelmente... uma vez que tenha se casado... as coisas possam ser diferentes entre nós.

Depois de um ano mais ou menos, e todo esse tempo, Litchfield estaria obtendo seu prazer com Catherine. As vísceras de Dominic se revolveram.

— Possivelmente — ela respondeu.



Mas sabia que não falava a sério. Tinha muitas dúvidas a respeito da cavalheiresca atitude que ela tinha adotado em relação ao matrimônio. Uma vez que estivesse comprometida, tudo indicava que seria fiel sem importar com quem se casasse. Catherine era assim.

— Será melhor que volte antes que sintam sua falta - disse ele brandamente.

— Sim.

— Prometi a Mayfield que participaria da caça à raposa. Não posso ir antes sem chamar a atenção. Até então me mantereí afastado de você.

— Será o mais inteligente — ela o beijou na bochecha e nunca lhe pareceu mais definitivo um adeus— Adeus, meu amante cigano; não o esquecerei nunca.

Ela pretendia partir, mas Dominic a segurou pelo pulso.

— Catherine...

— Não o faça — ela disse, afastando a mão — Por favor.

Dizendo isso deu meia volta e pôs-se a correr. Dominic a contemplou enquanto ia, sentindo-se como se o estivessem partindo em dois. Queria-a, mas não podia tê-la; ao menos se quisesse seguir chamando de homem a si mesmo.

Recostou-se contra as almofadas e olhou para a escuridão. A raiva e o desejo lhe corroíam por dentro, lutando contra a culpa, o dever e o juramento que pensava cumprir a qualquer preço. Catherine, pensou se ao menos não tivesse a conhecido. Gostaria que as coisas pudessem ser diferentes. Gostaria de não ser quem era.

Mas era. Ela era a mulher cuja paixão e beleza só eram superadas por sua bondade e compaixão. A mulher a qual respeitava e desejava acima de qualquer outra. Uma mulher a qual não podia ter.

Parecia que inclusive da tumba seu pai podia lhe causar dor.



Capítulo 17

Há duas coisas que um inglês entende: as palavras duras e os golpes fortes.

—W. Hazlett

Saindo à escuridão, fora do mirante, Dominic fixou seu olhar no lugar por onde Catherine acabava de desaparecer de sua vista, após de uma sebe alta.

Já estava sentindo falta dela.

Passou a mão pelo cabelo com um suspiro de cansaço. Não deveria tê-la possuído, não deveria ter cedido aos seus desejos, não era justo para Catherine e tampouco para ele.

Perguntou-se como era possível que uma mulher tão pequena tivesse podido pôr sua vida de pernas pro ar.

Esticou-se. Tinha ouvido algo na noite e tentou determinar do que se tratava. Ouviu um segundo som, a voz profunda de um homem sussurrando entre as sombras e em seguida o grito amortecido de Catherine.

Em um instante estava em pé e correndo pelo atalho com o coração pulsando com força contra suas costelas. Quando virou na curva viu Catherine lutando com um homem que usava uma meia de lã com dois buracos na cabeça como uma máscara, e ele estava tampando sua boca enquanto a arrastava entre os arbustos.

Dominic reduziu a distância que os separava com a mandíbula apertada pela ira. Agarrando o homem pela camisa, o fez dar a volta e lhe deu um forte murro. Catherine correu para ficar a salvo e o homem caiu no chão. Dominic o obrigou a ficar de pé e lhe deu um forte golpe nas costelas que fez com que o outro tropeçasse com um gemido. Inclinou-se sobre ele, preparado para voltar a goleá-lo, mas um segundo homem, mais alto e forte,



saiu de entre as sombras. Dominic viu o brilho de uma pistola, tentou se esquivar do golpe e sentiu uma forte dor do lado da cabeça que o fez cambalear.

— Dominic! — Catherine gritou, correndo para ele enquanto o mundo ao seu redor dava voltas enlouquecidas e caiu de joelhos.

— Vá embora! — ordenou ele — Querem a você, não a mim!

Ele lutou contra a dor latejante em sua cabeça que dificultava sua visão, fez um esforço para eliminar as luzes que via diante de seus olhos. Ficando de pé com esforço, lançou um poderoso murro que atingiu a mandíbula do primeiro dos homens, o tombando sobre as flores que cresciam na base de uma árvore. Lançando um chute contra o outro, olhou ao seu redor e viu Catherine que estava a uns metros de distância empunhando uma tesoura de jardim como uma arma.

— Maldita seja! — jurou o segundo homem, apanhado entre a arma de Catherine e a proximidade de Dominic — Não me contrataram para morrer. Vamos sair daqui!

Ambos puseram-se a correr. Dominic tentou os perseguir, mas os pontinhos de luz retornaram e com eles a dor. Diminuiu o passo e se deixou cair contra o tronco da árvore.

— Dominic! — Catherine atirou a tesoura e correu para seu lado, rodeando protetoramente sua cintura com os braços para mantê-lo de pé — Você está bem?

— Por que demônios não fez o que ordenei? — seu cabelo negro azulado caiu sobre os olhos quando massageou o galo na têmpora. Um fio de sangue lhe umedeceu os dedos.

— Não estava disposta a te abandonar e permitir que o matassem!

Se sua cabeça não estivesse doendo tanto teria começado a rir.

— Podia ter ido em busca de ajuda. Onde diabos estão os guardas que seu tio contratou?

Catherine levantou a cabeça.

— Você sabe?



Dominic se limitou a assentir.

— Sei quase tudo o que tinha que saber sobre você, meu amor. Se por acaso não sabe - seus negros olhos se fixaram em seu seio — sou um homem muito meticoloso.

Catherine corou e revirou os olhos.

— Se sabe tanto, deveria saber que não fui a busca de ajuda porque não queria provocar mais escândalos. Agora me deixe olhar sua cabeça - ela tocou o feio corte ao lado da orelha fazendo com que ele estremecesse.

— Estou bem - ele disse bruscamente— Temos que ir procurar seu tio e lhe dizer o que aconteceu - A agarrou pelo braço e empreendeu a viagem de volta a casa.

— Você ficou louco? — Catherine se liberou, o obrigando a parar — Não pode dizer a tio Gil que estava no jardim no meio da noite com você! Quanto aos guardas, ninguém esperava que alguém fosse ousado o bastante para tentar algo assim tão perto da casa; estão posicionados mais longe. Amanhã inventarei alguma historia e convencerei meu tio para que os mande se aproximar mais.

Ele a olhou por um momento, pesando suas palavras, sabendo que não restava outra opção. Também soube que contrataria aos seus próprios homens para que a guardassem.

— Tem idéia de quem está por trás destes ataques?

Catherine sacudiu a cabeça.

— Tio Gil pensou que poderia ser alguém que é contra meu trabalho nas Sociedades de Ajuda, mas a verdade é que não posso assegurá-lo. Não acredito que alguém com opiniões políticas diferentes às minhas, chegasse a tais extremos.

— Nem eu - disse Dominic — Isso coloca seu primo como o primeiro da lista.

Catherine arqueou uma sobrancelha.

— É realmente minucioso.

— Não é difícil chegar a essa conclusão. É quem mais tem a ganhar.



— Você de verdade acha que o culpado é Edmund?

— A única outra coisa que me ocorre como motivo é pedir um resgate.

— Da outra vez não pediram.

— Pode ser que decidissem que o risco era muito grande e tomaram o caminho mais seguro.

— E desta vez? — ela perguntou.

— Temem que saiba demais. Você cedo ou tarde reunirá as peças do quebra-cabeça.

Duvido que esperassem seu inoportuno reaparecimento.

Catherine franziu o cenho.

— Suponho que isso explicaria. A verdade é que não acredito que seja Edmund, ele e Amélia são meus melhores amigos.

— Pode ser... mas não podemos nos permitir eliminar nenhuma possibilidade. Farei com que vigiem seu primo.

— Não é sua responsabilidade. Eu mesma contratarei a alguém.

Dominic a olhou com impaciência. — Isto não é algo que possa ser tratado de qualquer jeito, Catrina; sua vida está em jogo.

— Eu estou muito consciente disso. Pode ter certeza de que tomarei as medidas adequadas.

E você, gatinha, pode estar certa de que eu também.

— Então deixarei que você se encarregue — ele disse sem pensar isso de verdade nem por um instante. Contrataria a um exército se tivesse que fazê-lo; quanto mais protegida ela estivesse, mais tranquilo ele estaria. Odiava a idéia de sair com Catherine ainda em perigo, mas não parecia haver outra escolha — Seria melhor que retornasse para dentro e fosse para seu quarto. Feche as portas e tranque o fecho das janelas.

— Eu o farei.



Dominic apertou inconscientemente os punhos.

— Lamento não ter conseguido apanhar esses bastardos.

O olhar angustiado de Catherine se suavizou.

— Eu também - Começou a afastar-se, mas se deteve e deu a volta— Tem certeza que está bem?

Dominic sorriu, seus dentes brancos cintilaram na escuridão.

— Graças a um jardineiro descuidado e a você, pequena tigresa.

— Adeus Dominic — ela disse.

— Boa noite, meu amor.

* * *

— Gil, velho amigo, digo que pode ser que tenha razão.

Sir Osgood Hornbuckle bebeu um gole de brandy enquanto andava, com uma mão nas costas, diante do pequeno fogo que ardia na lareira de mármore do salão das acomodações do duque, na ala leste de Rivenrock.

— No entanto — refletiu— talvez o malandro só esteja brincando com seus sentimentos; ou tentando. Você sabe que ele ganhou essa reputação, embora eu nunca ouvisse que tenha comprometido uma inocente.

— Digo que se trata dele - disse Gil — é o homem com o qual Catherine manteve relações na França. Já ouvi as histórias que contam sobre ele; já se disse muitas vezes que tem sangue cigano nas veias. Nunca acreditei nisso, mas agora me parecem condenadamente certas - Gil havia dito Ozzie, um homem ao qual confiaria sua vida, algo sobre a situação de sua sobrinha.

— Por que simplesmente não pergunta? Parece o mais lógico.



Gil suspirou.

— Se ela tivesse querido me contar isso já o teria feito a estas alturas. Esse descarado a conhece muito bem e conta com a integridade de seus princípios. Não está disposta a forçar um matrimônio com um homem que não a quer.

— Mas você acha que o faz.

— Juro que sim. Nunca vi um homem olhar a uma mulher como Gravenwold olha para Catherine. Que Deus tenha piedade do homem que a ofenda, mesmo que seja sem intenção; o marquês pedirá que lhe sirvam sua cabeça em uma bandeja de prata.

Ozzie riu baixo.

— Me lembra a um jovem duque que conheci uma vez. Caiu fulminado pela filha de um barão, quase conseguiu que o matassem em um duelo por ela.

Gil avermelhou, recordando a selvagem paixão que tinha sentido por sua falecida esposa, Barbara; Bobbie como a chamava quando estavam a sós. Fazia dez anos que tinha morrido e seguia sentindo sua falta, provavelmente seria assim sempre.

— Sim... bom, se estiver certo, Gravenwold sente essa mesma maravilhosa paixão por minha sobrinha. O que acontece é que não tem cérebro o suficiente para perceber, isso é tudo. O ódio que sente por seu pai e sua censurável necessidade de vingança é muito grande. Destruirá a si mesmo se seguir por esse caminho.

— De qualquer maneira não pode ter certeza de que o marquês seja o tipo que arrebatou sua inocência - indicou Hornbuckle.

— Não a menos que se faça uma cuidadosa investigação; e não há tempo para isso.

— Então o que propõe? — Perguntou Ozzie.

— Vamos pô-lo a prova. Seja qual for a sua ascendência parece ser um bom homem. Se for seu maldito cigano, se forcarmos os acontecimentos criará juízo e fará o que já deveria ter feito.



— Aposto dez contra um que Catherine não vai gostar disso.

— Catherine tem a intenção de casar-se com Litchfield. Esse janota não chega nem à sola de seu sapato; Catherine necessita de um homem forte e inteligente, alguém que possa dirigi-la e domar seu fogo caráter sem quebrá-la.

— Não se pode dizer com segurança, mas Gravenwold parece um tipo estranho— Ozzie bebeu um gole de brandy — Uma vez que tenha lhe posto os grilhões, não acredito que a trate mal.

O duque sorriu-se de orelha a orelha ao pensar em sua irada sobrinha.

— A não ser que ela o peça - ambos riram — É uma mulher difícil, Ozzie. É obstinada e decidida. E realmente valiosa. Quero que seja feliz; e te juro que eu farei que o seja, aconteça o que acontecer.

Hornbuckle deixou sua taça de brandy de lado.

— Me diga que é o que quer que eu faça.

* * *

— O que foi milady?

Catherine leu a nota pela segunda vez. A tinha encontrado em um envelope debaixo da porta ao despertar essa manhã.

— “Tenho que vê-la. Se afaste dos outros e se encontre comigo na velha casinha de pedra que há no bosque, no leste do lago.” Está assinada com um D.

— É a letra de Sua Senhoria?

— Nunca vi a letra de Dominic.

— Então como pode estar certa de que é dele e não dos homens que a atacaram? A senhora não deve ir, é muito perigoso.



— Os homens que meu tio contratou me seguirão a pouca distância; virão em minha ajuda se algo sair errado.

— Eu não gosto de nada disso.

— Eu tampouco, mas Dominic não me pediria para ir se não fosse um assunto importante.

Além disso, Dominic ia embora nesse dia e não havia tornado a vê-lo desde o baile de máscaras. Fiel a sua palavra ele se manteve afastado dela.

— Pode ser que não possa suportar separar-se de você.

— Talvez queira despedir-se de mim — na noite do baile tinha evitado deliberadamente despedir-se dela e esse descuido a enchia de esperanças — Seja o que for, tenho que ir.

Gabby suspirou.

— Então será melhor que nos apressemos. Está começando a amanhecer, se quer ir à caça com outros tem que começar a vestir-se.

Catherine assentiu. Ela, lady Georgina e outras duas mulheres eram as únicas que iram acompanhar os homens na caça da raposa. A maioria das mulheres não eram boas amazonas, sabiam apenas o suficiente para passear ou galopar tranquilamente pelo parque. Catherine e Georgina gostavam de montar e ambas eram excelentes amazonas, algo do qual Catherine era extremamente orgulhosa. Hoje ia usar essa destreza para se esquivar dos outros, pode ser que inclusive dos homens que seu tio tinha contratado.

Quanto mais pensava nisso mais convencida ficava de que se chegasse cedo poderia examinar a casinha nos bosques. Se Dominic não chegasse e entrasse, simplesmente retornaria à caçada e se reuniria com outros. Se aparecesse, não teria nada com o que se preocupar, já que estaria completamente a salvo com ele.

Riu de si mesma. Quando tinha estado a salvo com Dominic?



Com a ajuda de Gabby, terminou de assear-se e colocou o traje de montar de veludo cor de vinho. Corpete, mangas e pescoço eram bordados com ponto de abelha. Gabby a penteou com um coque loiro avermelhado na nuca e colocou ligeiramente inclinada, uma pequena cartola, de aba estreita, cor de vinho e provida de um pequeno véu negro.

— Estou bem?

— Perfeita - respondeu Gabby sabendo que necessitava que a tranquilizassem.

Estava tão nervosa que suas mãos começaram a suar. O coração pulsava a um ritmo vertiginoso e nem sequer tinha saído do quarto. O que é que Dominic queria? perguntou-se pela enésima vez sem encontrar uma resposta.

Com um suspiro de resignação, sabendo que a solução teria que esperar, dirigiu-se para a porta e desceu pela magnífica escada.

Na parte de atrás da mansão, os caçadores já estavam montados nos cavalos, os cães de caça ladravam e os cavalos davam coices e aranhando o chão com os cascos, impacientes para sair a galope. Embora Catherine não tivesse fome, outros tinham tomado um leve café da manhã consistente de café ou chocolate com bolachas ou torradas e voltariam depois para tomar um abundante almoço. Enquanto isso, no transcurso das três ou quatro horas seguintes, perseguiriam a raposa por colinas e vales, saltando sebes, muros de pedra, cercas e sarjetas, atrás do pequeno animal fugitivo e cavalcando com o som dos sabujos e os chifres de caça.

O nervosismo de Catherine foi aumentando. Enquanto subia no tarugo para montar e se assentava na sela acolchoada de amazona, em cima de um dos baios de caça de Mayfield, procurou Dominic entre a multidão. Entre o tumulto de cavalos, cavaleiros e cães, a elevada altura de Dominic e a facilidade com a qual se sentava no enorme garanhão negro do duque, o faziam se destacar do resto. Exibia um olhar sombrio como se não gostasse de fazer parte da caçada, mesmo sabendo que não tinha forma de detê-la. Será



que a idéia de vê-la era apenas uma forma de mantê-la afastada do possível perigo de estar em um lugar aberto? Se assim era, ou não, no caso de que a mensagem ser autêntica, logo o averiguaria.

Seus olhares se encontraram e se sustentaram durante um momento, até que um gesto da cabeça por parte dele lhe indicou que se encontrariam no lugar indicado.

Já mas tranqüila, relaxou pela primeira vez e se deixou levar pela excitação da caça. Encontraria com Dominic no lugar indicado, mas primeiro iria aproveitar; e nada lhe ia proporcionar mais prazer do que ver Dominic Edgemont cavalgando entre o pó que ela levantava.

— Eu gostaria que deixasse de fazer estas tolices - disse seu tio, que estava ao seu lado, preocupado, acariciando o pescoço do cavalo — Até que tenham detido aos homens que a atacaram no jardim, acho que não estará a salvo.

Tinha contado a Gil sobre esses homens; simplesmente que a tinham surpreendido ao amanhecer e inclusive chegou a lhe dizer que Dominic a salvou.

— Aqui há pelo menos trinta pessoas contando por baixo; sem mencionar aos homens que contratou e que estarão por perto.

— Continuo não gostando disso — ele grunhiu.

— E eu não gosto que se preocupe tanto. Estarei bem, prometo.

Gil assentiu e Catherine sorriu ao lhe ver partir. Ele também era um bom cavaleiro, mas aparentemente não se encontrava bem. Ele e Ozzie tinham decidido ficar.

Catherine suspirou desfrutando do aroma de grama recém aparada, couro e cavalo. Ao seu redor, os cavaleiros começaram a mover-se, os relinchos subiram de intensidade e o coração dela acelerou. Soou o lamento da trombeta de caça; um golpe de chicote e os cavalos partiram a galope dando começo à perseguição. O encarregado dos cães conduziu a matilha de animais que ladravam excitados.



Em poucos minutos descobriram a primeira presa. O pequeno animal avermelhado saiu de debaixo de uma sebe e começou a caçada propriamente dita. Enquanto cavalos e cavaleiros galopavam através do campo, Catherine se inclinou sobre o pescoço de seu cavalo e saltou com facilidade o primeiro obstáculo: uma mureta de pedra coberta de musgo. Não sabia onde estava Dominic, mas um sexto sentido lhe dizia que não devia andar longe.

No segundo salto, um pequeno charco imediatamente antes de uma segunda mureta, ultrapassou lady Georgina. Um dos cavaleiros caiu, mas levantou rindo e se apressou a voltar a montar em seu cavalo.

Depois disto o grupo se foi estirando, Catherine foi pouco a pouco se adiantando aos outros cavaleiros menos experientes e às outras duas mulheres até ficar na frente. Pelo canto do olho viu que Dominic se colocava ao seu lado apertando a mandíbula com desaprovação.

Catherine saltou por cima de uma sebe alta, salvando-a com precisão e Dominic fez o mesmo, aproximando-se mais ainda.

— Se precisa saltar e está decidida a lhe fazê-lo - ele gritou — ao menos tenha o senso comum de fazê-lo junto com os outros. Aqui é uma presa muito fácil.

Catherine se limitou a sorrir.

— O que aconteceu? Tem problemas para me seguir? — Deu um golpe no cavalo com o chicote e se lançou para frente, até um difícil salto com água, ao redor do qual se detiveram a maioria dos homens.

Nos olhos de Dominic havia assombro ou admiração? Riu e puxou as rédeas até que ele voltou para ficar a seu nível.

— Na casinha de pedra — lhe disse — Me dê quinze minutos.



— Enquanto isso tente não quebrar o pescoço — ele gritou vendo como se reunia com os outros tentando afastar-se sem chamar a atenção.

Quinze minutos mais tarde, separou-se do resto, tendo deixado perdidos no bosque os homens que seu tio tinha enviado para que a protegessem e se encaminhava para o lado, descobrindo facilmente a pequena cabana de pedra que estava entre as árvores.

Catherine exalou um suspiro de alívio ao ver o garanhão negro de Dominic preso sob um salgueiro, escondido. Amarrou a seu cavalo em outro lugar e se encaminhou à cabana.

Dominic estava na sala, impressionante com sua jaqueta azul marinho listrada, suas justas calças de montar e as brilhantes Hessian negras. Tinha os ombros tão largos que pareciam encher todo o espaço e as calças se ajustavam provocadoramente a sua virilidade. O coração de Catherine se acelerou ao vê-lo e nem sequer seu cenho franzido posso ofuscar seu bom humor.

— Pequena descarada — ele disse aproximando-se dela— Que demônios acha que estava fazendo?

Catherine se limitou a sorrir.

— Me divertindo um pouco.

— Podia ter quebrado o pescoço; ou pior ainda, poderia ter levado um tiro.

Catherine deu de ombros.

— Bom, aparentemente não aconteceu nenhuma das duas coisas. Além disso, não é seu problema.

Dominic suspirou.

— É verdade, Catrina.

Ao ver que ele não fazia nada, ia perguntar lhe o que queria, para querer vê-la com tanta urgência, mas decidiu esperar. Não havia pressa nenhuma, a caça ia durar muitas horas e não queria lhe dar a satisfação de saber a quão curiosa e cheia de esperança estava.



— Não deveríamos estar aqui — ele disse finalmente, surpreendendo-a.

— Não, não deveríamos — ela se mostrou de acordo — mas, quando isso nos deteve?

Ele sorriu com um de seus deslumbrantes sorrisos, que faziam seu coração saltar.

— Isso também é verdade - comentou, sem fazer nenhum movimento para diminuir a distância entre eles, assim como ela também não se moveu — Seu tio me agradeceu por minha intervenção no jardim. Como não gritou, suponho que não lhe disse o que estávamos fazendo ali.

— Limitei-me a dizer o que tinha acontecido pela manhã.

— Muito inteligente — ele disse, mas um músculo saltou em sua mandíbula — Na realidade, querida, sabe mentir muito bem. Eu gosto especialmente da história que me contou sobre seu prometido. Posso te perguntar por que chegou a tal extremo?

Não gostou da tranquilidade de seu tom que não combinava com a dureza de seu olhar. Adeus à teoria de Gabby de que não podia deixá-la escapar.

— Se por acaso não sabe, tentava não ter que deitar-me em sua cama. Acreditei ingenuamente, que se achasse que estava apaixonada por outra pessoa, não me forçaria.

— Foi isso o que fiz Catrina? Forcei-a?

Catherine olhou suas mãos e viu que tremiam ligeiramente, assim as juntou. Levantou os olhos e o olhou.

— Não. Eu acho que sempre pude te deter, mas não quis fazê-lo então e não quero fazê-lo agora.

A única resposta dele foi levantar uma sobrancelha. Permaneceu imóvel durante um momento, depois se aproximou dela estendendo o braço, separou-lhe as mãos e levou uma delas aos lábios.

— Nunca tinha conhecido a uma mulher como você e duvido que volte a conhecer.



Catherine olhou atentamente ao seu rosto, cheia de admiração diante de seus traços angulosos e a curva sensual de seus lábios. Seus olhos refletiam o mesmo desejo nu que sabia que brilhava nos dela. Mas no olhar do Dominic havia algo mais, uma forte resolução, uma amargura que o consumia e que a estremeceu ao pensar até onde estava disposto a chegar.

Ao vê-lo, Catherine sentiu uma onda de compaixão. Sua mão se dirigiu como se tivesse vida própria, para a bochecha dele e acariciou seu rosto. Ela ficou nas pontas dos pés e o beijou com ternura, docemente, desejando poder lhe libertar de seu ressentimento e de sua ira.

— Catherine... - Foi um som angustiado, carregado com toda a dor que tinha em sua alma.

Dominic a atraiu aos seus braços, seus lábios queimaram os dela, sua língua se introduziu profundamente em sua boca até que a língua da própria Catherine respondeu com igual veemência. Levou-a para o sofá e começou a desabotoar as costas de seu vestido de veludo de amazona. Em poucos minutos este se deslizava pelos ombros de Catherine e ela sentiu os lábios dele na pele, riscando um caminho de fogo desde sua garganta a seus seios. A língua de Dominic golpeou um mamilo, em seguida o meteu na boca, chupando-o cuidadosamente, com lentos puxões que a comoveram profundamente.

— Eu a desejo— ele sussurrou — Sei que não deveria fazê-lo, mas, que Deus me ajude, não posso evitá-lo.

Catherine inundou os dedos em seu cabelo e aproximou a boca da sua. Ao sentir sua urgência, ele retrocedeu um momento.

— Se esta tiver que ser a última vez, então vamos aproveitar ao máximo. Passarão horas antes que sintam nossa falta. Deixa que te ame como deveria ter feito antes, devagar e completamente. Deixa que eu te demonstre o que sinto.



Diante do suave sorriso de Catherine, Dominic inclinou sua escura cabeça, lhe lambendo o seio enquanto soltava o último dos botões de seu vestido de amazona.

* * *

— Bom Deus Ozzie! Está bem? — Gilford Lavenham se ajoelhou ao lado de sir Osgood Hornbuckle, que estava sentado na grama ao pé de um antigo muro de pedra com suas pernas curtas escancaradas, esfregando a cabeça.

— Me parece que deveria tê-lo rodeado. Estou ficando muito velho para este tipo de tolice.

Gil riu em silêncio e ajudou a seu amigo a levantar-se, tomando cuidado de manter-se afastado do alazão de Ozzie que permanecia a poucos metros de distância. Quando o animal se negou a saltar, Ozzie tinha mantido as rédeas nas mãos como o soldado de cavalaria que era inclusive enquanto voava por cima da cabeça do cavalo.

— Não é que seja muito velho amigo - disse Gil — é que nunca foi um verdadeiro cavaleiro.

Ozzie riu brandamente e ficou de pé cambaleando.

— Ao contrário dessa sua sobrinha, isso é verdade. Monta como um homem.

O duque se limitou a grunhir.

— Estou de acordo com você em que monta bem, mas seu encantado traseiro é muito feminino. Eu temo que já esteja com Gravenwold, se não me engano e graças a sua inoportuna queda, os deixamos a sós por muito tempo.

Ozzie subiu na sela.

— Diabos! Será melhor que intervenhamos, já está comprometida o bastante tal como estão as coisas, não é necessário envergonhá-la mais.



Gil grunhiu, colocou um pé no estribo e passou a outra perna por cima da garupa do cavalo branco que montava. Maldição esperava que Ozzie e ele não tivessem complicado mais as coisas. Além do que era possível que o casal tivesse descoberto que alguém os tinha enganado e tivessem ido embora da cabana, também tinha que pensar que Catherine corria perigo estando sozinha fora. Tinha pensado em todos os prós e os contra e tinha decidido seguir adiante com o plano. Agora rogava ter tomado a decisão correta.

— Depressa, Ozzie, nosso tempo está acabando.

Os dois homens cravaram os calcanhares nos flancos dos cavalos, rodearam o muro e galoparam para a cabana.



Capítulo 18

À distância a casinha de pedra parecia deserta e a boca de Gil se torceu em uma expressão de desgosto. Depois se fixou no enorme garanhão negro Gravenwold e um pouco mais à frente em uma mancha que parecia ser o baio do Catherine.

— Bem, estão aqui - disse.

— Pode ser que seja condenadamente embaraçoso - resmungou Ozzie — Muito ruim.

— Embaraçoso ou não, estamos aqui e vamos entrar. Faço-o por Catherine, seja eu compreendido ou não.

Desmontou do cavalo fazendo todo o ruído que pôde, falando com o Ozzie em voz alta sobre sua preocupação com a segurança de Catherine e em seguida bateu com força na porta. Não lhe passou por cima a afogada maldição de Gravenwold nem o rangido do tecido proveniente da casa.

Bateu na porta de novo.

— Será melhor que abra essa porta - ordenou que — Além disso, eu vou entrar.

— Um momento, Wentworth - disse Gravenwold com voz rouca.

Gil esperou, mas só um momento. Estava decidido a não permitir que o descarado evitasse as conseqüências de seus atos.

— Vou entrar - avisou levantando o fecho e irrompendo na sala.

Hornbuckle entrou atrás dele.

Gil encontrou exatamente a cena que imaginou: Catherine em meio de uma massa de veludo cor de vinho, seu cabelo chamejante solto pelas costas e o corpete meio desabotoado. Suas preciosas bochechas se tornaram escarlates e suas pequenas mãos



voaram ao peito do vestido. O aspecto de Gravenwold era similar, tinha a camisa aberta até a cintura e fora das calças deixando seu amplo peito à vista, tinha o cabelo revoltado e lhe tampando a testa. Pela menos suas calças de montar estavam fechadas e estava com as botas.

Gil lhes olhou em uma silenciosa condenação.

— Bom — disse severamente — O que tem para alegar em seu favor?

Catherine levantou o queixo e o olhou nos olhos.

— Tio, acredito que tanto você como Ozzie já conhecem lorde Gravenwold.

Gil pigarreou ruidosamente.

— É óbvio querida, que não tão bem como você.

As bochechas de Catherine ficaram mais vermelhas, mas foi Dominic quem falou.

— Sua chegada foi bastante oportuna, Sua Graça. Permita-me perguntar o que exatamente os trouxe aqui? — O olhar que lhe dirigiu era muito mais ameaçador que o de Gil — Me pareceu que se não se encontrava bem, a menos que não se incomode em negar que você e sua sobrinha planejaram juntos este pequeno drama.

— O que? — Catherine se virou para ele jogando faíscas verdes pelos olhos — Foi você quem me enviou uma mensagem me pedindo para que me encontrasse com você. Foi você quem planejou tudo isto, não eu!

— Não enviei nenhuma mensagem — Dominic respondeu — como bem sabe já que recebi sua nota.

— Não é verdade! — Catherine se afastou de Dominic olhando acusadoramente ao duque — O que está fazendo aqui tio?

Gil se manteve firme.



— Os homens que contratei voltaram para a mansão, furiosos porque os tinha enganado. Ozzie e eu nos unimos a eles para procurá-la, claro, e um dos cavaleiros nos indicou que a última vez que tinha te visto foi vindo nesta direção.

Catherine cedeu em que era possível.

— Então quem enviou a nota? — Perguntou Dominic, olhando para Catherine, ainda zangado.

Gil evadiu da pergunta.

— Isso não tem importância agora. O fato é que ambos estão aqui; e meio nus se por acaso fosse pouco. Você comprometeu minha sobrinha Gravenwold. Espero que faça o que é devido.

— Não — Dominic disse simplesmente — Não tenho nenhuma intenção de me casar com Catherine nem com ninguém. Nem agora nem nunca.

Gil começou a enfurecer-se.

— Eu lhe asseguro que o fará, ou juro que o desafiarei. Pode ser que seja mais velho que você mas ainda sou capaz de disparar melhor que ninguém. Irá casar-se com minha sobrinha ou acabará morto.

— Não! — Exclamou Catherine, agarrando seu tio pelo braço — Não deixarei que o faça. Dominic poderia te matar.

A boca de Dominic se converteu em uma linha.

— O que acontece meu amor, não se importa com o que me aconteça?

— Você! — voltou-se para ele — É um descarado e um canalha. Não se importa com nada nem ninguém exceto sua condenada vingança. Não me casaria com você embora fosse o último homem sobre a terra!

— Bem, então não temos nada mais para falar - recolheu o casaco que estava atirado sobre o encosto de uma cadeira.



Hornbuckle o agarrou pelo braço com uma expressão acerada que não correspondia a um homem de sua pequena estatura.

— Não acredito que o duque tenha terminado com você - Dominic ficou rígido e Hornbuckle lhe soltou o braço.

— Pense Gravenwold —continuou o duque — vai agir como um homem ou prefere enfrentar às conseqüências? O que escolhe?

Dominic cerrou a mandíbula mal contendo sua fúria. Embora Catherine estivesse pálida e assustada, amaldiçoou em silêncio a ela e ao seu tio pela armadilha que tinham lhe armado. Qualquer homem com honra teria assumido suas responsabilidades muito tempo antes; ele tinha arruinado a uma jovem inocente; deveria ter se casado com ela.

E também havia Wentworth. Não queria matar a um homem ao qual respeitava e inclusive admirava, apenas por fazer o que acreditava que era o apropriado, o que qualquer homem de sua posição deveria fazer.

Apertou os punhos. Quase podia ouvir a risada zombadora de seu pai, a condescendência que destilavam suas frias e cruéis palavras.

— Acha que estou brincando? —Tinha-lhe perguntado o marquês em uma ocasião — É tão fogo como eu em sua idade. Seu pau será sua perdição, é tão incapaz como eu de mantê-lo dentro das calças.

Dominic lançou um juramento baixo, tentando bloquear a voz ferina que ressonava em seus ouvidos lhe provocando dor de cabeça. Tinha que haver outra forma.

E de repente soube qual.

Voltou sua atenção a Wentworth, com um desagradável sorriso nos lábios.

— De acordo, Sua Graça, você ganhou. Me casarei com ela com uma condição...

— Qual? —inquiriu o duque.



— Será um *mariage de convenance*; um casamento só de nome. Jurei que não perpetuaria o sobrenome Edgemont e isso é exatamente o que vou fazer.

— Não vou ouvir isto - estourou Catherine. Ela levantou o vestido de amazona e começou a dirigir-se para a porta.

— Você fica onde está pequena - a voz de seu tio estalou como um chicote — Os dois vão fazê-lo.

Catherine nunca tinha visto seu tio tão decidido. Engoliu saliva, mas não tentou mover-se.

— Bom, que estupidez você está dizendo? — Perguntou o duque a Dominic— Talvez eu esteja errado, mas não é possível que já a tenha deixado grávida?

Catherine corou e Dominic se irritou.

— Foi bom mencioná-lo. Em caso de que assim seja o matrimônio terá que esperar até que estejamos certos de que Catherine não está grávida. Quando o soubermos, poderemos continuar.

Até mesmo Gil parecia chocado.

— Você está me dizendo que se minha sobrinha estiver esperando um filho pensa em abandoná-la?

Dominic vacilou. Ao ouvi-lo dito assim lhe contraíram as vísceras.

— Evidentemente aceitaria me encarregar tanto de Catherine quanto da criança; mas a criatura não levaria meu sobrenome.

Catherine tinha vontade de chorar. Deus Santo esse era o homem que tinha acreditado que a amava?

— Que amável Dominic, mal posso acreditar em tanta generosidade. Posso perguntar por que pensa que vou permitir isso?



— Querida, você será a marquesa de Gravenwold, uma posição que nem sequer uma condessa deveria desdenhar.

— Seu título não significa nada para mim. Tenho que pensar em Arondale. Você vai tomar posse de minha fortuna sem me proporcionar o herdeiro que minha família necessita?

— Pode ficar com seu dinheiro — Dominic disse com um olhar zombador — Eu tenho mais do que o suficiente. Quanto ao herdeiro, não vai haver nenhum, ao menos da minha parte. Se estiver disposta a aceitá-lo, bem, se não...

Catherine sentiu uma fúria tão grande que mal podia falar.

— É um demônio! Um bastardo duro de coração com a consciência de uma serpente. Não quero nada de você, nem agora nem nunca!

Gil contemplou aos dois. Pelos dentes de Deus, estava se arriscando a arruinar por completo a vida de Catherine. Mas cada vez que olhava para ela ou para Gravenwold, quase podia notar a poderosa atração que havia entre eles.

A verdade é que acreditava que o marquês possivelmente estivesse teimando em vingar-se, mas seguia sendo simplesmente um homem; e Catherine era uma mulher bonita e desejável, e que, na opinião do duque, Gravenwold amava muito.

Os obrigar a estar juntos era a maior aposta que já tinha feito. Se fracassasse ambos cairiam no ódio e no desespero, mas se tivesse êxito ambos obteriam a maior das recompensas; um amor único e incrível que as pessoas procuravam durante toda sua vida e poucos chegavam a encontrar.

O Duque de Wentworth acreditava que valia a pena arriscar-se por esse tipo de amor.

Tomou coragem.

— De acordo - disse.



Catherine dirigiu sua cólera contra ele.

— Não pode falar a sério. Não vou fazê-lo, não pode me obrigar.

— Fará. Ainda sou seu tutor e vai fazer exatamente o que te ordeno - Catherine o olhou como se fosse um desconhecido — Agora sugiro que fique apresentável enquanto nós esperamos lá fora - fez um gesto para a porta e Ozzie a abriu— Cavalheiros?

Dominic saiu à luz do sol, tenso e incontrolável. Wentworth o seguiu e Ozzie fechou a porta, deixando Catherine os olhando em silêncio.

— Acredito que compreende que minha sobrinha continua estando em perigo - disse o duque a Dominic — Acho que com você como marido, a ameaça diminuirá um pouco.

— Vou me ocupar disso pessoalmente. - prometeu Dominic, mas sua mente permaneceu fixa em uma das palavras que tinha pronunciado o duque e que nunca esperava ouvir referida a si mesmo.

Marido. O marido de Catherine. Ignorou o pequeno estremecimento de prazer que lhe produziu o termo e se concentrou na raiva que sentia por ter caído na armadilha.

* * *

Catherine desceu a ampla escada de mogno em Lavenham Hall, dirigindo-se até o escritório de seu tio. Encontrou-o absorto em seus livros de contabilidade, submerso em seu trabalho como fazia quase todas as tardes.

Levantou a cabeça e bateu levemente na porta aberta para atrair sua atenção. O duque virou a cabeça e ao ver quem era lhe dirigiu um sorriso cansado.

— Boa noite, querida.

— Boa noite Sua Graça — ela respondeu com o mesmo tom que tinha usado desde o dia na cabana.



— Você gostaria de tomar um xerez comigo? Depois de tudo ainda é cedo e eu gostaria de ter um pouco de companhia.

— Temo que esteja muito cansada - mentiu Catherine decidida a manter distância — Só vim te dizer que pode informar a Sua Senhoria que pode deixar de preocupar-se - Notou que ruborizava, mas manteve o queixo erguido e os ombros para trás — Não estou grávida.

Gil limpou a garganta e ficou de pé.

— Entendo.

— Suponho que continue decidido a seguir adiante com a farsa do casamento.

Gil ficou rígido.

— Sim.

— Então preferia que acontecesse quanto antes, alongar mais só serve para fazê-lo mais desagradável.

— Catherine, querida - disse Gil com um suspiro — Sinto muito não poder te fazer entender que eu o faço para seu próprio bem.

— Está me obrigando a casar com um homem amargurado e odioso que não me ama.

— Isso nós veremos. O carinho de uma esposa muitas vezes faz com que mude a atitude de um homem.

Catherine pensou.

— Esteve apaixonada por ele - disse o duque com cuidado — Não negue.

Catherine olhou fixamente o tapete Aubusson.

— Parece que tenham passado anos.

— O amor verdadeiro pode superar tudo - lhe disse seu tio — Me acredite, eu sei.

Catherine levantou o olhar.

— Dominic sente muito ódio para amar - deu meia volta e se foi.



* * *

Dominic estava sentado em uma mesa no Knight and Garner Tavern, em Covent Gardens. Não era como White's ou Boodles, nem tampouco Brooks em St James. Era uma estalagem suja e ruidosa lotada de ladrões, batedores de carteira, prostitutas e bêbados. Fedia a genebra e a perfume barato, e a fumaça era tão densa que queimava os olhos dos paroquianos que estavam muito ocupados com seus copos para preocupar-se.

Era o último lugar aonde iria um cavalheiro de alta sociedade e o lugar exato onde Dominic queria estar. Estava de mau humor e fora de si, desejando meter-se em problemas e preparado para uma briga.

Não estava bêbado, embora tenha estado bebendo rum durante as duas últimas horas. Nesse momento não era um aristocrata; ao menos não parecia, era apenas um homem com uma camisa de manga longa, calças justas negras e umas gastas botas negras. Quando um marinheiro bêbado lhe deu um empurrão, ficou de pé, agarrou-o pelo ombro e o obrigou a dar a volta.

— Olhe por aonde infernos vai!

O enorme marinheiro lhe afastou a mão com um tapa.

— Se te incomodar, companheiro, por que não faz algo?

Tinha o sotaque do porto, parecia um homem obrigado a trabalhar a bordo todos os dias até cair rendido. Devia ser tão resistente como o couro e tão forte como uma clava infernal.

Dominic não se importou absolutamente. Lançou o primeiro murro que bateu contra a mandíbula do outro com um rangido. O ruivo sorriu de orelha a orelha.

— Lhe mostre quem é companheiro - exclamou um de seus amigos.



Vários golpes depois, Dominic estava de pé diante dele limpando o sangue da boca com o dorso da mão. Moveu a mandíbula para comprovar se estava quebrada e viu com alívio que não estava. Deu um chute no homem que estava inconsciente ao seu pé; graças a Deus, o enorme marinheiro não se moveu.

— Satisfeito?

Ao ouvir uma voz familiar, deu a volta, cambaleando um pouco.

— Que demônios você faz aqui? — perguntou a Rayne Garrick. O visconde estava sorridente entre as pessoas que tinham estado observando, preparado para o caso de alguém mais decidir intervir na briga.

— Vim te buscar.

Os outros homens pareceram adivinhar sua intenção, sobre tudo ao dar-se conta da pistola que levava debaixo da casaca e pelo modo que os vigiava com seus olhos negros. Agora que a briga tinha terminado, murmuraram seu desgosto, voltaram para suas mesas, elevaram seus copos e começaram a beber de novo.

— Como me encontrou?

— Não foi muito difícil - respondeu Rayne — Não sei se lembra, mas viemos várias vezes juntos, sempre que estávamos de mau humor.

Dominic assentiu e jogou o cabelo para trás. Agarrou a jarra de rum e bebeu o que restava de um gole. O líquido lhe queimou o estômago.

Deixou a jarra sobre a mesa de madeira cheia de marcas e dirigiu sua atenção para a porta.

— Será melhor irmos - disse Rayne, atento aos olhos cheios de rancor que ainda os observavam.

— Exatamente o que eu estava pensando.



Dirigiram-se para a porta e saíram na noite, percorrendo o estreito beco até sair em uma rua iluminada com lampiões de óleo, com a esperança de alugar uma carruagem.

— Imagino que sua necessidade de... diversão... tem algo que ver com seu recente compromisso - disse Rayne.

— Espera-me uma vida infernal - resmungou Dominic.

— Sabe que está apaixonado por ela.

— Não seja absurdo.

— Não? — Rayne deu de ombros despreocupadamente — Então não tem nada com que preocupar-se. Simplesmente, pode continuar como antes, obtendo prazer onde o encontre. Muitas mulheres estariam agradecidas de não serem forçadas a cumprir com suas obrigações como esposa.

— Catherine não - disse Dominic, fazendo com que Rayne tivesse que fazer um esforço para não sorrir.

— Não, ela parece uma mulher cheia de paixão e com você como professor estou certo de que aprendeu o bastante.

— Não tanto como eu teria gostado.

— Entretanto - observou Rayne — pode seguir como sempre, tendo amantes quando quiser, só tem que virar a cabeça quando Catherine fizer o mesmo.

Dominic fechou os punhos.

— Podemos falar de outra coisa? Vim aqui para me esquecer de minhas bodas. Meu falso matrimônio é o último assunto de que desejo falar.

— Já marcou a data? — Perguntou Rayne, fazendo pouco caso dos desejos de Dominic.

— Segundo o duque, Catherine teve sua menstruação; assim não está grávida. As bodas serão no fim de semana.



— Se a garota estivesse esperando um filho, de verdade tivesse se negado a reconhecer a criança?

Dominic olhou para longe.

— É uma pergunta hipotética. Catherine não está grávida de mim e nunca vai estar. E agora, a menos que deseje voltar para o Knight and Garter e continuar de onde estávamos, sugiro que falemos de algo mais agradável.

Rayne viu o cenho de seu amigo, pensou nas mulheres com as quais Dominic se deitou, na paixão que ia ter que manter sob controle e na formosa mulher que logo ia viver em sua casa. Agradeceu a Deus ter podido se livrar até esse momento de passar pela paróquia; não tinha nenhum desejo de terminar em um desgraçado matrimônio como seu amigo, mas devido à absurda obsessão de Dominic de vingar-se de seu pai morto, possivelmente essa fosse à melhor solução.

Pensando no feroso casal e na batalha de vontades que ia se produzir, Rayne sorriu para si e fez uma careta na escuridão.

* * *

— Não me importa o perigo, idiota. Não entende que nosso tempo está acabando? Edmund estava falando com Nathan nos estábulos da casa de Catherine em West End, na qual vivia desde que ela tinha retornado semanas atrás a Lavenham Hall.

O gigante de negros bigodes pareceu causar pena.

— Sei Sua Senhoria, mas...

— Mas nada. Você e essa turma de inúteis que contratou estragaram tudo. Minha prima vai se casar no final desta semana. Por Deus, esta pode ser nossa última oportunidade — ele tirou uma palha que se posou sobre sua impecável casaca azul.



— Meus rapazes e eu arrumaremos as coisas - disse Cave — Desta vez não haverá nenhum problema.

— Não vai haver problemas - disse Edmund — porque eu mesmo cuidarei disso.

— Mas...

— Nathan te aconselho que mantenha fechada sua enorme boca e me escute. Eu vou dizer exatamente o que vamos fazer.

Enquanto Edmud lhe contava seu plano um dos cavalos relinchou brandamente e um mocho ululou das vigas do teto. Nathan inclinou a cabeça e fez o que lhe ordenavam.

* * *

Catherine estava de pé diante do espelho dourado de seu dormitório em Lavenham Hall, contemplando seu reflexo. Como era possível que parecesse estar tão bem quando se sentia tão mal?

Estava radiante com seu vestido de seda branco de cintura alta com uma elegante saia coberta de rosas bordadas de cor rosa. Usava o cabelo preso em uma brilhante massa de cachos loiro avermelhado no alto da cabeça e sua pele era rosada e brilhante agora que já tinha perdido o bronzeado. Apenas o ar apagado de seus olhos traía sua confusão e o doloroso desespero que sentia no peito.

— Pronto querida? — O tio Gil estava em frente da porta aberta do quarto, elegantemente vestido com um fraque de veludo azul escuro, um colete branco e umas calças cor de vinho.

Catherine assentiu.

— Tanto como posso estar.

— Está encantadora, querida. Estou muito orgulhoso de você.



Como podia continuar zangada com ele? Tio Gil estava fazendo o que acreditava ser melhor para ela.

— Obrigado tio Gil - Catherine cruzou o dormitório para lhe segurar o braço, ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo na bochecha. Gil limpou a garganta e afastou o olhar ruborizando ligeiramente.

Ela permitiu que ele a conduzisse pelo corredor iluminado com candelabros presos à parede, desceram pela escada de mogno e cruzaram o vestíbulo com chão de mármore. Soames entregou a Gil sua capa para que se protegesse do frio das primeiras horas da manhã e ele a pôs em cima. Soames abriu a enorme porta de entrada.

— Você vai deslumbrá-lo, milady - disse o velho mordomo.

— Obrigado, Soames - Catherine lhe dirigiu um sorriso forçado. Era inútil mencionar que Dominic não queria se ver deslumbrado nem agora nem nunca.

Desceram pelas escadas do alpendre dianteiro onde os esperava a carruagem de Wentworth, com suas coroas de prata reluzindo sob a luz do sol. Dois cocheiros com libres iam sentados na frente enquanto dois imensos guardas disfarçados de lacaios, iam na parte de atrás. Um urgente assunto de negócios tinha obrigado a Edmund e Amélia a permanecerem em Londres até o último momento. Iriam diretamente para a igreja.

Catherine se apoiou no braço de seu tio enquanto cruzavam o atalho de cascalho e um dos lacaios abria a porta da carruagem. Gil ajudou Catherine a entrar e ela se sentou no assento estofado de veludo verde, colocando o vestido de seda diante dela. Com sua cintura alta, o cuidadosamente bordado decote e as mangas ligeiramente bufantes, o vestido era na última moda. Catherine colocou um dos rosados botões de rosa que combinavam com as fitas que levava no cabelo e pôs as luvas longas.

Uma olhada pela janela lhe indicou que a paisagem, com suas verdes colinas, as nuvens brancas e o céu azul, estava mais de acordo com seu aspecto exterior do que com

seu triste humor. Obrigou-se a dominar seu nervosismo ao ouvir o estalo das rédeas contra as garupas dos cavalos, e a carruagem pondo-se a rodar pela vereda em direção à pequena igreja do povoado onde se supunha que Dominic esperava; embora ela tivesse o pressentimento de que não estaria ali.

Profundamente deprimida, pensou que ele tinha mais de cigano que do cavalheiro. Tinha vivido com eles tempo suficiente para saber que raramente se podia obrigá-los a fazer algo que não quisessem.

Dominic limitar-se-ia a abandonar o país, a retornar com sua gente e a não voltar jamais? Tendo em conta sua posição e sua fortuna parecia absurdo pensá-lo, mas...

Perdida em seus pensamentos demorou a dar-se conta de que se aproximavam uns cavaleiros. De fato, não o fez até que ouviu disparos de pistola e o retumbar dos cascos dos cavalos.

— Pelo sangue de Deus! — Rugiu seu tio agarrando-a pelo braço e obrigando-a a atirar-se no chão da carruagem — Esses canalhas estão em cima de nós!

— Esporeia aos cavalos! — Ordenou ao cocheiro, apesar de que o homem já tinha golpeado aos animais com o chicote pondo-os a galope. Um segundo golpe os fez correr mais esticando o pescoço, mas os assaltantes seguiam aproximando-se.

Os cavalos de Wentworth, todos negros e iguais, eram os melhores de sua classe e não deixaram de correr, os quatro animais seguiam adiante puxando a carruagem e os guardas de detrás devolviam os disparos. Ainda assim cortaram a distância cada vez mais. Não havia modo algum de livrar-se deles e nesse ponto do caminho deserto não havia ninguém que pudesse ouvir os tiros.

Catherine notou a mão de seu tio sobre sua cabeça, obrigando-a a agachar-se mais, notou que o carro cambaleava, ouviu mais disparos e os relinchos dos cavalos quando os cavaleiros rodearam a carruagem com uma nuvem de pó os obrigando a parar.



— Pegue - sussurrou Gil depositando uma pistola em suas tremulas mãos — Use-a se tiver que fazê-lo, não o esperassem de uma mulher.

Então se separou dela, com o cenho franzido e temível apertando com raiva os punhos. Quando o duque abriu a porta da carruagem, viu-se rodeado por cinco homens a cavalo, todos eles mascarados e com a roupa suja. Quatro deles apontavam com uma pistola a seus homens e o quinto apontava a ele diretamente no coração.

Desceu da carruagem e deu a volta vendo um dos guardas caído na parte de atrás com a parte dianteira da libras coberta de sangue. O outro estava pálido e tremia depois de ter recebido um disparo no braço.

— Joguem as pistolas, filhos da puta - disse um dos assaltantes, um homem com uns frios olhos verdes — Será melhor que as joguem no chão - as máscaras cobriam seus rostos e todos usavam chapéus enfiados até as sobrancelhas.

— Malditos assassinos - disse com desprezo o cocheiro. O outro amaldiçoou, mas ambos fizeram o que lhes ordenavam.

— Diga à preciosidade que saia fora.

— Ela fica onde está —disse Gil colocando-se diante da porta— Cavalheiros, eu os aconselharia que abandonassem este temerário plano. Já mataram a um homem; se a capturam vão fazer companhia ao velho Jack Ketch. A cada segundo que passa mais probabilidades têm.

Um homem alto e magro de voz aguda riu de suas palavras desde detrás da máscara.

— Não fique no meio. Sua Senhoria falou. Queremos que nos entregue ela.

— Sua Senhoria falou? O que quer dizer isso?

— Afaste-se.

— Não.



— Tio Gil, não o faça! — Gritou Catherine abrindo a porta ao mesmo tempo em que a pistola do assaltante estalava cuspidando fumaça. Emitindo um grunhido de dor, Gil segurou o ombro e caiu no chão.

— O que fez? — Catherine desceu da carruagem de um salto, com as mãos tremendo e mantendo a pistola escondida entre as dobras da capa. Apressou-se a ir em ajuda de seu tio que respirava com dificuldade e tinha o casaco empapado de sangue.

— Fique quieto - lhe suplicou Catherine com um olhar cheio de preocupação, lhe indicando que ainda tinha a arma.

— Trarei a moça - disse o homem magro. Voltando a ouvir o tom agudo de sua voz, Catherine o reconheceu como um dos homens que tinham a atacado no jardim. Ela esperou até que tivesse desmontado e começado a dirigir-se para ela, ocultando-a dos outros por um momento e pôs a pistola em seu coração.

— Não mova nem um músculo - lhe disse com uma suave ameaça.

Os pálidos olhos que havia atrás da máscara se abriram de susto e o ouviu respirar.

— Se quiserem que este homem continue vivo - disse aos outros que seguiam montados — sugiro que dêem meia volta com os cavalos e se vão daqui.

Durante um momento, ninguém disse uma palavra e depois...

— Calvin sabia ao que se arriscava quando foi contratado.

— O que? — Explodiu Calvin sem mover-se.

Outros murmuraram entre eles, mas não se opuseram. Mantiveram as pistolas para cima e preparadas.

— Faça-o se tiver coragem, senhorita — disse o que parecia ser o líder — o final será o mesmo — riu baixo — É uma jóia verdade? É uma pena que tenhamos que nos desfazer dela.

— Juro que o matarei! — Ameaçou Catherine.



— Faça-o, moça — respondeu ele — e eu dispararei no cocheiro na cabeça — levantou a pistola e a apontou diretamente entre os olhos dele.

— Santo Deus! — Começou a tremer sua mão. Estava a ponto de jogar a pistola quando soou o primeiro disparo a suas costas.

Ressoou outro tiro e logo um terceiro.

— Vem um maldito guarda! — Rugiu um dos assaltantes fazendo virar seu cavalo e lhe cravando os calcanhares nos flancos, fazendo com que o animal empinasse — Fique com o dinheiro, eu vou!

Os outros pareceram estar de acordo ao ver os cavaleiros que se aproximavam rapidamente cruzando o brejo em meio de uma nuvem de pó.

— Fugamos - ordenou o líder.

Inclusive o homem que Catherine mantinha na ponta de pistola, deu meia volta a fazendo perder o equilíbrio e disparar no ar. Enquanto os cocheiros se apressavam a recolher as armas que tinham jogado no chão, ele correu para seu cavalo, montou e se pôs a galope.

Quase tinha chegado a um matagal próximo quando um homem baixo e ruivo ao qual Catherine nunca tinha visto alcançou-o. Saltou sobre o fugitivo o fazendo cair da sela. Ambos rolaram pelo chão, até que finalmente o mais baixo ficou sentado escarranchado sobre peito do outro. Jogou o braço para trás e lhe deu um forte murro na mandíbula. O assaltante ficou imóvel no chão.

O ruivo ficou de pé com um suspiro de alívio e se aproximou rapidamente do lugar onde estava Catherine ajoelhada ao lado de seu tio.

— Lady Arondale — disse — graças a Deus você está bem — ele se agachou ao seu lado.

— M... me parece que meu tio está ferido - anunciou Catherine com voz tremula.



Gil gemeu, mas com a ajuda dos outros conseguiu sentar-se.

— Recebi um balaço no ombro — disse — Se você e seus homens não tivessem derrotado aos assaltantes, teria sido muito pior.

— Meu nome é Harvey Malcom, Sua Graça. Trabalho para Sua Senhoria o marquês de Gravenwold.

— Gravenwold? Como diabos se inteirou? — O duque permitiu que Catherine e Malcom o ajudassem a levantar-se.

— Não sabe - Malcom desabotoou a casaca do duque para olhar sua ferida — De fato agora mesmo está esperando à noiva na igreja, provavelmente de muito mau humor.

Para Catherine pareceu divertido mesmo estando preocupada com seu tio, ao lembrar quão preocupada tinha estado se por acaso Dominic não aparecesse. Deu uma vacilante olhada a seu tio.

— Como está? — Perguntou.

Malcom apertava seu lenço contra o pequeno buraco produzido pela bala de chumbo.

— A bala atravessou. A ferida parece limpa e não muito séria.

— Graças a Deus - disse Catherine.

— Como soube? — Perguntou o duque sem se importar com nenhum dos dois.

Malcom abriu a boca para responder, mas foi interrompido pela estrondosa chegada do resto de seus homens. Tinham pego a dois dos cinco assaltantes que tinham fugido e os tinham montados em seus cavalos com as mãos atadas às costas. Havia um terceiro homem atravessado de barriga para baixo na sela, cujas mãos penduravam frouxas quase roçando o chão. Parecia não respirar.

— Dois deles escaparam maldito seja — disse um dos homens do Malcom acrescentando — Perdão Sua Senhoria, ao ver Catherine.



— A este capturamos na colina - apontou ao morto — Tentou escapar e disparou, por sorte tive mais pontaria que ele.

Inclusive estando atordoada e preocupada, Catherine percebeu que o cavalo do falecido era de melhor qualidade do que os outros montavam. Então se fixo na elegante roupa que usava em suas calças de camurça, nas brilhantes Hessian de suave couro marrom e na elegante camisa de linho.

— Me deixe ver seu rosto - sussurrou com um fio de voz, tentando não ver o cabelo bem penteado e os finos dedos que lhe diziam de quem se tratava.

— Não o aconselho, milady - disse Malcom amavelmente, mas o outro homem o mostrou antes que tivesse tempo de impedir-lo.

— Por Deus! — Exclamou Gil — É Edmund.

Catherine tampou os lábios com dedos trêmulos para sufocar um grito.

— Meu deus – sussurrou — eu rezava para que não fosse ele.

Gil a agarrou pela mão.

— Ambos o fizemos querida.

— O marquês me ordenou, faz tempo, que o vigiasse - estava dizendo Malcom, mas Catherine mal entendeu o que dizia.

Edmund, Deus Santo, Edmund. O alegre moço que tinha brincado com ela quando eram crianças. Tinha estado a seu lado quando sua mãe morreu e a tinha ajudado a suportar a morte de seu pai.

Edmund. O homem que tinha planejado seu seqüestro, o homem que a queria ver morta. Como podia ter feito algo assim?

Durante as semanas transcorridas desde sua volta, tinha notado uma mudança sutil nele, uma reserva que Catherine tinha atribuído em parte a suas próprias suspeitas. Ao recordá-lo agora sentiu uma pontada de culpa por não ter contratado a alguém para que o



vigiasse como tinha se prometido fazer. Simplesmente tinha sido incapaz de decidir-se em espiá-lo.

Seu tio disse algo que Catherine não entendeu, mas sua voz a tirou de seu devaneio. Então Malcom voltou a falar.

— Hoje estive a ponto de nos despistar; pensei que com as bodas e tudo isso não tentaria nada, mas quando deixou sua esposa e seu filho em uma estalagem do povoado, um de meus homens começou a suspeitar. Foi até mim e os seguimos até aqui. Graças a Deus não chegamos muito tarde.

Gil assentiu, em seguida abraçou a Catherine.

— É hora de ir, querida - disse brandamente — Não há nada que possamos fazer aqui. Além disso, meu ombro começa a doer e temos seu noivo zangado, nos esperando.

— Sim, sim, certamente.

Voltou-se para Harvey Malcom com a intenção de lhe pedir sua ajuda, mas o homem já tinha aberto a porta da carruagem e estava ajudando Gil a entrar. Em seguida ajudou Catherine e fechou a porta.

— Deixem tudo em minhas mãos - disse Malcom olhando o cadáver de Edmund. Voltou-se para o cocheiro — Há um médico no povoado, cuide de que Sua Graça vá vê-lo.

— Tolice - disse Gil chamando o cocheiro — Nos leve a igreja e procure meter-se na menor quantidade possível de buracos.

— E seu ombro? — Protestou Catherine enquanto o chicote estalava e a carruagem saltava para frente.

— Chamaremos um médico assim que chegemos.

— Mas...

— Estarei bem querida. Sofri feridas piores durante a guerra.



Catherine não se incomodou em lhe indicar que isso tinha sido muitos anos antes, quando era jovem; sabia que não daria resultado e, além disso, sua mente já estava posta no que estava por vir. Pobre Amélia como iria dizer lhe? E Dominic? Estava certa de que teria de adiar as bodas. Teria que organizar tudo para um enterro e guardar um período adequado de luto.

Ao pensar no adiamento, Catherine sentiu uma onda de alívio. Dar-lhe-ia tempo para superar a tristeza e para passar umas semanas em Arondale. Talvez seu tio acabasse dando-se conta de que tinha razão e a permitisse escapar de todo esse desastroso assunto.

— Como se encontra tio? — Perguntou preocupada de novo.

— Já disse que estou bem, querida.

Dirigiu-lhe um sorriso de simpatia.

— Assim que volte para casa não demorará para se recompor e prometo mimá-lo todas as horas enquanto se recupera.

Arqueou as sobrancelhas.

— Se por acaso não o notou, querida, tenho um monte de criados que se ocupam de meu bem-estar. Além disso, você vai viver em Gravenwold, com seu marido, mal vai ter tempo para se ocupar comigo.

— Mas tio, suponho que percebeu que teremos de adiar as bodas - pensou no corpo sem vida de Edmund, atirado sem cerimônia em cima do cavalo, e lhe deu um nó na garganta — Terá que fazer... os preparativos... terá que pensar na querida Amélia, e...

— Não vejo por que. Seu primo fez tudo o que esteve ao seu alcance para arruinar sua vida. Não vou permitir que tenha êxito.

— Mas... mas, é impossível!

— Hoje é o dia de suas bodas, querida - disse o duque com firmeza — Já pode ir se acostumando com a idéia. Agora, se não se importar, tenho uma dor de mil demônios no



ombro. Acho que será melhor que descanse até que cheguemos - fechou os olhos e apoiou a cabeça no encosto do assento.

Catherine o admirou dividida entre a preocupação por seu ombro que ainda sangrava, e a ira pelo que estava decidido a fazer. Depositou suas esperanças em Dominic. Só ele tinha coragem para enfrentar a seu tio. Não deveria lhe custar muito conseguir um atraso. Sim, pensou, seria bem fácil convencer Dominic. Uma parte dela se sentiu estupidamente contrariada por que assim fosse.



Capítulo 19

— Então veja Dominic, com tudo o que aconteceu, o mais razoável é adiar o casamento - Catherine, pálida e tremendo, o enfrentou no pequeno vestíbulo da capela, com o vestido de casamento ligeiramente enrugado e várias mechas de cabelo que se soltaram dos grampos.

Estava fazendo um esforço para parecer tranqüila, mas tinha as mãos unidas e parecia estar desesperada e abatida. E mais bonita do que nunca, na opinião de Dominic.

— O que diz seu tio? — depois de contar a fracassada tentativa d Edmund de acabar com a vida de Catherine, o duque tinha sido levado para uma sala de estar onde o médico pudesse atendê-lo. Graças a Deus, Wentworth parecia estar bem.

— Meu tio... — Catherine vacilou — está ferido. Não pensa com muita clareza agora mesmo - ela se remexeu inquieta sob seu escrutínio e depois afastou o olhar com as bochechas ligeiramente rosadas.

— O que significa - afirmou Dominic — que tem a maldita intenção de seguir com o assunto.

— Mas não posso fazê-lo! Não entende? Meu primo morreu!

Dominic observou como tremiam seus lábios e quão desolados pareciam seus enormes olhos verdes. Precisava esquecer-se de todo esse sórdido assunto, tinha que sossegar os rumores antes que estes voltassem a começar. Sem dúvida o duque se deu conta com a mesma clareza que ele.

— Acredito que o vigário nos está esperando, meu amor. Se seu tio se recuperar, me ocuparei de que assista, caso contrário pode nos felicitar depois.



— Dominic, não pode falar a sério. O que acontecerá com Amélia? Edmund e ela vieram diretamente para cá de Londres, sabe Deus onde estará agora ou o que lhe contou Edmund antes de abandoná-la. Quando souber o que aconteceu ficará destroçada. Precisarás de mim e terei que...

— Ocuparemos-nos da Amélia quando chegar o momento - ele se aproximou dela, decidido a terminar com o que seu tio tinha posto em marcha.

— E que há com você? — Respondeu Catherine afastando-se dele — Esta é a oportunidade que estava procurando. Se adiar as bodas talvez não tenha que se casar comigo.

Dominic sacudiu a cabeça.

— Seu tio tem razão. Desde o momento em que te levei para minha cama é minha responsabilidade. Deveria ter me ocupado de seus assuntos faz muito e tenho a intenção de fazê-lo a partir de agora.

— Maldito seja! Está decidido a arruinar minha vida!

Dominic se deteve um momento.

— Catrina, temo que a sorte já esteja lançada. Minha mãe me ensinou faz anos que o melhor é conformar-se com as cartas que nos dá o destino - ele lhe ofereceu o braço — Vamos?

Embora com uma careta de ressentimento, Catherine colocou a mão sobre a manga da casaca de Dominic. Ele ajeitou uma rosa que ameaçava cair de seu cabelo revolto e em seguida a conduziu para a porta.

Bem na entrada, sentado em um dos bancos de nogueira da iluminada capela, estava Rayne Garrick, que ficou em pé ao vê-los entrar. Pouco depois entrava o duque depois de sair da sala apressadamente.



— Vejo que já estamos todos aqui - disse Gil, ligeiramente pálido, mas com um sorriso — Espero não tê-los feito esperar.

Tinha a ferida enfaixada e o braço numa tipóia com a casaca azul escuro cobrindo o ombro ferido.

— Tem certeza que está bem? — Perguntou Catherine como se acabasse de desaparecer sua última esperança de obter a dispensa.

— Estarei muito melhor assim que tenha completo com meu dever - ele fixou seu penetrante olhar em Dominic, o qual nem se alterou.

— Sua sobrinha e eu estamos preparados - Dominic lhe correspondeu com um falso sorriso que quase ninguém deixou de notar — Não é assim, querida?

Quando ela abriu a boca para protestar, Dominic apertou seu braço.

— Sim, tio.

— Tem os documentos do acordo matrimonial? — Perguntou o duque. Dominic meteu uma mão no bolso do colete e tirou os papéis que davam a Catherine o controle de suas terras. Os entregou ao duque, o qual só lhes deu uma olhada por cima — De acordo? Prosseguimos?

Quando Wentworth pôs-se a andar atrás de Dominic e Catherine pelo corredor e sentou em um dos bancos dianteiros da igreja, Rayne se colocou ao lado de Dominic diante do vigário que estava de frente para eles com uma Bíblia aberta nas mãos.

— Sem a Amélia, não tenho ninguém para me acompanhar - disse Catherine em voz baixa.

— Não se preocupe milady - a esposa gordinha do vigário se adiantou com um sorriso — Será uma honra me pôr ao seu lado.

Catherine engoliu em seco e a olhou fixamente.

— Obrigada.



Tudo terminou em poucos minutos. Dominic teve dificuldade em concentrar-se no que o vigário dizia até que Rayne o acertou dissimuladamente com uma cotovelada para que pegasse o belo anel de esmeraldas que tinha comprado para Catherine. O pôs no dedo tremulo olhando-a nos olhos durante um instante antes que ela afastasse o olhar.

— Pode beijar a noiva - disse o vigário.

Catherine levantou a rosto, mas não fechou os olhos. Dominic segurou seu queixo, lhe acariciando ligeiramente os lábios com a boca. Estavam tão frios como o mármore e lutou contra o impulso de esquentá-los, fazer com que se derretessem sob os seus como sabia que podia fazer. Sentiu uma tensão na região lombar ao pensá-lo e então se afastou com um juramento na ponta da língua.

— Parabéns - Rayne apertou a mão de Dominic e em seguida rodeou Catherine com os braços para lhe dar um beijo muito pouco fraternal. O estômago de Dominic se revolveu, mas ele se forçou a sorrir.

— Tão doce como néctar - disse seu amigo separando-se dela — É um homem muito afortunado.

Dominic quis bater nele ao ver o sorriso irreverente em seu rosto atraente.

O duque abraçou a Catherine, sussurrou o que pareciam ser palavras de ânimo, e o vigário e sua esposa os felicitaram.

— E Amélia? — Perguntou Catherine.

Dominic se voltou para olhá-la.

— Assim que Malcon chegar lhe direi que a procure.

— Assim que saibamos onde está - acrescentou o duque — eu irei e lhe explicarei o que aconteceu.

— Você não pode fazê-lo, tio. Eu devo dizer-lhe, vai necessitar de uma amiga mais que nunca.



— Amor, te ocorreu pensar — perguntou Dominic cuidadosamente — que pode ser que seja a última pessoa a que ela queira ver?

— Você deve ir para casa com seu marido, querida - disse Gil — Dentro de uns dias, se estiver bem para Gravenwold e Amélia desejar, você poderá ir vê-la.

— Seu tio tem razão, Catrina. Dê um pouco de tempo a lady Northridge.

— Mas o enterro... Não há razão nenhuma para não ir.

O duque grunhiu algo nada agradável.

— Considerando as circunstâncias, pensava em celebrar uma pequena cerimônia privada amanhã. Ninguém tem por que saber de que não foi.

— Eu saberia.

O duque se dirigiu a Dominic.

— Eu preferiria que ela fosse com você para Gravenwold, mas não tenho coragem de obrigá-la. Deixarei que seja você quem decida.

Dominic olhou para Catherine.

— Já deu o suficiente para Edmund. Vamos.

Catherine lhe agarrou o braço, sua mão parecia muito pequena e pálida contra o tecido da elegante jaqueta dele.

— Por favor, Dominic. Edmund significava muito para mim.

Maldição queria levar-la dali. Embora estivesse muito ressentido com ela, queria mantê-la segura e afastada de toda essa tristeza. Em qualquer caso, essa gente era sua família e sabia quão importante era isso.

Voltou a olhá-la, observando seu queixo ligeiramente levantado e os ombros esticados. Se tentasse impedir-la o mais seguro é que tivesse que amarrá-la. Em outro momento, ele teria rido.

Em troca voltou sua atenção a Wentworth.



— Ninguém tem que saber da verdadeira causa da morte do barão, ele poderia ter morrido de uma simples queda de cavalo. Se nos mantivermos unidos, essa explicação deveria ser suficiente.

O duque assentiu.

— Catherine e eu nos partiremos amanhã, assim que termine o enterro.

— Obrigado - disse Catherine.

Seus olhares se encontraram e a gratidão nos olhos dela lhe esquentou suas veias. Isso era o último que ele desejava.

— A carruagem está esperando - disse com a voz gelada — Vamos.

Dominic rodeou os ombros de Catherine com um braço e a dirigiu para a entrada. Antes que pudessem chegar, a pesada porta de madeira se abriu iluminando o vestíbulo com o sol que brilhava por cima da cabeça loira de Amélia. O pequeno Eddie estava ao lado de sua mãe, segurando sua mão com seus enorme olhos azuis e as bochechas cobertas de lágrimas.

— É verdade? — Perguntou Amélia com uma voz aguda, quase histérica— Meu Edmund está morto de verdade?

— Por que não se sente querida? — Perguntou o duque dando uma olhada em Eddie — Talvez fosse melhor que o menino esperasse lá fora.

— Ele já sabe - declarou Amélia.

As contas de cristal de seu elegante vestido azul brilhavam tanto quanto as lágrimas que alagavam seus olhos.

— Esse homem, Malcom, deteve nossa carruagem no caminho; queria que voltássemos à estalagem, mas me neguei, obriguei-o a me dizer o que tinha acontecido - evitou que as lágrimas caíssem com um lenço branco de renda.

— Sinto muito, querida - disse o duque.



— Chegamos um pouco antes do que pensávamos de modo que paramos para tomar algo na estalagem. Edmund disse que tinha algumas coisas que fazer... que chegaria a tempo para o casamento. Estivemos esperando e esperando... ao ver que não voltava, decidimos vir por nossa conta. Pensamos que se atrasou... pensamos... meu Deus, não é possível que esteja morto! — Amélia cambaleou e Rayne a abrigou contra seu amplo peito.

Conduziu-a até um dos bancos vazios da igreja, em seguida se aproximou de Eddie e o sentou ao lado de sua mãe, que abraçou o menino contra seu peito.

Catherine cruzou a sala e se ajoelhou ao seu lado.

— Amélia, sinto... sinto muito, muitíssimo.

Ambas se abraçaram e Catherine incluiu Eddie no abraço.

— Ele o fez por nós sabe? — Disse Amélia chorando — Estava preocupado por nosso futuro... pelo futuro do pequeno Eddie. Ainda não posso acreditar que queria te fazer mal.

Catherine não disse nada.

— Claro que sabia que podia ter ido a mim.

Amélia retorceu o lenço.

— Deveria tê-lo feito. Você sempre foi boa conosco... mas não entendo...

— Eu também não. Mas quero que saiba que não tem nada com que se preocupar. Nunca teve motivos para fazê-lo.

As lágrimas caíam por suas encantadoras bochechas enquanto olhava o anel de esmeraldas que Catherine usava.

— Acredito que agora tudo é de seu marido; embora te assegure que não estamos na indigência como Edmund parecia achar.

— Meu marido me concedeu o controle de minha fortuna e o título de Arondale. Você e Eddie são minha família, e eu gosto muitíssimo de ambos.

O olhar da Amélia se dirigiu às mãos que mantinhas unidas em seu colo.



— A maioria das pessoas nos teria desprezado pelo que meu marido fez. É uma boa amiga.

Catherine a abraçou com as bochechas cheias de lágrimas, então Dominic tocou seu braço.

— Acho que seria melhor para todos se fôssemos.

Tinha razão. Embora a igreja estivesse vazia, o vigário e sua esposa estavam muito perto e havia criados nos arredores. Todos eles tinham ouvidos e quanto menos gente soubesse a verdade do acontecido, melhor.

— Eddie e você irão para Lavenham - disse Gil a Amélia — O ar do campo ajudará a esquecer toda esta desgraça.

— Obrigado, Sua Graça - Pela primeira vez, Amélia se ateve no ombro ferido — Santo Deus! Está você ferido. Foi... foi meu Edmund?

— Um dos assaltantes - respondeu Gil — Logo estarei bem.

— Vou cuidá-lo, Sua Graça. Ocupar-me-ei eu mesma de sua recuperação.

Gil esboçou um débil sorriso.

— Pronta amor? — Perguntou Dominic. Desejava poder fazer algo para aliviar a tristeza de Catherine, mas não havia nada. Só o tempo conseguiria fazê-la esquecer e voltar a ser feliz.

Franziu o cenho. A vida que a esperava ao seu lado não ia ajudá-la a ser feliz. Um marido só de nome. Uma vida estéril, sem filhos, que se prolongaria durante anos. Em qualquer caso estaria a salvo e sem preocupações, como correspondia a uma dama rica e poderosa, invejada por quase toda a alta sociedade.

Com a mansão Gravenwold e as terras de Arondale que ainda possuía, ia ter muitas coisas com as quais ocupar seu tempo, e talvez o pequeno Janos pudesse substituir o filho que lhe recusava. Negou-se a pensar que teria um amante e a veria levando ao filho de



outro homem. Por Sara Kali, não ia permiti-lo! Não importava o quanto que ela o desejasse; o assunto estava terminado e ela ia ter que aprender a aceitá-lo.

Rogou a Deus poder fazê-lo.

* * *

Catherine mal se recordava do enterro, apenas permanecia em sua memória o punhado de pessoas que rodeava a tumba nos terrenos de Lavenham. Pensou por um momento que Edmund, como irmão de seu pai, deveria ter sido enterrado em Northridge ou em Arondale, mas ele era o responsável por seu próprio final; quem importava agora eram sua esposa e seu filho. E manter em segredo a verdade.

Ao menos teve tempo de falar com a Amélia. Sua amiga tinha lhe pedido perdão uma e outra vez pelo dano que seu marido lhe fez, e Catherine a assegurou de que não a culpava. Finalmente as duas mulheres choraram juntas no que foram as primeiras lágrimas de verdade que Catherine derramava desde seu seqüestro. Serviu-lhe para desafogar-se, mas a tentação de chorar por seu matrimônio era muito forte e não estava disposta a ceder à tentação outra vez.

Embora sua lembrança do enterro fosse confusa, também não era muito mais claro a da que se supunha que ser sua noite de núpcias. Esta se reduziu a algumas horas em seu dormitório de Lavenham sem seu marido. Dominic passou a noite em uma sala do andar de baixo, “como respeito por sua dor”, ele disse aos outros.

Mas Catherine sabia a verdade. Aquela noite era só o princípio das inúmeras noites que ia passar sozinha ao longo dos anos. Ela perguntou-se o que teria pensado seu tio quando a viu retirar-se sozinha; percebeu da careta de desgosto ao olhar para Dominic e do sentimento de culpa quando seus olhos se ativeram nela.



Ela perguntou para si própria ele lamentava sua decisão, mas algo em sua atitude lhe indicou que não perdia as esperanças. Soube que ainda acreditava que Dominic finalmente esqueceria sua ira, voltar-se-ia para Catherine e se converteria no marido que acreditava que ela necessitava.

Desejava com toda sua alma poder compartilhar da certeza de seu tio, mas conhecia Dominic muito melhor que ele e estava o par de seu ressentimento e determinação.

Dominic ia fazer exatamente o que prometeu a si mesmo, como sempre.

Assim que acabou o enterro, Dominic colocou Catherine em sua carruagem e abandonaram Lavenham Hall em direção ao seu novo lar. Foi um trajeto desagradável com pouca conversa e respostas diretas; a tensão entre eles foi aumentando cada dia mais. As noites durante a viagem foram exatamente como tinha previsto: Dominic se preocupava com que estivesse cômoda e em seguida a abandonava.

Entre eles havia uma atitude distante que nunca antes existiu; um absurdo excesso de formalismo.

— Está quente o bastante, milady? — ele perguntava, ou— Você tem fome, milady? inclinava-se sobre sua mão, sorria poucas vezes e seu olhar permanecia indiferente e distante. Suas maneiras perfeitas e suas frases diretas a enfureciam queria esticar o braço e lhe dar uma bofetada, o sacudir e o obrigar a admitir que fossem quais fossem seus sentimentos por ela, estavam condenados a permanecer juntos o resto de suas vidas e tinham que resignar-se.

Mas não disse nada. Limitou-se a se comportar como a dama que era e a responder com a mesma formalidade que ele.

No dia seguinte chegaram ao Gravenwold, uma enorme mansão em Buckinghamshire. Construído com grandes pedras cinza e com uma altura de quatro andares, de fora era impressionante, mas por dentro estava fria e mofada. Perguntou-se



como tinha sido o homem que viveu ali, se seria tão sombrio e triste como a casa e se Dominic também seria assim.

O mordomo se ocupou de sua capa e Dominic apresentou aos membros do pessoal que pareceram todos agradavelmente surpreendidos.

Então se aproximou um criado ancião.

— Bem-vinda ao seu novo lar, milady - parecia tão frágil com a pele sulcada de veias e suas pernas tremulas que era um milagre que pudesse manter-se em pé.

— Apresento-a a Percival Nelson — Dominic disse — meu ajudante de câmara e amigo.

A apresentação teria surpreendido a qualquer; um marquês nunca reconhecia ter amizade com um criado; mas não surpreendeu a Catherine. Para os ciganos ninguém era inferior, exceto, talvez, um aristocrata gadjo.

— Me chame de Percy, milady - disse o ancião com um sorriso choroso — como todo mundo.

Catherine também sorriu.

— É um prazer conhecer os amigos de Dominic.

A uns metros de distância o majestoso mordomo tossiu, mas Percy estava radiante de alegria.

— Blythebury apresentará os criados ainda não conhece - disse Dominic dirigindo-se ao alto e digno mordomo ao qual tinha sido apresentada antes — Eu temo que tenha vários assuntos que atender.

Catherine se obrigou a sorrir.

— É claro.

— Milady - Dominic fez uma ligeira reverência, deu meia volta e se foi.



E isso foi tudo, tremendamente respeitoso e aterrador. Só uma vez Catherine tinha sentido tanto desespero; na noite que despertou a bordo de um navio com destino à França. Na noite que a venderam aos ciganos e ainda assim, o brusco tratamento que recebeu foi melhor que isto.

Diante dela se estendia um futuro triste e solitário. Seguiu ao mordomo enquanto subiam as escadas com seus passos ressoando na pedra. Se resigne, disse-se, aprenda a tirar o máximo possível da situação. Desde o começo sabia que Dominic não ia perdoá-la nunca por ter tido que casar-se.

Tentou sem descanso convencer a si mesma a aceitar o que não podia mudar como levava semanas fazendo, e quase tinha conseguido quando o mordomo a levou a uma sala afastada da do senhor da casa.

— Suponho que meu dormitório é ao lado do de meu marido - disse Catherine sem pensar.

Blythebury corou.

— Sua Senhoria pensou que estaria mais acomodada aqui, só enquanto esteja de luto, certamente.

— Bom, pois Sua Senhoria está equivocado.

Não soube que foi o que se apoderou dela, que a obrigou a dar meia volta e voltar para luxuoso quarto que evidentemente pertenceu à antiga marquesa a qual nunca ia conhecer. Talvez fosse devido à humilhação que sentiu ao ver que todos os criados deviam estar a par do que seu marido sentia por ela. Talvez fosse pelas paredes escuras e o eco de seus passos anunciando, como um sino, os anos vazios que a esperavam.

Fosse pela razão que fosse nesse momento decidiu que não ia se sentar tranqüilamente permitindo que Dominic arruinasse as vidas de ambos. Não estava disposta



a aceitar docilmente essa lúgubre mansão nem essa deprimente vida cheia de solidão e desespero. Era Catherine Barrington Edgemont, Marquesa do Gravenwold e ia lutar!

Blythebury a surpreendeu ao sorrir de orelha a orelha; algo que não devia fazer habitualmente, conforme podia adivinhar.

— Exatamente, milady - disse, entrando atrás dela no quarto vazio — Deveria ter sugerido este dormitório desde o começo - começou a manusear os lençóis, os tirando e amaciando os travesseiros da enorme cama com dossel de seda dourada — Eu direi à criada que venha arejá-lo imediatamente. Deveria ter me ocupado eu mesmo.

— Obrigado, Blythebury.

Ele mesmo ocupou-se dos baús até que Gabby chegou para fazê-lo.

— Vou redecorar este quarto - disse Catherine com firmeza observando o ligeiro matiz mostarda dos tapetes e o tom excessivamente gritante das cortinas de seda da cama. As paredes estavam parcialmente cobertas com madeira, mas o papel dourado apagava sua beleza simples.

— É tudo muito escuro e deprimente. Quando Dominic estiver de melhor humor, talvez possa convencê-lo a me permitir fazer algo no resto da casa - podia ficar muito bonita, pensou ao recordar as dimensões que tinha visto embaixo. Um edifício incrível ofuscado por uma má escolha de tecidos e tapetes.

Por ser construída em pedra lhe recordava, de certo modo, ao Arondale. Ela perguntou-se pela última marquesa e prometeu que iria cuidar melhor da mansão do que esta tinha feito.

— Está claro que seu marido estará de acordo - disse Gabby — Um homem necessita de uma mulher para manter a ordem. Sua Senhoria se dará conta da maravilhosa marquesa que é você e cairá perdidamente apaixonado.



Catherine não se incomodou em explicar que Dominic não estava apaixonado por ela definitivamente. Nem sequer tinha sido capaz de explicar a Gabby as circunstâncias de seu matrimônio; era demasiado embaraçoso admitir que seu marido não a queria em sua cama.

Catherine trabalhou junto com Gabby, reorganizando o quarto e desfazendo a bagagem até que ouviu um suave golpe na porta.

— Provavelmente seja seu marido - disse Gabby cruzando o quarto para deixá-lo entrar — deve estar impaciente para estar com a noiva.

Catherine revirou os olhos. Cedo ou tarde ia ter que dizer a verdade a Gabby, a não ser é claro, que pudesse mudar as coisas de alguma forma.

Como Catherine tinha adivinhado, quando a moça francesa abriu a porta, não era Dominic se não Percy quem estava na entrada. A quem não esperava ver era ao menino que levava pela mão.

— Janos! — Catherine deixou cair à camiseta de renda que tinha nas mãos e foi rapidamente para ele.

— Espero que não a estejamos incomodando, milady - disse o velho criado — supunha-se que Janos ia deixá-la descansar até que Sua Senhoria voltasse, mas já sabe como são os meninos.

Catherine se ajoelhou ao lado do menino de pele escura com um cálido sorriso. Quando abriu os braços, o menino se meteu entre eles e a abraçou.

— Dominic não me disse que estava aqui.

Janos jogou os braços à suas costas pegando-se a ela um pouco mais do que Catherine esperava e logo se afastou.

— Talvez quisesse lhe fazer uma surpresa.



— Sim... deve ser isso - na verdade tinham falado muito pouco desde seu casamento e nunca sobre algo importante. Em qualquer caso lamentava não havê-lo sabido, desse modo teria podido iludir-se com algo.

— Voltamos juntos da França - disse o menino, em resposta a sua pergunta tácita— Meu padrasto morreu em uma briga.

— Lamento - disse Catherine, recordando de Zoltan, o homem cruel com o qual Janos vivia. Tomou nota da elegância da roupa do menino e de seus sapatos limpos. Era evidente que Dominic queria ficar com o jovem — Me alegro muito de vê-lo, tinha medo de estar sozinha aqui, mas agora tenho a você para que me fazer companhia.

Ele arqueou suas sobrancelhas finas.

— Tenho muito que estudar, mas você tem ao Dominic. Pode chegar a ser muito divertido.

Catherine tentou com todas suas forças não voltar a rir. Era um menino encantador. Por outra parte Dominic não ia ficar nada contente, o mais provável é que estivesse de mau humor e tão distante como no casamento. A não ser que...

— Estou aprendendo a ler - disse Janos com orgulho.

— Isso é estupendo.

— Pode ser que algum dia retorne à caravana para ensinar aos outros.

— Acho que é uma boa idéia - Catherine não podia deixar de pensar que no pouco tempo que fazia que não o via, Janos parecia ter amadurecido— Você sente falta deles?

— Sobre tudo dos meninos. Aqui não há ninguém com quem brincar.

— Mas isto não é certo. Os criados têm filhos e deve haver muitos deles vivendo nas terras de Gravenwold - Se deu conta muito tarde da expressão de angústia de Janos e notou uma suave cotovelada por parte de Percy.



— Ainda não o aceitam muito bem - disse o ancião — É diferente sabe? Vai demorar um pouco.

— Nunca vão gostar de mim - disse Janos — e eu tampouco deles.

— Mas Janos...

— Agora tenho que ir, Catrina; quero dizer, lady Gravenwold - se voltou para Percy — O senhor Reynolds me está esperando.

— É o tutor do menino - explicou Percy.

Catherine apertou a mão de Janos.

— Irei ficar muito zangada se não me chamar de Catrina; ao menos quando estivermos sozinhos.

Janos sorriu.

— Promete-o?

— Prometo-o.

— Bom. Agora vá, voltaremos a nos falar mais tarde.

Janos agarrou a mão de Percy e ambos puseram-se a andar pelo corredor. Catherine se perguntou quem estava cuidando de quem.

Ao recordar a conversa franziu o cenho. Não lhe surpreendia que o menino tivesse problemas com outros meninos. Antes que seu pai fundasse a Charity School de Mondale era freqüente que houvesse problemas de prejuízos e ciúmes entre os meninos. Seu trabalho na escola tinha lhe demonstrado que a resposta era a educação. Esse era outro dos temas que tinha que falar com Dominic.

Ao pensar no confronto iminente endireitou os ombros. Certamente tinha muito trabalho que fazer.

Pela primeira vez em semanas, Catherine sorriu.



Capítulo 20

Dominic levantou uma última pá de terra por cima de seu ombro nu e jogou a ferramenta para um lado. Os últimos raios de sol já tinham desaparecido, lhe deixando como única companhia do canto dos grilos. Os outros trabalhadores já estavam em suas casas fazia tempo, mas ele ficou para terminar de cavar as valas.

Tirou um lenço do bolso das calças para secar o suor da testa que também descia por seu peito e ombros. Mas não se importava, sentia-se bem longe de casa e de Catherine.

Queria esgotar-se até o ponto de deixar de pensar nela.

Recolheu a camisa e a pôs, depois foi em busca de seu cavalo, montou e voltou, o deixou no estábulo, onde desmontou e entregou as rédeas a um dos moços.

— Boa noite Sua Senhoria.

— Boa noite, Roddy.

— Lady Gravenwold estava lhe buscando - disse o desajeitado moço o surpreendendo.

Dominic se esticou.

— Aconteceu algo?

— Não senhor. Só disse que fazia muito tempo que o senhor saiu e que começava a ficar preocupada.

— Obrigado, Roddy. Eu irei me assegurar de que entenda que muitas vezes fico trabalhando até tarde - E que pensava continuar fazendo-o, e agora mais do que nunca.

— É uma dama muito amável - disse o cavaleriço com um amplo sorriso — E bonita.

Mais que bonita, pensou, mas afastou a idéia.

— Se ocupe de dar ao Chavo uma ração extra de aveia. Ele também teve um dia duro - todos os cavalos de Gravenwold tinham nomes ciganos, embora ninguém se desse conta.



Dominic estava secretamente orgulhoso do êxito dos animais, uma pequena comemoração aos ciganos que o tinham ensinado o que sabia sobre os grai.

Ele empreendeu a viagem de volta para a casa, perguntando-se a razão de Catherine ter ido buscá-lo. Desde o dia das bodas se mantinha tão se separada dele como ele dela. E Dominic queria que as coisas continuassem assim.

Entrou na casa e foi diretamente para seu dormitório. A estas horas, Catherine já deveria ter jantado e teria se retirado. Ao menos ele esperava isso; quanto menos a visse melhor. Justamente o contrário de Janos. Esperava com ilusão o tempo que passava com o menino e agora se sentia um pouco culpado. Janos emocionou-se ao saber de seu matrimônio com Catherine; quis ir vê-la assim que chegou, mas Dominic o fez esperar para dar tempo a ela de instalar-se.

Exatamente quanto tempo ia esperar? pensou sorrindo. Com certeza a estas horas o menino já tinha arrumado para ir vê-la. Janos era tão teimoso quanto ele naquela idade; apostava que já se viram.

— Já está você em casa, milord - disse Percy do alto das escadas — O vi chegar a cavalo. Tem o banho preparado e Sua Senhoria o espera no salão azul.

— O que? — Foi como se houvessem lhe dado um murro no estômago — Certamente está cansada e precisa deitar-se. O que está fazendo ali?

— Bem, é evidente que quer jantar com você, Cook preparou algo especial. Esperávamos que chegasse antes - respondeu Percy com um ligeiro tom de censura — mas às vezes acontecem estas coisas.

— Vão acontecer com bastante frequência, como todos deveriam saber Percy.

— Já viu o menino, senhor. Levei-o para a cama.

Dominic assentiu.



— Muito bem - abriu a porta e entrou em seu quarto. A roupa estava preparada em cima da cama: uma casaca azul escura, um colete branco e umas calças cinza. Nunca usava roupa interior, em certas coisas não estava disposto a ceder.

— Vai necessitar de algo mais, milord?

Dominic olhou a fumegante banheira e pensou em seus músculos cansados. Precisava descansar antes de enfrentar a Catherine. O que ela estaria tramando?

Suspirou e começou a tirar uma bota; não ia poder sabê-lo até que descesse e então já seria muito tarde.

* * *

Catherine andava de um lado para o outro sobre o tapete Aubusson do salão azul, vestida com um vestido de cor vinho de cetim e brocados. Maldição! Sabia muito bem que Dominic queria evitar vê-la, mas ao menos ele podia disfarçar diante dos criados...

Novamente se convenceu de que a meta que se propôs não ia ser nada fácil. Era melhor que se preparasse para a batalha que a esperava e que fizesse o melhor possível.

Como se o tivesse convocado com sua mente, nesse momento entrou Dominic, mais atraente do que nunca com o cabelo úmido e encaracolado e a pele mais bronzeada que antes.

— Boa noite milord - disse aproximando-se dele com um sorriso — Como demorava pedi que nos servissem aqui o jantar; espero que o agrade.

Dominic a olhou com cautela.

— Me agrada muito milady. Mas de agora em diante não tem porque se incomodar. Estarei trabalhando até tarde muito freqüentemente; você pode jantar quando quiser.

Catherine se limitou a sorrir e a lhe oferecer um copo de vinho.



— Eu asseguro marido, que é não nenhum problema.

Embora sua expressão refletisse indiferença e inclusive desgosto, quando estendeu a mão para segurar o copo, Dominic roçou sua mão e inconscientemente apertou os dedos em torno do cristal. Catherine sentiu a mesma descarga pelo contato e se alegrou ao perceber que ele ainda sentia algo por ela.

— Venha... sente-se, deve estar cansado - apoiou uma mão em seu braço e o acompanhou até o sofá sentando-se ao seu lado.

Por ser alto podia ver perfeitamente o profundo decote do vestido. Dois suaves globos se levantavam convidadores, como ela tinha planejado.

— De onde tirou esse vestido? — seus olhos negros estavam fixos exatamente onde ela desejava.

— Você não gosta? — Perguntou com fingida inocência. Gabby tinha demorado horas para rebaixar tanto o decote.

— É quase indecente — ele grunhiu — Espero que não lhe ocorra usar isso fora de casa.

— Eu tinha pensado em usá-lo para o jantar de St. Giles - era completamente falso, mas ao ver a reação de Dominic começou a gostar da idéia — A cor é adequada para essa época do ano, mas... se de verdade você não gosta...

Um músculo palpitou na bochecha de Dominic.

— St Giles é como um cachorrinho doente de amor por você; não tem porque o animar. Eu preferiria que pusesse algo mais recatado.

Catherine deu de ombros.

— Não se importou enquanto íamos com a caravana; surpreende-me que se preocupe agora.

— Isso era diferente.



— Sim? Por quê?

— Por que agora é minha esposa. E sugiro que falemos de outra coisa.

Nesse mesmo momento um dos criados, um homem magro chamado Frederick, chegou com uma bandeja com o jantar. De debaixo da tampa de prata saía um apetitoso aroma de guisado de carne.

— Deixe-o em cima da mesa Frederick - lhe ordenou Catherine. O criado assentiu, depositou a pesada bandeja na mesa e abandonou o salão.

Atraído pelo delicioso aroma, Dominic levantou a tampa e sorriu.

— Gulyds - disse, lambendo inconscientemente os lábios — Meu prato favorito. Como demônios Cook soube fazê-lo?

— Eu sei fazê-lo, lembra? Simplesmente, disse-lhe o quanto que você gostava e não parou até conseguir fazê-lo à perfeição. Espero que esteja como você gosta.

Ele pegou uma colher, colocou-a dentro e o provou.

— Delicioso - começou a servir-se, mas se deteve e franziu o cenho — Bom Catrina, o que está jogando?

— Jogando milord? Não estou jogando nada. Estou interpretando o papel de esposa, isso é tudo. Sinto se você não gosta.

Mas, apesar de si mesmo, gostava. Catherine sabia embora ele tentasse negá-lo.

— Agrada-me —admitiu finalmente — como você sabe muito bem — lhe deu um olhar que poderia ter cortado o aço — Mas vir aqui, vestida desse modo, não.

— Preferia que eu usasse trapos para jantar? — Ela perguntou.

— Preferiria que se vestisse como uma freira e se mantivesse tão longe de mim como fosse possível. Já que não vai fazê-lo, sugiro que faça outra coisa.

— O que?

— Procure alguma forma de se entreter que não me inclua.



— Mas, como sua esposa, é minha obrigação o servir.

Dominic sorriu friamente.

— Desde quando deseja você me servir, Catrina? Certamente não foi na França, quando eu o desejava.

Catherine não disse nada.

— Conhece as condições de nosso acordo; espero que as cumpra.

— Você e meu tio se puseram de acordo, não eu. Casei-me com você, Dominic e vou me comportar como deve fazer uma esposa. O que você faça é coisa sua - lhe sorriu afavelmente — A verdade é que tenho muita fome, vamos comer?

Dominic resmungou algo baixo, mas não acrescentou nada mais, e Catherine não queria continuar pressionando. A batalha acabava de começar; a estratégia indicava que ia ser uma campanha longa e delicada, portanto não havia nenhuma necessidade de apressar as coisas.

Em qualquer caso, acreditava ter ganhado a primeira escaramuça.

* * *

Na noite seguinte Dominic encontrou Catherine o esperando como à vez anterior, embora desta vez voltasse ainda mais tarde. sentou-se com ele para jantar mantendo uma conversa cortês e preciosa com seu vestido rosa pálido cujo decote era também muito baixo.

Desta vez não fez nenhum comentário a respeito e fez um esforço por não fixar-se, coisa que não foi nada fácil. Falaram de Janos e pôde comprovar o carinho que ela sentia pelo menino.

— Estou preocupada com ele, Dominic. Temos que fazer algo para que o aceitem.



— Se te ocorrer como me avise — ele disse sombriamente.

Ela abriu a boca para falar, mas pareceu pensar melhor.

— Pensarei nisso - concluiu.

Ao ver que ele não fazia nenhum esforço por manter a conversa, nem permitia que seu olhar descansasse mais de um instante na indecente exibição de seus seios, retirou-se com um educado “boa noite”, aparentemente chateada com sua indiferença.

Ele sentou-se a sós diante do fogo e quando terminou a taça de brandy se serviu de outra e a levou para o dormitório. Ao abrir a porta encontrou com Percy o esperando como sempre; o velho ficou adormecido em uma poltrona. Dominic sorriu ao ouvir seus roncos, sentou-se na cama e tirou as botas.

Quando se despiu e pôs um robe verde escuro, inclinou-se sobre Percy e sacudiu seu ombro.

— Vá se deitar, amigo.

— Como? — Os aquosos olhos azuis o olharam — Mas, com certeza necessita que o ajude.

— Eu estou bem, você vá dormir - não necessitava que um criado o ajudasse a despir-se.

Percy foi dando tombos, meio dormindo, para a porta, desejou-lhe boa noite e a fechou. Dominic se dirigiu para a cama, mas um ruído no quarto ao lado o distraiu. Fazia anos que ninguém usava esse dormitório, mas... o ouviu de novo, estava certo de que eram passos.

Furioso ao pensar que um dos criados estivesse rondando de noite pelo quarto vazio correu o fecho e abriu a porta de um puxão. Conteve o fôlego ao ver Catherine sentada diante da penteadeira, vestida apenas com uma fina camisola e escovando o chamejante cabelo.



— Que diabos acha que está fazendo? — Dominic tinha a boca seca.

— A casa é tão nova para mim que me custa conciliar o sonho - lhe sorriu suavemente — Estava desfrutando da brisa que entra pelas janelas.

Ele deu uma olhada às portas balcão abertas. Dos jardins chegava o perfume das rosas e as cortinas se moviam ligeiramente.

— Este não é seu quarto - disse.

— Não? — Catherine abriu muito seus verdes olhos — Mas não é o dormitório da marquesa?

— Sim, mas...

— E não sou eu a marquesa?

— Sim, mas...

— A menos que meu tio e você chegassem também a um acordo sobre isso, claro.

Dominic se ergueu.

— Sabe muito bem que não o fizemos.

— Então este deve ser meu quarto. Ao menos o será quando tiver tirado esses horríveis tapetes marrons e pendure algo alegre nas paredes. Não se importa que o faça, não é?

— Não. Sim. Quero dizer que não porei nenhuma objeção a nada que faça nesta triste casa, mas sim tenho a que esteja neste dormitório, sobretudo vestida assim.

Catherine olhou os seios que se grudavam à fina camisola ocultando apenas os rosados mamilos. Pegou o robe azul de seda, levantou-se e o pôs por cima. Levantou o cabelo e a pôs, permitindo a seguir que as sedosas mechas caíssem por suas costas. A luz da lareira lançou brilhou em seu cabelo loiro avermelhado.



Dominic gemeu. Com as chamas as suas costas podia ver perfeitamente o contorno de seu corpo. Como podia ter se esquecido de quão esculturais eram suas pernas e sua cintura estreita?

— Sinto se te incomodei — ela disse — Eu prometo que da próxima vez que bater na porta, estarei corretamente vestida.

Dava igual vestida ou nua; desejava-a só de vê-la. Escondida embaixo as dobras do robe, sua virilidade esta tensa e ardendo contra seu ventre; de repente o quarto pareceu ficar sem ar e muito quente. Apelou a toda sua força de vontade para não cruzar o dormitório em uma passada e reclamar seus direitos ali mesmo no chão.

— Não pode ficar aqui - disse com voz rouca.

— E por que não?

— Sabe muito bem por que; acredito que lhe demonstrei isso claramente na parte de trás de minha carreta.

Catherine corou deliciosamente.

— Não vou permitir que me jogue de meu próprio dormitório, Dominic. Não vai humilhar-me diante dos criados.

Maldição tinha razão. Deveria ter ocorrido a ele.

— De acordo, pode ficar, mas feche a porta - deu a volta para partir.

— Sugiro que a feche do seu lado se for isso o que deseja.

Dominic se voltou para ficar de frente a ela.

— Condenada raposa, está gostando disso!

— As mulheres têm... necessidades... milord, assim como os homens. Isso foi o que me ensinou.

— Maldita seja! — a mulherzinha o assediava com a mesma contundência que ele tinha feito. Seus lábios se converteram em uma linha — Não vai acontecer Catherine.



Dentro de uma semana irei a Londres, recomendo que encontre uma maneira de se entreter enquanto esteja fora.

— Um admirador, talvez? — ela zombou.

Maldita fosse! Alcançou-a em quatro passadas, segurou-a pelo braço e a arrastou contra seu peito.

— É minha esposa maldição! Você se comporta como tal ou sofrerá as consequências.

Catherine se soltou.

— Pode estar seguro de que o farei assim que você comece a se comportar como um marido - ela deu meia volta para as portas do balcão, atirando a banqueta e com os lábios fortemente apertados.

Dominic lançou um juramento, voltou-se e saiu dali fechando a porta de repente.

Estava disposto a jurar que ela se aliou com o diabo... ou com seu pai o que era o mesmo.

* * *

Catherine passou os três dias seguintes esperando que o mau humor de Dominic passasse. Também ela tinha que tranquilizar-se, não queria zangar-se, mas seu maldito despotismo o tinha conseguido. Caramba! Ia a Londres, sabe lá porque, se supunha que ela tinha que ficar no campo, de braços cruzados. Pois bem, não pensava em fazê-lo!

Claro que sua saída possivelmente fosse sinal de que o plano estava funcionando; ou talvez a tentação de fazer amor fosse maior do que estava disposto a admitir.

Esteve a ponto de começar a rir. Pensando-o bem, havia um monte de coisas que podia fazer para despertar sua paixão. O que aconteceria se o fazia? E se tinha êxito e conseguia seduzi-lo, Dominic aceitaria que seu matrimônio fosse real?



Não sabia, mas restavam quatro dias para averiguá-lo, e estava decidida a fazer justamente isso.

Com esse objetivo em mente se dirigiu aos estábulos confiando que Dominic estivesse pelos arredores.

— Vai montar Catrina? — O pequeno Janos se aproximou dela saindo de uma das portas de atrás da casa.

Catherine sorriu, pensando em quão adorável estava com a camisa branca de babados e as calças de veludo e levando as meias e os sapatos nas mãos.

— Quer vir comigo? Cook preparou uma cesta de picnic - levantou um canto do pano e Janos se inclinou para frente e farejou.

— O senhor Reynolds disse que por hoje já tínhamos terminado - sorriu mostrando seus pequenos dentes brancos — eu adoraria ir.

— Será melhor que vá se trocar; eu esperarei no estábulo.

O menino deu meia volta e pôs-se a correr.

— Sele um cavalo para o Janos - ela ordenou, ao se aproximar do desajeitado moço chamado Roddy.

— A Primas? — Perguntou ele aborrecido.

— Sim, se for esse o cavalo que monta habitualmente.

O moço saiu e voltou em pouco tempo trazendo um baio alto.

— Primas é meu favorito - disse Janos, aproximando-se deles.

— É muito cavalo para um menino tão pequeno - protestou Roddy.

— Janos é um cavaleiro excelente - Catherine recordava muito bem da habilidade de todos os meninos Pindoros para montar.



O cavaliço grunhiu. Enquanto esperavam que os cavalos estivessem preparados, Catherine olhou ao seu redor esperando ver Dominic, mas em vez de o ver, quem viu foi ao Bobby, o irmão caçula de Roddy, ambos os filhos do chefe de estábulo de Dominic.

— Olá Bobby - saudou Catherine.

— Olá, Sua Senhoria.

— Com certeza conhece Janos.

A expressão de Bobby ficou grosseira.

— Sim.

O rosto moreno de Janos não traiu o que sentia. Nada

— Talvez possa brincar juntos algum dia - sugeriu Catherine. Embora o outro fosse um ano mais velho, estava decidida a resolver os problemas aos quais sabia que Janos enfrentava diariamente.

Bobby pareceu horrorizado.

— Ele me bateu, me deixou um olho roxo. Meu pai o teria preso com uma correia se não fosse por Sua Senhoria.

Janos não disse nada.

— Por que, Bobby? Por que Janos te bateu?

— Os meninos e eu só estávamos brincando um pouco. Não queríamos lhe fazer mal.

— Zombou dele por que é diferente, estou certa?

— Foram piadas e brincadeiras - Bobby levantou o queixo.

— Você gostaria de ir à escola Bobby? — perguntou Catherine mudando de assunto de repente — Você gostaria de aprender a ler?

Ele a olhou com cautela enquanto arrastava o sapato pelo chão.

— Meu pai diz que ir à escola é uma perda de tempo.

— De verdade?



— Saber ler não vai pôr comida na mesa - acrescentou o menino repetindo evidentemente o que seu pai dizia.

— Pode ser que não ou pode ser que sim - respondeu Catherine. Virou-se e puxou Janos para levá-lo para os cavalos que os esperavam.

— Vai montar? — A profunda voz de Dominic provinha da porta do quarto dos arreios.

— Sim - notou que lhe acelerava repentinamente o coração — por que não se une a nós?

— Venha Dominic, por favor - suplicou Janos — Esta um dia lindo e podemos cavalgar pelo bosque - esclareceu a Catherine — Por um dia poderíamos voltar a ser ciganos.

Dominic mudou de postura, apoiando um de seus largos ombros no marco da porta. Pareceu vacilar um momento como se estivesse lutando consigo mesmo.

— Hoje não pequeno, tenho muitas coisas para fazer.

— Por que você não vai na frente? — Catherine perguntou ao Janos — Espere-me no topo da colina, debaixo das árvores – sorriu — Vamos cavalgar pelo rio.

Uma vez que o menino montou e se afastou, Dominic se voltou para ela.

— Não deveria o animar a ser tão imprudente - lhe acariciou o rosto com o olhar e um dos cantos de sua boca se curvou— Ou é outra de suas mutretas?

Catherine lhe dedicou um sorriso travesso que lhe indicou que tinha acertado na mosca.

— É um menino estupendo, só sinto que esteja tão sozinho.

Dominic suspirou.

— Às vezes me pergunto se fiz bem trazendo-o aqui.

Catherine tirou uma fibra de palha da camisa manchada de suor e a fez girar entre os dedos.



— Acredito que sei como o ajudar.

— O ajudar? Como?

— Quero abrir uma escola para os meninos como a que meu pai construiu em Mondale. Posso usar meu próprio dinheiro, mas ainda assim vou necessitar de sua ajuda.

— Não acredito que seja uma boa idéia. Já sabe o que a gente pensa; alguns estarão convencidos de que está semeando a origem de uma revolução.

— Claro que você não.

— Não, mas eles não vão gostar nem sequer as famílias dos meninos; irão se preocupar que logo desejem coisas que não podem ter e que tenham uma desilusão.

— Sei que não vai ser fácil, mas também sei que deve ser feito. Se quiser que Janos se sinta em casa aqui, me permita construir a escola.

Dominic tirou a palha de sua mão e passou seus elegantes dedos bronzeados por ela. A seguir sorriu e para Catherine pareceu que tinha saído o sol.

— Isso a manterá afastada dos problemas enquanto eu estiver ausente?

Ela o olhou um momento.

— Pode ser... se me prometer que você tampouco vai se colocar em dificuldades.

— O que eu faça não é de sua conta, Catrina. Mas pode construir sua escola.

Catherine teve um acesso de ira, mas se conteve; no momento o importante era a escola. —Vai me ajudar a convencer às famílias dos meninos de que os deixem ir?

— Eu te prometo que irão.

Ela se obrigou a sorrir.

— Obrigada.

Dominic a acompanhou até o castrado castanho e a ergueu sobre a sela de amazona agarrando sua cintura com suas quentes e fortes mãos.

— Desejaria que nos acompanhasse. Faria feliz ao Janos.



— Sinto muito. Há muito trabalho.

— Claro — ela disse com um último sorriso tenso — Como pude esquecer quão ocupado está? — Cravou os calcanhares nos flancos do cavalo, deu meia volta e se afastou galopando.

Janos a estava esperando no alto da colina, como tinha prometido. Não retornaram até o anoitecer, muito mais tarde que do que planejavam; mas o dia estava maravilhoso e a cesta de picnic estava cheia de saborosos bolos de carne e pudins recém assados. Brincaram de corrida pelo rio e Catherine deixou que Janos ganhasse, embora não tivesse que esforçar-se muito. O menino galopava como o vento, pensou recordando a maneira que Dominic tinha cuidado do garanhão cinza.

Uma vez no estábulo, um dos cavaleiros se encarregou dos cavalos e Catherine mandou Janos para casa enquanto ela se atrasava com a esperança de voltar a ver Dominic.

Tinha tido toda à tarde para pensar nele, calculando o que podia chegar a acontecer quando se fosse a Londres. Não suportava imaginá-lo com outra mulher. Tinha que fazer algo e rápido.

Ouviu sua estrondosa e quente risada antes de o ver; não havia voltado a ouvi-lo rir assim desde que abandonaram o acampamento cigano. Ao ouvir várias vozes mais compreendeu que estava detrás dela falando com alguns de seus homens. Sentia-se bem entre eles e por isso o admiravam. Por que não podia comportar-se assim com ela?

Permaneceu quieta entre as sombras do estábulo, escutando a conversa; sem dar a conhecer sua presença, pois todos se afastariam, inclusive ele. A menos que...

Era um truque velho, mas não lhe ocorria nada mais nesse momento, olhou ao seu redor para assegurar-se de que não havia ninguém perto, pegou um punhado de palha e pó e o esfregou pela saia do traje de montar. Repetiu a operação com o corpete, agachou-se, levantou a barra do vestido e rasgou o tecido, por último tirou várias grampos do cabelo.



— Dominic? — chamou Catherine como se o estivesse buscando, em seguida fingiu cair. Dominic acudiu correndo com vários moços atrás.

— O que aconteceu? O que aconteceu? — ajoelhou-se ao seu lado — Que alguém aproxime uma lanterna.

— Eu estou bem - lhe tranqüilizou Catherine — simplesmente tropecei, uma tolice; em geral não sou tão desajeitada.

Um dos cavaleiros trouxe uma lanterna e Catherine tentou levantar-se, dobrou um pé, cambaleou e esteve a ponto de cair. Dominic a levantou nos braços e a levou para um banco de madeira.

— É o tornozelo - disse Catherine fracamente, apoiando-se contra seu duro peito. Deus que bom estava!— Devo ter torcido.

— Está bem — Dominic informou aos outros — Eu me ocuparei dela.

Os homens se afastaram os deixando a sós; Dominic levantou a barra da saia.

— Em que pé foi?

— O direito.

O tocou com cuidado para ver onde se machucou. Catherine se estremeceu ligeiramente.

— Não parece muito sério - ele baixou a saia— Eu te levarei para casa.

— Acho que foi mais acima — Catherine disse afastando o olhar.

— Mais acima? — ele perguntou levantando novamente a saia— Se refere ao joelho?

— Um pouco mais acima.

Dominic tocou com a mão a perna coberta com uma meia branca, olhou ao seu redor para ver se alguém estava olhando.

— Será melhor que entremos em casa para poder dar uma olhada.



Catherine se limitou a assentir. Tinha-lhe secado a garganta só de imaginar Dominic lhe tirando as meias e acariciando sua pele com suas mãos morenas. Quando a pegou no colo, rodeou-lhe o pescoço com os braços e ele a transportou pelo atalho de pedra cinza que levava a casa.

— O que estava fazendo aí no escuro? — ele perguntou na metade do caminho — Ou melhor, que fazia fora de casa tão tarde? E onde está Janos?

— Janos já está dentro. Ficamos mais tempo porque fazia um dia maravilhoso e estávamos aproveitando.

— E?

— E o que?

— Se os cavalos já estavam no estábulo Que fazia você ali no escuro? — deteve-se esperando sua resposta.

Catherine vacilou um instante.

— Se quer saber, estava te escutando. Fazia muito tempo que não te ouvia rir. Não sei... acho que o sentia falta.

Dominic não se moveu, mas a agarrou com mais força. Ela notava seus olhos fixos em seu rosto; levantou a vista para ele rezando por que a beijasse, mas Dominic pôs-se a andar outra vez, abriu a porta com um chute e cruzou o vestíbulo.

Subiu as escadas de dois em dois e a levou até seu quarto depositando-a sobre a larga cama. Ela soltou seu pescoço à contra gosto.

— Será melhor que chame Gabby - disse contemplando a volumosa quantidade de veludo que ia ter que tirar.

— Posso fazê-lo eu mesma, se me ajudar.

Dominic vacilou, em seguida viu Catherine tentando alcançar os botões das costas do vestido, afastou-lhe as mãos e os soltou ele mesmo. Despojou-a dele tendo muito cuidado



com sua perna, com uma habilidade na qual ela preferiu não pensar. Catherine ficou deitada na cama com apenas as meias e a regata.

— Deveria chamar o médico - sugeriu Dominic contemplando as meias de seda que lhe cobriam as panturrilhas e a suave e leitosa pele que aparecia por debaixo da regata.

— Eu... prefiro que você veja se não se importar. Quero dizer que você já me viu antes. Com você não me dá vergonha. Além disso, provavelmente não seja nada... e é tarde para chamar o médico.

— Bem — ele se mostrou de acordo com certa relutância.

Suspirou e soltou a liga e foi enrolando a meia. Deslizou uma das mãos por debaixo da camisa, movendo-a para cima, explorando cuidadosamente a perna. Catherine notou o calor de sua mão, sentindo que lhe tremiam os dedos e gemeu.

— Eu a machuquei? — Ele perguntou afastando-se.

— Não! Bom, sim... um pouco.

— Deve ter torcido algo ao cair.

— Sim...

Dominic apertou os dentes. Levantou a beira da camisa e olhou detalhadamente a coxa nua durante vários segundos, em seguida voltou a acariciá-la.

— OH, Deus! — Sussurrou Catherine, sem poder evitá-lo.

Dominic não pareceu ouvi-la porque levantou a camisa até que perna e quadril ficaram expostos. Deslizou a mão até suas nádegas, apertou-as suavemente e Catherine estremeceu. Parecia não poder afastar a vista das curvas de seu traseiro e de sua perna.

— Dominic... - sussurrou Catherine.

Ao ouvir seu nome se afastou e Catherine amaldiçoou a si mesma. Com um enérgico movimento, Dominic abaixou sua camisa e a olhou no rosto.



— Estou segura de que não é nada sério — ela disse ofegando um pouco e desejando poder dissimular o rubor de suas bochechas.

— Não — ele disse com voz espessa — O mais provável é que amanhã já esteja bem.

— Sim.

— Será melhor que eu vá — ele disse sem mover-se.

Fique ela quis gritar, mas não se atreveu.

— Obrigada.

— De nada - deu meia volta e saiu do quarto.

Catherine se recostou contra os travesseiros e soltou um suspiro que era tanto de alívio quanto de frustração. Isto funciona! pensou. Dominic a desejava intensamente, não tinha nem a menor duvida; mas o tempo jogava em contra ela. Só restava uma noite antes que se fosse para Londres. Tinha que conseguir no dia seguinte.



Capítulo 21

Dominic cavalgou com o Rai, seu garanhão, entre as sinuosas urzes. Levantou-se um forte vento que inclinava a grama e umas nuvens completamente cinzas obscureciam o céu.

Estava há horas montando a cavalo, tanto, que o animal resfolegava e estava coberto de espuma. Quando por fim o fez parar sob um corniso*, no topo da colina da qual se dominava o rio, os olhos de Rai estavam dilatados e tinha as orelhas jogadas para trás. Apesar de estar esgotado, era evidente que tinha desfrutado do exercício.

Por desgraça, Dominic não. Ao contrário, sem importar a distância que tivesse cavalgado quão esgotado estivesse ou os esforços que fizesse para distrair-se, seus pensamentos voltavam uma e outra vez a Catherine.

Estava começando a achar que ia ficar louco.

A noite anterior tinha sido a pior de todas. Ao ouvi-la chorar, algo se rompeu em seu interior. Correu ao estábulo para descobrir que simplesmente tinha tropeçado e caído. Ainda agora não podia suportar a idéia de que algo lhe fizesse mal, nem sequer algo tão simples como uma torção.

Que tinha permanecido escutando o som de sua risada às escondidas, encolhia-lhe o coração; alguma vez pensou realmente que ele lhe importava tanto, afinal o tinha abandonado não?

Ela entregou-se a ele porque o desejava igual a outras mulheres; mas nenhuma delas ficou entre as sombras só para ouvir o som de sua voz.

Tentou lembrar quando foi a última vez que ouviu a risada dela. Só o que lhe veio à memória foi alguma risada ocasional e melancólica. Embora houvesse vezes nas quais ainda o som ressonava em seu cérebro. As vezes que tinham rido juntos no acampamento cigano.



Pensou em como se preocupava com o pequeno Janos. Desejava o proteger, seria uma mãe maravilhosa algum dia. Sua forma de expressar seu ponto de vista nunca ofendia e sempre parecia conseguir que as coisas acontecessem; desde que chegou a casa, esta era um lar, coisa que nunca tinha sido antes. Uns simples retoque aqui e lá, tirar umas opressivas cortinas, abrir uma janela ou duas para deixar que entrasse o ar...

Inclusive os criados pareciam comportar-se de modo diferente, como se suas rotineiras tarefas tivessem conquistado importância pelo fato de que Catherine ia valorizar seu trabalho fosse qual fosse.

Até a chegada de Catherine, nunca tinha considerado que Gravenwold fosse seu lar. Era apenas um símbolo de tudo o que tinha aprendido desde que deixou de viver com os ROM, as coisas que tinha obtido e as que esperava obter no futuro. Com a chegada de Catherine e suas reformas, via-se atormentado pela esperança de desfrutar do amor e de uma família, algo que nunca antes se permitiu, e que se negava a realizar.

Desmontou e passeou com o Rai ao longo do rio, permitindo que o cavalo se esfriasse um pouco. O vento revolveu seu cabelo e ele o penteou com os dedos.

Os olhou, lembrando outra vez da cena da noite anterior no dormitório de Catherine. Ainda agora ardia ao recordar o contato de sua pele, cálida e suave, sob sua mão. Um par de minutos mais e estaria perdido, apenas a imagem do sarcástico sorriso de seu pai e o eco do pranto de sua mãe, tinham-lhe impedido de tomá-la ali mesmo.

Como tinha se metido nessa confusão? Como podia sair dela sem romper seu juramento de vingança? Não entendia por que era tão difícil permanecer afastado dela, nem as emoções que lhe provocava, e não queria entendê-lo.

A única forma que tinha de manter-se cordato era partir para Londres. Não pensava em voltar até que houvesse se deitado com a metade das rameiras da cidade e apagado sua luxúria aparentemente insaciável.



Casado ou não, ele ia se livrar desse terrível desejo que sentia por Catherine, e quando voltasse a mandaria de volta para Arondale. Se algo podia fazê-la feliz, era isso.

Desse modo ele poderia continuar com sua vida como tinha planejado; Catherine obteria uma certa independência, e ele seria capaz de viver consigo mesmo.

— Ninguém entende, sabe rapaz? — Disse ao Rai, agarrando as rédeas e voltando a montar— E nada do que eu diga os fará entender.

Eles neste caso queria dizer Catherine. Como podia um homem explicar a uma mulher os motivos de uma decisão tomada muitos anos antes? Como podia lhe fazer entender que não podia romper a promessa cigana de vingar a sua mãe?

Não havia forma alguma de fazê-lo.

Pressionou com os joelhos os flancos do garanhão, e o enorme cavalo se lançou ao galope. Iria para Londres no dia seguinte, e talvez ali encontrasse um pouco de paz.

* * *

Os pequenos pés do Catherine estavam deixando uma marca no tapete de diante da lareira com seu incessante passeio. Tudo tinha que sair perfeito ou não haveria uma segunda chance. Tinha anoitecido várias horas antes, mas a lua e as estrelas brilhavam como jóias no céu; Dominic não demoraria em retornar para casa ou ao menos isso esperava.

Teria mudado de idéia e ido sem despedir-se?

Ao ouvir uma batida na porta, cruzou a sala e foi abrir para Gabby que vinha acompanhada de dois lacaios que traziam uma grande banheira de cobre e uns baldes cheios de água quente.



— Deixem em frente ao fogo - lhes ordenou Catherine. Tinha esperado até o último momento, preocupando-se para o caso da água esfriar — Rápido Gabby, me ajude a me despir - ela disse quando os lacaios se foram.

— Mon Dieu, Sua Senhoria vai enlouquecer de desejo.

— Assim espero - resmungou Catherine. Não tinha contado a Gabby toda a verdade, só que planejava seduzir ao seu marido e que queria que tudo estivesse perfeito.

— Disse algo? — Perguntou Gabby.

— Dizia que estou certa de que vai ficar louco - só rezava por que não estivesse tão zangado para negar-se a entrar — Não se esqueça de lhe deixar a nota ao lado da bandeja com o jantar.

— Não me esquecerei.

A nota dizia simplesmente: “Preciso falar com você esta noite. C.”

Catherine olhou pela janela pela enésima vez nos últimos dez minutos, com a diferença de que desta vez viu Dominic dirigindo-se colina abaixo para os estábulos.

— Vai chegar a qualquer momento.

— Vou buscar seu jantar.

— Não esqueça...

— Porei a nota onde não possa deixar de vê-la.

Catherine assentiu. Uns minutos mais tarde, ouviu Dominic entrar em seu quarto. Apoiou a orelha contra a porta de separação dos dormitórios e o ouviu falar com Percy; em seguida escutou o ruído surdo das botas caírem no chão.

— Tomei-me a liberdade de ordenar que lhe trouxesse o banho, milord — Percy estava dizendo, fazendo que Catherine gemesse. Quanto tempo ia demorar? Seu próprio banho estaria frio em breve.



Voltou a começar a andar de cima abaixo, coberta apenas com o robe de seda verde esmeralda que Gabby tinha arrumado para a ocasião. Era capaz de imaginar com muita facilidade o torso nu de Dominic enquanto se sentava na banheira com suas largas e musculosas pernas dobradas. Talvez fosse uma boa idéia entrar e começar a lhe lavar as costas, afinal de contas era sua esposa, não?

Sacudiu a cabeça. Talvez Percy ainda estivesse ali. seria melhor que se mantivesse ao plano original. Voltou a aproximar-se da porta para escutar. O valete estava saindo por fim; ouviu como fechava a porta e os passos de Dominic cruzando o quarto. Agora ia ver a nota.

Esperou, contendo o fôlego. Devia tê-la encontrado porque ouviu uma batida na porta. Catherine atirou a robe em uma cadeira e colocou um pé na água que já estava simplesmente morna. Pelo menos ainda havia espuma suficiente para cobrir levemente seus seios. Sem se importar com o calafrio que a percorreu, entrou de uma vez.

Dominic voltou a bater na porta, mais forte desta vez.

— Catherine?

Ao ver que ela não respondia girou a maçaneta; como ela queria que fizesse; e entrou.

— Dominic! —Exclamou Catherine com fingida surpresa, ficando de pé e estendendo um braço para agarrar a toalha que havia sobre a mesa, ao lado da banheira. A espuma se deslizou por seu corpo e um pouco ficou pego aos seus seios. Gotas de água caíam como um riacho por suas pernas formando um atoleiro no chão enquanto ela se envolvia na toalha.

— Sinto — ela disse — temo que não o ouvi me chamar.

— Não? — Os olhos negros dele a percorreram de cima a baixo — O que foi a nota que me deixou? Acho que dizia que queria ver-me.



— Ah, sim, a nota! Eu a escrevi esta tarde. Acreditei, equivocadamente, que se partia amanhã, provavelmente voltaria antes do anoitecer. Importar-se-ia de me dar o robe? — Apontou o tecido de seda esmeralda que estava sobre a cadeira a pouca distância de Dominic. Ele a pegou e se aproximou dela com o braço esticado. Catherine a agarrou, mas ao fazê-lo-a toalha se afrouxou e caiu no chão.

— OH, Deus! — Catherine tampou os seios com o robe, deixando ver um rosado mamilo entre os dedos.

— O que é que quer? — Perguntou Dominic apertando a mandíbula. Enquanto falava, seus escuros olhos se deslizaram até a união entre suas coxas apenas cobertas por um pedaço do tecido.

— Será melhor que primeiro me vista. Por que não me ajuda?

Dominic apertou seus lábios sensuais. Embora não usava a camisa, pôs as botas e umas calças limpas. Nesse momento se podia apreciar a forte excitação masculina pressionando contra os botões da braguilha.

Com um ágil movimento lhe arrebatou o robe deixando-a nua. A luz do fogo e das velas faziam com que as gotas de água brilhassem sobre sua pele. Seus seios subiam e desciam com cada respiração e seu chamejante cabelo loiro avermelhado formava um delicado triângulo no ponto de união de suas coxas.

Olhou-a fixamente com uma mistura de desejo e dor.

— Dominic, sou sua esposa - disse Catherine — Sou sua assim como fui no acampamento cigano. Sou sua para que faça comigo o que desejar - deu um passo para ele, deslizando os braços ao redor do seu pescoço. Pressionou seus pálidos seios contra os músculos de seu torso moreno, sentindo na pele o pêlo negro e encaracolado e acariciando-o com os dedos.



— Te desejo - sussurrou Catherine, e os fortes braços de Dominic a esmagaram contra seu peito.

Sua boca desceu dura e apaixonada, sobre a dela, queimando-a com suas demandas, inflamando-a com o calor de seu corpo. Colocou-lhe os dedos entre o cabelo tirando seus grampos. Ela podia notar seu pênis duro pressionando contra ela e precisava o sentir profundamente em seu interior, mais do que respirar.

A língua de Dominic se afundou em sua boca e ele agarrou suas nádegas com as mãos, arrastando-a, moldando-a contra seu duro corpo e lhe acendendo mais o sangue. A língua de Catherine saiu ao seu encontro, procurando, indagando, exigindo o mesmo que ele. Dominic a beijou ferozmente e depois se separou dela.

— Você planejou isso, não é? — A fúria em seus olhos era evidente.

— Sim.

— E ontem à noite... não caiu.

— Não.

— Conhece meus sentimentos, mas não se importa só se preocupa é com seu prazer.

— Sou sua esposa — ela se defendeu.

— Minha esposa? — escarneceu ele segurando-a ainda pelo braço. Olhou seu corpo nu deixando claro seu desprezo, fazendo-a envergonhar-se pela primeira vez — Ontem à noite não se comportou como minha esposa, se não como minha puta.

Catherine estremeceu ante a crueldade de suas palavras e o veneno que destilavam. Quando lutou por libertar-se, Dominic a soltou e ela tropeçou. Ele lhe jogou o robe de seda verde e Catherine a pôs com dedos trêmulos.

Olhou-a de cima a baixo com seus olhos escuros.



— Desempenhou muito bem o papel de prostituta, querida, mas será na cama de outras de sua classe em que me deitarei esta noite - deu meia volta e cruzou em um passo o quarto em direção à porta.

— Dominic! — Catherine o alcançou antes que chegasse a ela — Por favor — sussurrou — por favor, não o faça.

— Teria acontecido cedo ou tarde, possivelmente seja melhor assim - libertou o braço e cruzou a porta, fechando-a com um forte golpe ao sair.

Catherine permaneceu imóvel, olhando fixamente o lugar por onde ele tinha desaparecido. O tempo pareceu fazer-se eterno até que o ouviu fechar a porta de seu dormitório de repente e o eco de seus passos percorrendo o corredor.

Envolvendo-se com o precioso robe de seda, lutando para vencer o repentino frio que se apoderou dela, Catherine se aproximou da janela, olhando fixamente o atalho que saía da propriedade. Não demorou muito em divisá-lo, montado em seu enorme garanhão cinza, galopando como uma alma que leva o diabo, para o povoado vizinho. Esteve olhando até que o perdeu de vista e depois se deixou cair no assento da janela com as pernas encolhidas debaixo do queixo. Dessa posição tinha uma boa perspectiva do caminho, mas só se via um atalho iluminado pela luz prateada da lua assinalando o lugar por onde ele tinha desaparecido.

Permaneceu ali sentada, perguntando-se o que era o que tinha feito errado, dizendo uma e outra vez que tinha tido que tentá-lo e em seguida castigando-se a si mesma por agir como uma rameira. Até essa noite não tinha se dado conta de que os homens esperavam que suas esposas se comportassem de maneira diferente e agora que sabia era muito tarde. Apoiou o queixo nos joelhos e manteve os olhos na solitária vereda. O fogo da lareira tinha começado a extinguir-se e começava a fazer frio no quarto, mas Catherine não se



importava. Agradecia o entorpecimento e a gelada frieza que igualava a de seu sangue. Perguntou-se onde estaria, e que estaria fazendo. Mas não podia negar a realidade.

Dominic desprezava seu amor e se negava a utilizar seu corpo. Nesse momento estava se entregando a outra, rodeando-a com seus braços e compartilhando com ela seu desejo. Fechou os olhos para se proteger da dor, mas não conseguiu dormir. Seguiu acordada enquanto o relógio marcava as horas. Limitou-se a seguir contemplando o deserto caminho pelo qual Dominic se foi para cortar com o último laço de carinho, no caso de houvesse sentido algo alguma vez por ela.

Os sentimentos de Catherine eram mais profundos; agora se dava conta. Seu tio tinha razão quando disse que ainda o amava. Daria sua vida por ele se fosse necessário, mas Dominic só sentia desprezo por ela. Ela perguntou-se como era possível que o amor fosse algo tão unilateral, pensando distraidamente que era impossível que a vida pudesse ser tão injusta.

Engoliu para que desaparecesse o nó que lhe oprimia a garganta. Nunca tinha estado tão perto do pranto, mas as lágrimas não chegavam. Doía-lhe muito para chorar.

Ou ao menos isso acreditava até que viu Dominic retornar pelo caminho.

A realidade a golpeou. Uma dor tão aguda e penetrante que por um momento pensou que ia vomitar. Diante ela apareceu a imagem dele nu, maravilhosamente viril, mas a mulher a qual beijava não era ela, se não uma atraente desconhecida de curvas sensuais, seios amadurecidos e uma boca úmida, machucada por seus beijos.

Observou-o enquanto entrava com seu cavalo pelas enormes portas da entrada a um passo muito mais lento que antes; mas mal o via, as lágrimas transbordaram escorregando por suas bochechas e lhe turvando a visão. Nesse momento aceitou que o tinha perdido e a terrível dor que a afligia por fim acabou com ela.



Começou a soluçar com a cabeça apoiada nos joelhos. Não se tratava de um pranto silencioso, mas de dilaceradores soluços que refletiam a tortura de seu coração.

Chorava por have-lor perdido, chorava pelo amor que sentia por ele e que murcharia até morrer do mesmo modo que tinha crescido. Chorou pela família, pelos filhos que nunca ia ter. Por Edmund e sua traição, por Amélia, pelo pequeno Eddie, que ia crescer sem seu pai. E, sobretudo chorou por Dominic, pela vida vazia e cheia de amargura que tinha escolhido em vez do amor sem limites que lhe oferecia, e pela felicidade que nenhum dos dois jamais conheceria.

Chorava sem poder evitar, perguntando se poderia deixar de fazê-lo em algum momento.

Dominic estava parado ao pé da escada de pedra que levava a seu quarto no segundo andar. Tremia-lhe a mão quando agarrou o corrimão e se obrigou a subir o primeiro degrau. Por cima de sua cabeça ouvia o pranto de Catherine, um arrepiante lamento que transpassava as grossas paredes e parecia o acusar. Nunca a tinha ouvido chorar assim. Poucas vezes a tinha ouvido chorar.

Subiu as escadas com dificuldade, como se tivesse as pernas de chumbo. Era ele quem tinha desencadeado tanto desespero. Teria sido capaz de voltar para seu dormitório, fingindo que a noite anterior não tinha ocorrido nunca, se não a tivesse ouvido.

Mas agora não podia fazê-lo.

De modo que ao invés de encerrar-se atrás dos muros protetores de seu quarto, em vez de fingir, negar seus sentimentos e as tristes horas passadas na taberna, cruzou o corredor fracamente iluminado, entrou em seu quarto e girou a maçaneta da porta de separação entre os dormitórios.

O quarto dela estava às escuras exceto por uma única vela quase extinta e os alaranjados rescaldos do fogo da lareira. Notou o frio, com o coração pesado, enquanto a



buscava com os olhos até vislumbrar uma vaga figura encolhida sobre as almofadas de brocado da janela coberta com o fino robe de seda que não oferecia nenhuma proteção.

Catherine não o viu e não deixou de chorar; e sabendo que a culpa era dele, Dominic não encontrava coragem para aproximar-se. Pensou nas mulheres da taberna, recordando de ter examinado suas vulgares caras pintadas e seus vermelhos lábios, as comparando com um rosto amável e encantador, cheio de inocência e compaixão.

Lembrou de ter pensado em acompanhar a uma delas ao seu quarto, despi-la e mergulhar-se em seu corpo muito usado. Tinha intenções de possuí-la uma e outra vez até tirar de sua mente e de seu coração a terrível necessidade que sentia por Catherine.

Em troca permaneceu sentado, bebendo, incapaz de ver outra coisa que a imagem dela enfrentando a Vaclav. Catherine; uma condessa; preocupada com Medela e afeiçoando-se com ao pequeno Janos, e tentando proteger a um falso marquês de acabar no cárcere.

Voltou a ver seus olhos brilhantes, seu cabelo de fogo caindo sobre seus ombros quando foi em sua ajuda com um par de tesouras de jardim. Voltou a vê-la tal como estava na noite anterior, maravilhosamente nua com a espuma deslizando-se por seu corpo. Imaginou a coragem que tinha tido que ter para enfrentar ao seu rechaço uma e outra vez, oferecendo-se a ele embora ele não a quisesse. Oferecendo-lhe seu corpo sem receber nada em troca.

Sentou-se no bar, tentando negar o que sentia por ela, necessitando-a como nunca tinha necessitado a uma mulher; igual a necessitava agora.

Ela o sentiu mais que ouviu, já que virou a cabeça secando as lágrimas com o dorso da mão.

— Saia daqui - sua voz era tensa quando se levantou no assento apertando mais o robe em torno de seu corpo e deslizando seus pequenos pés ao frio chão de madeira.



Embora soubesse que merecia seu desprezo, o coração de Dominic encolheu de dor ao ouvi-la. Observou como uma diminuta chama amarela entre as brasas proporcionava a sua pele um brilho dourado e pensou no muito que lhe havia custado sua loucura.

— O que faz aqui? — ela perguntou— Volta com suas p... putas.

As pequenas mãos de Catherine tremiam violentamente e desejou poder estender as suas para tocá-la e afastar suas lágrimas. Queria lhe pedir perdão e levantá-la em braços.

—Não houve nenhuma puta — ele disse suavemente.

Catherine se levantou com o chamejante cabelo formando redemoinhos ao seu redor e o robe de seda verde aderido a ela como Dominic desejava estar; ele recordou que antes o teria deixado tirar-lo, teria eliminado a pequena barreira se ele tivesse pedido. Agora um mundo de tristeza se interpunha entre eles criando uma defesa muito maior que o fino robe.

— Não tem por que mentir - disse ela respirando com dificuldade — depois de ter tanto trabalho para se assegurar de que eu soubesse.

Como podia havê-lo feito? Como podia havê-la tratado pior que a uma prostituta? Sentiu asco de si mesmo e fechou os olhos para se defender da dor. Ele merecia sua ira e a perda de seu carinho. Tinha pegado algo frágil e lindo e tinha pisoteado reduzindo-o a pó.

Ao ver que não fazia nenhum movimento para ir e que permanecia de pé ao lado da porta, Catherine agarrou uma escova com cabo de prata e a lançou. Golpeou na parede, em cima de sua cabeça.

— Não houve nenhuma puta - as suaves palavras ressoaram no silêncio do quarto.

Desejou poder acrescentar ou fazer algo mais, mas o que podia dizer quando havia destruído o mais importante para ele?

— Quero que lhe v-vá de meu quarto. Irei daqui pela manhã.

Ah, Deus. Tinha-a perdido, mas não podia obrigar-se a sair.



Catherine respirou convulsivamente com as lágrimas ainda brilhando em suas bochechas, à luz da vela. Levantou uma pesada garrafa de perfume e a atirou. Ele a viu vir, mas não tentou esquivar, inclusive quase agradeceu a dor que lhe provocou ao bater em seu ombro. A garrafa caiu no piso quebrando-se em pequenas partes de cristal que brilhavam com a luz dos rescaldos da lareira. Recordaram-lhe a frágil relação que tinham compartilhado com antecedência e que ele se encarregou de destruir essa noite.

— Não houve nenhuma puta - sussurrou com voz áspera e rouca enquanto se aproximava dela pisando nos cacos.

O rosto de Catherine estava pálido sob a luz das velas e em seus olhos havia desolação. Parecia mais vulnerável e vencida do que nunca. Isso era o que tinham obtido suas duras palavras e sua doentia obsessão; algo que ninguém mais tinha conseguido, tratando-a com crueldade ou maltratando-a.

Quando chegou ao seu lado, permaneceu simplesmente ali, de pé, com o coração cheio de dor. Observou os trêmulos lábios dela e seus olhos ainda alagados em lágrimas. Levantou-lhe o queixo com dedos vacilantes e examinou sua expressão.

— Esta noite descobri que a única mulher que queria, era minha esposa - disse suavemente— e que não nenhuma outra servia.

Catherine conteve o fôlego, olhou-lhe com seus olhos verdes expressando toda a tristeza que sentia.

Ela secou uma lágrima que tinha ficado colada em seus cílios.

— Você é a mulher que quero... a única que sempre quis.

Ele achou ter ouvido um ruído proveniente de sua garganta, um sinal de que o tinha escutado. Olhou-o com cautela, tentando descobrir uma mentira, mas foi incapaz de encontrá-la. Ele esperava que acreditasse, conteve o fôlego, rezando por que o fizesse.

— Não quero que vá - disse em voz baixa— Eu te necessito, sempre te necessitei.



Soube o exato momento em que acreditou o instante no qual a dor começou a desvanecer. Viu-o na mudança sutil de seus lábios e na leve piscada de seus olhos, e algo começou a florescer dentro de seu peito.

Nesse momento soube, embora sempre tivesse suspeitado da verdade, e o sentimento se reforçou essa noite. De qualquer jeito era algo muito novo, muito recente para expressá-lo com palavras.

— Me perdoe — ele disse em troca, rezando para que ela soubesse o quanto que significava para ele seu perdão. O quanto que ela significava para ele — Não queria te fazer sofrer - ele acariciou sua bochecha — Nada nem ninguém poderá me obrigar a voltar a te fazer mal.

Catherine o olhou através de suas espessas pestanas, sem saber se podia ou não confiar nele, consciente do risco que corria. Dominic fechou os olhos rogando que se arriscasse e com medo do que aconteceria se não o fizesse.

— Amo-te - disse ela brandamente, com seus olhos verdes cheios de lágrimas uma vez mais — Meu querido cigano, sempre te amei.

Dominic a apertou entre seus braços, enterrando o rosto em seu sedoso cabelo loiro avermelhado. Tinha um nó na garganta que o fazia difícil falar.

— Catherine - sussurrou sentindo a umidade de suas próprias lágrimas nas bochechas— diga que me perdoa – suplicou — Diga-me isso...

— Eu te amo — ela disse — Não me importa o que aconteceu, quero ser sua esposa.

— OH, Deus! Dominic inclinou a cabeça e tomou seus lábios, sentindo sua boca suave e tremula embaixo da dele e dando graças a Deus, uma e outra vez, porque ainda era dele. Deslizou um braço por debaixo de seus joelhos e a levantou do piso notando sua pele gelada e seus dedos congelados. Como podia lhe ter feito algo assim? Voltou a beijá-la com toda a ternura e desejo que sentia por ela.



— Está bem, meu cajori, tudo vai bem - a levou a cama beijando-a nos olhos, nariz e boca — Está gelada - acrescentou ao vê-la tremer. Cobriu-a até o queixo com os lençóis e a deixou o tempo necessário para alimentar o fogo da lareira.

— Dominic?

— Sim? — disse ele voltando para seu lado.

— Eu também lamento o que aconteceu, deveria ter sabido que se supõe que as mulheres se comportam mais...

— Não - a cortou Dominic, odiando-se por havê-la feito sentir-se assim — Nem sequer o pense. Ontem à noite não fez nada errado. Tudo foi minha culpa.

— Se o desejar tentarei ser mais...

— Não quero que mude. Eu... te amo como é. Qualquer homem se consideraria afortunado de ter uma esposa que o deseja.

— Qualquer homem exceto você - disse Catherine, fazendo eco da idéia que ele tinha afastado de sua mente com firmeza.

— O que eu quero não importa, o que me importa agora é o que você precisa.

Ao ver que ela ia protestar, beijou-a profundamente e com ternura e abriu os lençóis. O robe não podia dissimular o que havia debaixo, mas era um aviso do muro que ele tinha levantado entre eles. Ele inclinou-se e beijou um mamilo através do fino tecido, despindo-a lentamente.

— É linda – disse — incrivelmente linda.

Seus inchados seios da cor do pêssego se destacavam por cima de uma estreita cintura e de uns quadris sedutoramente curvados. Sua ereção, já excitada pelo desejo, endureceu-se ainda mais.

Pegou um seio com a mão e se inclinou para colocar um mamilo na boca.

— Dominic?



Acariciou o mamilo com a língua e em seguida se afastou para olhá-la.

— Não tem porque fazer isto. Basta que me abrace.

Esboçou um sorriso torto.

— Tem idéia de quanto a desejo? — agarrou-lhe a mão e a levou para o relevo em suas calças — Nunca tinha desejado tanto a uma mulher como desejo a você.

— Mas...

— Silêncio — ele disse suavemente — já é hora de que se converta em minha esposa.

Cobriu-lhe os lábios com um beijo. Catherine sentiu seu calor, a suavidade de sua língua e se concentrou nisso como nunca antes. O único que lhe importava eram suas carícias e o calor de sua mão. Não importava nada exceto que tivesse voltado para casa.

— Eu te amo — ela sussurrou enquanto a boca dele percorria apaixonadamente sua garganta e seus ombros até voltar para seu seio. O colocou na boca, provocando-o com a língua, mordiscando-o, acendendo uma chama que a obrigou a agarrar-se a sua camisa. Não importava que ele não correspondesse, no momento era suficiente que estivesse ali.

Dominic riscou um atalho de fogo desde seus seios até seu ventre, eliminando com sua boca e sua língua todo rastro de frio. Seus lábios alcançaram o vale debaixo do umbigo, acariciou-o com a língua, deslizando as mãos sobre as nádegas, levantando-a cuidadosamente.

— Se abra para mim, cajori - sussurrou deitando-a enquanto lhe separava as pernas— Deixe que te ame.

Ela não podia ter feito outra coisa, com suas mãos demandando tão suavemente como sua voz. Os dedos dele acariciaram docemente o monte de cabelo avermelhado bem em cima de sua feminilidade e em seguida se moveram com decisão para separar as sensíveis dobras e os introduziu em seu corpo.



— Santo Deus! — sussurrou Catherine ao sentir a intrusão e o movimento de sua língua com o longo da coxa.

Era como se estivesse cumprindo uma penitência, sem obter nenhum prazer para si mesmo. colocou-se entre suas pernas, as separando até que conseguiu o acesso que desejava. Em seguida lhe percorreu a pele com a boca até deter-se no sensível botão de sua feminilidade e deslizou a língua dentro.

Catherine gemeu, e seu corpo ardeu em chamas. Depois de passar tanto tempo sofrendo por suas carícias, isto era um êxtase maior de que podia sonhar. Em poucos minutos se retorcia sob sua boca, gritando seu nome uma e outra vez, consumida pelas chamas da paixão. Agarrou os lençóis com os punhos e uma luz brilhante a transportou longe dali. Luz e carícias se converteram em uma só coisa junto com o prazer, a paixão e o amor. Embargou-a uma doce ternura que a fez pensar que ia morrer ali mesmo.

Soube o momento exato no qual devia deixá-la, descendo pelo espiral de prazer, perdida em uma nebulosa de prazer que ainda não tinha desaparecido de tudo. Antes que ela pudesse sentir falta dele, retornou nu, cobrindo a boca dela com a sua, introduzindo a língua ao mesmo tempo em que seu pênis endurecido a penetrava com um forte empurrão.

Catherine se agarrou ao seu pescoço, cravando os dedos em seus ombros, arqueando-se para ele enquanto Dominic se inundava em seu corpo, enchendo-a uma e outra vez, voltando para a elevar ao cume do prazer; um gozo diferente desta vez, mas igualmente feroz e embriagador. Abandonou-se a ele, elevando-se e saboreando o ardente fogo da paixão, do amor que sentia por esse homem que mantinha cativos tanto o seu corpo como o seu coração.

Notou-o tremer tanto quanto ela e arqueou-se contra ele, preparada para receber sua semente.



Mas ele se separou, tirando seu membro endurecido e derramando o sêmen sobre seu ventre. Catherine sentiu uma breve tristeza pela criança que poderiam ter concebido, mas logo desapareceu.

Quinze anos de ódio era muito. Dominic tinha ido a ela quando mais necessitava; tinha lhe demonstrado que se preocupava com ela. Isso era tudo o que podia pedir, mais do que se atreveu a esperar.

— Está bem? — Ele perguntou afastando as úmidas mechas de cabelo das bochechas.

Catherine assentiu.

— Obrigada - disse brandamente.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Por quê?

— Por voltar para casa.

Por um instante a tristeza brilhou em seus olhos, mas logo desapareceu. Dominic sorriu gentilmente, iluminando seu mundo como ninguém mais podia fazer.

— Até esta noite não tinha me dado conta de quanto necessitava deste lugar.

Ele roçou sua boca com um beijo.

— O que disse antes... —se atreveu a dizer embora uma parte dela aconselhasse que não o fizesse— era verdade?

Dominic segurou sua bochecha e lhe fez virar a rosto.

— Não quero a nenhuma outra mulher no mundo.

Catherine se fez um nó na garganta e sentiu um alívio entristecedor.

— Senti sua falta - disse brandamente.

— Não tanto como eu de você.



Catherine se aconchegou contra ele, com a sensação de que por fim sua vida começava a ir bem. Dominic a rodeou com seus braços com a mesma possessividade que demonstrou no acampamento cigano. Catherine sorriu na escuridão com um otimismo que não se permitiu sentir antes.

Em poucos minutos, com o calor do quarto e o do corpo de Dominic, começaram a lhe pesar as pálpebras e adormeceu. Mas quando despertou pela manhã, Dominic tinha ido.



Capítulo 22

Catherine se vestiu apressadamente e abandonou seu quarto. Estava aterrorizada com a ideia de Dominic ter ido a Londres depois de tudo. O que teria sentido ao despertar? Ressentimento pelo acontecido entre eles?

O dormitório dele parecia estar em ordem; sua roupa ainda estava ordenadamente pendurada no armário, embora certamente devesse ter mais roupa em sua casa de Hanover Square. Ao descer perguntou por ele de passagem, já que não queria parecer preocupada. Se realmente se foi, os criados já teriam bastante material para fofocar.

Encontrou-o pouco depois trabalhando nos estábulos com as mangas da camisa arregaçadas até os cotovelos e a parte dianteira aberta quase até a cintura. Levantou o olhar quando a viu aproximar-se e Catherine se obrigou a sorrir.

Deus permita que tudo vá bem. Estaria amargurado e cheio de ressentimento? Voltaria a levantar um muro entre eles? A insegurança ia aumentando mais a cada momento que passava. Mas assim que ele a viu saiu do estábulo, aproximou-se dela e abriu os braços. Catherine se refugiou neles tão cheia de alívio que quase desfaleceu.

— Estava esgotada — ele disse como se tivesse lido sua mente — Me pareceu que era melhor deixá-la dormir.

Ela teve vontade de voltar a chorar.

— Eu estou bem - disse muito alegremente — maravilhosamente bem.

Dominic agarrou suas mãos e se afastou um pouco para olhá-la. Catherine estava certa de que notava o modo em que suas mãos tremiam.

— O que aconteceu? — seus olhos escuros a olharam cheios de preocupação.

Já tinha havido muitas mentiras entre eles.



— Eu... temi que tivesse se arrependido... que estivesse zangado.

— Se estiver furioso com alguém é comigo mesmo - ele levantou seu queixo e capturou seus lábios, desfrutando do beijo — Não vou dizer lhe que é fácil para mim, por que não é. Me revolto ao pensar que quebrei meu juramento e diante da idéia de que meu pai ganhou.

Catherine acariciou sua bochecha.

— Vai me contar o que ele te fez?

Dominic a agarrou pela mão e a levou para fora do estábulo. Subiram ao topo de uma colina, parando sob uma frondosa árvore. Catherine apoiou as costas contra o tronco enquanto Dominic olhava o horizonte, para um imaginário ponto entre as nuvens.

— O que me fez foi pouco comparado ao que fez a minha mãe. Não posso esquecer o dia que seus homens foram me buscar... cavalgando entre uma grande nuvem de pó... zombando de minha gente. “Tragam o condenado bastardo” disse um deles. Ao ver minha roupa remendada riram, “Gravenwold deve estar louco”, um deles disse a minha mãe.

— O que Pearsa fez? Por que ela permitiu que o levassem?

— Pensou que seria o melhor para mim. Sabia que, algum dia, iria converter-me em um homem poderoso, assim como meu pai. Supliquei-lhe que não me obrigasse a ir, mas não me escutou. Entretanto, quando nos despedimos me abraçou como nunca o tinha feito e chorou tanto que me fez chorar também. Desde então, quando vinha vê-la, nunca mais me tocou. Nunca mais me abraçou, nenhuma só vez. Sabia que se o fizesse, choraria e que eu não voltaria a partir. E tinha razão.

Dominic se virou.

— Tem que esquecer o passado.

— Jurei a ela que o faria pagar. Fiz um juramento de sangue e agora...

— E agora, por minha culpa, vai rompê-lo.



Ele tentou sorrir, mas hesitou.

— Você merece mais do que eu posso dar. É bonita e atraente, e me importa mais do que qualquer outra pessoa, mas preciso de tempo, Catrina, pode me conceder isso?

O coração de Catherine se encolheu de pena por ele.

— Enquanto eu saiba que se preocupa comigo, nada mais me importa.

Ele levou a mão dela aos lábios e a beijou.

— Obrigado.

* * *

A partir daí passaram muitas horas juntos. Um tipo de tempo diferente do que eles alguma vez tinham compartilhado antes. Um tempo aprazível e doce. Dominic falou dos projetos que tinha para o futuro de Gravenwold, embora Catherine procurou não mencionar nada sobre família ou herdeiros.

Também comentaram a idéia da escola de Catherine e Dominic pareceu gostar dela.

— Procurarei um lugar onde edificar uma pequena escola - ele prometeu— Podemos pôr anúncios no Public Advisor e no Morning Chronicle, pedindo um professor e construiremos sua casa em cima.

— Seria maravilhoso. Eu gostaria que Janos fosse tão freqüentemente como for possível, quando os outros meninos verem que não é tão diferente deles, poderá fazer amigos.

Dominic lhe apertou a mão e a beijou na bochecha.

— Sei que está convencida de que sua idéia vai funcionar, mas não se decepcione se não for assim. Janos sempre será cigano, independentemente do tempo que esteja conosco. Tem que deixar que vá onde lhe diga seu coração.



Catherine assentiu sorrindo. Embora Dominic seguisse estando distante com ela às vezes, sentia seus olhos fixos nela, olhando-a com carinho e na maioria das vezes, com desejo.

Catherine afastou de sua mente seus próprios desejos. Dominic necessitava de tempo e ela pensava em dar-lhe isso, tentaria pôr as bases de um matrimônio que até esse momento não tinha existido. Começando por conhecerem-se melhor um ao outro. Perguntou-lhe por seus cavalos e ele contou de seus planos de criar excelentes corredores, mencionando orgulhosamente a Rai e a Sumadji e a outros garanhões que queria acrescentar às cavaliças.

Um dia, de pé no salão, depois do almoço, perguntou-lhe por sua amizade com Stoneleigh, e ele sorriu divertido.

— Rayne e eu nos conhecemos por causa de uma aposta no Whites faz uns cinco anos. Ambos tínhamos bebido muito e estávamos nos gabando de nossas conquistas. Alguém comentou que ambos éramos os mais notórios libertinos de Londres e que deveríamos fazer uma aposta para ver qual dos dois era o melhor - esboçou outro sorriso diabólico — Como cavalheiro que sou não posso revelar quem era a dama em questão, mas basta dizer que... ambos ganhamos.

Catherine lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Espero que não volte a apostar milord... ao menos no que diz respeito às damas.

Dominic deslizou uma mão ao redor de sua cintura e a apertou contra seu peito, rodeando-a com seus braços, ao mesmo tempo em que se inclinava para lhe falar ao ouvido.

— Tenho as mãos ocupadas com você, amor. Só teve uma breve demonstração dos prazeres que eu tenho reservados.



Catherine sentiu seu fôlego quente na bochecha e estremeceu de desejo. Através do vestido notava sua ereção e seus mamilos se endureceram como resposta. Quando se virou para olhá-lo, encontrou-se com seu ardente olhar e depois, a boca dele desceu com força sobre a dela. Ele apoderou-se de seus lábios em uma ardente demanda, deslizando a língua entre eles, acariciando-a, saboreando-a. Nesse momento Blythebury entrou, e Dominic se afastou, tomando cuidado de permanecer discretamente atrás dela para ocultar a protuberância em suas calças.

— Lamento lhe incomodar, milord - disse o majestoso mordomo com um incomum tom rosado em seu rosto sombrio.

— O correio chegou e há uma carta para lady Gravenwold. Parece vir de Londres. Pensei que talvez fosse importante.

— Obrigado, Blythesbury - Dominic estendeu a mão para pegar a carta e dá-la a Catherine — Pode retirar-se.

O alto mordomo fez uma reverência e abandonou o local, enquanto Catherine abria o envelope.

— É de Amélia - se deixou cair no sofá lendo rapidamente o conteúdo.

— Está tudo bem? — Dominic se sentou a seu lado.

— Ela voltou para minha casa da cidade. Diz que a avisemos se não nos sentirmos bem - ela o olhou.

— Não necessita de minha permissão. Amélia é da família e lamento que não tenha entendido assim. Que mais diz?

— O tio Gil esta quase completamente recuperado. Foi condenadamente difícil no começo, mas agora está bem. Ele abriu a escola de caridade que planejamos e está muito contente com o progresso dos meninos - leu umas linhas mais — Pobrezinha. Diz que se



sente terrivelmente só sem Edmund e pergunta se podemos ir a Londres para visitá-la. Ela o olhou em uma tácita pergunta.

— Você gostaria?

— Muitíssimo.

— Então iremos assim que arrumarmos as coisas aqui.

Catherine sorriu.

— Por que não levamos Janos? Ele e o pequeno Eddie são quase da mesma idade.

Dominic franziu o cenho.

— Está certa de que Amélia vai aprovar? Afinal o menino é cigano.

— Não seja tolo, Amélia não é desse tipo de pessoa, adorará ter outro menino em casa.

Dominic não pareceu convencido, mas não disse mais nada.

Vários dias mais tarde, durante o jantar, Dominic lhe deu sua opinião sobre a guerra, algo que estava há muito tempo intrigando a Catherine, mas sobre o que não se atreveu a perguntar. Usava um recatado vestido de seda cinza escuro com margaridas enquanto Dominic vestia uma casaca cor de vinho e umas cômodas calças cinza. Cook tinha preparado uma comida a base de perdiz assada com recheio de ostras, cenouras confeitadas e bolo.

— Os ingleses fortaleceram o bloqueio — ele observou, comentando um artigo sobre o Napoleão que ela tinha visto nos jornais de Londres—. É uma sorte que não esteja neste momento tentando sair da França.

— E para você, milord? Não seria igualmente difícil?

Ele sorriu mostrando os dentes brancos, tão atraente que Catherine sentiu mariposas no estômago.



— Os ciganos não têm problemas para ir onde querem; temos uma grande habilidade para nos camuflar e nos confundir com o que nos rodeia sempre que queremos.

— Por isso nenhuma vez se envolveu na guerra? Por ser cigano?

— Em parte. Meu pai perdeu seu herdeiro no Serviço de Sua Majestade; como estava certo de que não tinha que lhes entregar outro, fez tudo o que pôde por me liberar de ir. Já que em primeiro lugar sou cigano e depois inglês, também não eu tinha nenhum interesse. Além disso... quem disse que não estive envolvido nela?

Catherine engoliu seu último bocado de perdiz com um pouco mais de esforço do que o normal.

— Esteve?

— Todos os anos, quando volto do continente, eu conto às autoridades o que observei sobre os movimentos das tropas e as informações que vou recolhendo aqui e lá.

— Foi um espião?

— Quase. O que fiz foi pouca coisa, mas acredito que pode ter sido de ajuda. A verdade é que eu estava mais disposto a fazê-lo que a maior parte de minha gente. Os ROM não interessam pelas disputas alheias.

— Disputas! — Exclamou Catherine assombrada fazendo Dominic rir baixo.

— Suponho que depende do ponto de vista de cada um.

Tomaram chá e biscoitos em um salãozinho da galeria. Catherine observou que Dominic estava distraído e que esfregava com frequência a ponte do nariz e as têmporas.

— Você não se sente bem? — Ele estava toda a tarde olhando-a, percorrendo seu corpo com os olhos com a mesma expressão faminta que ela tinha acabado por conhecer tão bem. Deseja-me, pensou cheia de alegria. Não vai demorar muito para me levar a cama.

— Receio que minha cabeça comece a doer.

Catherine se colocou atrás do sofá e começou a lhe massagear a nuca.



— Está muito tenso - trabalhou músculos e tendões com os dedos—, deveria aprender a relaxar.

Ele jogou a cabeça para frente, lhe facilitando o acesso e em seguida se apoiou contra o encosto e fechou os olhos. Catherine continuou massageando seus ombros e aliviando a rigidez dos músculos.

— Sei exatamente o que acalmará minha tensão - abriu os olhos e lhe dirigiu um olhar apaixonado que não deixava dúvidas sobre o que estava pensando—. Mas...

— Mas necessita um pouco mais de tempo - terminou Catherine.

Dominic lhe agarrou o pulso e o levou aos lábios.

— Sei que não entende e eu gostaria de poder te explicar o que sinto, mas não sei como fazê-lo. Tenho que superá-lo, Catrina. —Agarrou seu pulso e o trouxe para seus lábios, a seguir virou sua cabeça para olhá-la.

Catherine lhe beijou a testa.

— Temos toda uma vida para nos amar, uns dias mais carecem de importância.

Ele se levantou com um suspiro, mostrando sua conformidade.

— Já que as coisas seguem igual, se não se importar, acho que irei me deitar.

Catherine assentiu.

— Eu também estou cansada.

Cruzaram o salão e subiram pela longa escada de pedra até seus quartos no segundo andar. Dominic deu em Catherine um beijo de boa noite e entrou no dormitório ao lado. Depois de despir-se para meter-se na cama, colocou uma das camisolas brancas, de algodão, com o pescoço alto as quais tinha começado a acostumar-se ultimamente, e começou a abrir os lençóis. Ocorreu-lhe que com toda a tensão que tinha Dominic possivelmente precisasse beber algo para dormir.



Envolveu-se na pesada colcha, agarrou um frasquinho de pó para dormir do escritório, aproximou-se da porta de separação dos dois quartos e chamou suavemente. Dominic lhe disse que entrasse e Catherine abriu a porta. O encontrou convexo na enorme cama, nu com exceção do lençol que o cobria à altura da cintura.

Uma vela piscava sobre o criado-mudo, proporcionando a sua pele morena um brilho dourado. Os músculos de seu peito se moveram quando se virou para ela, e ao ver seu corpo musculoso, Catherine sentiu que o ritmo de seu coração acelerou.

— E... o sinto, lamento o incomodar, mas pensei que talvez necessitasse de algo que o ajudasse a dormir.

Dominic a olhou fixamente.

— Venha aqui - ordenou brandamente.

Catherine se obrigou a mover-se e parou na beira da cama. Dominic contemplou a pesada colcha que a cobria e a camisola de pescoço alto que a tampava até os pés. Levava o cabelo preso em uma trança que repousava sobre um de seus ombros.

Dominic sorriu divertido.

— O lindo robe de seda verde se converteu nisso?

— Eu adorarei pô-lo outra vez... cada vez que o deseje.

— Fico muito feliz em imaginar o dia no qual seu robe de seda verde terá um lugar permanente no chão, aos pés de nossa cama.

Catherine umedeceu os lábios, repentinamente secos, com a língua.

— Como está sua cabeça?

— Melhor - colocou as mãos atrás da cabeça e se apoiou contra a cabeceira da cama.

— Então não quer o sonífero?



— O que eu necessito para dormir é você - seus olhos percorreram o corpo dela como se pudesse vê-lo através da roupa — Dentro em pouco não vai necessitar de nada para esquentá-la.

Catherine enrubesceu e deu meia volta para sair, mas logo parou e se virou. Olhou atentamente a largura de seus ombros, seus braços musculosos, seus estreitos quadris e o firme e plano ventre. Recordava muito bem o que se ocultava sob o lençol.

— Dominic, estava me perguntando...

— Sim, amor?

— É... a última vez que fizemos o amor... o prazer que me deu. Estava me perguntando se uma mulher pode fazer algo parecido por um homem.

Quando ele recuperou a voz, ela saiu áspera e rouca; e não era possível ignorar a protuberância que apareceu debaixo dos lençóis.

— Sim, pode. Mas para a maioria das mulheres a idéia lhes parece... desagradável.

As mãos de Catherine começaram a suar.

— Eu acredito que para mim não me parece isso, ao contrário - ela se aproximou dele — acho que gostaria de lhe dar prazer. Quer dizer... se você também desfrutar.

— Se eu também...? Senhor! — Dominic estendeu um braço, rodeou-lhe o pescoço com a mão e a fez abaixar a cabeça para lhe dar um longo e apaixonado beijo. Quando terminou a ambos estavam respirando com dificuldade.

Ela se livrou da colcha que a cobria e a deixou em cima de uma cadeira, depois se aproximou da cama e abriu os lençóis. A excitação de Dominic descansava ardente e grossa sobre seu ventre, Catherine estendeu a mão, acariciou-a e o ouviu gemer. Inclinou-se sobre ele, riscando um atalho de suaves e úmidos beijos ao longo da parte interior da coxa e em seguida se deteve.



— O que é isto? — Pela primeira vez notou o pequeno ponto marrom em forma de lua minguante na parte superior de sua perna.

— É o sinal dos Edgemont, meu amor. Por isso é que meu pai sabia que eu era filho dele. Eu a chamo de a maldição dos Edgemont.

Catherine se inclinou para frente e colocou cuidadosamente os lábios sobre ela. Sentiu-o tremer sob sua boca. Quando sua pequena mão rodeou a virilidade de Dominic, este a atraiu para si e a beijou, acariciando um de seus seios com seus dedos longos.

Catherine se afastou.

— Quero que me prometa que vai me deixar fazer isto por você... que vai deixar que eu te faça amor.

— E que acontecerá com você, fogosa gatinha? Vai permitir que eu também te proporcione alívio?

Catherine negou com a cabeça.

— Esta noite é para você, meu amor. É um presente que te faço, se o aceitar.

Dominic afastou sua mão de seu seio com relutância e a deixou descansar sobre a cama. A trança de Catherine caiu sobre seu peito quando ela voltou a inclinar-se. Dominic se esticou quando os lábios dela cobriram os seus e sussurrou seu nome.

A sensação de poder, o controle aparentemente ilimitado que exercia sobre ele e o prazer que lhe proporcionava, eram embriagadores. A respiração de Dominic se acelerou, seu corpo se cobriu de uma fina capa de suor, começou a mover os quadris sobre o suave colchão de plumas; mas ainda assim, ela não parou.

Quando percebeu que estava a ponto de explodir, notou que lhe apertava o braço.

— Catherine... se não parar agora...

— Shh - ela sussurrou, enquanto sua longa trança lhe acariciava o ventre — Também o estou fazendo por mim.



Então ele chegou ao orgasmo, os espasmos sacudiram seu corpo e ele exclamou seu nome. Alcançou a cúpula do doce prazer ao que lhe tinha levado uma e outra vez, os espasmos sacudiram seu corpo e forçaram seu nome a sair de seus lábios. Uma e outra vez alcançou aquele patamar de doce prazer ao qual ela o tinha levado e Catherine se sentiu exultante pela sensação de poder.

Quando tentou abraçá-la, deteve-o.

— Feche os olhos, meu amor. Deixe que todas as suas preocupações desapareçam.

Abandonou-o por um momento, voltando com um pano úmido para limpar os últimos restos de sêmen. Subiu os lençóis até seu queixo, inclinou-se e o beijou nos lábios. Ouviu sua respiração regular e soube que ele dormiu.

Sorrindo na escuridão, retornou ao seu dormitório, certa de que lhe tinha proporcionado uma pequena ajuda para combater ao inimigo invisível que lhe carcomia o coração e aos problemas aos quais, até essa noite, Dominic acreditava ter que enfrentar sozinho.



Capítulo 23

Dominic despertou antes que o sol saísse, sentindo-se mais descansado do que nunca. Permaneceu imóvel durante uns instantes recordando dos acontecimentos da noite e de Catherine. Todo seu corpo se endureceu. Que tipo de homem era? No dormitório ao lado estava uma mulher cujo lindo corpo e caráter apaixonado o tinham atraído no momento que a viu. Catherine dormia a poucos metros dele, com seu corpo quente esperando para recebê-lo, necessitando a mesma liberação que a sua na noite anterior.

Pensou em sua pele suave e pálida e em seus amadurecidos seios e murmurou um juramento. Era algo mais que “um desprezível bastardo cigano”. Era o amo da casa e a dama era sua esposa! A qual amava acima de tudo; já era hora de falar sem parar de compromissos quebrados e de juramentos que não podia cumprir, e acabar com toda esta loucura.

Sem se importar com a repentina tensão que se apoderou de seu estômago, afastou os lençóis e cruzou nu, o quarto; mas parou em seco quando estava a ponto de virar a maçaneta. Catherine merecia algo mais que uma rápida relação matinal. Ela merecia ter um jantar elegante, vinho francês e que lhe murmurassem apaixonadas palavras de amor. Merecia uma noite de sedução. Ele iria se ocupar de que a tivesse, e quando acabasse a noite a reclamaria. Faria amor com ela durante horas e plantaria sua semente tão profundamente que não restaria mais opção que arraigar e crescer.

Só de pensar fez que se contraísse o estômago, mas não se incomodou, levantou o queixo com uma estranha expressão entre antecipação e firme determinação. Esta mesma noite a converteria em sua esposa de verdade e nunca mais voltaria a dormir sozinho.



* * *

— Ponha o de brocado — Dominic lhe sugeriu brandamente, queimando-a com o olhar.

Catherine notou que suas bochechas ardiam. Tratava-se de um vestido que tinha reformado, aumentando escandalosamente o decote para seduzi-lo.

— Sim milord - ela disse sem fôlego.

— Cook vai preparar algo especial, espero que você goste - seus olhos sugeriam que o que viria depois seria muito melhor e Catherine corou ainda mais.

— Estarei em casa logo — ele prometeu enquanto o acompanhava à porta. Seu sorriso era quase uma carícia quando se voltou e se inclinou sobre sua mão — Até esta noite, meu amor - ele roçou seus dedos com os lábios e o calor de sua boca lhe esquentou o sangue.

— Até esta noite.

Então a deixou, dirigindo-se para os estábulos e desaparecendo de sua vista.

As horas transcorreram mais lentamente que nunca; apenas o tempo que esteve com Janos passou rapidamente, embora a deixasse mais preocupada com ele que antes.

— Eu sinto falta deles, Catrina — o menino lhe havia dito— tanto que me dói aqui - elevou sua pequena mão para destacar o coração.

Catherine lhe abraçou.

— Eu sei Janos, mas não demorará em nos amar como nós te amamos.

— Eu já os amo, mas sinto falta de Medela, Pearsa e Stavo. Sinto falta dos meninos, da dança e dos violinos. Tenho saudades de despertar no carroção, viajar a lugares novos e diferentes...



— Acabará por gostar desta vida — ela lhe prometeu, rezando para que a escola e ter novos amigos o ajudasse, mesmo sem estar muito segura de que fosse assim.

Leram juntos um conto antes de dormir e depois Catherine deixou o menino com Percy e ela retornou ao seu dormitório. Quando deu uma olhada ao relógio em cima da lareira e viu que à hora se aproximava, sentiu uma comichão de antecipação no estômago. Banhou-se e se vestiu cuidadosamente, prendendo o cabelo em torno da cabeça em uma simples coroa e colocando o vestido de decote exagerado.

Ela corou ao olhar-se no espelho, se perguntando se ia se atrever a usá-lo, mas ao ver a expressão do rosto de Dominic quando entrou no salão, indicou-lhe que estava satisfeito.

— Está linda — ele disse lhe acariciando a bochecha com um beijo — Freqüentemente me perguntava como ficaria vestida como uma dama.

— Sim?

— Freqüentemente, embora como cigano, estava pouco disposto a admiti-lo.

Catherine sorriu.

— E agora que me viu das duas formas a quem prefere a Catrina, a cigana de cabelo vermelho ou ao Catherine, a dama?

— Prefiro que seja um pouco das duas, meu amor - a cáldo sorriso de Dominic lhe provocou um segundo comichão.

Na sala de jantar estava servido um maravilhoso jantar. Taças de ouro, pratos de porcelana com bordas douradas, e um candelabro também de ouro, coroavam a mesa mais elegantemente posta que ela já tinha visto.

— Está lindo - disse— Não tinha que ter se incomodado tanto.

Ele levou a mão dela aos lábios e beijou a palma.

— Meu amor, você é mais valiosa para mim que o ouro.



O jantar se compunha de linguado em molho, moelas de vitela, aspargos, espinafres, salsichas e bolo de pimentão. A sobremesa consistiu em um doce com a forma de um ouriço com lâminas de avelãs, servido com um vinho doce. Por último foram ao salão onde tomaram chá e biscoitos.

Embora tudo tivesse um aspecto delicioso, nenhum dos dois comeu muito. Os nervos de Catherine lhe apertavam o estômago e Dominic parecia estar muito tenso para sequer provar algo. Além da fome em seus olhos e da tensão que era impossível de negar, seu comportamento foi mais encantador do que nunca, lhe dirigindo arrebatadores sorrisos e a cobrindo de elogios. Não era nada estranho que fosse tão popular entre as damas de Londres!

E enquanto isso, Catherine notava seu desejo por ela em cada ardente olhar. Houve momentos nos quais esteve a ponto de jogar a cadeira para trás, agarrá-lo pela mão e o arrastar para o dormitório.

Mas é obvio, não o fez. Permaneceu sentada como a dama que era — embora nem sempre se comportasse como tal — sorrindo, conversando e esperando até que Dominic soubesse o que desejava.

— Esposa minha — ele disse por fim, com um tom bastante autoritário, possivelmente por culpa dos nervos—, acho que é hora de nos retirarmos - seus olhos escuros pousaram em seus seios virtualmente expostos graças ao decote do vestido, e estendeu a mão para pegar a dela.

Catherine umedeceu os lábios.

— Sim, milord.

— Catherine — ele a corrigiu riscando círculos em seu ombro com o polegar.

— Dominic — ela sussurrou.



Subiram as escadas de mãos dadas. Dominic se dirigiu ao seu dormitório, abriu a porta, agachou-se e a levantou nos braços. Depois de cruzar a soleira voltou a deixá-la no chão, deslizando-a por seu corpo; beijou-a na nuca e começou a desabotoar seu vestido.

Em poucos minutos estava nua diante dele, com o cabelo livre de grampos e caindo ao redor de seus ombros. Com dedos trêmulos esticou a mão para alcançar os botões da jaqueta de Dominic e em pouco tempo, ele estava tão nu quanto ela com os ombros largos e os quadris estreitos brilhando como o bronze à luz das velas.

A boca de Dominic cobriu a sua em um ardente beijo que a deixou débil e sem fôlego. Continuou beijando-a enquanto a deitava no fofo colchão de plumas e começava a fazer amor lentamente.

— Fogosa gatinha, necessito-a como nunca necessitei a outra mulher. Essas foram às últimas palavras que pronunciou antes de possuí-la, deslizando-se dentro dela os convertendo em um só. Catherine se sentiu feliz ao senti-lo dentro, elevando-a ao topo da paixão igual à antes.

— Catherine — Dominic murmurou, movendo-se cada vez mais rápido e com mais vigor contra seu corpo que lhe dava a boa-vinda, tão estreito e quente que lhe pareceu que estava a ponto de explodir.

Ela se movia no mesmo ritmo, segurando-se com as mãos nos ombros dele, jogando a cabeça para trás conforme ia se aproximando do auge da paixão. Dominic queria poder lhe dizer “te amo”, sussurrar as palavras que ela merecia escutar e que os uniriam mais que qualquer outra coisa. Mas, enquanto a via umedecer os lábios com sua língua rosada e como seus espessos cílios descansavam sobre suas bochechas, seus olhos se fixaram no desenho esculpido no cabeceira da cama.

O brasão de Gravenwold. Tinham sido gravados cem anos antes na madeira polida assim como o ódio estava gravado em seu coração. O brasão de Gravenwold. Seis gerações



de riqueza e poder. Seis gerações, e possivelmente essa noite começasse uma sétima. Um herdeiro para o título de Gravenwold e sua fortuna; um menino que cuidaria das terras e das propriedades que seu pai tinha querido por cima de tudo.

Uma parte de si mesmo se sentia feliz perante a idéia, mas outra ouvia as gargalhadas de vitória de seu pai ressoando no dormitório como se ele estivesse presente. Bloqueou a persistente imagem como pôde, movendo-se sobre Catherine; sentiu como ela apertava seus ombros e soube que tinha chegado ao orgasmo e ele tentou conseguir chegar também.

Entretanto, seu corpo se esticou negando-se a deixar sair o sêmen. Músculos e tendões gritaram seu protesto pela batalha entre seu sangue e sua vontade. Quando começou a mover-se com frenesi, Catherine gemeu e seu corpo se estremeceu uma vez mais. Dominic entrava e saía dela como um enlouquecido, mas seu corpo apenas se esticou, marcou cada músculo, veia e tendão, e a liberação não chegava. Cheio de amargura e desespero, percebeu que essa noite não geraria nenhum filho. Havia voltado a derrotar ao seu pai, mas ao vencer, venceu a si mesmo.

Catherine notou que a última onda de prazer começava a desaparecer e esperou que Dominic seguisse; em troca advertiu que ele saía de seu corpo deixando-a vazia.

— Dominic? —ela murmurou sem saber o que tinha acontecido e com um repentino temor. Ela ficou de lado para vê-lo, apoiando uma mão sobre seu ombro. Tinha os músculos tão rígidos como o aço e os punhos tão apertados que os nódulos estavam brancos—O que houve? O que aconteceu?

Dominic se virou para ficar de frente para ela com uma expressão desolada em seu belo rosto.

— Aparentemente, meu amor, meu cérebro e meu coração aceitaram que é minha esposa, mas... meu corpo não.



Meu deus! querido.

— Deixa que eu o ajude - Catherine esticou o braço— Me deixe...

Dominic segurou seu pulso.

— Não - ele disse, negando com a cabeça— Não.

Levantou-se da cama, cruzou o dormitório e recolheu o robe, ficando-o sobre os ombros largos.

— Temia que pudesse acontecer algo assim - abriu a porta— Eu sinto.

Saiu ao corredor e fechou a porta ao sair.

Catherine saiu da cama em um estado de entorpecimento. Quando as coisas tinham começado a dar errado? O que tinha acontecido? Sua experiência com os homens era muito limitada. Não sabia exatamente o que tinha ocorrido com Dominic, mas tinha a intenção de descobrir. Enquanto se agachava para recolher a roupa de baixo, o vestido de brocado e as sapatilhas pensou em seu marido, lembrando da desolação que havia em seu rosto. O que estaria pensando? O que ia acontecer com ele agora?

Levou a roupa para seu dormitório, como uma sonâmbula, com o coração dolorido pelo homem que estava no andar inferior. Não havia nada que ela pudesse fazer para ajudá-lo?

Soube que nesta ocasião, não.

* * *

Nas horas e os dias seguintes, Catherine conheceu um homem distante, hostil e cauteloso que em pouco se parecia com aquele com o qual se casou. Embora com ela fosse sempre amável e considerado, para as pessoas e os criados com os quais trabalhava,



converteu-se em um demônio. Criticava tudo o que faziam, gritava ordens até ficar rouco, trabalhava até cair rendido pelo esgotamento e em seguida ficava ensimesmado.

Saíram-lhe olheiras e parecia muito mais magro. Ela gostaria que houvesse algo que ela pudesse fazer!

Tentou lhe demonstrar seu amor, tentou ser amável e o entender, mas a verdade é que a assustava de certo modo. Teria preferido que ele gritasse como fazia com outros. Preferia que descarregasse sua frustração em vez de dar-lhe um terno sorriso que ficava apenas nos lábios sem chegar a seus olhos. Quanto tempo ia conter-se? O que ia fazer quando por fim se rendesse?

— Estou muito preocupada com ele, Gabby - disse Catherine, uma manhã, enquanto o olhava da janela de seu quarto —. Eu mal o reconheço.

Desesperada por entender o que tinha acontecido, tinha contado tudo a criada, inclusive o que tinha ocorrido na última vez que tinham feito amor.

— Sei algo disso - lhe respondeu Gabby ruborizando ligeiramente— Algumas vezes, quando a mente e o corpo de um homem não ficam de acordo, não é capaz de... como você disse? Não é capaz de fazer amor.

OH, Senhor, não era estranho que quisesse esperar e resolver algumas coisas.

— Tenha em conta —disse Gabby, suavemente— que é lorde Gravenwold, mas também é um cigano. Enquanto estive na taberna conheci muitos, o bastante para saber que têm uma opinião diferente sobre o amor, a honra... e a vingança. Se fez o juramento que me disse, não será nada fácil rompê-lo. Deve tentar ajudá-lo.

E tinha tentado. Demonstrou-lhe seu amor de todas as maneiras que lhe ocorreram, mas quando o viu tentando partir em dois a um dos criados e repartir golpes à direita e esquerda sem motivo aparente, perguntou-se que era o que se ocultava em seu cérebro e em sua alma.



— Gostaria de poder fazer algo! — exclamou, dizendo em voz alta o que estava pensando, enquanto olhava fixamente o atalho que levava aos estábulos.

De pé ao seu lado, Gabby contemplou com seus olhos castanhos o rosto de Catherine.

— Por que não lhe conta do bebê?

— Bebê? — Repetiu Catherine — Que bebê?

Gabby apoiou seus dedos finos no ventre de Catherine.

— O que leva aí.

— Não seja tola, não estou grávida.

— Não?

— Certamente que não. É impossível.

— Quando foi sua última menstruação? — Insistiu Gabby — Por que começam a ficar justos seus vestidos?

Catherine começou a enjoar.

— É impossível, não posso estar grávida, faz meses que não... porque ele é... — E ela tinha sido sua esposa só uma vez — meu Deus!

Catherine se deixou cair no assento da janela, agarrando com força as pregas do vestido de musselina estampada. Pensou nas sutis mudanças de seu corpo, no leve engrossamento de sua cintura e em quão sensíveis estavam ultimamente seus seios, mas até esse momento não tinha emprestado atenção. Com repentina certeza soube que Gabby tinha razão.

— Meu deus, é verdade!

— O que vai dizer Sua Senhoria quando o souber?

— Não sei. — Voltou a olhar através da janela, o vendo desaparecer nos estábulos e sair instantes depois montado em seu enorme garanhão cinza — O último que Dominic



deseja é um filho; se soubesse que estou grávida, não teria se casado comigo - lhe deu um nó na garganta — Preferiria que fosse um bastardo.

— Mon Dieu - sussurrou Gabby.

— Não posso imaginar o que dirá nem o que fará.

— A obrigará a se desfazer dele?

— Me desfazer dele? O que quer dizer? — Catherine se levantou com o coração acelerado.

— Não é raro que os homens levem a suas amantes a ver uma mulher que pode... eliminar o problema.

Problema. Assim era como Dominic o havia descrito uma vez. Ela passou a mão por cima do ventre, acariciando a suave curva e descobrindo um instinto protetor.

— Esta criança também é minha - ergueu inconscientemente os ombros— Eu gosto de crianças, especialmente se forem meus - sorriu— Não o faria.

Gabby cobriu a mão de Catherine que repousava sobre seu ventre.

— Não seria a primeira vez que se obriga a uma mulher a fazê-lo.

— Como? — o estômago de Catherine se revolveu — Não será capaz!

Mas ao pensar na hostilidade de Dominic nos últimos dias, um homem dividido em dois, não ficou tão segura.

— Tenho que ir daqui. Preciso tempo para pensar.

— Irá com seu tio?

— Não - Catherine se aproximou da cama— Preciso do conselho de outra mulher. Irei a Londres, para ver Amélia. Fica mais perto e... preciso de uma amiga.

— É claro que irei com você.

— Sim - se agachou e arrastou uma bolsa de viagem que tirou de debaixo da cama— Dominic não voltará até esta noite; podemos estar fora antes que retorne.



— Não vai dizer-lhe que parte?

— Pelo modo em que esteve se comportando, tenho medo de que não permita que vá - abriu a bolsa— Pegue suas coisas e em seguida volte aqui. Ordenarei que nos tragam a carruagem. Se nos apressarmos poderemos estar em Londres ao anoitecer.

— Oui, milady - disse Gabby. E se foi.

Percival Nelson se afastou silenciosamente da porta do quarto da marquesa. Estava colocando a roupa do jovem senhor e não queria escutar, mas o tom melancólico da voz de Sua Senhoria penetrou em seu duro ouvido. Retorceu as mãos esqueléticas e cheias de veias. Por Deus, Sua Senhoria não era um ogro! De verdade lady Catherine acreditava que ia querer fazer mal ao seu filho? O mais provável era que o moço se inchasse como um galo assim que soubesse da notícia.

Percy saiu do quarto e percorreu o corredor com o rosto sulcado de profundas rugas de preocupação e procurando a escada com o olho são. Bom, o moço sempre tinha tido um pouco de mau gênio. Caramba, um pouco de mau humor de vez em quando não era motivo suficiente para ir para Londres!

O jovem amo poria as coisas em seu lugar; outras vezes tinha estado pior e havia contornado o temporal. Voltaria a estar bem a qualquer momento.

Percy começou a descer as escadas de pedra agarrando-se ao corrimão de mogno. Acabava de chegar embaixo quando passaram por diante dele vários criados para recolher os baús da senhora. Mais abaixo alguém pediu a carruagem de Gravenwold. Maldição! Estava a ponto de ir-se e Sua Senhoria ainda estava fora! Deu uma olhada para Blythebury, pensando em lhe pedir ajuda, mas logo mudou de idéia. Sua Senhoria não gostava que os



criados fofocassem, ia ter que se ocupar do assunto ele sozinho. Com essa ideia em mente, dirigiu-se à parte de atrás da casa, encaminhando-se aos estábulos para achar um cavaleiro que fosse procurar a Sua Senhoria e o trouxesse de volta para casa. A suas costas, Catherine, depois de conversar um momento com Blythebury para informá-lo de que ia, dirigiu-se à porta principal.

* * *

— Por Deus, Percy, o que aconteceu?

Dominic desceu do cavalo antes que este parasse. O cavaleiro tinha demorado horas para achá-lo, mas a urgência da mensagem do ancião o fez cavalgar como se o perseguissem todos os demônios do inferno.

— Sua Senhoria, será melhor que falemos em particular.

— Sim, certamente - Dominic entregou as rédeas a um moço e seguiu Percy até a casa.

— Suponho que querará trocar de roupa e comer algo - continuou Percy com seus velhos e frágeis ombros encurvados o que lhe dava o aspecto de um espantalho negro e cinza.

— Trocar de tropa? —Repetiu Dominic segurando o ancião pelo braço e o obrigando a dar a volta— Onde acha que vou?

— Atrás de sua esposa, senhor.

Dominic se ergueu.

— Catherine se foi?

— Para Londres, milord. Veja, tinha medo pelo bebê.

— Bebê? Que bebê? Percy, o que diz não tem nenhum sentido.



— O seu, senhor, que Sua Senhoria está esperando.

Dominic só pôde negar com a cabeça.

— Catherine não está grávida. Não temos...

— Isso é o que ela também acreditava milord, mas parece que ambos estavam equivocados.

Dominic soltou o fôlego de repente.

— O que estas insinuando? Que Catherine ficou grávida antes que nos casássemos?

Percy avermelhou até as orelhas.

— Você deve saber mais disso que eu, milord. Em qualquer caso, Sua Senhoria está grávida de seu filho e teme que você queira desfazer-se dele. Parece acreditar que não haveria se casado com ela se soubesse disso. Disse que você teria preferido que o menino fosse bastardo.

Dominic sentiu uma pressão no peito que mal o deixava respirar.

— Deus! — Há quanto tempo ele havia dito tal coisa? Agora a idéia lhe parecia tão descabelada que não era capaz de entender como tinha sido capaz de fazê-lo — Como soube de tudo isto? Suponho que lady Gravenwold não lhe disse.

— Ouvi que o dizia a sua criada por acaso, milord.

— Então acha que é verdade?

— Sim, milord, sem dúvida. Estava bastante alterada.

Dominic se deteve em seco.

— Não quer a criança?

— OH, não, milord. Muito ao contrário. Disse que o que mais gostaria no mundo era ter ao seu filho.

O peso que tinha no peito se aliviou um pouco.

— E você, milord? — Perguntou Percy — Como se sente a respeito?



Dominic ficou atordoado. Como se sentia? Sabia o risco que corria e tinha feito todo o possível para evitá-lo, mas agora que já não tinha remédio, não sabia quais eram seus sentimentos.

De entre as árvores lhe chegou o canto de um sisonte que soava como um curiango. Fixou-se no azul e limpo que estava o céu. Como se sentia? Mas leve como se tivessem lhe tirado um terrível peso de cima dos ombros. Depois de toda sua angústia, sua determinação e sua frustração, Deus tinha tomado a decisão em seu lugar. O destino tinha decidido, a sorte estava jogada e o futuro se apresentava perante ele como algo que não podia, nem queria mudar.

Pela primeira vez em dias, pôde sorrir.

— Como um prisioneiro libertado de suas correntes; como um cego que volta a ver.

Era seu pai quem tinha ganhado, mas lhe parecia como se o vencedor fosse ele. Não entendia, e tampouco lhe importava. Estava radiante de felicidade.

No ventre de Catherine crescia um filho dele e Dominic tinha a sensação de que também a ele se concedia uma nova vida.

— Para onde foi?

— Com sua prima Amélia.

Dominic deu em seu amigo uma palmada nas costas.

— Obrigado por tudo Percy. Comunique aos outros que vão ter uma gratificação por terem me suportado estes últimos dias - esboçou um diabólico sorriso antes de afastar-se e o ancião o devolveu.

* * *



— Esta certa de que se encontra bem? — Amélia estava no vão da porta do dormitório de Catherine com seu corpo magro iluminado pela luz dos candelabros que havia na parede. O relógio de nogueira da lareira indicava que era uma e meia.

Catherine subiu à alta cama de quatro postes usando sua recatada camisola branca de algodão.

— Agora que estou aqui, estou ótima. Obrigado por me escutar - Elas passaram horas falando, sentadas, no salão do andar de abaixo, bebendo chocolate, mas na realidade ela tinha contado a Amélia muito pouco. Não suportava falar de Dominic, de seus problemas nem de seus temores. Apenas lhe disse que estava grávida e assustada. Necessitava dos conselhos de outra mulher, da ajuda e da amizade de Amélia, e por isso tinha decidido ir a Londres.

— Não sabe quanto me alegro de voltar a vê-la — Amélia lhe disse da entrada— Estou encantada de que tenha vindo - Amélia fechou a porta com um último sorriso cálido.

Catherine se deitou no escuro, escutando o monótono tic-tac do relógio, pensando na longa e exaustiva viagem desde Gravenwold Manor. O que teria feito Dominic quando Blythebury lhe disse que se foi? Ela havia dito ao mordomo que sua prima desejava que fosse vê-la e que acreditava que era um bom momento para fazê-lo.

Ela se perguntou se Dominic iria procurá-la. Achava que não, ou que ao menos não o faria imediatamente, o mais provável é que agradecesse por ficar sozinho um período.

Amaciou o travesseiro de plumas tentando ficar cômoda e com a esperança de adormecer. Sua mão se dirigiu inconscientemente para seu ventre e acariciou a pequena vida que crescia em seu interior. O que teria acontecido se tivesse contado ao Dominic da criança? Agora que estava longe dele não estava certa de ter feito o correto. Dominic gostava de crianças tanto quanto ela, certamente iria querer ao seu filho. Mas não estava



segura. Fez-lhe um nó na garganta. Entre eles tinham acontecido muitas coisas... mas não eram suficientes.

Escreveria ao seu tio no dia seguinte e lhe perguntaria se havia algum modo de anular o casamento. Se Dominic estava decidido a não reconhecer seu filho, não ia obrigá-lo. Encontraria uma maneira de lhe devolver a liberdade, afinal de contas, isso era o que ele sempre tinha desejado.

O nó de sua garganta aumentou. Teria chorado se não fosse pela diminuta criatura que crescia em seu útero. Agora tinha que pensar na criança e lhe protegeria sobre todas as coisas; os juramentos ciganos de Dominic e suas promessas de vingança já não tinham lugar em sua vida. Ainda o amava, nem o tempo nem as palavras nem a dor poderiam mudar isso. Não lhe falaria do bebê até que tivesse falado com seu tio e se sentisse a salvo. Depois o deixaria em liberdade.

— Meu querido cigano - sussurrou na escuridão — sempre o amarei.

Palavras que já havia dito antes e que nunca tinham tido maior significado que nesse momento. Amor e ódio, paixão e dor; emoções tão opostas entre si e, entretanto tão parecidas que às vezes pareciam a mesma. Com Dominic, tinha sido assim desde seu primeiro encontro turbulento. Suspeitava que ele houvesse sentido essas mesmas emoções contrárias inclusive por seu pai.

Alegria, dor, solidão, angústia — que sentia Dominic por ela? Amava-a ou a odiava? E que sentiria pelo bebê? Gostaria que as coisas pudessem ser diferentes! Mas temia que fosse impossível.



Capítulo 24

Há quanto tempo estava dormindo? Perguntou-se Catherine tentando apurar o que a tinha despertado. Voltou a ouvir o som, tão leve que mal podia se distinguir, mas aí estava de novo junto com um raio de luz, enquanto a porta se abria silenciosamente.

Estava a ponto de perguntar quem estava ali, mas um sexto sentido ou a vaga lembrança de um episódio parecido, a fez mudar de opinião. Moveu-se na cama sem fazer ruído, estendendo a mão e mexendo na mesinha para procurar algo que servisse de arma. Havia poucos criados na casa, a maioria se retirou cedo a seus quartos na parte de trás, em cima da garagem, deixando às mulheres a sós.

Agora Catherine lamentava muito que não estivessem ali. Mediu com os dedos o criado-mudo até que topou com um pesado candelabro de bronze. Agarrou-o e o escondeu sob os lençóis. A porta se abriu completamente e a luz iluminou o dormitório antes que voltasse a fechar permitindo a Catherine ver uma sombra encapuzada. Estava muito escuro para saber de quem se tratava, mas era muito alta para ser de uma mulher e tinha os ombros tão largos que pareciam ocupar todo o quarto. Sabia que era um homem embora não fosse capaz de vê-lo com clareza, e como não podia estar certa de quem era não gritou.

— Dominic? — Sussurrou, desejando ao mesmo tempo em que fosse ele e que não o fosse. Teria vindo porque a amava e desejava que voltasse para casa, ou algum criado tinha ouvido por acaso algo sobre o bebê e o havia dito?

E se sabia como ia reagir?

Sentiu uma pressão no peito.



— Dominic? —Voltou a sussurrar enquanto o intruso se aproximava e o coração golpeava com força contra suas costelas.

Quando o homem chegou ao seu lado, viu como um raio de lua iluminava o cabelo negro das têmporas e que levantava os braços. Viu o contorno de uma pesada barra de ferro e lançou um grito, afastando-se bem a tempo, antes que o cabeceira da cama se fizesse em pedaços.

— Por Deus! —Exclamou tentando evitar um segundo golpe — Dominic, eu te amo. Por favor, não o faça.

Levantou com dedos trêmulos o candelabro e o lançou contra o corpo que se abatia sobre ela. Ele bateu contra seu ombro e caiu no chão.

— Amélia! Alguém me ajude!

No instante seguinte ele estava sobre ela, segurando seus braços com tanta força que estremeceu. Eram umas mãos grandes e fortes e compreendeu com espanto que não tinham os longos dedos morenos de Dominic.

Ao medo se somou o alívio, possivelmente morresse, mas ao menos não ia morrer de tristeza. Dominic não me faria mal, compreendeu em um distante canto de sua mente, perguntando-se como podia ter acreditado no contrário. Em algum canto distante de sua mente, se perguntou como ela alguma vez poderia ter acreditado que ele fosse capaz.

— Quem é você? — Exigiu saber, esforçando-se por impedir que sua voz tremesse.

Não é Dominic, não é Dominic, não é Dominic. O convencimento de que seu atacante não era o homem ao qual amava lhe deu novas forças e lutou como uma tigresa, lhe arranhando o rosto e o mordendo. Não é Dominic, não é Dominic.

De repente, como se o tivesse conjurado, aí estava. Ele deteve-se um instante na porta, deu-se conta do que acontecia e atravessou o quarto em um passo lançando uma selvagem maldição.



— Catherine! —Exclamou ao mesmo tempo em que agarrava ao indivíduo pelas lapelas, obrigando-o a dar a volta e lhe dando um forte murro nas costelas. O outro saiu voando, o capuz caiu revelando a um homem com bigodes e muito maior que Dominic, com o cabelo negro preso em um rabo de cavalo.

Embora pesasse mais de cento e cinqüenta quilos não era rival para a fúria de Dominic. Sobre sua cabeça caiu um golpe atrás do outro, começou-lhe a sair sangue de um corte no lábio e por fim um poderoso direto lhe quebrou o nariz borrifando a camisa com sangue. Em poucos minutos estava no chão, respirando com dificuldade, com Dominic o olhando de acima com os punhos apertados.

— Meu deus! O que aconteceu? — Perguntou Amélia da porta.

Uma sonolenta Gabby entrou correndo atrás dela.

— Mon Dieu!

Dominic tirou uma pistola de pequeno calibre do interior de sua casaca e apontou com ela para o homem caído no chão.

— Cuide para que alguém vá buscar um oficial - ordenou a Gabby.

— Sim, milord

Enquanto ela se apressava a cumprir sua ordem, Dominic obrigou ao intruso a ficar de pé.

— Quem é você?

O outro cambaleou gemendo, tocando o rosto com suas enormes mãos. Recostou-se contra a parede para apoiar-se.

— Chama-se Nathan Cave - informou Amélia— T-trabalhava para Edmund.

— Sim - interveio Catherine— eu lembro muito bem dele.

— Edmund está morto — Dominic disse a Cave, o agarrando pela camisa — Para quem trabalha agora? Ao ver que não respondia, sacudiu-o.



— Para quem Nathan?

Permaneceu em silêncio.

— D-deve tê-lo feito pelo Edmund — Amélia disse — Certamente esteve comprometido de algum modo com o seqüestro de Catherine.

Dominic o olhou especulativamente.

— É tão estúpido quanto parece? — Insistiu — Se dá conta de que vai passar o resto da vida em Newgate por isso, caso tenha a sorte de se livrar do carrasco? Deseja ir sozinho?

Nathan engoliu em seco e pareceu encolher-se ante seus olhos.

— Não vou sozinho. Não vou apodrecer sozinho naquele lugar maldito e menos ainda quando a idéia não foi minha - apontou com um dedo para a porta — Se eu for, ela me acompanhará.

— Amélia? — Ofegou Catherine.

— Está mentindo - se defendeu Amélia — Espero que não acredite.

Dominic soltou a camisa de Nathan procurando manter a pistola bem apontada em seu peito, e dirigiu sua atenção à pálida mulher que segurava a parte dianteira do robe de seda azul.

— Foi você todo o tempo, não é? Edmund o fez por você, mas não foi idéia dele.

— Ele o fez pelo Eddie e por mim, sim, mas e-eu não tive nada a ver - olhou para Catherine com olhos suplicantes — Você acredita em mim, somos amigas depois de tudo. Sempre fomos.

— Fomos Amélia? — Perguntou Catherine — Ou estava tão preocupada com a herança de seu filho e sua própria posição e fortuna que queria me ver morta?

— Não, não... eu...

— Senhora, já é hora de que admita a verdade - Dominic manteve seu duro olhar no rosto dela — se não o fizer, pode estar certa de que será pior para você.



Os olhos azuis de Amélia se encheram de lágrimas que caíram rolando por suas bochechas.

— Não tinha outra opção não entende? Se você não tivesse permitido que Catherine mantivesse seu título e sua herança, tudo teria terminado com a morte de Edmund e com seu matrimônio. Mas quando soube que meu filho ainda podia herdar... e que com Catherine fora do caminho ele se converteria no seguinte conde, t-tive que fazê-lo.

Olhou para Catherine.

— Esta noite, quando me disse que estava grávida, fui ver Nathan. Supunha-se que tinha que parecer um acidente, como se tivesse caído pelas escadas e tivesse batido a cabeça. Pensei que era nossa última oportunidade.

Catherine a olhou fixamente como se a visse pela primeira vez.

— Tudo o que tenho era seu e do Eddie também. Eu tentei lhe dizer isso. Eu tentei que entendesse, mas... - sua voz se desfez e Dominic se aproximou de seu lado e rodeou seus ombros com um braço, atraindo-a para ele.

Ouviram-se uns passos subindo as escadas e o oficial e vários guardas entraram no quarto. Enquanto Catherine colocava o robe, Dominic os pôs a par do que tinha acontecido, lhes prometendo uma declaração completa no dia seguinte.

— Tirem os dois daqui - ordenou o oficial aos seus homens, que levaram a Nathan bem preso e a uma chorosa Amélia.

— O que vai acontecer com Eddie? — Perguntou Catherine quando se foram, apoiando-se esgotada no peito de Dominic — Ele perdeu a seu pai e a sua mãe. Sei que Amélia merece ir para a prisão, mas... não posso suportar pensar em que esteja ali. Não suporto pensar no que vai sofrer.

Dominic levantou seu queixo.



— Gravenwold tem interesses em muitos lugares; temos várias plantações de açúcar nas Antilhas. Se Amélia aceitar ir para lá com Eddie e a não voltar a pôr os pés na Inglaterra nunca mais, cuidarei para que a deixem livre.

Catherine sorriu, olhando para ele com gratidão.

— Obrigada.

— Vista-se - ordenou Dominic — Vamos.

— Aonde?

— Para minha casa. Não fica longe, quero te afastar de toda esta tragédia.

— E o que faremos com Eddie?

— Eu ficarei com ele - disse Gabby da entrada.

— De acordo - concordou Catherine.

Os cascos dos cavalos faziam um ruidoso eco enquanto viajavam na carruagem de Gravenwold, pelas ruas virtualmente vazias, exceto por algum carro de aluguel. Passaram na frente de um pequeno bar de cuja janela aberta saíam as gargalhadas dos paroquianos. Uma leiteira passou por diante da carruagem levando sobre seus ombros magros um pau em cujos extremos penduravam uns pesados baldes de madeira.

Pouco depois chegaram a Hanover Square e a carruagem parou. Dominic desceu e ajudou Catherine a fazer o mesmo. Depois subiram juntos os degraus de pedra até a porta principal. Uma vez dentro se fez evidente, a julgar pelo fogo da lareira e a bandeja cheia de comida fria, vinho e diferentes tipos de queijo, que Dominic tinha avisado de sua iminente chegada.



Quando o mordomo, meio adormecido, pegou a capa de Catherine, ela se virou para ficar de frente para seu marido.

— Foi uma longa noite. Lamento os problemas que causei, mas tenho que disser algumas coisas... temos que falar.

— Tem razão, meu amor. Temos muito que falar e o faremos, mas não esta noite depois de tudo o que teve que suportar - sorriu suavemente — Esta noite é suficiente que esteja a salvo e que estejamos juntos.

Havia algo... diferente, nele. A expressão atormentada de seu olhar havia desaparecido e, embora fosse evidente que tinha feito uma viagem longa e exaustiva, seus ombros pareciam mais erguidos e seu rosto tinha melhor aspecto. Parecia tão feliz como quando estavam na caravana.

— O que houve Dominic? — Perguntou Catherine — O que é o que mudou?

Dominic lhe dirigiu um sorriso que lhe provocou um baque no coração.

— Minha esposa está grávida, que outra coisa poderia mudar mais a vida de um homem que isso?

— Você sabe? — ofegou Catherine.

— Sei e estou mais agradecido do que você jamais poderá imaginar - beijou-a apaixonadamente nos lábios— Obrigado meu amor.

Antes que ela pudesse protestar, pegou-a em braços e subiu de dois em dois os degraus para seu dormitório.

— O que? O que está fazendo? Para onde me leva?

— Para minha cama, minha vida, para terminar o que comecei faz várias noites... embora pareça que o resultado já está a caminho - lhe dirigiu um sorriso malicioso que a esquentou até a alma.



Fechou a porta com chave depois de entrar e a deixou no chão, parando de sorrir ao olhar ao seu rosto. Franziu repentinamente o cenho e pareceu inseguro.

— Sei por que partiu - disse suavemente — sei que acreditou que ia fazer mal ao bebê.

Catherine sentiu uma onda de dor.

— Estava tão... distante e... zangado... que não sabia o que esperar.

— Eu sei que estava me comportando como um louco, mas cedo ou tarde teria resolvido as coisas. Deus! Lamento o que aconteceu.

— Eu sabia que não queria ter um herdeiro, quando esse homem entrou em meu dormitório, pensei que fosse você. Achei...

Dominic empalideceu.

— O que?

— Vi o cabelo... tinha a mesma cor negra azulada que o seu. Era muito alto e de ombros largos...

Dominic a apertou em seus braços.

— Não o diga. Não suporto pensar que a fiz crer em algo assim.

— Ai vi as mãos - continuou Catherine contra seu peito— então soube que não era você. Foi nesse momento também que soube que tinha me equivocado ao partir, que nunca me faria mal.

Os braços de Dominic a apertaram com mais força.

— Nunca poderá saber o quanto sinto por tudo o que disse e fiz. Gostaria de poder desfazer tudo e recomeçar, mas não posso. Não nego que é difícil conviver comigo; sou exigente, possessivo e freqüentemente mal-humorado; mas você é toda minha vida e meu coração. É tudo para mim... tudo. Não volte a acreditar nem por um instante que seria capaz de te machucar.



— Dominic... - ela disse brandamente, sentindo a ardência das lágrimas.

Ele colocou a mão em sua bochecha, olhando-a com seus olhos negros, expondo sua alma.

— Eu te amo – sussurrou — Minha adorada Catherine, eu te amo há muito tempo.



Epílogo

Gravenwold Manor

Outubro de 1806

O vento de outono golpeava os vidros da janela, mas na lareira ardia um bom fogo. Da cama onde estava convexo, Dominic via os ramos cobertos de folhas vermelhas e douradas, arranhando o vidro. Seu corpo quente estava junto ao de Catherine.

Os galhos se moviam pelo vento forte, o sol da manhã iluminava as folhas, cuja cor era do mesmo tom que o cabelo de Catherine. Passou a mão pelas sedosas mechas que estavam ao seu lado, enroscando um cacho em um de seus dedos. Deslizou a mão para baixo, acariciando-a até chegar à perfeição de seus seios, o rosado mamilo se ergueu assim que começou a riscar lentos círculos ao redor com um dedo.

Os quadris de Dominic se convulsionaram e sua virilidade se endureceu sob as mantas. O traseiro de Catherine estava junto de seus quadris e suas esculturais pernas acariciavam as suas. Sob a curva do seio, o ventre estava provocativamente inchado. Aumentava dia a dia, ao mesmo ritmo que o bebê que levava dentro. Possivelmente outros homens não sentissem muito desejo por uma mulher grávida, mas no caso de Dominic, esse desejo não tinha diminuído. Estava bonita, amadurecida e feminina. Só de olhar a desejava. E a desejava agora.

Escutou sua compassada respiração, inclinou-se e lhe deu um suave beijo na nuca. Catherine se remexeu, aproximando-se mais dele, separando ligeiramente os joelhos, mudando de posição até que ambos ficaram perfeitamente encaixados, com o traseiro junto ao seu sob ventre e o pênis dele pressionando as úmidas pétalas de sua feminilidade.



Dominic gemeu. Deveria despertá-la, beijá-la, lhe sussurrar palavras de amor antes de possuí-la. Mas quando a tocou a encontrou úmida e preparada para ele.

— Descarada - sussurrou, sabendo que tinha estado acordada todo o tempo e o desejando tanto quanto ele a ela.

Catherine sorriu enquanto ele massageava o outro seio, excitando o mamilo. Mordiscou-lhe uma orelha, lambeu-lhe o lóbulo e depois deixou uma trilha de beijos pelo pescoço e o ombro. Moveu as mãos até os quadris dela, os levantando ligeiramente para deslizar-se para dentro.

Ela ofegou quando sua dura virilidade a encheu e Dominic riu baixo.

— Que garota tão deliciosa – sussurrou, beliscando cuidadosamente uma orelha.

Ela arqueou as costas, introduzindo-o mais profundamente em seu interior e começou a se mover lentamente contra seus quadris.

— Deus, que prazer!

Minutos depois, segurava suas nádegas e se inundava dentro dela. Catherine se esforçava por igualar seu ritmo. Dominic notou que estava a ponto de chegar ao orgasmo, uma onda de prazer que lutou por manter a distancia. Transmitiu essa sensação a Catherine com embates longos e controlados, alimentando as chamas da paixão até que ela estremeceu e gritou seu nome.

Sua própria liberação chegou segundos depois da dela, lhe balançando com sua doçura e filtrando-se por seus membros com um incrível calor. Deslizou os braços ao redor dela enquanto ia convertendo-se em uma sensação de plenitude e felicidade, a alegre percepção de ter chegado por fim em casa.

Podiam ter dormido e depois voltado a fazer amor já que ele tinha estado muito ocupado com os cavalos e ela com a escola, de modo que mereciam um dia de descanso,



mas uma batida na porta os fez desprezar a idéia. Murmurando uma maldição, deu sua permissão e Percy entrou.

— Tem uma visita, Sua Senhoria. A mulher diz que é sua mãe.

— Minha mãe? — Dominic apoiou suas longas pernas no chão e pôs a robe.

— Pearsa veio? — Perguntou Catherine.

— Não sei - em todos esses anos, nunca tinha ido à mansão. Era possível que tivesse feito esta viagem só para o ver? Iria a um lugar que durante anos se esforçou para evitar?— Leve-a a saleta e lhe diga que descerei dentro de um momento.

— Não corra - disse a Catherine— Pode se reunir conosco para tomar o chocolate e os bolinhos assim que esteja preparada.

Catherine concordou, sabendo que estava lhe pedindo uns minutos a sós. Não estava seguro do que sua mãe queria, nem sequer estava seguro de que se tratasse verdadeiramente dela.

Vestido com umas brilhantes botas negras, calças marrons e uma casaca verde, desceu as escadas e se dirigiu diretamente à saleta. Pearsa estava sentada de costas para ele com suas saias de uma brilhante cor amarela estendidas ao seu lado no sofá. Quando mudou de posição, as moedas de ouro que usava ao redor dos pulsos e do pescoço emitiram um tinido que ressoou por toda a sala. A blusa que usava estava coberta de contas coloridas e uma larga faixa vermelha rodeava sua estreita cintura.

Estava precariamente sentada na borda do sofá, inspecionando o elegante aposento. Estendeu uma mão para uma delicada boneca de porcelana de Wedgwood, aproximando-a, mas quase sem tocá-la por medo de que quebrasse se a segurava.

Parecia um delicado pássaro com uma vistosa plumagem; uma diminuta criatura prisioneira em uma gaiola de ouro. Era como se estivesse alerta, esperando que se abrisse a porta para bater as asas e sair voando.



— Me alegro de vê-la, mãe - a saudou Dominic sorrindo enquanto se aproximava. Pearsa lhe devolveu o sorriso ficando de pé e deixando que a envolvesse em um quente e protetor abraço — Esta tudo bem?

— Sim, sim. As coisas vão como sempre - retrocedeu um passo— Deixa que o olhe, filho - o olhou atentamente, dos pés à cabeça, tomando nota de sua roupa perfeitamente cortadas, de suas brilhantes botas Hessiany, de seu branca e ajustada camisa. Um sorriso curvou seus lábios e o olhou com algo similar à melancolia nos olhos— Você o vê: tinha eu razão, é filho dele, como disse ser desde o começo.

Durante um instante, Dominic esteve a ponto de encolerizar-se, mas logo a tensão desapareceu.

— Houve uma época em que essas palavras teriam me enfurecido, mas essa época já passou.

Pearsa assentiu com a cabeça.

— Por isso vim.

— Chegou até a senhora a notícia de meu casamento? — Tinha mandado uma mensagem através do Romane gadjo, o amigo dos ciganos que transmitia as mensagens.

— Sim, filho. Também ouvi que se negava a romper seu juramento e que não dormia com a mulher que era sua esposa.

Um débil sorriso apareceu em seus lábios. Ele ia dizer algo, mas Pearsa o interrompeu.

— Me escute até o final, filho. Estou inteirada do juramento que fez, e também sei que faço parte dele.

— Mãe, eu...

— Há algumas verdades que deve saber.

Dominic levantou uma sobrancelha.



— Verdades? Que verdades?

— Eu vim para te dizer algo que devia ter confessado faz muito tempo. Trata-se de seu pai.

Esticaram-lhe os músculos dos ombros.

— Meu pai —caçoou — Sei tudo o que desejo saber sobre ele.

— Tem razão ao se sentir assim, era um homem duro, frio e egoísta e que era difícil de amar.

— E ainda assim você o amava. Disse-me até que ponto quando eu era um menino.

— Amava.

— Embora abandonasse nós dois.

Pearsa olhou para longe, com uma expressão séria e preocupada no rosto.

— Isso é o que eu disse. Durante anos permiti que acreditasse que nos abandonou, que fui a ele e que me mandou embora. Não foi assim. Veio para me ver várias vezes enquanto era um bebê para me oferecer seu amparo. Queria que tivéssemos uma casa onde pudesse crescer. Não aceitei. Para ele eu era única... eu o amei como a ninguém mais amei... mas era feliz viajando com a caravana, esse era meu lar. Com o tempo acabou por me compreender e me deixou em paz.

— Por que não me contou isso? —Perguntou Dominic — Como pôde deixar que acreditasse o pior?

— Não posso dizer que o sinta. Se isso significasse voltar a tê-lo comigo, desfrutando de seu carinho todos aqueles anos, voltaria a fazê-lo.

— Mas...

— Tive medo de perdê-lo por completo. Sabia tudo o que ele podia te oferecer, sabia que seu astuto cérebro absorveria todos os conhecimentos que ele podia te proporcionar... temi que não voltasse nunca e não podia suportar isso.



Soltando um suspiro de cansaço, Dominic se levantou e se aproximou da lareira.

— Por que não me disse antes? Sabia o que eu pensava.

— Eu gostaria de pensar que se deve ao amor que uma vez compartilhamos.

Voltou para o sofá, sentou-se e a rodeou com os braços.

— Está bem, mãe. Os motivos para meu ódio eram muitos para enumerá-los, a forma como a tratou era só um deles. Em qualquer caso me alegro de que me dissesse isso.

— Era um homem duro, Domini. Estúpido e implacável. Não sabia demonstrar que o importava, mas acredito que a sua maneira o amava.

Um resto da antiga dor lhe oprimiu o peito, mas logo desapareceu.

— Obrigado por me contar isso.

Ela se remexeu no sofá, o fazendo compreender o muito que havia lhe custado fazer essa confissão e o medo que tinha de que não a perdoasse. Terminada a desagradável missão, endireitou os ombros.

— Quanto à mulher gadjo...

Dominic sorriu.

— Pode ficar tranqüila mãe. Catherine está grávida de meu filho.

Pearsa sorriu contente.

— É a mulher de seu coração. Podia vê-lo em seus olhos cada vez que a olhava.

— Sim... — ele afirmou brandamente — É isso e mais.

A mão coberta de veias de Pearsa lhe acariciou a bochecha, seus sábios olhos viam as coisas mais secretas como sempre tinha acontecido desde que era um menino.

— Quanto tempo pode ficar? — Perguntou Dominic, mas ela se limitou a sacudir a cabeça.

— Minha casa é um carroção sob as estrelas, como sempre foi. Voltarei assim que possa.



Dominic não disse nada para convencê-la. Seu pai o tinha compreendido: o vistoso pássaro não podia ser feliz por mais dourada que fosse a gaiola. Sentaram-se por um momento no sofá. Pearsa lhe contou histórias de suas viagens e ambos riram com o relato de uma nova modalidade de janjano para esvaziar o moedeiro dos gadjo. Beberam café, do qual Pearsa se queixou por que era muito fraco. Dominic falou de Rai e Sumadji e de seus projetos para os cavalos de Gravenwold, a seguir Pearsa lançou uma olhada para a porta e Catherine entrou.

— Bom dia, meu amor - saudou Dominic, aproximando-se dela, pegando-a pelo braço e acompanhando-a ao canapé.

Catherine deslizou timidamente a mão por seu ventre levemente arredondado. Vacilou um instante e depois dirigiu um tímido sorriso a Pearsa.

— Me alegro de vê-la... mãe - a expressão de seu rosto era claramente insegura.

Os negros olhos de Pearsa se dirigiram para seu ventre volumoso.

— Eu também me alegro de vê-la... filha.

Os olhos de ambas se encheram de lágrimas.

Dominic sentiu que sua própria garganta se fechava.

Durante uns segundos ninguém se moveu.

— Nos deixe sozinhas, filho — Pearsa disse por fim rompendo o feitiço — Há algumas coisas que minha filha tem que saber. Como fazer conjuros e como lançar as pedras.

Dominic riu brandamente, e Catherine sorriu.

Começaram a falar e ele se dirigiu para a porta, mas alguém chamou suavemente antes que a alcançasse. Ao abri-la viu Janos.

— Entre, Janos — Dominic lhe disse — Uma amiga sua veio.



Percebeu que o menino usava sua camisa mais velha, umas calças manchadas e que não usava sapatos. Seus pequenos pés descalços arranhavam o tapete com nervosismo e nos braços levava vários livros que apertava contra o peito.

— Percy veio ao meu quarto - disse aproximando-se— disse-me que Pearsa tinha vindo - voltou seus olhos escuros em sua direção— Se me aceitar, eu gostaria de ir com ela quando se for.

— Janos... — Catherine se agachou ao seu lado — não é possível que pense em nos deixar. O que vai ocorrer com sua educação? Sei que foi difícil para você, mas com o tempo...

— Já falamos sobre isto, querida - Dominic disse cautelosamente, pensando em suas palavras seguintes — Eu te disse desde o começo que o menino podia não querer ficar. Deve seguir seu destino assim como nós temos feito.

— Sei ler, Catrina — Janos interveio apoiando sua pequena mão na dela— Nunca o esquecerei e recordarei sempre que Dominic e você o fizeram possível.

— Eu gostaria de ficar com o menino - disse Pearsa— Séria uma grande alegria para mim.

— Janos? —Perguntou Dominic— Está certo de que é isso o que deseja?

— Amo a você e a Catrina, mas aqui não sou feliz. Sinto falta do kumpania... eu gostaria de ir com Pearsa.

— Aqui sempre será bem-vindo — Dominic acrescentou— sem importar o longe que vá - olhou a Catherine cuja expressão era de desespero. Agarrou sua mão— Não fique triste meu amor, logo terá seu próprio filho.

Catherine sorriu docemente passando a mão pelo ventre.

— Sim.



— Um filho - disse Pearsa— Será um menino moreno e bonito; exatamente como esses dois.

Catherine não discutiu e também não o fez Dominic. Algo nos olhos da anciã lhes dizia que seria assim.

Dominic mandou Janos recolher suas coisas junto com toda a roupa e os livros que pudesse levar, e deixou às mulheres conversando.

Ao sair ao jardim arrancou uma flor murcha de um arbusto, ao lado da fonte, e depois se voltou para contemplar as colinas que o rodeavam. No topo de uma delas, entre as árvores, o cemitério da família Gravenwold vigiava os campos. Ele se encontrou andando nessa direção. Só tinha estado ali uma vez, no dia que seu pai foi enterrado.

Agora permaneceu ali, de pé, em frente à cerca de ferro que protegia a tumba, olhando a fria lápide cinza. Samuel Dominic Edgemont, quinto marquês de Gravenwold. Descanse em paz.

Continuou ali durante uns minutos, considerando o que estava escrito e depois lançou a flor murcha à tumba. Nunca poderiam compartilhar as alegrias entre pai e filho, mas ao menos já não eram inimigos. Uma folha se desprende do galho de uma árvore e um rangido atraiu a atenção de Dominic. Um falcão gerifalte pôs-se a voar, elevando-se majestosamente para o céu. Pensando ainda em seu pai, Dominic seguiu com o olhar sua ascensão até que desapareceu no horizonte, entre as nuvens. Possivelmente por fim seu pai tinha encontrado a paz que desejava.

Sorriu. Com Catherine e o filho que iam ter, ele também a encontraria.

Fim

Nota da Autora

No transcurso de minha investigação sobre os ciganos, tornou-se evidente que o esquivo caráter que os faz tão fascinantes deve-se também ao que foi escrito sobre eles.

Já que seu idioma é de transmissão oral, a forma de escrevê-lo varia segundo o livro e o país. Frequentemente usa-se a mesma palavra para designar homens e mulheres e as lendas variam segundo quem as conta. De qualquer forma, sua cultura é, quando muito, intrigante e a história de Catherine, Dominic e da família cigana deste último, proporcionou-me muitas horas de prazer e o conhecimento de um povo e uma cultura que não conhecia. Espero que sejam benevolentes com qualquer engano no qual possa ter incorrido, e que também gostem de sua história.



GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para

moderacaogrh@yahoo.com.br

